



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA E
PATRIMÔNIO

MESTRADO PROFISSIONAL

MAGNO FLORENTINO DUTRA

FOLIA E FOLIÕES, MEMÓRIA E IDENTIDADE: INVENTÁRIO CULTURAL DAS
FOLIAS DE REIS EM ITAGUARI-GO.

MAGNO FLORENTINO DUTRA

**FOLIA E FOLIÕES, MEMÓRIA E IDENTIDADE: INVENTÁRIO CULTURAL DAS
FOLIAS DE REIS EM ITAGUARI-GO.**

Relatório técnico para apresentação à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional, da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Antônio Cunha Torres.

**GOIÁS – GO
2023**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: Magno Florentino Dutra

Email: magnoitaguari@gmail.com

Dados do trabalho

Título: Folia e Foliões, Memória e Identidade: Inventário Cultura das Folias de Reis em Itaugari-GO

Tipo:

☐ Tese ☒ Dissertação

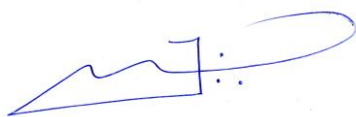
Curso/Programa: Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP)

Concorda com a liberação documento

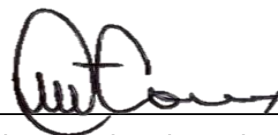
☒ SIM ☐ NÃO

¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás, 10 de janeiro de 2024.



Assinatura autor(a)



Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

D978f	Dutra, Magno Florentino. Folia e foliões, memória e identidade : inventário cultural das Folias de Reis em Itaguari-GO [manuscrito] / Magno Florentino Dutra. – Goiás, GO, 2023. 147 f. ; il. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Cunha Torres. Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023. 1. Patrimônio cultural. 1.1. Folia de Reis. 1.2. Tradição religiosa. 1.3. Memória. 1.4. Identidade. 1.5. Cultura popular. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralin. CDU: 398.33(817.3)
-------	--

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

MAGNO FLORENTINO DUTRA

**FOLIA E FOLIÕES, MEMÓRIA E IDENTIDADE: INVENTÁRIO CULTURAL DAS
FOLIAS DE REIS EM ITAGUARI-GO.**

Relatório Técnico submetido ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), Mestrado Profissional, para fins de Exame de Defesa como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Aprovada em ____ de _____ de ____, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. Dr. Marcos Antônio Cunha Torres - PROMEP/UEG
Orientador

Prof. Dr. Jadir de Moraes Pessoa - UFG
Membro Externo

Prof.^a. Dr (a). Gislaíne Valério de Lima Tedesco - UEG
Membro Interno

Prof.^a. Dr(a). Erika Macedo Moreira - UFG
Suplente Externo

Prof. Dr. Neemias Oliveira da Silva - UEG
Suplente Interno

Goiás, ____ de _____ de _____.

A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória,
mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos.
Cícero

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha esposa Amanda Maciel de Moura Dutra, pelo incentivo no momento de desânimo e pela paciência nos momentos mais tensos; ao meu filho Luiz Antônio por compreender minha ausência quando reclamou meus carinhos e atenção; aos meus pais pelo apoio que sempre me prestaram a minha irmã e demais familiares pela confiabilidade a mim depositada. Aos amigos que contribuíram com este trabalho, eles são um forte alento nas horas de angústias.

Agradeço ao orientador que com suas contribuições fez este trabalho alcançar tão ampla dimensão. Aos entrevistados e foliões que se dispuseram a relatar suas experiências, nossa gratidão, pois, sem elas este trabalho estaria empobrecido.

RESUMO

O objeto que dá sustento a este trabalho são as folias de Reis, a Folia do Brejo Grande, a Folia Goiana de Itaguari e a Folia Mineira de Itaguari, que ocorrem no município de Itaguari/GO, manifestação cultural de cunho imaterial que se apresenta em forma de celebrações e festa em louvor aos Santos Reis, cuja inspiração religiosa tem origem no relato bíblico da visitação desses personagens ao Menino Jesus. Essa tradição arraigada na cultura popular tem se propagado imensuravelmente, atingindo o escopo das identidades dos sujeitos envolvidos nelas, e principalmente se mantendo com fortes significados nas memórias dessas pessoas. A construção de um inventário cultural é o objetivo, o qual servirá para dar embasamento ao pedido de registro das folias como patrimônio cultural imaterial do município, ainda tem - se o propósito de confeccionar materiais didáticos sobre as folias. Adotar – se – á o método do Inventário Nacional de Referências Culturais. A coleta de dados será a partir da pesquisa etnográfica, em fontes orais, iconográficas e bibliográficas. Os resultados obtidos com a pesquisa foram uma série de informações que compõe o inventário das folias, o próprio inventário cultural de cada uma das folias, e ainda devem ser acrescidos os registros fotográficos, sonoros e audiovisuais. Esses dados serão utilizados para confecção de um vídeo documentário a ser exibido na comunidade e disponibilizado pela internet.

Palavras-chave: folias, identidades, memória, cultura, patrimônio.

ABSTRACT

The object that sustains this work are the Folia de Reis, the Folia from Brejo Grande, the Folia Goiana from Itaguari and the Folia Mineira from Itaguari, that occurs in the city of Itaguari/GO, a cultural manifestation of immaterial nature presented in form of celebrations and festivities that praise to the Holy Kings, whose religious inspiration has its origin in the biblical account of the visitation of these characters to Baby Jesus. This tradition, rooted in popular culture, has immeasurably spread, reaching the scope of the identities of the subjects involved, and mainly, maintaining strong meanings in the memories of these people. The objective is the construction of a cultural inventory, which will serve to support the request for the registration of the folias as intangible cultural heritage of Itaguari, as well, it has the purpose of making didactic materials about the folias. Will be adopted the method of the National Inventory of Cultural References. The data collection will be from ethnographic research, in oral, iconographic and bibliographical sources. The results obtained from the research were a series of information that make up the folias inventory, the cultural inventory of each one of the folias, and the photographic, sound and audiovisual records still must be added. These datas will be used to make a documentary video and be displayed to the community and made available on the internet.

Keywords: folias, identities, memory, culture, heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Missa na Folia do Brejo Grande	52
Figura 2 - Foliões beijam a bandeira.	53
Figura 3 - Lanche oferecido a Folia Mineira.	55
Figura 4 - Folia Mineira fazendo meia-lua.	57
Figura 5 - Cartaz da 81ª festa da Folia Goiana.	58
Figura 6 - Faixa de acolhimento no 2º pouso.	60
Figura 7 - Terço na Folia Mineira.	64
Figura 8 - Mulher chorando.....	70
Figura 9 - Uma das Bandeiras da Folia do Brejo Grande.....	73
Figura 10 - Bandeiras da Folia Goiana.	74
Figura 11 - Devotos segurando a bandeira.	75
Figura 12 - Presépio da Folia Goiana.	77
Figura 13 - Folia Goiana cantando diante de um presépio.	78
Figura 14 - Correntes penduradas no arco.....	79
Figura 15 - Estrela Guia.....	81
Figura 16 - Presépio na Folia do Brejo Grande.	81
Figura 17 - Bandeirolas penduradas na Feira Coberta.	82
Figura 18 - Rosário num presépio.	83
Figura 19 - Embaixador e foliões da Folia Mineira.....	85
Figura 20 - Foliões da Folia do Brejo Grande.	89
Figura 21 - Palhaços da Folia Goiana.....	91
Figura 22 - Devota cumprindo promessa.	95
Figura 23 - Preparação de comida.	98
Figura 24 - Montagem de som e palco.	99
Figura 25 - Cozinheiros da Folia Goiana.	103
Figura 26 - Montagem do presépio.	105
Figura 27 - Devoto cumprindo promessa.	107
Figura 28 - Montagem de barracas na Praça Central.....	112

Figura 29 - Voluntários auxiliando na cozinha.	112
Figura 30 - Mapa da região das folias.	117
Figura 31 - Mapa do município de Itaguari.	118
Figura 32 - Retrato de Pedro Nolasco Ribeiro.	121
Figura 33 - Capela do Brejo Grande.	124
Figura 34 - Folia do Brejo Grande na Capela.	124
Figura 35 – Adesivo da Folia do Brejo Grande.	125
Figura 36 - Giro com obstáculos.	126
Figura 37 - Folia do Brejo Grande chegando ao pouso.	128
Figura 38 - Forró na Folia do Brejo Grande.	129
Figura 39 - Mulheres participam da Folia do Brejo Grande.	131
Figura 40 - Festa da Folia Goiana.	134
Figura 41 - Cartaz da Folia Goiana 2023.	135
Figura 42 - Folia Goiana chegando ao pouso.	137
Figura 43 - Folia Goiana na zona rural década 1980.	138
Figura 44 - Presépio ao fundo na Feira Coberta.	140
Figura 45 - Pessoas alimentando dentro da Feira Coberta.	140
Figura 46 - Pessoas em frente ao palco.	140
Figura 47 - Preparação da carne.	142
Figura 48 - Carnes em latas.	142
Figura 49 - Dupla Galvão e Galvãozinho.	143
Figura 50 - Mapa da cidade de Itaguari.	145
Figura 51 - Barracas de vendedores ambulantes.	147
Figura 52 - Dupla André e Andrade.	148
Figura 53 - Irmãs Freitas.	149
Figura 54 - Visita e convite à dupla André e Andrade.	150
Figura 55 - Vendedores ambulante em um pouso.	152
Figura 56 - Atracção artística na festa da Folia Goiana.	153
Figura 57 - Folia Mineira cantando agradecendo o almoço.	155
Figura 58 - Antônio Camilo e demais foliões.	157
Figura 59 - Foliões da Folia Mineira em 2023.	158

Figura 60 - Flyer divulgando a Folia Mineira.	159
Figura 61 - Recorte do Informativo É Êle pág.02.	159
Figura 62 – Bandeira transpassada por cima da cerca.....	161
Figura 63 - Folia Mineira girando na zona rural.	164
Figura 64 - Tendas e vendedores ambulante.	166
Figura 65 - Jantar servido em um pouso.	166
Figura 66 - Festa da Folia Mineira.	169
Figura 67 - Bandeiras da Folia do Brejo Grande.....	170
Figura 68 - Palhaços da Folia Goiana.....	171
Figura 69 - André e Andrade cantando na Folia Goiana.	172
Figura 70 - Palhaços da Folia Mineira.....	172
Figura 71 - Jantar na Folia do Brejo Grande.	175
Figura 72 - Doces em latas para festa da Folia Goiana.	176
Figura 73 - Preparação de alimentos para dia 06/01/2009.	176
Figura 74 - Catireiros Irmãos Oliveira.	181
Figura 75 - Catireiros do Grupo de Jovens da Paróquia.....	182
Figura 76 - Pe. Aureliano Marcos na Folia Goiana.	183
Figura 77 - Encenação do Teatro de Santos Reis.	184
Figura 78 - Missa dia 06/01/2006 com o Bispo.....	185
Figura 79 - Adesivo da Folia dos Cumpade	186

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 Histórico das Folias de Santos Reis.....	19
1.1 Folias de Reis, suas histórias e muito mais.....	19
1.2 Devoção aos Santos Reis no empreendimento da colonização portuguesa.....	26
1.3 Foliões e os sertanejos de Goiás	30
1.4 Folias das lembranças.....	33
1.5 As identificações e o folião	39
1.6 Lastros da cultura e as folias.....	46
1.7 As folias, dimensão patrimonial	49
2. Descrição do bem cultural: Folias de Itaguari	51
2.1 Como é uma folia	51
2.1.1 A saída	52
2.1.2 Giro.....	53
2.1.3 meia-lua	56
2.1.4 Os pousos.....	57
2.1.5 Festa.....	60
2.1.6 Terços	63
2.2 Cantoria	65
2.3 elementos rituais e decorativos.....	73
2.3.1 Bandeira.....	73
2.3.2 Presépio	77
2.3.3 Arcos e correntes	79
2.3.4 Estrela guia	80
2.3.5 Bandeirolas	81
2.3.6 Adereços	82
2.4 Dimensão funcional das folias.....	84
2.4.1 Funções rituais.....	84
2.4.1.1 Embaixadores.....	84
2.4.1.2 Cantores e instrumentistas.....	86

2.4.1.3	Palhaços.....	90
2.4.1.4	Alferes da bandeira	93
2.4.1.5	Promesseiros	94
2.4.2	Funções sociais.....	97
2.4.2.1	Festeiros	96
2.4.2.2	Pouseiros	98
2.4.2.3	Gerente	99
2.4.2.4	Doadores	101
2.4.2.5	Cozinheiros	102
2.4.2.6	Decoradores e armadores.....	103
2.5	Estrutura conceitual	105
2.5.1	Aspecto devocional.....	105
2.5.2	Dimensão de Tradição	108
2.5.3	Aspectos da sociabilidade.....	110
3.	História das folias de Reis e aspectos mais específicos.....	114
3.1	Itaguari a cidade capital das Folias de Reis.....	114
3.2	Folia do Brejo Grande	119
3.2.1	História	119
3.2.2	Cantoria	122
3.2.3	Local.....	122
3.2.4	Período.....	124
3.2.5	Giro.....	125
3.2.6	Pousos.....	127
3.2.7	Tradição familiar	130
3.2.8	Participação das mulheres	131
3.2.9	Obstáculos à folia do Brejo Grande.....	132
3.3	Folia Goiana de Itaguari	133
3.3.1	História	133
3.3.2	Cantoria	137
3.3.3	Local	138
3.3.4	Período.....	141

3.3.5 Festa.....	141
3.3.6 A família Freitas	148
3.3.7 O comércio na festa	152
3.4 Folia Mineira de Itaguari	154
3.4.1 História	154
3.4.2 Cantoria	156
3.4.3 Antônio Camilo	157
3.4.4 Local	158
3.4.5 Período.....	159
3.4.6 Observância das regras	160
3.4.7 Ingresso de novos foliões	162
3.5 Pontos Convergentes	163
3.5.1 Giros das folias Goiana e Mineira	163
3.5.2 Pousos das folias Goiana e Mineira.....	165
3.5.3 Festas das folias do Brejo Grande e Mineira.....	167
3.5 Pontos comuns as três folias.....	169
3.6.1 Foliões	169
3.6.2 Festeiros.....	173
3.6.3 Comida das três	174
3.6.4 Rituais e regras	177
3.6.5 Estruturas	178
3.6.6 Financiamento das folias	180
3.6.7 As catiras	181
3.6.8 Paróquia de Itaguari e as folias.....	183
3.7 Outras folias de Itaguari	185
3.8 Reconhecimento às folias itaguarinas	186
4 . A PESQUISA E O FRUTO.....	188
4.1 A Metodologia da Pesquisa	188
4.2 Os Entrevistados	191
4.3 A Estrutura.....	193
4.4 O Produto.....	194

4.5	Devolutiva	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS		196
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		198
NEXOS I		205
APÊNDICES		207

INTRODUÇÃO

A cultura popular manifestada nas folias de Reis do município de Itaguari podem ser consideradas como patrimônio imaterial da região, impeliu a realização da pesquisa para produção de um inventário cultural delas, visto que as folias têm grande representatividade simbólica no âmbito cultural dessa região e ainda não fora detidamente discutida conceitualmente dentro dos referenciais teóricos do campo patrimonialista. Sob o prisma do patrimônio essa manifestação da cultura popular de Itaguari tem todos os preceitos para ser inventariada e mesmo registrada. Sendo um dos elementos simbólicos que compõem a identidade dos itaguarinos, e ainda tem fortes lastros na memória dessa população. Neste parágrafo fazemos referência a conceitos e termos que necessitam ser esclarecido, o primeiro deles é o patrimônio imaterial, e logo em seguida foi indicado o inventário cultural. Por patrimônio imaterial entende-se o arcabouço de saberes, fazeres, expressões e práticas de um povo que fazem referência a sua identidade e memória (IPHAN 2012). Estes conceitos apresentados inicialmente têm suas definições esplanadas nos textos publicados pelo IPHAN, a conceituação do Inventário Nacional de Referências Culturais “... é um instrumento de identificação de bens culturais tanto imateriais quanto materiais. A indicação de bens para Registro e/ou para Tombamento pode resultar de sua aplicação, mas não obrigatoriamente” (IPHAN 2000 p.8).

Através das fontes orais, iconográficas e etnografia pudemos visualizar as possibilidades para o que foi proposto. Como resultado da pesquisa foi produzido o inventário cultural um documentário no formato audiovisual a ser exibido e disposto no site do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Cora Coralina. As folias de Reis são um bem cultural do município de Itaguari de natureza imaterial. Essa tradição vem perdurando por anos, incrustada na memória lança efeitos na identidade dessa população e como diz Vigilato (2012 p. 203) “É uma solenidade de sentindo místico-folclórico, que se realiza cantando loas e cantos de louvores a Deus e aos venerados santos, retratados na bandeira” e explicando com mais detalhes:

“... a folia de reis é um segmento da religião católica; A prática da folia, a partir do dia do Natal, além de um cerimonial de louvação dos foliões, e da visitação fraterna aos lares, é também o contar da história bíblica a respeito da chegada de Jesus; da viagem e adoração dos magos e também uma forma de evangelizar.” (VIGILATO 2012 p. 206).

O inventário cultural se mostra como um método adequado às expectativas propostas. Ao estudar as folias verificou-se a ausência dessa abordagem, que por sua vez torna-se uma ação efetiva, quando produz um documento de relevância acadêmica sobre o objeto pesquisado. Entende-se ser muito necessário extrapolar o universo da literatura e passar à produção que possa ser apropriada pela comunidade. Não se intenciona questionar a validade das bibliografias, pelo contrário sua contribuição é imensurável. Este trabalho pretende dar uma nova perspectiva as folias e mais visibilidade a partir de uma dimensão mais estratégica.

O embrião desse projeto nasceu dentro da graduação em história na Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Cora Coralina com a pesquisa com folia de Reis desde o segundo ano de graduação, e culminou no trabalho de conclusão de curso no ano de 2009. Desde então a cultura popular, entendida como sendo aquela produzida coletivamente pelas pessoas das camadas mais subalternas da sociedade, no cotidiano de sua sobrevivência e relação com os demais e o meio ambiente (PESSOA 2005). Essa vertente tem instigado outras pesquisas e também produções acadêmicas. Contudo, a ambição de fazer uma pesquisa mais abrangente e que pudesse sair do campo da academia e envolver os outros dois grupos de folia, impulsionou a formatação desse projeto para produção de inventário cultural das folias de Itaguari.

Os inventários culturais como a própria denominação enuncia é uma forma de registro descritivo que visa dar informações detalhadas sobre o bem cultural, ele sempre tem atrelado aos discursos de patrimônio. Essa prática surgiu no seio das ações do IPHAN, concebido como uma forma de preservação dos patrimônios.

Antes de discorrer sobre a conceituação de patrimônio, traremos algumas pontuações sobre as noções de folia que a literatura tem dado. As folias não podem ser definidas de uma forma evasiva, antes de se tecer noções sem fundamentos deve-se rememorar o universo cultural muito vasto em que a cultura assumia aspectos muito práticos na vida dos indivíduos.

Por patrimônio temos a ideia de algo que porta valores, e neste caso, fugindo do viés econômico indo em direção “as coisas e manifestações do espírito” (sic) da humanidade, o patrimônio tem ampliado sua abrangência.

Imbricado nessas discussões os conceitos de identidade e memória, se fazem presentes. Neste campo as identidades e as memórias são elementos que constituem o patrimônio e estão ligados às folias de uma forma simbiótica.

Primeiramente a memória como um fenômeno social e não apenas psíquico e mental, mas sim como um fenômeno que vem a fornecer coesão aos grupos de folias, primeiramente, e num aspecto mais amplo à própria sociedade, recorrendo à literatura, atribuindo-lhe a categoria de sinônimo ao de lembrança Bosi (1987 p. 15) “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças”.

Por sua vez as identidades são algo inerente não apenas às pessoas em sua individualidade, elas também vão estender a grupos inteiros conferindo lhes características próprias, o que é de extrema importância para a sobrevivência grupal.

Estes conceitos basilares compuseram a linha de raciocínio norteadora desta pesquisa, entendeu-se que as folias consideradas como patrimônio cultural, e alcançam este patamar devido a sua presentificação nas memórias das pessoas que têm envolvimento com as folias, e ao mesmo tempo sofrem algum tipo de referência identitária por esse mesmo relacionamento. Não obstante sem essa relação às folias não poderiam ser consideradas como patrimônio. Sabendo da riqueza que nos trouxe a bibliografia sobre as manifestações culturais e principalmente folias, esse aspecto aqui apresentado vem acrescentar mais uma face aos estudos.

1 HISTÓRICO DAS FOLIAS DE SANTOS REIS

Nesta primeira parte do texto a pesquisa se debruçou sobre o levantamento histórico e da dispersão da devoção aos Magos do Oriente no mundo Ocidental, ou ao menos no que tange as nações de idioma português, espanhol e francês. Continuando o percurso dessa veneração à sua culminância nos âmbitos identitários avivados nas memórias desses devotos e seus lastros na cultura popular e a incidência como patrimônio cultural imaterial a ser assim reconhecido.

1.1 Folias de Reis, suas histórias e muito mais.

As folias de Reis têm sua origem ligada profundamente ao catolicismo popular, e o objetivo desta primeira parte do trabalho é esforçar-se em discutir o remoto e incerto princípio. Uma informação unânime para as folias de Reis é que o cerne da folia se origina na narração bíblica da Visitação dos Reis que vieram do Oriente para adorar o Menino Jesus nascido em Belém, relatada no Evangelho de Mateus, capítulo 2, versículos 1- 12.

As folias se tornaram uma forma de o povo simples celebrar esse evento atualizando-o a cada ano. Essa festa tem assumido ao longo dos anos significado muito especial não se restringindo apenas aos aspectos religiosos, ela vai incorporando características a sua reprodução e se tornando um elemento a que se referem os indivíduos que fazem parte dessa tradição, referências estas que são religiosas, culturais e de identidade também, esse arcabouço é retido na memória desses indivíduos e ao mesmo tempo partilhado também em seus grupos.

Ao estudarmos a história das folias veremos que a configuração atual delas, admitindo a sua grande variação, foi fruto de muitos elementos diferentes que foram fundindo-se. Estudos de historiadores, antropólogos, entre outros cientistas sociais, apontam que a origem das folias é ainda na Idade Média. A historiografia tradicional incumbiu-se de dar uma aura sombria a este período da história da humanidade, levando-nos a acreditar numa profunda morbidez sem nenhuma forma de alegria ou festa. Contudo, a historiografia mais recente aponta que não era bem assim, e que no período medieval havia espaço para celebração e muito mais, como as festas. Pesquisadores têm encontrado motivo para acreditar que esse tempo da história tem muito a revelar.

Sem pretender realizar uma discussão no campo da historiografia, porém, sem perder esses conhecimentos de vista, e tão importantes para a compreensão dessa manifestação que se fixou na cultura dessas pessoas. Neste ponto iniciar-se-á abordando a folia em suas conceituações segundo autores destacados para a discussão que está se iniciando.

Descreve-se as folias de Reis resumidamente como um grupo de homens que cantam melodiosamente versos sobre a história dos Reis Magos, indo de casa em casa, reunindo pessoas para festa, na qual há muita alimentação. Visualmente essa é a melhor forma de especificação para essa manifestação cultural. Por essas regiões todos sabem o que é uma folia, muitos já participaram delas. Mas as folias não se restringem a definições breves, elas relacionam-se a outras dimensões da vida humana. Os homens e mulheres produzem muito mais do que seu sustento, expandindo suas capacidades, ele cria formas simbólicas, como confirmado em “No ato de viver, as pessoas criam suas festas, danças e rezas, que se relacionam com seu trabalho e representam maneiras diferentes de enxergar o mundo”. (CANESIM e SILVA, 1983 p.11). As folias são nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão, assim:

A folia de Reis é um grupo precatório de cantores instrumentistas, seguidos de acompanhantes e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos três Reis Santos, entre 31 de dezembro e 06 de janeiro (2004, p.347)

Outro pesquisador do assunto Jadir Pessoa refere-se “à folia como um ritual itinerante do catolicismo popular, atualizando a memória da narrativa bíblica da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, oferecendo cânticos e preces, e pedindo ofertas para os festejos finais do giro de cada ano. ” (2007, p.96). A folia é em suma uma representação daquela viagem relatada por São Mateus, ou melhor, explicado “Na Folia de Reis, por exemplo, é dito e repetido que a visita que se faz ao morador é feita à semelhança da dos Reis Magos quando viajaram para Belém. ” (PESSOA 2007 p. 243), ou seja, a folia quer reviver aquela peregrinação a Belém de Judá. Segundo Carlos Rodrigues Brandão (1983, p. 08): "A missão da folia de Reis é cumprir uma jornada. Durante sete dias ela viaja da casa do folião do ano ("pouso de saída ") para a casa do festeiro ("casa da entrega" e da "festa")".

As folias são uma devoção paralitúrgicas formadas por um grupo de pessoas que saem de casa em casa cantando versos sobre a Visitação dos Reis Magos ao Menino Deus nascido, nas palavras de Jadir Pessoa “Ali se dá plenamente o motivo da viagem, que é lembrar e repetir o gesto dos Magos, saudando o Recém-Nascido. ” (2007 p.193). Vemos ainda que outros aspectos são encontrados nas definições de folia como o aspecto religioso como

ênfatiza Yara Moreira (1983) “A folia de Reis consiste, basicamente, em um grupo de pessoas (homens, cantores e instrumentistas) que realiza uma peregrinação religiosa por ocasião da festa de Reis” (p. 144). Os estudos nas ciências sociais vêm demonstrando que a religiosidade popular é um fator predominante nas folias, a devoção aos Três Reis é o ponto central delas e isso legou o aspecto religioso a esta manifestação, verificando nas palavras Jadir de Moraes Pessoa, “A folia de Reis é um movimento sociorreligioso cíclico e não um movimento messiânico como o Contestado.” (PESSOA, 1993. p.106). As pessoas que compõem estes grupos de folias são homens e às vezes mulheres da comunidade, não têm escolas ou outras instâncias para o ensino dos saberes compreendidos nas folias, esse aprendizado ocorre dentro da realização da folia. O motivo central para existência das folias é a devoção aos Santos Reis, que são mencionados no Evangelho de São Mateus.

Nos vários estudos sobre elas, o surgimento de uma folia está predominantemente ligado a um voto, promessas que um devoto faz para receber uma graça ou milagre, os quais explicam “Eles sempre falam que a folia de Reis foi tirada para cumprimento de uma promessa” (CANESIN e SILVA 1983 p. 19). Essas explicações conseguem definir o que são essas manifestações, e como se deu seu surgimento enquanto folia com seu rito já pré-estabelecido, do formato como está atualmente, não obstante, a indagação sobre a formação dessa tradição ao longo dos tempos provoca à inquirição de suas origens.

As designações sobre o que é ritual festivo do catolicismo popular, esclarecem muito bem o que elas sejam, mas ainda restam muitas indagações sobre sua origem e período, assim como o carnaval, festas do Divino Espírito Santo, as folias também têm sua história. Não se pode afirmar que as folias já surgiram desse modo como hoje ocorrem. O embrião delas é matéria para muitos estudos, as variações que sofreram durante o passar dos anos, importam para a compreensão delas. Ainda deverá ser incluída como justificativa para essa pesquisa histórica das origens dessa festa, a dimensão de bem cultural e patrimônio que a folia adquire. Fazer esse estudo contribuirá para melhor elaborarmos estratégias de preservação das folias. Entre muitos pesquisadores que se esforçaram em obter essas informações destacamos Harvey Cox, e já recentemente os brasileiros, Carlos Rodrigues Brandão e Jadir Pessoa. Esses dois últimos escreveram sobre folias e dedicaram parte de seus estudos sobre folias do Estado de Goiás, assim se tornaram fontes imprescindíveis para este trabalho em lide.

Iniciaremos, buscando informações sobre as possíveis origens da festa. As festas estão ligadas à vida das pessoas, a alguma de suas dimensões. Já sabemos que muito de nossas tradições vieram da Europa, de lá tendo vindo ainda em tempos remotos, ao que indicam a literatura pesquisada, esse é o caso da folia, que tem sua origem ainda na Idade Média.

Vigilato (2000) afirma que a origem das folias de Reis se deu na Europa, precisamente na península Ibérica, antes do descobrimento do Brasil. Lá se louvavam os Três Reis com grupos de homens cantando e dançando. A pesquisa se concentra em saber qual é a origem das folias, e como nos indica Jadir em sua obra “Saberes em Festa”:

Para se contar a história das folias no Brasil há que se fazer um recuo histórico-iconográfico que possibilite entender a dispersão da devoção aos Reis Magos pela Península Ibérica, a bem da verdade por toda Europa, ao longo da Idade Média. (PESSOA, 2005, p.77).

Na literatura sobre os tempos passados há muito esforço para se compreender como os homens viviam, especula-se sobre todas as dimensões de suas vidas, desde os aspectos políticos e econômicos aos do campo cultural. E nos estudos desse âmbito que se obteve informações que são importantes para entendermos as folias de agora. Sabe-se que uma manifestação semelhante às folias existia já na idade média na Europa como verificamos “Durante a Idade Média florescia, em algumas partes da Europa, um festival conhecido como as Festas dos Foliões, ou as Festas dos Loucos” (COX 1974 P. 11) essas festas assumiam vários motivos como se obteve informações, atos religiosos ou festas profanas mesmo, podendo até ter conotações satíricas: “Nessa manifestação colorida, usualmente promovida a primeiro de janeiro, até padres geralmente piedosos e cidadãos ordeiros colocavam mascaras grotescas, cantavam insinuantes modinhas e, numa palavra, mantinham todo mundo em suspenso por suas sátiras e folias” (COX 1974 P. 11). Temos aí um gérmen para as futuras festas profanas e religiosas, como o carnaval e poderia se acreditar que as folias também. Tantas festas que aludem a um passado muito remoto.

Contudo, não se afirma que essas festividades medievais sejam o início das folias, a intenção é demonstrar que desde tempos remotos os homens estiveram propensos a celebrar a realizar festas, por isso esse espírito celebrativo que possuíam os medievos permaneceu na alma dos homens de alguma forma e animou o surgimento das primeiras folias. Nesse ponto se refere ao *homo festivus*, arguido por Cox, “O homem é, por sua própria natureza, um ser que não só trabalha e pensa, mas canta, dança, reza, conta casos e celebra festas” (1974 p. 16). Pertencem a essa esfera da vida humana a festas das folias.

Para melhor esclarecer essas indagações, informações sobre esse período da história humana carecem ser mais bem elucidadas. Para que fique demonstrado que neste momento histórico se consolidaram grandes aspectos da cultura ocidental, e muitos resquícios dela se espalham diversamente nas manifestações culturais hoje existentes, por isso estudar

uma pequena parte da Idade Média é extremamente proveitoso para se compreender o objeto dessa discussão.

O recuo histórico à Idade Média ou pós-Idade Média, demonstrou que lá estão as gêneses deles e de muitos hábitos que até hoje se mantêm. Foi nesse período que se consolidou o pensamento cristão, e a sua influência sobre o mundo ocidental se espalhou fortemente, perdurando até os dias atuais.

Na Idade Média as relações sociais eram baseadas na forma de vassalagem e suserania, existiam servos e senhores, numa sociedade estratificada e na hereditariedade das funções (FRANCO JR, 1999). Os medievos viviam sob o controle da igreja, a única instituição fortemente organizada que pretendia unificar a sociedade pela cultura e em nome de Deus (FRANCO JR, 1999). Nessa sociedade clerical, a igreja determinava até as maneiras de perceber o tempo. O cotidiano das populações medievais era marcado pela interferência divina, que via nessa Providência seu fundamento teleológico.

Numa sociedade medieval, tão marcada pelo ideário religioso, os santos desempenhavam um papel de proteção e refúgio às pessoas. Daí, então, não ser impossível pensar que as formas de louvores e agradecimento tenham surgido aí, onde celebravam os santos de devoção com festas, como é o caso da folia de Reis.

É precisamente sobre essa Europa mergulhada na religiosidade que Harvey Cox tece suas análises sobre festividade e fantasia, elementos que, segundo ele, são muito importantes para os seres humanos. Mas estas festas ainda não eram as folias, mas um princípio delas, então consistia em momentos de folganças da população menos abastada da sociedade, que naquela oportunidade faziam críticas às instituições e aos indivíduos. Cox não considera essas manifestações prejudiciais à sociedade. Na sua visão: “A festividade e a fantasia não são apenas valores em si, mas absolutamente vitais para a existência humana” (COX, 1974, p.14). E ele ainda nos adverte que a sociedade industrial sofre com a perda desses valores. Para ele, a sociedade “Conseguiu a prosperidade à custa de um aterrador empobrecimento dos elementos vitais de sua existência” (COX, 1974, p.14). O autor quis dizer que embora a sociedade industrial trouxesse progresso, por outro ela acabou com esses valores tão importantes na sua visão.

Voltando a falar dessa festa medieval que acontecia às vésperas do ano novo, Cox (1974) relata que as festas eram eventos corriqueiros àquela época, havia inclusive danças dentro das igrejas, diante dos altares do Senhor. Corroborando Brandão (1985), diz que o costume da dança dentro de templos remonta às civilizações antigas, ao judaísmo.

Brandão (1985, p.139) destaca: “As Escrituras hebraicas redundam de referências a danças diante do Senhor”. Cox (1974, p.54) evidencia: “A dança ocupa um lugar definido no culto dos cristãos primitivos”. Segundo o mesmo autor, aí dançavam homens, mulheres e crianças, ora dentro das igrejas, ora nos seus adros ou mesmo nos cemitérios. Em sua opinião, esse costume não era condenável e nem pervertia o cristianismo, para aqueles que assim pensam, ele afirma que estão acomodados com a gravidade dos dogmas cristãos e nem se dão conta de que este pode ser uma forma dessa doutrina persuadida, e tampouco de que o lúdico pode sim fazer parte do cristianismo.

Existem notícias de que aqui no Brasil houve essas danças dentro das igrejas, como relata Brandão (1985, p.139): “Houve um tempo em que no Brasil, padres e freiras davam as mãos ao que ao tempo se nomeava como “o populacho” e todos cantavam e dançavam dentro da igreja”. Também em Moreyra encontram-se notícias dessas missas animadas com danças. A autora registra “Ela é mencionada, no ano de 1549, quando o padre Manoel da Nóbrega conta que tiveram uma procissão de Corpus Christi “mui solene”, onde houve “danças e invenções à maneira de Portugal” (LEITE, 1956 *apud* MOREYRA, 1983, p.137) ”.

O motivo pelo qual não se dança atualmente dentro das igrejas é que essas danças não agradavam as autoridades religiosas, elas as consideravam sensuais. Entre essas autoridades estava São Basílio Magno (COX, 1974). Brandão comenta a atitude desse bispo, “São Basílio Magno, Cesaréia, que condenava alguns anos mais tarde, os mesmos cantos e danças que antes aceitara no interior de sua igreja” (BRANDÃO, 1985, p.140). E daí por diante intensificaram-se as regulamentações até se proibirem de todo as danças dentro das igrejas

Durante o milênio seguinte, as autoridades da Igreja sustentaram uma luta desesperada, primeiro para garantir a compostura na dança, e depois, perdida essa batalha, para abolir a dança de vez. Século após século, bispos e concílios baixavam decretos, advertindo contra as variadas formas de dança que executavam dentro e nos adros das igrejas. Mas elas perduravam. Por fim, em 1298, o Concílio de Würzburg declarou-as grave pecado. (COX, 1974, p.56)

Cox (1974) mostra que, porém, entre o povo, essa dança e a festividade estavam nas suas almas e, não desapareceram. Elas foram levadas a outros lugares, para as praças, ruas, cemitérios, animando as festas dos santos, longe do alcance dos decretos conciliares, principalmente para os vales distantes e para o mundo camponês, como são as folias conhecidas na atualidade.

Jadir Pessoa converge com Carlos Rodrigues Brandão ao localizarem aí as origens das folias de Reis. Em Jadir Pessoa há a seguinte citação de Heers (1987) lembrando a Festa dos Loucos: “Dentre os diversos temas religiosos que eram alvos de sátiras, estava também a Festa dos Reis Magos” (HEERS, 1987 *apud* PESSOA, 2007, p.133).

Brandão (1985) vai às solenidades do Natal e seus dramas litúrgicos, com os ofícios inerentes ao nascimento e a visitação dos Reis ao Menino, celebradas pela igreja e mostra que com o passar dos anos foram incorporadas aos rituais populares e nesse meio se difundiram e deram as bases do que hoje se conhece como folias brasileiras. Existe uma preocupação da igreja católica de tornar cada vez mais presente a história da vida de Jesus, para isso utiliza os dramas e teatros. Segundo Heers:

Os padres insistiam em ilustrar alguns dos momentos da vida de Cristo melhor que por imagens e por isso proporcionavam aos fiéis autênticos quadros vivos. Por exemplo, a Adoração dos Magos no dia da Epifania passou a revestir-se de um fausto muito especial desde que os cônegos começaram a celebrá-lo em forma de um jogo cênico (HEERS, 1987, p.46 *apud* PESSOA, 2007, p.132)

Partindo da visão de Heers, pode-se concluir que esses teatros e dramas realizados pela igreja não só na Europa, mas também aqui no Brasil, contribuíram muito para dar as origens à devoção aos Três Reis Santos, portanto, à folia. Há, sem dúvida, uma pequena divergência nisto. Para Yara Moreyra (1983) o ponto de partida parece estar na Folia, dança portuguesa muito popular nos séculos XVI e XVII. Segundo esta autora, a folia era composta por oito homens que cantavam e dançavam.

A veneração aos Santos Reis não se restringiu aos aspectos religiosos, mas permearam outros campos da vida das pessoas. Na obra *As Viagens dos Reis Magos* escrito por Jadir de Moraes Pessoa e Madeleine Félix, temos um panorama que aponta pela disseminação e incorporação da história dos Reis pela Europa, iniciando pelo traslado das relíquias a eles atribuídas de Milão, Itália, até Colônia na Alemanha (PESSOA 2007). Como se lê nesta obra os Três Reis Magos se tornaram uma inspiração cultural inspirando pinturas, afrescos, esculturas e mesmo na heráldica de famílias europeias encontravam-se referências aos Reis como nesse caso: “Dizia-se que a família dos Baux de Provence descendia do Rei Balthasar e tinha por brasão uma estrela de dezesseis raios de prata sobre um fundo vermelho,” (PESSOA 2007 p. 116). E ainda nos relata que na literatura popular a história da visitação se fez presente

“Do seu lado, as canções de inspiração popular foram uma articulação eficaz para transmitir a narrativa do nascimento do Menino Jesus através das cenas pitorescas emprestadas da vida cotidiana. A chegada dos pastores aos pés do Menino é a mais viva, mas sempre uma estrofe ou mesmo o cântico inteiro é consagrado à chegadas dos Magos. Esses cânticos viajaram muito e podemos encontrá-los de uma ponta a outra Europa”

Entendemos com essas elucidações que a tradição que envolve a história dos Reis Magos não é puramente religiosa, mas adquiriram conotações culturais que permaneceram na memória coletiva das pessoas se tornando um elemento de identificação entre aqueles que estrategicamente os reivindicavam para sua proteção. Em resumo os autores dessa valiosa obra arrematam

“O culto rendido aos Magos é muito antigo. Ele vem do Oriente ao Ocidente desde o fim do século II ou começo do século III. Mas ele se popularizou e espalhou fortemente sob a influência da peregrinação a Colônia e das Confrarias dos Magos italianas por razões tanto políticas quanto econômicas e religiosas. Toda Europa participa do reconhecimento desses personagens citados pelo Evangelho segundo São Mateus, por meio de inumeráveis obras artísticas ou literárias, e toda uma série de tradições instaura-se pouco a pouco, incluindo ritos antiquíssimos às divindades pagãs.” (PESSOA 2007 p. 110)

1.2 Devoção aos Santos Reis no empreendimento da colonização portuguesa.

Sob a influência dos portugueses, ao serem por eles colonizados, os brasileiros herdaram suas tradições e festas. A folia, como tudo indica, fazia parte das devoções populares dos portugueses. Ao lado dos espanhóis esse povo era chamado de reino católico. Os Três Reis faziam parte do panteão português na época do descobrimento. E, de lá, saíam naus com destino à Terra de Santa Cruz, com as bênçãos de Nossa Senhora da Estrela, Nossa Senhora do Reis, levando Pessoa (2007) a fazer, sobre períodos posteriores, as seguintes afirmações explicando a devoção aos Reis Magos: essa devoção dos navegantes aos santos, desde o embarque até a chegada em terras brasileiras e depois sua difusão entre os colonos, é o motivo principal para tamanha devoção, que inclusive fazia parte do empreendimento colonizador, como informa: “Por isso a devoção aos Reis Magos está plenamente vinculada ao empreendimento colonizador e com ele espalhou-se pelo Brasil, ao longo dos séculos subsequentes.” (PESSOA, FELIX, 2007, p.132). Essa constatação é também relatada em Moreyra: “A devoção aos Santos Reis, com toda sua tradição, chegou ao Brasil com os descobridores. Nos séculos seguintes são frequentes as referências aos Magos – em cartas, romances, relatos de viagens” (MOREYRA, 1983, p.143).

Sabe-se que, no processo de colonização da terra recém-descoberta, a igreja teve um papel muito importante, o de legitimar o domínio, inclusive defendendo-o, considerando a missão *mui* digna, pois, se tratava de converter povos ainda pagãos ao catolicismo, verdadeira religião, a única que salvaria a humanidade da condenação às trevas, conduzindo-a à salvação prometida por Jesus Cristo (AZZI, 1987). Portanto, constata-se a presença da igreja desde os primeiros momentos da chegada dos portugueses às terras de Santa Cruz. Os portugueses vieram à Nova Terra, amparados pela autoridade católica que lhes conferia o direito à posse da terra descoberta e, incumbidos da missão de evangelizar os que aqui encontrassem.

No âmbito das práticas especificamente religiosas, a colonização já foi efetivamente implantada no contexto da Contra-Reforma, ou seja, para minimizar as possibilidades de investida do protestantismo, o catolicismo implantado na colônia trazia com toda força o culto dos santos (PESSOA, 2007, p.131).

A esse processo de evangelização dá-se o nome de catequese, que naqueles anos primeiros da colonização ficou a cargo das congregações religiosas, principalmente da Companhia de Jesus. Não será estudado aqui esse empreendimento. A meta deste trabalho é buscar nesse momento da história do Brasil as possíveis origens e adaptações que formaram as folias atuais. Para este estudo, destacar-se-ão dentro da catequese as abordagens sobre os Reis, feitas pelos jesuítas. Como já se sabe, os padres jesuítas usavam o teatro para catequizar os índios. Entre os autos mais encenados, provavelmente estava o do Nascimento de Jesus e da Visitação dos Reis; é o que indica Moreyra (1983) e continua dizendo: “Sabe-se então da intensidade das celebrações do dia seis de janeiro, de índios sendo batizados com os nomes dos Santos Reis.” (MOREYRA, 1983, p.143). Segundo esta autora, isso contribuiu significativamente para a formação das folias posteriormente, lembrando as danças medievais, acontecidas na Europa, tratadas anteriormente no seguinte relato: “No Brasil, seguindo o mesmo costume, as danças foram incorporadas ao teatro e às procissões promovidos pelos padres jesuítas” (MOREYRA, 1983, p.138). Essa constatação leva a autora a fazer a seguinte afirmação: “A folia entrou no Brasil como uma dança de fundo religioso, mais uma manifestação paralitúrgica do que profana” (MOREYRA, 1983, p.137). Talvez seja por isso que para a maioria quase absoluta dos foliões com que foi travado diálogo, a afirmação da folia como sendo uma forma de manifestação religiosa foi sempre constante.

Ainda segundo o professor Jadir Pessoa “A devoção aos Santos Reis chegou ao Brasil com os descobridores. Ela se espalhou por toda a Colônia nos séculos seguintes” (PESSOA, 1993, p.110). Como podemos observar as folias existem desde muito tempo no

Brasil, remontando a época colonial, sendo uma herança desse processo de colonização atrelado à cristandade. Quando Portugal colonizou o Brasil trouxe muitas tradições, o autor (2009 p.37) traz a seguinte explanação: “Sob a influência dos portugueses, ao serem por eles colonizados, os brasileiros herdaram suas tradições e festas” a cultura católica se disseminou por essas terras, e o regime do padroado aqui existente assegurou a predominância da religião católica.

Dado que aos padres coube a tarefa da educação e principalmente á catequese. Há registros que indicam que autos teatrais com temas da vida de Jesus eram realizados com a intenção de catequizar os índios, como ficou registrado em linhas anteriores. Esses autos assemelham-se em seus movimentos aos que são realizados pelas folias hoje, é claro se concentrando nos temas da Viagem e Visitação ao Menino Jesus. Temos a seguinte afirmação sobre essas formas utilizadas pelos padres “A passagem desses textos para rituais compostos por músicas e drama que resulta na folia realizada pelos jesuítas para catequese” (OLIVEIRA 2014, p. 115). Os sacerdotes encenavam essas peças, acredita-se que a repetição dessas peças foi se modificando ao longo dos anos e incorporando outros elementos a sua reprodução, como, por exemplo a cantoria e outros, até que se formaram as folias existentes atualmente, esta afirmação pode ser corroborada por Oliveira (2009 p.37) “Com o passar do tempo foram sendo agregados outros valores e práticas às folias”. As reviravoltas que ocorreram, levaram a igreja a adotar outras formas de catequese, e também a regularizar seus ritos abolindo algumas práticas. Esses fatos podem ter contribuído para que essas manifestações se perpetuassem fora dos ritos oficiais da igreja católica, nos meios rurais onde a presença dos membros oficiais daquela instituição era rara, e possivelmente nessas se incluíam as menções aos Reis do Oriente, ele afirma que “Elas foram levadas a outros lugares, para as praças, ruas, cemitérios, animando as festas dos santos, longe do alcance dos decretos conciliares, principalmente para os vales distantes e para o mundo camponês, como são as folias conhecidas na atualidade” (DUTRA 2009 p. 36).

Para catequizar os índios, primeiramente, e depois como uma manifestação da religiosidade e folclórica, a folia tem, ainda hoje, alguns elementos herdados dos indígenas, pois, os padres utilizavam sempre de algum elemento do mundo indígena para introduzir a fé católica no mundo indígena. A folia também herdou movimentos dos teatros de Anchieta, como descreve Moreyra, passo a passo, a analogia entre os movimentos indígenas, autos de Anchieta e da folia. No primeiro momento da cerimônia, os movimentos são respectivamente:

Saudação no encontro, longe da aldeia. [...] O primeiro ato é sempre realizado no porto (recebendo uma imagem ou um padre) ou a uma certa distância do povoado. [...] Chegada. Os foliões são recebidos pelos moradores, fora da casa. (MOREYRA, 1983, p.147).

Essa forma de chegar a uma casa de pouso ainda é a mesma. Podendo ser designado como a meia-lua que a folia realiza. Yara Moreyra assim descreve os demais momentos que a folia faz:

Desfile em caminho novo e engalanado. [...] Desfile ou procissão por caminho engalanado, com canto, música ou dança, até o adro da igreja. [...] Cortejo processional por um caminho enfeitado com arcos, bandeirolas, flores e sempre com cantorias. (MOREYRA, 1983, p.147).

E sobre o encerramento, igualmente ocorre nas folias atualmente, que ela denominou de despedida:

Festa de despedida, com dança, música e cantos [...] no quarto ato pode haver a conclusão moral. Em certos casos há a bênção do sacerdote, beijo na relíquia ou adeus à imagem e o canto de despedida. Segue-se a dança final, com canto, música – dança opcional, pois pode acontecer após o primeiro ato. [...] Dependendo do pouso, pode haver festa com música, canto e dança (35). No dia seguinte, quando é pouso de janta, há despedida com cantoria e devoção à Bandeira. (MOREYRA, 1983, p.147).

Sobre o giro das folias fica destacado assim “Nesse tempo um grupo de homens empunhando instrumentos musicais percorre longas distâncias por entre verdes pastagens e embatumadas roças de milho e arroz, procurando os moradores” (PESSOA, 1993. p.106).

Os estudos de Jadir Pessoa sobre folias são muito importantes para conhecer o universo religioso popular desse ritual. Pessoa escreve sobre a cultura camponesa e nela destaca as folias de Reis como uma de suas manifestações. Entre seus livros destacam-se *Meu Senhor Dono da Casa: os 50 anos da Folia de Reis das Lages*, e o mais recente que trata da figura dos Três Reis Santos, os mitos que envolvem a sua existência e segue sua análise sobre a disseminação da devoção aos Santos pelo Brasil.

Outro livro que importa citar entre os estudos sobre folia é de Vigilato, no qual o autor descreve a folia com seu ritual, faz uma análise descritiva sobre o aspecto religioso e uma pequena narrativa histórica do surgimento delas, em tempos remotos na velha Europa medieval.

O aspecto religioso e folclórico da folia, misturando elementos sagrados aos profanos, dá uma nuance de mistério sobre seu fundamento e surgimento. O aspecto religioso parece ser determinante nessa manifestação. Quando perguntado sobre o que é folia, o folião Sebastião de Oliveira Castro, apelidado de Tião Raimundo, resume em poucas palavras: “Uai, a folia, eu creio que a folia é um evento religioso, né” (informação verbal) ¹. O elemento religioso das folias também é encontrado em definições de pesquisadores como Yara Moreyra, que enfatiza: “A folia de Reis consiste, basicamente, em um grupo de pessoas (homens, cantores e instrumentistas) que realiza uma peregrinação religiosa por ocasião da festa de Reis.” (MOREYRA, 1983, p.144). Uma colocação nos alerta para não generalizarmos sobre a concepção de folia como sendo predominantemente religiosa, pois, há nela elementos e características não religiosos, assim como fora então explanada esta afirmação sobre as folias do Brasil, “Mas as referências aos Reis Magos, vindas de Portugal, extrapolam o campo das práticas religiosas. Muito do que se aprendeu no Brasil sobre os Reis Magos é proveniente de cantares e danças populares consideradas profanas.” (PESSOA *et al* 2007 p. 132).

As folias de Reis são muito comuns no interior do Brasil principalmente nos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Seu espaço de atuação atualmente não se restringe à zona rural, existindo também nos espaços urbanos, como nos informa Carlos Rodrigues Brandão em A Folia de Reis de Mossâmedes “Ao lado da Folia do Espírito Santo, a Folia de Reis é a mais comum em áreas rurais e hoje, na periferia de inúmeras cidades...” (BRANDÃO, 1983, p. 02).

A incidência das folias de Reis no Brasil é muito grande, sendo herança do passado colonial que enraizou no povo simples do interior do país, registram-se folias nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Tocantins, como já fomos informados por outrem.

1.3 Foliões e os sertanejos de Goiás

As festas constituem-se elementos indissociáveis da nossa vida, desde os primeiros seres humanos há registros de festas, “As festas existem desde quando os homens e as mulheres passaram a viver em sociedade” (DEUS e SILVA 2003 p. 13) dentro da dimen-

¹ Sebastião de Oliveira Castro, 68 anos, funcionário público. Entrevista a Magno Florentino Dutra, em 23 de julho de 2009, Itaguari-Go. [Trabalho de Conclusão de Curso – monografia – Licenciatura em História, 2009]

são cultural, para comemorar uma conquista, para prestar culto aos deuses, para romper com a rotina exaustiva, há sempre uma infinidade de motivos para realizar um festejo. E, ao mesmo tempo os estudos de festividades revelam muitas outras informações que propriamente sobre a festa, trazem consigo a características do seu povo, o sistema de crenças e valores por ele adotados, sendo permitida a análise das relações complexas da realidade das pessoas (PRIORE 2000). As formas das festas também são indefiníveis. Do mesmo modo como por todo Brasil, em Goiás, assim como em outras regiões sempre houve muitas festas, mas ressalva-se que as que predominam desde os tempos mais remotos são aquelas do universo do catolicismo popular ligadas ao culto aos Santos católicos “Na história do Brasil, desde o início da colonização portuguesa, o catolicismo e as festas têm uma relação muito íntima” (DEUS e SILVA 2003 p. 14). A literatura pertinente aponta que a população que se formava por estas terras eram festivas. Aqui no Brasil as festas eram reproduções das que eram feitas em Portugal e noutros lugares da Europa, porém, elas não permaneceram fieis, as festas foram se transformando, sendo adaptadas ao contexto da colônia, servindo a interesses, e assim “O resultado de tudo isso é que no Brasil, muitos costumes europeus foram reelaborados transformando numa mistura que resultou nas diferentes festas e costumes existentes.” (DEUS e SILVA 2003 p. 15). Sabe-se que o Brasil sempre foi considerado um lugar festivo “Rugendas, em visita ao Brasil no início do século XIX, espantava-se com o número de festas “tão excessivo”, segundo ele, “que absorvem mais de cem dias por ano”.” (PRIORE 2000 p. 27). Essa conjuntura que vem se desenvolvendo desde o período colonial, em que houve adaptações de práticas religiosas e mesmo laicas, nas quais existe a participação de sujeitos de camadas sociais distintas, se usa a denominação de catolicismo popular, esse movimento dentro do catolicismo com classifica Pessoa (2005) pode ser teorizado com a seguinte sentença “Sua principal característica é compreender um grande número de símbolos e práticas, cuja organização independe da hierarquia católica. São práticas religiosas que se situam também fora do calendário oficial e dos seus locais de culto” (PESSOA 2005 p. 31). As festas se tornam relevantes objetos de estudo quando se leva em consideração esses elementos que estão a elas relacionados, as festanças brasileiras trazem em si este traço.

É fácil encontrar notícias das festas em Goiás nos relatos dos viajantes, e posteriormente em várias obras literárias e acadêmicas, entre os viajantes as festas foram tomadas a partir de uma visão eurocêntrica, como fica notado “Em Goiás, os relatos desses viajantes apresentavam as festas como expressão de um povo mestiço, inculto e atrasado” (DEUS e SILVA 2003 p. 16). Ultimamente as festas foram objetos de estudos em pesquisas, dentro desse contexto percebeu-se a intensidade de significados que elas têm na vida das pes-

soas. Pode-se afirmar que as festas são uma tradição que os colonizadores trouxeram para essa região nas palavras de Pessoa, “os imigrantes europeus trouxeram traços festivos dos tempos medievais, dos quais em nosso estado uma parte significativa nas folias de Reis e do Divino, nas cavalhadas, na procissão do fogaréu, nas novenas e devoções aos santos.” (2005 p.37), tendo chegado aos dias atuais com forte influência sobre as identidades de cultura goiana. Goiás ao lado de outros estados da federação compõe o que chamam de “corredor das bandeiras” juntamente a Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul (PESSOA 2005)

“Chegando ao estado de Goiás, essas festas e tradições de raízes milenares, incorporaram o jeito simples de viver...” (PESSOA 2005 p. 37). A folia que atualmente existe nas regiões de Goiás é fruto de constantes transformações, adaptações e, como vimos anteriormente, incorporações como todo processo cultural, numa dinâmica que não termina porque há variações das folias por aí afora, que devido ao ritmo de vida das populações nessa sociedade contemporânea, transforma e se adapta a esse modo de vida.

Entre os Santos aqui venerados estavam os Três Reis Magos, ao lado de outras tantas festas como as de São João, juninas como são denominadas, as festas do Divino Espírito Santo, as novenas aos padroeiros das paróquias, as Cavalhadas, e desde então elas atraem a população, desse modo testemunhado:

“Phol, outro viajante, chegou várias vezes a presenciar festas religiosas que muitas vezes esvaziavam cidades inteiras por causa do deslocamento das pessoas para as fazendas, onde se realizavam as folias rurais.” (DEUS e SILVA 2003 p. 17).

As festas de Reis como se tem informação espalharam-se por todas as regiões desta província. Atualmente em quase todas as cidades de Goiás há folias de Santos Reis “Essas folias são bastante populares em Goiás tanto em municípios maiores quanto menores, elas estão presentes” (DEUS e SILVA 2003 p. 61). A existência delas em várias cidades é atestada em vários livros sobre as festas de Reis. De todo modo é consenso que existam folias em quase todos os municípios, e o fato de algumas não terem se sido assunto em livros, não lhes tira a importância e a comprovação de sua existência. O que ocorre está mais ligado ao interesse desses estudiosos e suas afeições por algumas entre tantas. As obras de Pessoa (2007) referem-se principalmente a folia das Lages no Município de Itapuranga, Carlos Rodrigues Brandão (2004) fala sobre a folia de reis de Mossamedes e de Goiás-GO, Canesin e Silva (1983) escrevem sobre duas folias de Reis de Jaraguá: a do Bom Jesus e a do Córrego Grande, na capital Goiânia temos a folia da Vila Regina, citadas por Felix e Mendes (2011), além de outras existentes em outros bairros, Sebastião Rios (2015) diagnosticou várias toadas

de folias em Inhumas e em outras cidades daquela região: Araçu, Avelinópolis, Caturaí, Damolândia, Goiânia, Itauçu, Petrolina, Santa Rosa, Trindade, há ainda menções a folias de Pirinópolis, Catalão, Itaberaí. Prova cabal da existência das folias neste Estado é a realização do encontro delas na matriz de Campinas na Capital do Estado realizado anualmente desde 2002 (PESSOA 2005), e ainda outros encontros realizados esporadicamente pelo interior do Estado que reúnem as folias de diversos lugares. Sem dúvida alguma poderíamos elencar grupos que celebram os Reis nos municípios do Estado, e isso resultaria numa lista infindável e a menção há algumas não têm efeito discriminatório, mas apenas relações bibliográficas.

Especificamente sobre às folias de Reis sabe-se que estão mais ligadas as tradições dos homens do campo, mas não sendo de forma alguma uma generalização. A população camponesa celebra outros Santos também, contudo, há maior densidade da devoção aos Magos do Oriente, entre essa população que de outros Santos, que variam muito de um para o outro, ou seja, encontra-se devoção aos Três Reis do Oriente, em quase todas as regiões, enquanto aos demais Santos tem uma variedade aí distribuída.

1.4 Folias das lembranças

Para discutir as memórias levemos em consideração o papel que ela desempenha nas folias, pois “os foliões consideram a folia como uma jornada de rememoração. Dizem que ela representa, lembra ou imita, a viagem que os Três Magos fizeram do Oriente a Belém, por ocasião do nascimento de Jesus Cristo” (BRANDÃO 2004 p. 380) o que se notará nas descrições mais pormenorizadas ao longo do texto.

As memórias constituem-se como um elemento crucial para entendermos o processamento dessa dinâmica que envolve os objetos dessa pesquisa, se tornam importantes ao serem utilizadas como fonte, as memórias dos foliões e das pessoas que participam dessa manifestação folclórica religiosa local, de onde emergem as referências para as folias. Não seria possível tratar a memória como algo mental somente psíquico sem interferência na vida cotidiana das pessoas, e se considerarmos esse limiar no contexto de um ritual que tem muito significado devocional. Os estudos envolvendo memórias têm grande importância nas ciências sociais. Entre tantos o trabalho de Paul Ricoeur traz contribuições significativas a essa pesquisa, em suas palavras “a memória é do passado” (449 b 15). É o contraste com o futuro da conjectura e da espera e com o presente da sensação (ou percepção) que impõe esta caracterização primordial” (2007 p.35) mais adiante ele tece uma análise mais profunda onde diz “a

memória é ao mesmo tempo, um caso particular e um caso singular. Um caso particular, na medida em que os fenômenos mnemônicos são fenômenos psíquicos entre outros: fala-se deles como de afecções e ações” (RICOEUR 2007 p.35). Neste trabalho não tomamos a memória dos sujeitos em sua individualidade, mas na sua amplitude em que atinge indivíduos em interações e também por seu fenômeno transgeracional (RICOEUR 2007). Estamos então tratando das memórias coletivas desses grupos de folias. Esse tipo de memória Ricoeur fala

“que se considera a memória coletiva como uma coletânea dos rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos, e que se lhes reconhece o poder de encenar essas lembranças comuns por ocasião de festas, ritos, celebrações públicas.” (2007 p. 129)

Maurice Halbwachs nos esclarece “Não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo, mesmo por metáfora. Parece que tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou a um cérebro individual” (1968 p. 53). Dito isto, para situarmos nosso ponto de referência e o objeto que elegemos para esse trabalho, que são os grupos de folias de Itaguari, e nesse aspecto introduzido suas memórias coletivas, a qual fez alusão citando o sociólogo. Pretende com esta explanação deixar claro que “haveria então memórias individuais, e, se o quisermos, memórias coletivas.” (HALBWACHS 1968 p. 53), complementando essa concepção volvemos a Ricoeur o qual nos diz “Agrada-nos dizer que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (2007 p. 133). Existindo essa faculdade, tomá-la-emos para buscar melhor compreender, analisar, e inventariar as folias de Itaguari. Uma elucidação se faz necessária, para não incorrer no risco de generalizar uma forma ou outra das memórias, pois as, memórias individuais procuram sua sustentação nas memórias coletivas, e por seu lado as memórias coletivas envolvem as pessoas, mas permanecem distintas (HALBWACHS 1968). Ao escolher as memórias como fonte para obtermos as informações necessárias, o método utilizado serão as entrevistas.

E no que se refere ao passado, é por meio da memória que tomamos consciência do processar contínuo do tempo em nossas vidas. Lowenthal lembra: Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado (LOWENTHAL, 1998, p. 75 apud DELGADO, 2006, p.59). Delgado (2006, p. 59) define: “A memória é a retenção do passado atualizado pelo presente”. Delgado destaca que existem muitas definições sobre memória, busca na filosofia outro conceito: “A memória é

uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUI, 1995 p. 125, apud: DELGADO, 2006, p. 59). Cita ainda a definição feita por Ferreira: “a “memória” é construção do passado pautado por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2000, p. 111, apud DELGADO, 2006, p. 39). Paul Ricoeur, trilha na mesma linha dizendo:

“A memória, sugere Sócrates, no seu encontro com as sensações e com as reflexões (*pathemata*) que esse encontro provoca, parece-me então, se é que posso dizê-lo, escrever (*graphén*) discursos em nossas almas e, quando uma reflexão (*pathemata*) inscreve coisas verdadeiras, o resultado em nós são uma opinião verdadeira e discurso verdadeiros.”(2007 p. 33)

É sobre esses discursos que estão nas almas dos devotos que se encontram essas informações, lembranças dos anos anteriores da folia, desse passado que se recordam, e estes auxiliam na manutenção dessa celebração que se atualiza a cada ano. Essas memórias contêm o resíduo temporal do transcorrer dos anos, ficando guardadas em *locus* na mente dos foliões e devotos, como “rastros escritos num suporte material, impressão-afecção “na alma”, impressão corporal, cerebral, cortical.” (RICOEUR 2007 p. 34), para ainda ilustrar essa sentença, traz-se a definição de Júlio Pimentel Pinto: “A memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado” (PINTO, 1998, p. 307, apud DELGADO, 2006, p.39).

Em Ricoeur, a memória é um mecanismo que possibilita, a nós, diferenciar o passado do presente no ato da recordação (RICOEUR 2007), continuando na sua prolação, ele indica o tempo como um suporte com o qual a memória se relaciona inerentemente. Para este “a memória corporal é povoada de lembranças afetadas por diferentes graus de distanciamento temporal: a própria extensão do lapso de tempo decorrido pode ser percebida, sentida, na forma de saudade, da nostalgia” (2007 p. 34) voltando-se o olhar para as folias de Reis de Itaguari, é possível encontrar esses sentimentos, de nostalgia e de saudade do tempo de outrora. Ao lado do tempo os lugares também são evocados como referenciais por na análise de Paul Ricoeur em que “Assim, as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares” (RICOEUR 2007 p. 57).

Tem-se alternado os termos memória e lembrança, para Ricoeur há uma pequena diferenciação: “Neste sentido, seria preciso distinguir, na linguagem, a memória como visada e a lembrança como coisa visada” (RICOEUR 2007 p. 41), parece correto afirmar que a memória comporta lembranças, ou seja, ela é constituída de várias lembranças de algo, ele

afirma que o objeto da memória é a lembrança. Parecer-se-ia que as teorias de Ricoeur fossem das mais adequadas ao estudo das memórias coletivas contidas nas folias de Itaguari.

Mas ainda cabe uma elucidação ao pensamento deste autor a respeito da memória, que ele considera em seu aspecto cognitivo como um exercício mental uma evocação (RICOEUR 2007), essa constatação vem livrar-se dos aspectos românticos que poderiam ser ligados a essa faculdade.

Fundamentado nas teorias sobre esse assunto, consideremos as folias como grupos constituídos de indivíduos que tem suas memórias e, ao mesmo tempo, compartilham outras memórias. E estas últimas são de extrema importância para o grupo e sua sobrevivência, os saberes ficam retidos nessa memória compartilhada e o grupo procura tomar conhecimento dela para continuar sua existência, por isso sua função é muito importante, pois, os atos de recordação são uma realização necessária, ocorrendo conforme a carência ou o hábito dos grupos e servem para a preservação daquilo elegido por eles (RICOEUR 2007). Nas folias de Reis de Itaguari percebe-se um arcabouço de memórias em torno delas, são lembranças de um passado esplendido, saudoso compartilhado. Essa memória carregada de saudosismo tende a resistir às transformações por que vem passando essas manifestações. Na sua maioria as folias têm tido muitas mudanças e foram se adaptando a vida hodierna, e do tempo memorável restam muitas lembranças, que nota-se não querer sua extinção.

As folias são um evento que insiste em preservar/relembrar as memória e cultura local como afirma Gonçalves (2008). Esse aspecto parece ser verificado nas festas da cultura popular de uma maneira quase que geral. As memórias dentro das folias são o suporte para o resguardo dos saberes inerentes a esse ofício. Portanto, aqui se fala da função da memória, Ricoeur, insiste:

“Muitos profissionais - médicos, juristas, cientistas, engenheiros, docentes, etc – recorrem, durante sua vida, a uma copiosa memorização de habilidades apoiados em repertórios, lista de itens, protocolos, mantidos disponíveis para uma atualização” (2007 p. 75).

Neste ponto temos o uso prático da memória no cotidiano, que serve muito bem dentro da folia, podendo-se referir a cantoria realizada pelos foliões e tendo no embaixador sua centralidade, acerca da função dele, ressalta-se “Ele tira a Folia, tem que saber cantar de cor e deve ser um tipo de repentista” (MOREYRA, 1983, p.150), na mesma perspectiva o autor, quando fala deste folião, afirma “Os conhecimentos bíblicos são de extrema importância ao embaixador. Se ele não os conhecer, não terá condições plenas de exercer sua função

na reprodução do ritual.” (2009 p. 80) desta feita arremata-se que o embaixador memoriza muitas informações necessárias a execução da cantoria, assim também os foliões têm guardados em suas memórias, saberes necessários a execução de suas funções na folia, encargo que como Ricoeur (2007) defende exige muito treinamento da memória numa contínua repetição obstinada para que se obtenha uma boa execução, e mesmo o palhaço que tem uma função de fazer gracejos para diversão dos presentes, em ocasiões que é requisitado para fazer adoração ao Presépio, incorporando-se ao ritual, traz consigo na memória os versos que compõe tal saudação (Dutra 2009). Inaugurou-se aqui outra faceta da memória na folia tão importante quanto a dimensão social, pois, esta vem garantir que o ritual da folia exista ou mesmo não se transforme tanto ao ponto de perder suas características, correspondendo a essas afirmações temos “Pela memorização, são inculcadas, na base de “notas de memória”, todos os saberes, habilidades, saber-crer, saber-viver...” (RICOEUR 2007 p.78)

Sem dúvida nenhuma se pode afirmar que as folias de Itaguari, assim como outras manifestações culturais, chegaram à atualidade pelos esforços memoriais que as mantêm vivas. Ou seja, a memória tem a eficácia e a importância para os seres humanos “A memória ativa é um recurso importante para a transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades.” (DELGADO, 2006, p. 17). Diante do exposto acima, a memória não pode ser vista somente como uma forma de recordar, e nem se reduz a isso. Ela contém muitas potencialidades: A memória contém incomensuráveis potencialidades, destacando-se o fato de trazer consigo a forte marca dos elementos e mitos fundadores, além dos elos que conformam as identidades e as relações de poder. São as recordações – em suas dimensões mais profundas – que conformam as heranças e acumulam tradições, experiências e detritos. (DELGADO, 2006, p. 39).

As folias proporcionam um momento para a evocação das memórias, suscitando laços de pertencimento e, ao mesmo tempo realizam a transmissão dos conhecimentos e demais sentimentos vinculados a elas. A ideia de Nora (1993 p.13) vai neste sentido “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações...” nessa análise Nora (1993) quer tornar evidente que a memória, como uma reação a perda, à extinção de algo, por isso, essa época é tão prodigiosa em preservar e institucionalizar os mecanismos dela.

Quando se refere às tradições da cultura popular, ao folclore, a memória é o abrigo depositário das informações e experiências acumuladas coletiva ou individualmente, isto posto, “toda sociedade tem o encargo da transmissão, através das gerações, daquilo que considera suas conquistas culturais.” (RICOEUR 2007 p. 75) As questões patrimoniais envol-

vem principalmente referências às memórias em algum aspecto. Insistindo “As pessoas de cada grupo social compartilham histórias e memórias coletivas, visões de mundo e modos de organização social próprios.” (IPHAN 2012 p. 07), as manifestações culturais como as folias não fogem dessa situação, ali há o compartilhamento de informações que ficam retidos na memória, pode-se dizer que há, principalmente nesse caso que aqui se aborda, uma ligação muito grande entre memória e cultura, comprovando-se em “A cultura e a memória são elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, ou seja, reconheçam que têm e partilham vários traços em comum.” (IPHAN 2012 p. 08).

Essas apurações que se faz induzem ao pensamento de que os bens culturais adquirem esse status, quando atingem um lugar nas memórias dos grupos, e, portanto, são impregnados de significados e outros sentidos vindo a obterem a alcunha de patrimônio. A memória é aqui um dispositivo para essa conjectura, uma vez que, a cultura como expressão das características de um povo, realiza-se num processo de transmissão de valores e sentidos vão se recriando constantemente (IPHAN 2012), o que vem ser denominado de patrimônio cultural é o conjunto de saberes, práticas, expressões que remetem à história e à memória de seu povo (IPHAN 2012).

As memórias elucidam o pertencimento do indivíduo àqueles “tempos bons”, essa relação traz certa honraria como a um soldado que participara de uma batalha e salvou vidas. Este sentimento tem – se tornando constante nos últimos anos, talvez porque estes têm demonstrado cada vez mais as mudanças ocorridas. Há também a perda de foliões mais experientes, o que vem provocando a preocupação com as transformações sofridas. A memória tem se tornado como que um alarme para essas situações. A memória é valorizada e reconhecida como elemento importante para a sociedade, e para o próprio indivíduo desde muito tempo: “Na antiga Grécia, a memória tinha uma função considerada prioritária: conferir imortalidade ao ser o substrato para basilares essa folia como bem imaterial está preservado na memória coletiva dessa folia, esse tipo de memória é aquela que fornece uma estrutura definindo o que é comum ao grupo, fundamentando o sentimento de pertencimento a ele” (POL-LAK, 1989 p. 03), contudo não se deve pensar na memória como uma coisa do passado, porque “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente;” (NORA, 1993 p.09), a pesquisa sobre memória é muito importante, pois “no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida” (POLLAK, 1989 p. 14), ou seja, está relacionada diretamente à vida pessoal ou grupal do indivíduo, o que se vê claramente na prática devocional que ocorre na folia.

Ao explorarmos as memórias, se torna possível estabelecer conexões com a identidade, pois, essas memórias podem ser mobilizadas para reivindicar relações identitárias (RICOEUR 2007). Como insistem os autores, a memória é um elemento que faz parte de nossa identidade, agindo como um fator de auto reconhecimento (DELGADO, 2006). Sendo, portanto, um processo interligado, e muito presente nas tradições populares, conforme descreve “a memória coletiva é uma das bases de identidade e que se pode traduzir em consciência histórica da própria cultura...” (GONÇALVES, 2008), verificou-se este raciocínio aqui em Paul Ricoeur neste trecho “ênfaze a formação do vínculo social no âmbito das relações de interação e a formação das identidades edificadas sobre essa base” (2007 p. 140), essa base referida é a memória, o autor discute a relação de identidade aportada nas memórias. Um dos efeitos da memória culmina na permeação da identidade dos foliões e os demais envolvidos na folia. Isso fica esclarecido nas palavras de Pollak que diz “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo (1989 p. 10). Para Delgado (2006, p. 38): “A memória é base construtora de identidade e solidificadora de consciências individuais e coletivas. Por isso se torna importante fazer uma pesquisa utilizando como fonte a memória das pessoas mais velhas que participaram das folias. A memória “constitui-se como uma fonte informativa para a história” (DELGADO, 2006, p. 51).

O uso da memória como fonte para trabalhos desse modelo é muito interessante e, ao mesmo tempo útil por que: “O trabalho da memória é especialmente frutífero para o reconhecimento desses laços identificadores, já que contribui para a internalização de significados e experiências” (DELGADO, 2006, p.47). Acredita-se que ao recorrer à memória dessas pessoas que estiveram presentes na formação das folias pesquisadas, contribuiu-se para que fique registrada a história delas que se cruza com a história individual delas. Reconhecendo a pequenez dessa empreitada, reafirma-se a intenção, deste trabalho, porque sabemos que o objeto pesquisado oferece muitas possibilidades para se explorar em outras pesquisas.

1.5 As identificações e o folião

Como se viu linhas atrás, as folias não abrangem apenas no que toca ao religioso, mas, vão atingindo outros campos da vida das pessoas que delas participam. Para além das memórias outro atributo é produzido, ou mais propriamente é ressignificado, que é a identidade, que vem entremeado as relações de memória.

Ao cantar versos sobre a viagem dos Reis Magos para Belém na visita ao Menino Jesus, as folias avivam sentimentos de fé, e acessam uma forma de identidade cultural

e recuperam a memória dos envolvidos, contribuindo para a preservação dessas tradições. E desse aspecto identitário que se faz menção, pois, quem participa das folias tem uma identificação própria ou mesmo o devoto assume certos traços de fiel ao se identificar com aquela manifestação seus símbolos e signos. A pessoa que toca um instrumento ou canta no grupo das folias, logo recebe a denominação de folião, isto o identifica entre os demais, e o insere entre os demais que fazem outras funções dentro do ritual das folias. O que se vê então é um processo onde há uma relação de identidades entre os membros do grupo, eles compartilham certos atributos por fazerem sua função. As demais pessoas os veem como tais. Esse aspecto importante pode ser observado nas folias, para Gonçalves “é comum que se assuma como um dado que os patrimônios materiais e imateriais expressam ou representam a “identidade” de grupos ou segmento sociais”. (2008, p. 213). Essa afirmação vem fundamentar as hipóteses levantadas, de que há sentimentos de identificações que são assumidas pelos sujeitos envolvidos nos processos das folias, processos que tem ligação com a memória, concordando com a seguinte sentença de Ricoeur que diz “ênfatiso a formação do vínculo social no âmbito das relações de interação das relações de interação e formação das identificadas sobre essa base.” (2007 p.140).

A identidade, conceito emprestado do campo sociológico e antropológico, analisado, aqui compreendido por meio das teorias de Stuart Hall. Identidade não é um elemento biológico como um todo, mas sim uma caracterização histórica do indivíduo. Stuart Hall define “as identidades devem ser consideradas como algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (2005, p.38) As identidades surgem quando indivíduos se reconhecem como tendo partilhado algo em comum ou partilhado por outros indivíduos, sejam características (físicas, morais, intelectuais, etc.), sentimentos, saberes, ofícios e etc.

O ser humano é multifacetado e conseqüentemente pode compartilhar de várias vivências, onde interagindo com outros indivíduos, vai assimilando a sua personalidade moldando-a, indo de encontro a análise seguinte: “assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2005 p. 39). Não obstante, acrescentar-se-á que a identidade se desenvolve numa relação auto referencial, e reflexiva nas palavras de Paul Ricoeur (2007).

Ao discutir identidade se considera imperativo nesse aspecto as diferenças existentes, porém, esse princípio de diferenciação pode ser alterado, naquilo que foi anunciado no parágrafo anterior, pois “Num nível ainda formal, pode-se observar que a identidade permanece uma relação, de comparação que tem como contraponto a diversidade, a diferen-

ça;” (RICOEUR 2007 p. 116) aqui se trata da dimensão em que os sujeitos sociais compartilham de características culturais comuns, sem perder suas identidades pessoais.

Sendo um dos conceitos centrais da pesquisa, a identidade, tem sido afetada pelas transformações da modernidade, como ele diz: “Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX”. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações com indivíduos sociais.

Essa discussão volve à reflexão mais ligada à filosofia, abrindo a brecha para pensar-se qual é o sentido, e mesmo o significado da pós-modernidade, e por consequência da modernidade como sua antecessora e criadora. A modernidade como sendo uma ruptura com processos mais dogmáticos e artesanais da sociedade trouxe a novas relações. A modernidade não funda certezas, “E aqui desponta outra questão universalmente moderna: afinal para onde será que estamos indo? (BERMAN 1986 p. 50), a insegurança é paradoxal neste contexto, [...] enquanto presenteia com o desenvolvimento, tira de cena outras faces das sociedades. As tradições foram colocadas a prova, relações tecnicistas suplantam e tornam-se comuns entre as pessoas. No que se refere às tradições das folias, o modernismo acarretou muitas mudanças, porém, ao admitir-se que a pós-modernidade já se avista no limiar do alvorecer, não a descentralização que esta provoca, mas o hibridismo que suscitou na formação das identidades tem contribuído para a preservação da tradição das folias enquanto grupo que possui fortes ligações identitárias, no sentido cultural e religioso.

Antes de discutir o pós-modernismo e suas implicações sobre os processos identitários como fora enunciado, como sendo uma das vertentes tomadas nesse trabalho torna-se necessário entender o modernismo que como se quer o antecedeu ao menos no tocante as identidades, pois, não se afirma que as sociedades atuais já vivenciam o pós-modernismo. Essa questão não está na proposição deste projeto, o que se busca é entender os conceitos de modernismo e pós-moderno para situar a discussão de identidade e como este tem sua ligação com aqueles conceitos dentro das sociedades.

O modernismo tem fortes ecos nessa sociedade, constata-se que o pós-modernismo também a assola. Tendo o modernismo sido uma transformação em toda a vida das pessoas, contudo, em Berman temos uma afirmação incômoda sobre o modernismo, para ele “Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição” (1986 p.12). Essa afirmação é muito semelhante ao que dizem sobre o pós-modernismo discutido por Stuart Hall. A máxima de Karl Marx “Tudo que é sólido se desmancha no ar” é o resumo do ponto de vista sobre a modernidade no qual Berman proclama

“Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (1986 p. 14)

Mas, o modernismo não representa apenas aspectos negativos, é sabido que o desenvolvimento experimentado a partir da Revolução Industrial trouxe aspectos positivos, pois, a vida moderna trouxe grandes fontes de entusiasmo: como descobertas científicas, a industrialização, avanços nos conhecimentos em diversas áreas e a estruturação dos Estados Nacionais (BERMAN 1986), tanto que, o desenvolvimento tecnológico uma das marcas mais notáveis do modernismo não foi restrito as nações mais ricas, ou seja, dentre muitas características desse tempo é o rompimento das barreiras geográficas “Na última geração, apesar do declínio econômico dos anos 70, o processo de desenvolvimento espalhou-se, quase sempre em ritmo frenético, pelos mais remotos, isolados e atrasados setores das sociedades mais avançadas.” (BERMAN 1986 p. 76).

Marshal Berman faz sua análise do modernismo tendo como fio condutor um personagem de Goethe: Fausto. “Homens e mulheres modernos, em busca de autoconhecimento, podem perfeitamente encontrar um ponto de partida em Goethe, que nos deu com o *Fausto* nossa primeira tragédia do desenvolvimento. (BERMAN 1986 p. 83). A história desse personagem e a evolução do enredo são usados para aludir ao modernismo. A medida que os fatos vão ocorrendo Berman enxerga as características da sociedade moderna, lançando mão metaforicamente do romance de Goethe. Na verdade, essa história é uma crítica a modernidade (BERMAN 1986). e “Vimos como o *Fausto* de Goethe, universalmente reconhecido como expressão primária do moderno espírito inquiridor, atinge sua realização — mas também sua trágica derrocada — na transformação da moderna vida material.” (BERMAN 1986 p. 86). Uma distinção é feita, mas somente na esfera léxica, o filósofo para dar ênfase aos ditames modernos, separa os campos de atuação humana em materiais e intelectuais, entendendo por materiais a economia e a política, e intelectuais as artes a cultura, sem, contudo, desconectarem permanentemente, consequentemente sua afirmação é:

“O pensamento atual sobre a modernidade se divide em dois compartimentos distintos, hermeticamente lacrados um em relação ao outro: “modernização” em economia e política, “modernismo” em arte, cultura e sensibilidade.” (BERMAN 1986 p. 86)

No cerne da análise de Marshal Berman (1986) está o marxismo, impelindo-o a olhar mais detidamente para os aspectos da economia e da política, porém, no mesmo texto ele afirma não ser possível dissociar a cultura, a arte da economia ou da política, até adverte que outros estudiosos fazem tal separação, atestando desta forma “Esse dualismo, generalizado na cultura contemporânea, dificulta nossa apreensão de um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno.” (BERMAN 1986 p. 128). A tese de Berman é que a modernidade atinge todos os setores da vida humana e assim sendo, as tradições, as relações de identidade são atingidas pelos efeitos dessas transformações.

A identidade está moldada nas relações de espaço, tempo e nas representações simbólicas das sociedades (HALL 2005), por isso, abordamos o modernismo que também influenciou as identidades provocando alterações nelas. Para discutir identidade na perspectiva de Hall, temos que adentrar a discussão do tempo moderno ou pós-moderno, usando a análise de Berman, pois, as identidades se vinculam ao tempo e as suas implicações ou podemos dizer elas sofrem a interferência do transcorrer e da transformação ao longo do tempo.

O questionamento vem à tona como as folias resistem a essa derrocada provocada pelas crises próprias desses “ismos”? Em que estão fundadas para diferentemente manterem sua integridade ritual e simbólica? Esse questionamento encontra justificado através da sentença “... encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade” (BERMAN 1986 p. 16). As folias têm forte ligação com as raízes, que lhe fornecem o sentido de existir, elas ressignificam, presentificam essas raízes. Berman (1986) faz referência Octavio Paz, que lamenta que o modernismo do século XIX, se desligou do passado, vivendo um contínuo presente desligado de suas origens.

As folias, constituídas de sujeitos sociais em espaço e tempo definido, são atingidos de alguma forma por esses ecos, explora-se então entender como tem se dado essas formações identitárias ao longo do devir. Para Berman a modernidade irrompeu avanços, apesar disso provocou outros desequilíbrios,

“Essa atmosfera — de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto-expansão e auto-desordem, fantasmas na rua e na alma — é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna.” (1986 p.17)

Ao que indica os principais pontos em que a modernidade acarretou distúrbios fora nas relações sociais, tomando a seguinte análise “o modernismo tem sido um sedu-

tor”, que induz homens e mulheres contemporâneos (e até crianças) a desertar de suas posições e deveres morais, políticos e econômicos.” (BERMAN 1986 p. 118), ou ainda parafraseando outro filósofo:

“Todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar (...) as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos.” (MARX s/d apud BERMAN 1986 p. 19)

E como indicam os estudos às identidades se formam no seio da sociedade em grupos. É notório o pessimismo de Berman em relação ao modernismo,

“Portanto, não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal — quase podíamos dizer: sem ser.” (1986 p.26)

O que em muitos teóricos atribuem ao modernismo e sua forte convergência com o capitalismo e o que ele provocou nos homens, as expectativas que fez surgir em relação a outras volições humanas que não o acúmulo de dividendos, “O povo se auto-realiza no seu conforto; encontra sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas.” (BERMAN 1986 p. 27). O modernismo nesse aspecto é visto como interminável que vem a romper as distâncias e aumentando as comunicações (BERMAN 1986)

Pós-modernismo é a conceituação de Stuart Hall, cujas características são a efemeridade, a fluidez das relações é a era da globalização total, do auge máximo das comunicações e principalmente da instalação definitiva do consumismo (HALL 2005) todas essas peculiaridades como vetores nas sociedades, leva o sociólogo a denominar esse momento de “modernidade tardia”. Sobre essas bases teóricas se fundam as discussões mais recentes sobre as identidades e no qual se encontram as noções de hibridismo cultural. Portanto, para discutir com mais propriedade esse conceito que também é moderno e pós-moderno fora necessário este aporte ao estudo do modernismo.

A ambiguidade desses momentos é sua marca principal, nitidamente exemplificada na suma “A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades.” (BERMAN 1986 p.20) e percebe-se que os conceitos, moderno e pós-moderno são mais pertinentes à perspectiva adotada que de fato as características que eles tenham. O exercício para

compreender o moderno ou pós-moderno passa por um esforço filosófico, para assim entender o homem suas idiossincrasias e a sociedade que o envolve.

Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais abalando a ideia que temos de nós próprios com sujeitos integrados. Como no caso investigado, o processo identitário na relação nas folias, como afirma Hall, a identidade pode mudar de acordo com o contexto, alteram – se continuamente. A globalização impõe seus reflexos à identidade, onde as fronteiras são dissolvidas às continuidades rompidas, o resultado disso é uma tensão entre o global e local, nesse caso específico a tradição local frente aos ditames globais. O cerne dessa fase da sociedade contemporânea são as culturas híbridas que se constituem de uma diversidade de identidades como defende Hall. Nesse estudo tomamos essa concepção para analisar os eventos que estão ocorrendo entre as folias.

Uma questão incomoda, após a leitura de Stuart Hall, levando em consideração a análise que este autor faz da descentração das identidades, como podemos analisar e tomar as relações identitárias presentificadas pelas folias. Em que aspecto a folia possibilita a ressignificação da identidade? Poderíamos concluir que o aspecto religioso é o que torna forte a identificação entre devoto e a folia? O que se observa é que mesmo vivendo na era digital e cuja principal característica é a efemeridade desse ritual é sustentado ano a ano, buscado na memória e celebrado reproduzido.

Hall defende a tese que a identidade na pós-modernidade é algo fluídica, efêmera e fragmentada, nota-se nos discursos intra folia um sentimento de ressignificação das identidades entrelaçadas a memória da tradição envolta aos Santos Reis. Tem se observado haver por parte dos membros das folias a produção de sentimento identitário pleiteado auspiciosamente na afirmação da grandiosidade de suas festas e na fartura de alimentação, onde os itaguarinos gabam – se desse patrimônio, mesmo sem conhecer esses conceitos. Por isso concorda-se que as folias é lócus fértil para o compartilhamento das identidades (SILVA, 2013, p.01) no mesmo raciocínio “as folias (re)elaboram identidades, incluem pessoas ignoradas pela sociedade...” (GONÇALVES, 2008)

É muito comum nas conversas prosaicas do dia-a-dia, membros dessas folias se referirem “eu sou da folia tal”, ao fazer isso se percebe que este indivíduo se auto reconhece como integrante do grupo, fazendo assim uma identificação. As identidades surgem quando indivíduos se reconhecem como tendo partilhado algo em comum ou partilhado por outros indivíduos, sejam características (físicas, morais, intelectuais, etc.), sentimentos, saberes, ofícios etc. Em outras palavras “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações são por meio do apelo aos antecedentes históricos” (SILVA, 2000, p.11

apud SILVA, 2012, p.85) Remetendo-nos ao caso em questão percebemos que essa identificação entre os agentes da folia se dá na prática e execução dos ritos (SILVA, 2012, p.86).

A produção de sentidos e significados entre o grupo é algo que se compartilha entre os indivíduos e está sempre em transformação, tem-se visto que as identidades também estão sempre se alterando, mesmo nessa variação constante a identidade traz esses sentidos e significados e concluindo, “Assim, durante sua vida, as pessoas constroem suas identidades ao se relacionarem umas com as outras em diferentes contextos e situações.” (IPHAN 2012 p. 07), é fato que as pessoas têm algo em comum às outras pessoas, não desconsiderando seu a unicidade individual, um dos pontos que elas têm em comum que mais destaca é do universo da cultura “Nesse sentido, pode-se falar da identidade cultural de um grupo social.” (IPHAN 2012 p. 08).

Juntamente as construções dessas identidades estão imbricadas os sentimentos de valoração desses aspectos da cultura que se manifesta no seu jeito de ser. Quando um grupo considera algo do seu universo como tendo valor simbólico, aí está seu patrimônio, isto foi bem-ensinado na cartilha do Patrimônio Imaterial elaborada dentro do IPHAN, no qual temos “considera-se patrimônio aquele que é reconhecido pelo grupo social como referência de sua cultura, de sua história, algo que está presente na memória das pessoas do lugar e que faz parte do seu cotidiano.” (IPHAN 2012 p. 15 e 16). Essa é a relação do patrimônio com as identidades, em que perspectivas das identidades se tornam um bem cultural relevante por sua significação que vai delineando modos, comportamentos e crenças desses sujeitos. Todos reconhecem que a cultura é um vetor que age sobre os indivíduos como nos lembra Stuart Hall (1997 p. 23 e 24) “... a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa com um ator social” nesse trecho pode-se encaixar vários sujeitos da sociedade, principalmente o folião e o devoto, os quais têm sua subjetividade relacionada aos arquétipos daquela manifestação.

1.6 Lastros da cultura e as folias

No cenário que se toma como objeto para esta pesquisa cultura e patrimônio complementam-se, pois, as duas concepções concernem à mesma manifestação, dado que as folias são uma expressão da cultura dessa população e devido sua valoração torna-se patrimônio destes indivíduos. As folias condensam atributos religiosos e folclóricos que são percebidos nas praxes dos foliões e devotos. Nesta linha de raciocínio a junção daqueles conceitos forma um termo que é: patrimônio cultural, sendo “O patrimônio cultural de um povo é for-

mado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo” (IPHAN 2012 p.12). As folias de Itaguari atingem essas dimensões referidas na citação anterior, sendo elemento constitutivo da história de várias pessoas, compondo os saberes acumulados e constituindo suas identidades.

O conceito de cultura tem galgado muito espaço na vida contemporânea, Hall advoga que a cultura tem se tornado referência central nos processos globais de transformação e também vem penetrando na vida cotidiana formando identidades e subjetividades. Para ele, a cultura está na estrutura das atividades humanas, das instituições da sociedade. Cultura é um termo polissêmico abrangendo muitas conotações, esse alcance conceitual se por um lado é positivo, por outro exige a devida delimitação para assim evitar uma visão genérica sem profundidade. Em seu sentido mais ampliado, cultura pode ser entendida como tudo aquilo que caracteriza uma população humana (SANTOS 2007), dentro deste ponto de vista afirma-se que a palavra cultura não tem univocidade de significados (FALCON 2002). Partindo de uma conceituação mais geral cultura está ligada as manifestações artísticas, a formação, a erudição, ao refinamento pessoal como fora empregado pelos antigos romanos (SANTOS 2007), ou ainda, “a cultura é constituída de sistemas de símbolos que articulam significados” (ARANTES 2007 p. 35). Contudo, por ser uma palavra que se aplica a muitos sentidos dentro desses parâmetros, sempre se faz necessário definir mais detidamente sobre qual dos vieses da cultura está se referindo. Então para evidenciar costuma-se admitir dois aspectos para cultura “A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente, as ideias e crenças de um povo.” (SANTOS 2007 p. 23) é uma distinção sem minuciosidades. Entende então, que quando se fala de cultura brasileira, que remete a vastidão cultural do Brasil, adota-se a primeira das definições, e ao mencionar o carnaval carioca esta sendo aludida a segunda das concepções. Fazendo-se uma conexão pertinente ao caso aplicado nessa pesquisa, nota-se que na Constituição Federal de 1988 ao estabelecer a legislação a respeito da cultura, o texto vai de encontro com essa vertente.

Em resumo:

“cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológica. Ao contrário é um produto coletivo da vida humana.” (SANTOS 2007 p. 45).

A conceituação acima é concisa sendo suficiente para essa discussão. Aprofundando-se nesse estudo sobre cultura poderá ser percebida a existência de subdivisões den-

tro do campo. Esta seção a ser mencionada é a que melhor qualifica os objetos desse estudo: as folias de Reis de Itaguari, que podem ser identificadas como sendo da cultura popular, conforme comentou apresentando com alternatividade “ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, e seu idioma.” (SANTOS 2007 p. 22), mas não é simples a definição desse segmento, requerendo mais esquadramento deste termo, e para tanto encontramos:

“... a “cultura popular” surge como uma “outra” cultura que, por contraste ao saber culto dominante, apresenta-se como “totalidade” embora sendo, na verdade, construída através da justaposição de elementos residuais e fragmentários considerados resistentes a um processo “natural” de deterioração” (ARANTES 2007 p. 18)

Cultura popular pode parecer nos como dotada de resistência a dominação de classe (ARANTES 2007), mas dimensão não é absoluta, pois, do outro espectro se vê a cultura popular “como suporte de uma idealização romântica da tradição” (ARANTES 2007 p.08), ao analisarmos as folias fica evidenciado que elas, como manifestação tradicional de origem rural se enquadram nessa vertente.

Os conceitos culturais abarcam uma série de elementos e características, e por vezes se subdividindo, como é o caso da formulação referente à cultura popular, a qual as folias de Reis se integram. O que se denomina como cultura popular é descrito como as formas de realização, celebração e pensamento das massas populares da sociedade em Burke (2005 p.43) encontramos essa explicação: "O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregada para descrever seus equivalentes populares-música folclórica, medicina popular e assim por diante.”.

É algo muito importante, a cultura de um povo ou parafraseando Hall “a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna” (1997 p. 17) nelas estão fundidos traços da identidade, da religiosidade dos saberes dessa população, isso se confirma nas palavras “É notável a importância dos valores para as nações modernas. A busca de manutenção ou reencontro da identidade cultural, neste mundo de rápidas alterações, é traço fundamental para os povos, ...” (SOUZA FILHO, 1991 p. 153). No entanto, este patrimônio cultural não está a salvo para a posteridade como afirma “... não há dúvida de que estes bens estão em perigo e com eles a própria essência das culturas representadas.” (SOUZA FILHO, 1991 p. 153).

Sabe-se que o patrimônio cultural é um elemento inerente aos humanos e ao seu desenvolvimento pleno, em nossa legislação é um direito cidadão que deve ser garantido.

Como diz a C. F. de 1988, Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

1.7 As folias, dimensão patrimonial

O patrimônio tem sido debatido desde muito tempo, os indivíduos têm referências subjetivas que propõe conservar, daí vem sua tutela sobre algo que passa então a ser algo valioso, esse sentimento é compartilhado por vários indivíduos numa sociedade, aí está o patrimônio. Por patrimônio define – se como o

“conjunto de bens moveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja de interesse público, por sua vinculação a fatos históricos memoráveis ou por apresentarem excepcional valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico.” (IPHAN, 2004 p. 02).

Sendo reinterpretado de uma forma subjetivista “Assim, patrimônio passa a se firmar conceitualmente como o conjunto de bens materiais e imateriais, acumulados durante o tempo ou produzidos na atualidade, os quais os homens valorizam...” (SOARES, 2009 p. 25). Examinando mais os conceitos neste limiar, entendamos o que seja patrimônio cultural, indispensável para nossa tarefa, entendido como “conjunto de bens, práticas sociais, criações, materiais ou imateriais de determinada nação e que por sua peculiar condição de estabelecer diálogos temporais e espaciais relacionadas a aquela cultura” (SOARES, 2009 p. 93). A noção de patrimônio imaterial surge dentro das reivindicações orientadas pela UNESCO (PELEGRINI, 2009 p. 21) a qual propunha “o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial como práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, com os respectivos instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes eram associados” (PELEGRINI, 2009 p. 22), portanto, as Folias de Reis como um ritual, um saber fazer, podem ser classificadas como bens imateriais do município de Itaguari.

O patrimônio imaterial aqui são as folias e os processos nelas existentes, como considerado na perspectiva de Cury: Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos reconhecem como partes integrantes de seu patrimônio cultural (CURY, 2004. apud CAMPOS 2009).

Nos últimos anos tomamos conhecimento de várias folias que foram declaradas patrimônio cultural. No município carioca de São João Marcos como relata a antropóloga Maria Amália Oliveira (2014) à folia Os Três Reis Magos do Oriente foi elemento de aglutinação e resistência da identidade dos macossenses, sendo um elemento fundamental na construção e reafirmação desta. (OLIVEIRA, 2014, p.135). Em Minas Gerais aconteceu reconhecimento como patrimônio cultural do Estado às folias de Reis espalhadas pelo seu território, informação noticiada pelo portal EM.

A questão do patrimônio, ainda é bastante restrita aos círculos acadêmicos a sociedade civil tem uma noção muito opaca dessa dimensão. Contudo, a partir dos anos 80, essa realidade vem se transformando como informa Márcia Chuva:

“Foi também nesse contexto que a perspectiva ampliada de patrimônio cultural marcou um lugar vitorioso com a Constituição Federal de 1988. Tendo acompanhado o processo de ampliação do campo do patrimônio que se deu em todo o mundo ocidental, o texto constitucional consolidou uma noção ampla e plural da identidade brasileira, trazendo para cena jurídico – política a noção de bens culturais de natureza imaterial.” (2012, p. 161)

Esta autora nos interpela a pensar um novo paradigma como ela mesma intitula, no qual seria superada a dicotomia, patrimônio material do imaterial, sendo eles faces de uma mesma realidade cultural, onde os sujeitos atribuem os sentidos ao bem, coexistindo referências de suas identidades (2012 p. 163). A noção integradora de cultura e patrimônio de Márcia Chuva fundamenta à perspectiva teórica qual se buscou para responder as indagações levantadas acerca do contexto vivenciado pelas folias.

Sendo uma herança cultural dos antepassados as folias de Itaguari são patrimônio do município a qual “A ideia de patrimônio vem da propriedade herdada da formação de coleções. Na sociedade contemporânea, ele tem a função de representar simbolicamente a identidade e a memória de um grupo ou nação” (UMBELINO, 2014, p. 03).

Aqui o objetivo foi de fazer um recuo histórico buscando as origens dessa grande tradição envolvida na devoção aos Magos do Oriente. Demonstrando como isso se fixou nas memórias coletivas passando a compor a não somente os aparatos religiosos, mas atingindo os da cultura popular e por último adquirindo status de patrimônio cultural por sua impregnação nas identidades.

2 DESCRIÇÃO DO BEM CULTURAL: FOLIAS DE ITAGUARI

A segunda parte desse trabalho esforça-se em descrever o bem cultural seus elementos constitutivos, sua organização ritual e social, suas influências sobre a comunidade local perpassando pelos aspectos devocional, tradicional e a penetração no social. Ao mesmo tempo, traz dados e depoimentos que exemplificam cada assunto abordado.

Neste trecho nos apoiamos nos conhecimentos já existentes sobre as folias de Itaguari, nas entrevistas, no trabalho de campo, encontrados em obras já publicadas e em outros trabalhos acadêmicos, estas informações subsidiarão este trabalho e a elaboração do inventário cultural proposto para o terceiro capítulo deste, e demais proposições aventadas. O objetivo deste item é fazer uma descrição analítica das folias de Itaguari com o foco nelas e a partir do levantamento de campo e pesquisa em acervos imagéticos, sonoros e audiovisuais, mas, referenciando na literatura já escrita.

Delineado o objetivo, a escolha dos entrevistados partiu de pressupostos que atenderiam os questionamentos propostos. Os entrevistados têm ligação com as folias de Itaguari, cada qual em seu lugar de atuação atendendo o escopo das várias funções no universo representativo das folias em sua realização. Foram escolhidos participantes de cada uma das três folias que trouxeram suas experiências e conhecimentos de dentro da folia.

A folia é uma gama de celebrações que se sucedem dentro uma ordem ritual, que culmina na festa. Partindo dessa ideia este item primeiramente foi estruturado em momentos que levam a compreensão do que sejam as folias, descrevendo seus momentos rituais e celebrativos para depois abordar sua constituição estrutural, especificando os sujeitos e as relações estabelecidas dentro do íterim das folias.

Para ser uma folia alguns elementos não podem faltar, sob o risco de não ser reconhecida como tal. Esses elementos se articulam dinamicamente e intrinsecamente, e sustentam a ideia que se forma sobre folia. A devoção aos Santos Reis instaura a motivação para a constituição de uma folia. Em seguida vem à cantoria que é executada mediante certa composição rítmica e a versificação própria ao tema e ainda agregado a estes dois tem a tradição ao longo do tempo, que sedimenta a devoção e a forma da cantoria específica de uma folia.

2.1 Como é uma folia

As folias são uma grande celebração festiva que envolve rituais em sua reprodução perdurando por dias até seu ápice na festa. Os rituais se sucedem imperceptivelmente na sua grande maioria. As folias envolvem uma série de ações e movimentos, e a cantoria é a principal e a que ocupa maior parte, contêm ações de caminhar, orar e cantar e ainda genuflexões (ato de apoiar o joelho esquerdo no solo mantendo a direita dobrada). Isso tudo conjugado a momentos específicos, que se diferenciam uns dos outros, a saber: a saída da folia, os giros, os pousos e a festa, que também tem as denominações de chegada ou recolhida.

2.1.1 A saída

A saída é um momento solene, o ato de levantar a bandeira significa também a continuidade da tradição daquele grupo, ou seja, que aquela folia continua persistindo em atividade. Para a saída é preparado um grande almoço aos foliões (BRANDÃO 2004). A Folia Goiana saiu do Presépio montado na Praça Central pela prefeitura, A Folia Mineira comumente saía da casa do ex-festeiro e a Folia do Brejo Grande já sai da casa do festeiro atual, aquele que realizará a festa daquele ano. Com a aproximação da Igreja Católica, ultimamente ocorre missas nesses momentos (Figura 1) retratando Missa na saída da Folia do Brejo Grande na residência de João Ribeiro dos Santos na região rural Brejo Grande Itaguari, entre os anos 2013 e 2019.



Figura 1 - Missa na Folia do Brejo Grande
Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino. (entre 2013 - 2019)

A cantoria para sair com a folia é mais específica, ali pedem-se bênçãos aos Santos para aquela edição da folia englobando o giro e a realização das festas. Nessa ocasião é

muito comum que a bandeira seja estendida à altura dos ombros de uma pessoa. E os foliões e demais devotos transpassem de um lado para outro dela deixando-a cair sobre si, em sinal de uma benção a todos que vão participar do giro, na Figura 2, se vê foliões beijando a bandeira para sair girando, por volta dos anos 2015 a 2017.



Figura 2 - Foliões beijam a bandeira

Fonte: acervo desconhecido (2015 - 2017)

Em algumas folias pelo Brasil afora, há o costume de alguns integrantes da folia, embaixador ou festeiro, fazerem um discurso votivo de benesses para a folia daquele ano. Esses momentos podem variar de uma para outra ou mesmo nem acontecer. Mas um rito que é indispensável é o beijo com a genuflexão, conforme descrito acima, esse gesto é uma afirmação do compromisso assumido com a folia e então está iniciada a folia como diz: “Depois de haver sido beijada por inúmeros presentes, a bandeira dos Três Reis Santos é reincorporada ao grupo e, com ela à frente, a folia começa a se afastar da casa do pouso da saída. Deste momento em diante ela estará em jornada ou no giro até o dia 06 de janeiro” (BRANDÃO 2004 p.364).

2.1.2 Giro

O giro consiste em caminhar de uma casa a outra até chegar no pouso e assim sucessivamente até chegar onde será realizada a festa, mas isso não é só caminhar, há um sentido de reproduzir simbolicamente a viagem dos Reis do Oriente à Belém onde Jesus Cristo nasceu, andar de uma casa na outra envolve atitudes que não são somente a locomoção motora em deslocamento, exige-se respeito a certas regras, e para os foliões, ainda adquire um sentido de peregrinação e missão quando assumiram a função dentro da folia. Assim dito por Pessoa (2007 p.201) “Como o giro é uma personificação da viagem dos Reis Magos,” torna-

se muito comum nos versos das folias indistintamente, que estão de viagem, aqui transcritas da folia,

“os Três Reis lá vai simbora
e daqui tá despedino(coro)
viajando prá Belém
procurano o Deus Menino(coro)”²

Assim “No entendimento dos foliões de reis, significa que a folia deve seguir aquela orientação” (VIGILATO 2012 p.216).

Como fundamento místico religioso do giro encontramos a seguinte confirmação a respeito do giro “Expressa muito bem o que é a viagem a Belém, feita pelos Reis Magos e atualizada pela maioria das formas de reisados, particularmente pela Folia de Reis e pelo terno de Reis.” (PESSOA 2007 p.193) tal qual se tem visto no trabalho etnográfico, os foliões de Itaguari afirmam que estão reproduzindo semelhantemente a viagem dos Três Magos, como dizem “ela é uma representação daquilo que aconteceu a dois e vinte dois anos atrás”(informação verbal)³ recorrendo novamente ao autor ante citado, lemos: “Ali se dá plenamente o motivo da viagem, que é lembrar e repetir o gesto dos Magos, saudando o Recém-Nascido. A viagem de casa em casa é densamente carregada da espiritualidade iniciada pelos Magos do Oriente, que todos os cantadores de Reis se põem à tarefa de atualizar a cada ano.” (PESSOA 2007 p. 193)

O giro é essencial para a folia, a folia não realizaria somente a festa da chegada, ela cumpre a missão de visitar os moradores dentro do perímetro determinado para somente depois realizar a festa. Dentro do giro “[...] a folia cumpre a obrigação de passar de casa em casa, pedindo esmolas em nome de Santos Reis.” (BRANDÃO 2004 p.364). Juntamente a essa obrigação também é o momento de muitos votos serem pagos, como fora dito anteriormente na parte que se abordou a figura do promesseiro.

Dentro do giro muitos cuidados devem ser tomados para preservar o bom andamento da folia, em resumo existem regras a serem seguidas nesse quesito, o que Jadir Pessoa (1993) denominou as “evitações do giro”, a principal delas de não cruzar a bandeira, ou não retornar pelo mesmo caminho, tem como fundamento que os Magos foram orientados a tomarem outro caminho e não voltarem a Jerusalém onde o Rei Herodes os esperavam para ser informado do lugar onde Jesus teria nascido (VIGILATO 2012). Quando a folia descumpre essa regra há castigos, como os citados adiante “Nossos antigos foliões diziam que a puni-

² Transcrição de verso da Folia Mineira em seu giro cantado pelo embaixador Sebastião dos Reis Camilo (*in memoriam*); acervo do autor.

³ ARAÚJO, Leandro Siqueira. 24 anos, agricultor. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra em 29 de novembro de 2022, Itaguari-GO.

ção é sempre a morte de algum folião ou parente de folião, no mesmo ano em que esse descuido acontecer” (PESSOA 2018 p.25). Outra regra observada é o impedimento de transpor os instrumentos e a bandeira entre os arames das cercas “... não se pode passar os instrumentos por baixo dos fios de arame das cercas,” (PESSOA 1993 p. 133) essa regra ainda muito usual nas folias de Itaguari, só veio a ser explicada pelo mesmo pesquisador anos mais tarde, como ele afirmou, nas folias há uma espiritualidade do grupo que é alimentado pelas orações e fé de cada componente, gerando uma energia que imanta os instrumentos e a bandeira, que sendo passado entre os fios de arame eles desmagnetizam (PESSOA 2018), tanto nas observações de campo quanto nas entrevistas se verificou o cumprimento dessa regra.

E por último, ainda se destaca que durante os giros a alegria e simbolismo da devoção aos Magos é demonstrada em gestos concretos pelos moradores devotos que recebem a companhia em suas casas, preparando deliciosos lanches aos foliões, essa atitude assume a dimensão do agradecimento pela benção trazida pela visita dos Santos. Oferecer quitandas é um costume ancestral relacionado a muitas tradições, principalmente na França conforme explicitado por Pessoa (2005). Por outro lado, tem o aspecto da retribuição das graças recebidas com a passagem da bandeira nas suas residências numa espécie de compromisso entre os devotos e as divindades estampadas na bandeira, essa relação foi densamente descrita por Brandão (2004) ao estudar a Folia de Reis de Mossâmedes-GO, e, em outras obras suas também. Essa se torna uma parte muito apreciada por todos (Figura 3), assim se observou na casa de Moacir Bento da Rocha que ofereceu lanche a Folia Mineira.



Figura 3 - Lanche oferecido a Folia Mineira.
Fonte: autor desconhecido (2010 - 2015)

2.1.3 meia-lua

Como todos os atos e na folia obedecem à formalidade e cuidadosamente, quando chegam ao pouso e à festa da chegada, as folias de Itaguari, principalmente a Mineira e a Goiana realizam uma pequena dança ou movimento que eles denominam de meia-lua. A meia-lua consiste em um pequeno movimento ritmado que se aproxima do arco enquanto é tocado um ritmo. São formadas duas filas de cada lado da bandeira que está com alferes, as filas são compostas pelos foliões e pessoas que estão acompanhando a folia. Essas filas vão até o arco onde está o dono da casa e volta até onde está bandeira, e retornando as proximidades do arco desloca o alferes com a bandeira para mais perto do arco, e assim repete até que a bandeira chegue ao arco, este momento foi assim descrito:

“... ao chegarem a uma residência onde houver alguma recepção especial, a algumas dezenas de metros distantes da casa, os foliões se organizam em duas alas. A esquerda, encabeçada pelo mestre, a da direita, pelo contramestre. Na frente, vai o alferes, carregando a bandeira-guia. Saracoteando por ali, com liberdade, está(ão) o(s) palhaço(s). a chegada pode ser feita de maneira especial, cantando ou apenas tocando uma melodia diferente do canto tradicional, uma marchinha, por exemplo.” (VIGILATO 2012 p.247).

Quando a bandeira está diante do arco prosseguem com a folia, esta pequena encenação ocorre nas chegadas aos pousos e também no dia da festa. Sendo uma parte marginal ao ritual, esta serve para atrair a atenção dos visitantes para a folia, servindo como um alerta de que o ritual irá iniciar nesses momentos os palhaços dão “vivas” e mantendo um contato com as pessoas, e, principalmente os pouseiros e os festeiros na Figura 4 a Folia Mineira realiza a meia lua na festa dia 06/01/1998 na residência de Jovino Rodrigues Paz.



Figura 4 - Folia Mineira fazendo meia-lua.
Fonte: DIAS, Jacob Vicente (1998)

2.1.4 Os pousos

O fundamento para a existência do pouso reside na história da viagem que os Magos do Oriente fizeram até chegar a Belém onde havia nascido o Messias. Cada pouso é o representativo dessa jornada e a festa, o local onde se realizará a recolhida, então representa Belém, portanto, é o ápice dos festejos da folia daquele ano.

O agendamento dos pousos também é necessário ser feito meses antes do período de início das folias para que este seja também devidamente preparado, pois, também envolve muitos afazeres. A folia ao sair girando tem que ter o percurso definido. Pode-se constatar essa organização prévia ao vermos os cartazes e outras mídias que divulgam a festa e os locais dos pousos, exemplificado com o cartaz na Figura 5.

“Antigamente, dar pouso à Folia tinha um sentido literal de, de fato, proporcionar acomodações para todos os foliões dormirem” (PESSOA 2007 p. 204), isso não ocorre atualmente nas folias de Itaguari, mas há aqueles foliões que ainda se lembram dessa época. Nessa época o pouso tinha a função de oferecer um descanso para os foliões que estavam cumprindo seu giro, e não existiam grandes festas como hoje se têm na atualidade o pouso adquire outra dimensão além da ritualística, tornando-se também uma festa antecipada (PESSOA 2007), sem prejuízo do sentido religioso,

“Os pousos dos foliões são o momento do descanso após um dia de caminhada, ou noite, se for o caso. Para eles, é mais um dia de obrigação cumprida, é um momento muito solene para o qual todos se empenham bastante, é a ocasião para a qual se reservam os melhores versos da cantoria.” (DUTRA 2009 p. 59)

Na maioria das folias da região os pousos são uma verdadeira festa “Na maioria das folias, o pouso é um dos eventos mais importantes (Vigilato 2000). Muito frequentado pelos moradores das redondezas e até de lugares mais distantes” (PESSOA 2007 p.204), esta situação tem sido verificada nas últimas edições da Folia Mineira, Folia Goiana e Folia do Brejo Grande, imputa-se o grande aumento de participação a divulgação empreendida pela organização das folias, via cartazes, e mais recentemente nas redes sociais.

A comida é um elemento que atrai as pessoas também, é uma grande quantidade de alimentos servidos, contudo, bem menor em relação à festa, mas não sem menos importância, pois, isso fora constatado em relação à Folia Mineira de Itaguari:

“..., para todos, os pousos são o momento mais importante por ser hora de “encher a barriga”, pois como já referido anteriormente, no mundo camponês a fartura é uma dádiva muito presente nas mesas, não faltam alimentos, por isso é garantido encher o prato e ficar saciado.” (DUTRA 2009 p.59)

Essa característica é vista nas outras folias de Itaguari. A preparação de um pouso é menor que a da festa, mas tem quase os mesmos elementos da festa: comida, os enfeites da barraca, arcos, bandeirolas e os bailes animados com forró, às vezes catiras e apresentações artísticas. Nos últimos anos essa tem sido a característica dos pousos e como analisado por Dutra (2009) toda essa grandiosidade é sustentada pela partilha e colaboração num espírito de solidariedade que se faz sentir nas folias, na Figura 6, vê-se faixa com acolhida, no segundo pouso dia 01/01/2007 realizado pela família Brito, na cidade de Itaguari na avenida Joaquim Alves.



Figura 6 - Faixa de acolhimento no 2º pouso.

Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (2007)

Os pousos são um momento de encontros, de lazer e contato social nos quais a população goza de momentos de partilha e diversão. Tendo se tornado um momento muito apreciado nas folias atraindo pessoas de outras cidades. Nesses momentos as pessoas indistintamente da classe ou idade convivem num mesmo ambiente e evento.

2.1.5 Festa

Entre todas as festas de cunho popular as festas aos Santos são as que mais se destacam pela sua constituição, envolvendo elementos sacros e, ao mesmo tempo profanos, e despertando os mais diversos sentimentos:

“As festas em memória aos santos possuem uma particularidade própria, tendo colada à sua origem um sentimento de emoção que mora na sua essência, que está presente no seu sentido, ou seja, nessas festas as pessoas frequentemente são movidas pelo sentimento de emoção” (VIEIRA 2021 p.112).

Na cultura popular florescem essas festas, as quais predominam a coletividade e a laços de solidariedade. Durante as festas juntamente as alegrias exteriorizam outros sentimentos, visto que, “A festividade é, pois, um período de tempo reservado para a expressão plena do sentimento. Consiste dum irreduzível elemento de prodigalidade, dum viver in-

tensamente.” (COX 1974 p.28). No caso das festas de folias de Reis há ainda a alimentação como um elemento destacado, existe um esforço grandioso a sua preparação, desde a angariação de fundos e donativos necessários para sua feitura.

O ponto mais importante da folia é sem dúvida a festa, a que muitos chamam de recolhida, entrega da folia ou chegada “A entrega é um verdadeiro momento de síntese de toda jornada” (BRANDÃO 2004 p. 371). É nesse dia que ocorre a passagem das coroas, do festeiro atual para o próximo (BRANDÃO 2004). A festa é a representação da chegada em Belém, do encontro com o Menino Jesus, e então, a conclusão da peregrinação assim como transcrito nesses versos abaixo:

“ai os Três Reis evem chegano ai aií
ai completando essa jornada ai aií(coro)
ai oh festeiro e festeira ai aií
ai com sua porta enfeitada ai aií(coro)”⁵

Sem adentrar na discussão teológica, mas observando os pontos ligados diretamente as folias. É de conhecimento que a Igreja Católica tem em seu calendário litúrgico uma festa especial para celebrar a manifestação de Jesus, a qual se denomina “Epifania do Senhor” Esse dia é celebrado pelos católicos no dia 06 de janeiro, daí “Na mesma data em que a liturgia da Igreja celebra a Epifania do Senhor [...] a religiosidade popular festeja o mesmo evento com o nome de Festa de Reis” (VIGILATO 2012 p.218). Aqui em Itaguari essas festas são realizadas invariavelmente no dia seis de janeiro independente do dia da semana, como nos informa ocorrer também nas folias de Jaraguá-GO (CANESIN e SILVA 1983 p.77) “No dia seis de janeiro os foliões terminam o giro da folia. Nesta segundo suas crenças, os Santos Reis encontram, depois de uma longa caminhada, a manjedoura onde estava o Menino Jesus”. Outras folias realizam a festa em outros dias, mantendo o sentido simbólico-religioso. A casa onde está se realizando a festa representa a Belém:

“Aií os Três Reis do Oriente ai ai
Andando dia e dia ai ai (coro)
Vem saudar os dois festeiros ai ai
Carregados de alegria ai ai (coro)
aii os Três Reis em vem chegando ai ai
Nesse bençoado dia ai ai (coro)
É chegada de Belém ai ai
Com os Três Reis da nossa guia ai aii(coro)”⁶

⁵ Transcrição de versos da chegada da Folia Mineira embaixada por Leandro, em 06 de janeiro de 2022 na residência de Altair Divino da Silva região rural da Cachoeira e Pastinho município de Itaguari – GO; acervo do autor.

⁶ Transcrição de versos da Folia Mineira na chegada da festa dia 06 de janeiro de 2009, embaixada por Sebastião dos Reis Camilo (*in memoriam*) na chácara de Sebastião Rodrigues dos Santos Itaguari-GO; acervo do autor.

Uma curiosidade que revela muito sobre a profundidade dessa devoção aos Magos do Oriente está no seguinte fato de que a celebração da Epifania é anterior a do Natal, (VIGILATO 2012) os primeiros Cristãos celebravam o nascimento de Cristo no dia seis de janeiro, dando-se mudança “então, a partir de mais ou menos 440 as comunidades cristãs de Roma mudaram a data do Natal (que era seis de janeiro), para 25 de dezembro.” (VIGILATO 2012 p. 221). Esse fato histórico nos interpela a refletir que nas primeiras eras cristãs os Três Magos eram de alguma forma, já reverenciados.

O ambiente festivo dessas festas populares, que englobam as folias também, mescla momentos religiosos e não religiosos. Entre os momentos não religiosos estão os bailes com forró e catiras e a comilança, e por outro lado os momentos religiosos são as orações a veneração aos santos, realizada com cantorias e outros gestos, “O que deve ser ressaltado é a maneira como a festa [...], o sagrado e o profano, tão aparentemente separados, são, na verdade, continuamente misturados um ao outro,” (BRANDÃO 2010 p. 23), compreendendo essa condição, vemos que a festa da folia, faz essa mistura, com momentos religiosos recheados de veneração, e, ao mesmo tempo, promove uma grande descontração com comilanças, bebedeiras e danças. E tudo isso ocorre num mesmo espaço conforme analisa Vieira (2021) não há uma distinção para o espaço para realização da festa.

Nas folias de Reis de Itaguari, um componente é importantíssimo: a comida, “[...], não existe festa sem comida” (PESSOA 2005 p. 35) nessa análise encontramos a explicação para o caso das folias de Reis de Itaguari, no qual se observa, um investimento grandioso. Já se disse muito sobre a grandiosidade das festas de Reis ocorridas neste município, ao lado do grande número de pessoas e da festa com bailes animados a alimentação é a parte mais destacada pela sua quantidade, o autor assim comenta “Tanto na folia Mineira quanto nas outras duas do município de Itaguari, e acredita-se ser regra geral em todas a fartura de comida é o símbolo da festa.” (2009 p.62)

As folias de Reis concentram esses elementos e características, nas festas aos Três Reis o início é sempre pela devoção, que deve ser realizado primeiramente, com as cantorias e rezas do terço, só após tem-se a alimentação, que sofre uma ação de benção antes de ser consumida e a partir de então a festa segue com os bailes.

Festas fazem parte da cultura humana desde a gênese desta raça, entender os momentos festivos, enriquece a compreensão da humanidade, na compreensão de Carlos R. Brandão (2010) as festas configuram-se em rituais que se opõe a realidade social que irrompem em uma quebra da rotina, mas vezes, vem ao encontro trazendo novos significados as formas estabelecidas pela sociedade, na mesma linha de raciocínio sobre as festas, encontra-

mos o seguinte “ora ela é suporte para a criatividade de uma comunidade, ora afirma a perenidade das instituições de poder.” (DEL PRIORI 2000 p. 09). As folias de Itaguari dão campo a imaginação das pessoas, sobretudo em sua dimensão religiosa entre os seus devotos, e insiste em tornar perene a tradição, por isso, temos nessas festas as duas dimensões da festa. E como insistido “A festividade, com seus ingredientes essenciais – excesso, celebração e justaposição – é ela mesma um ingrediente essencial a vida humana.” (COX 1974 p. 30). Para este teólogo a festa é momento que os homens anseiam “O homem é festivo e imaginoso por natureza.” (COX 1974 p. 17). Na entrevista com Dom Eugênio Rixen, fica frisado a constatação da dimensão mais social das festas em Itaguari, segundo seu depoimento:

“Então participei, rezei, conheci de perto, pude observar a fé do povo, e também o fato que esse evento é ... o final o dia da grande festa reúne muita gente [...] ah... realmente isso do ponto de vista sociológico também muito importante porque reúne as comunidades.” (informação verbal)⁷.

Não se deve esquecer, como frisou o autor (2009) que essas festas só são possíveis pela cooperação da comunidade que se dispõe a fazer as comidas, mas também a doar os ingredientes para prepara-los, e ainda doam serviços, o que leva a afirmar que as folias são as festas da solidariedade e partilha isto já afirmado mais de uma vez. O despendimento para os preparativos de alimentação e da estrutura toda é grandioso, exigindo uma logística muito precisa. Cabe ressaltar que as pessoas colaboram voluntariamente.

2.1.6 Terços

Na Folia Mineira um ritual é indispensável a prática da folia, rezar o terço onde há presépios, mesmo que seja uma fração, nas casas de pouso e na festa é regra, as outras também o realizam.

“os Três Reis do Oriente tá mandando eu te chamá
pra ir na casa do festeiro o terço ajudá rezá”⁸

A Folia Goiana reza o terço na saída e a Folia do Brejo Grande faz esta oração às 12:00hs sob a responsabilidade das mulheres (CABRAL 2020). Os terços também são

⁷ RIXEN, Eugéne Adrian Lambert. (Dom Eugênio), 79 anos, bispo católico emérito da Diocese de Goiás-GO, entrevista a Magno Florentino Dutra, em 23 de dezembro de 2022 Itaberaí-GO.

⁸ Transcrição de cantoria da Folia Mineira embaixada por Sebastião de Oliveira Castro (*in memoriam*) início da década de 2000; acervo do autor.

um ritual católico que as folias incorporam ao seu, e assim reforça sua crença e pertencimento a esta denominação religiosa, embora que muitas folias se desenrolam sem qualquer assistência religiosa de suas paróquias. “O terço é rezado diante do altar, e parte dos devotos fica de joelho por detrás do rezador e de seu acompanhante, ambos foliões” (BRANDÃO 2004 p.354), pode-se observar a Folia Mineira rezando o terço na residência de Renival Peixoto na região rural do Sapezinho, década 1990 (Figura 7).



Figura 7 - Terço na Folia Mineira.

Fonte: Antônio vulgo Tonhe Bicô (década 1990).

Estas orações se popularizaram dentro do escopo da religiosidade popular dos camponeses que não são assistidos pelas autoridades religiosas (BRANDÃO 1985), como em Itaguari a origem das folias se deu antes da fundação do município, conseqüentemente não havia serviços religiosos regulares, daí a reza do terço estar presente nas folias de Reis e também nas festas juninas e de padroeiros.

Os elementos e momentos que foram anteriormente descritos enquadram as folias como tais, considerando alguma variação de uma para outra e, ao mesmo tempo partindo deles pode-se analisar as folias.

2.2 Cantoria

A cantoria não é só um repente ou música folclórica, os versos entoados devem ter sentido e significados relacionados ao contexto, ou seja, ele deve referir aos acontecimentos da Visitação dos Magos ao Menino Jesus, mas não só essa narração, a cantoria deve dar conta de apresentar o objetivo da folia, pedindo ofertas, pouso, alimentação e também convidar para a festa do dia 06 de janeiro, e ainda propiciar que um devoto liquide sua promessa. Portanto, é pela cantoria que é direcionado a execução do ritual da folia, na sucessão de cada parte que compõe essa grande celebração. Mesmo aparentando ser simples, a música de uma folia diz muito sobre si, dando informações sobre origem, sobre seus membros e até mesmo quanto a sua situação naquele momento. A cantoria de uma folia pode variar muito de uma região para outra, ter melodias distintas, porém, há certa linha de orientação que costumou-se chamar de sistema de cantar. Em Itaguari há dois: o goiano e o mineiro, mas, há outros também como o paulista, o baiano.

O ritual de uma folia de Reis é quase todo executado por meio da cantoria, ou ainda conforme analisou o autor (2009) o canto/verso são o veículo para a condução do ritual, assim como em outras celebrações, é exigido uma performance para sua realização logo fora afirmado “Os foliões não cantam para si próprios. A todo momento eles contracenam com os moradores e os promesseiros presentes...” (BRANDÃO 1981 p. 38). “As músicas cantadas por estas vozes são denominadas Cantorias, e as há para cada fase do ritual” (MOREIRA 1983 p. 154) analogamente e para complementarmente “<<cantoria>> conduz, passo a passo, as ações das pessoas, definindo quem são o que estão fazendo e o que está acontecendo, por causa do que se faz” (BRANDÃO 1981 p. 38), durante a incursão nos giros das folias de Itaguari, notou-se a eficácia da cantoria para a realização do ritual, em ocasiões diversas os embaixadores cantam determinando ações dos devotos: pegar a bandeira, levantar, pedir oferta, cumprir votos; e também aos foliões: beijar a bandeira ajoelhar-se para adoração, parar a cantoria, etc. Mas, a melodia continua mesma em cada fase (MOREIRA 1983). Registre-se que embora a Folia Mineira e a Folia Goiana cantem no mesmo sistema, o mineiro, há diferenças de melodias que as distinguem bem, ou seja, nesse caso o “sistema” se refere a organização vocal e não a melodia em si.

Os versos têm partes religiosas baseadas nas Escrituras Sagradas, e partes ritualísticas. As partes religiosas são desta forma:

“As narrativas presentes no cantório têm sua fundamentação em passagens bíblicas ligadas às profecias do Antigo Testamento a respeito da vinda do Messias [...] e do Novo Testamento sobre a aparição do anjo Gabriel para anunciar à Maria sua concepção pelo Espírito Santo [...] o nascimento de Cristo [...] e a viagem dos Magos do Oriente para adorar o Menino Jesus na lapinha, em Belém.” (RIOS 2015 p.31)

Esses textos bíblicos são dos profetas Isaías, Jeremias, etc, dos Evangelhos Mateus e Lucas (VIGILATO 2012), o embaixador deve, portanto, conhecer essas leituras, para quando o momento exigir dele compor os versos certos como relatado na entrevista:

“o imbaixador é uma pessoa, o seguinte, na hora que entra na morada ele tem que pedir a oferta, mas se ele encontrá um presépio, ou igual eu falei umas imagens, ele tem sabe fala o significado da imagem ali, num nascimento do presépio, ele tem fala o nascimento, os 25 versos do nascimento, ele tem que conhecê cume qui começo o nascimento da onde veio origem, o povo de Deus daquela época, conhece da onde veio Maria, quem é o pai de Maria, quem é a mãe de Maria, quem é o pai de José. (informação verbal)⁹

A parte ritualística da cantoria diz sobre a condução do ritual, pois, para cumprir um voto, pedir pouso ou determinar a passagem pelos arcos, usa-se a cantoria “A comunicação do grupo de folia com os donos da casa e com os festeiros se faz por meio da música.” (RIOS 2015 p.28). Para Dutra (2009) as cantorias expressam poder e saber nas foliadas, pois, elas são o veículo do ritual. A cantoria pode ter assuntos diferentes de acordo com os momentos conforme Brandão relacionou:

“Procurei registrar pequenas frações de todos os tipos de cantorias: a) para a Folia pedir almoço ou pouso de janta e dormida; b) para se apresentar e dizer por que veio; c) para pedir ofertas de esmolas; d) para agradecer por serviços de pouso e de ofertas de bens, distribuindo bênçãos em nome de Santos Reis; e) para atualizar o cumprimento de promessas; f) para se despedir de volta à caminhada entre casas; g) para fazer a adoração ao presépio.”(1981 p.39)

As cantorias executadas nas foliadas itaguarinas podem ser detalhadas assim:

- cantoria para levantar a bandeira:

A primeira cantoria da folia quando esta vai iniciar os giros, é denominada de “levantamento

⁹ MOREIRA, José de Souza. Zé Buteco, 73 anos, aposentado. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra, em 04 de janeiro de 2023, Itaguarí- GO.

bandeira”, ou “saída da folia” nessa ocasião os versos vão se referir a missão daquele ano, o objetivo da folia e invoca benção para a sua realização. Nessa primeira cantoria ocorre o beijo a bandeira, com genuflexão, dos foliões e demais envolvidos

- cantoria do arco:

Quando a folia chega ao pouso, sempre tem um arco de enfeitados com flores e feito com folhas grandes de palmeiras ou bacuris. Diante do arco estão os donos da casa, ou, sendo na festa os festeiros, que aguardam a folia do lado de dentro do espaço. Nesse momento são cantados versos de apresentação da folia, de saudação aos convidados do pouso e principalmente aos donos da casa que são reverenciados em diversas estrofes, mas a cantoria não se restringe nisso, o arco deve ser referido na cantoria destacando seus enfeites e lembrando que os preparou.

- cantoria para desatar a corrente:

No arco sempre tem uma corrente feita de papel, constitui uma formalidade a qual a folia necessita da permissão do pouseiro para transpor para o outro espaço, e dada essa permissão a folia continua sua caminhada em direção ao altar. E todas essas ações e movimentos são primeiramente enunciados via versos, em que é solicitado ao dono da casa que desate à corrente dando assim permissão a companhia para entrar para adentrar para o espaço dedicado ao pouso.

- cantoria para transpor a bandeira:

Sucessivamente a retirada da corrente do arco, outra ação é realizada, a troca da bandeira que está com o alferes pelas imagens que estão com os donos da casa. Também mediada pela cantoria essa ação também adquire a simbologia de aceitação da folia no pouso. O embaixador entoia o canto pedindo para que os festeiros peguem a bandeira e deem as imagens ou outros apetrechos que trazem consigo ao alferes.

- cantoria de entrada:

De posse da bandeira e tendo-a saudado são intimados pela folia a seguirem rumo ao altar daquele dia. Essa caminhada tem dimensões variadas de acordo com o espaço ou gostos dos organizadores, esse trajeto, todavia é enfeitado, e ainda pode conter outros arcos até o Presépio. À folia cabe, portanto, cantar sobre todas essas ocorrências, abordando os enfeites o arco a porta de entrada da casa.

- cantoria no presépio:

O Presépio é o local de maior destaque, o principal espaço para a folia. Este local é minuciosamente preparado em local de destaque, e bem enfeitado. Devido à expectativa para esse

momento, a cantoria é destinada aos embaixadores mais experientes, ali devem ser saudados o Presépio com suas decorações. Diante desse altar a folia deve cantar seus principais versos, aqueles que dão o significado simbólico da folia, são as trovas sobre o relato bíblico da Viagem dos Três Reis que saíram do Oriente para encontrarem o Menino Jesus Nascido. Em nenhuma outra ocasião essa história é cantada com os pormenores como, quando a folia está diante do Presépio. Outra circunstância aí é notada, nos pousos essa cantoria deve narrar à história dos Evangelhos, mas, não pode dizer que encontrou o Filho de Deus. A afirmação de que a folia encontrou Jesus Cristo deve ser cantada somente no dia 06 de janeiro.

- cantoria para pedidos (pouso e oferta):

Tendo cantado a “Visitação dos Magos” o embaixador já vai pedindo pouso, e alimentação para o terno de foliões. Nesse momento ainda cantam pedindo desculpas por alguma falha durante a atuação da folia. Os versos inquiram os donos da casa sobre a concessão dos pedidos e indicam uma atitude para a confirmação, que consiste em colocar as bandeiras sobre o Altar. A cantoria só é encerrada com a autorização do pouseiro.

- cantoria de agradecimento (pouso, oferta ou lanche):

A cantoria de agradecimento é executada após algum benefício obtido pela folia podendo ser o pouso, uma oferta ou o lanche. A melodia fica modificada um pouco do seu normal alterando-se o compasso. Os versos para esse momento vão invocar bênçãos e proteção aos benfeitores. Esta cantoria é mais praticada ao fim do pouso, ou quando a folia já está de saída para outra residência estando em seu giro.

- cantoria de entrega de promessa:

As promessas feitas dentro do contexto das folias devem ser “pagas” como dizem, com atos, mas necessitam da cantoria para serem devidamente satisfeitas, a cantoria assume o papel de um veículo entre o devoto e a divindade. A bandeira é o elemento que não poder faltar no pagamento da promessa, ela deve ser empunhada por este devoto. Essa cantoria pode ser feita juntamente as demais, tanto em pousos, nas casas visitadas ou no dia da festa.

- cantoria de passagem da coroa:

Tal cantoria é realizada após a escolha do novo festeiro. Os festeiros atuais hasteiam a bandeira e a companhia diante deles canta agradecendo e lhes rogando bênçãos pelos seus feitos naquela festa, e logo, cantando chamam os próximos festeiros para serem coroados pelos antigos, e pegarem a bandeira, a folia canta versos pedindo proteção para eles realizarem a festa do outro ano.

- bendito de mesa:

O bendito de mesa é um canto de agradecimento à comida oferecida a folia, os foliões e demais pessoas se posicionam ladeando a mesa de comida e cantam antes de se servirem, “pois o bendito é, ao mesmo tempo, uma fórmula ritual de agradecimento e uma oração de pedido de benções para os moradores do pouso e para os auxiliares nas atividades do almoço.” (BRANDÃO 2004 p.356). Tanto quanto, a comida não consiste na satisfação de uma necessidade fisiológica, mas constitui um elemento integrante ao ritual, atravessando a esfera do social em direção ao ritualístico. Não ao acaso é regra a entoação dos benditos de mesa sobre a comida, reforçando assim a centralidade da comida nessas festas.

“Deus vos pague a boa janta
Deus vos pague a boa janta
que vos deu pro folião
é de ser recompensado
é de ser recompensado
dos Três Reis os três irmão”¹⁰

Esse canto é a única forma musical com versos definidos e decorados, por isso, não é necessário que o embaixador componha o que será cantado, na Folia do Brejo Grande há mais de uma forma de bendito, tendo um que se canta com acompanhamento dos instrumentos, enquanto nas Folias Goiana e Mineira há uma única forma e não tocam os instrumentos.

Para encerrar essa parte é muito importante comentar a dimensão mais sensível provocada pela cantoria de uma folia, não à toa que muitas pessoas se emocionam ao ouvir a folia cantar, ao combinar a melodia aos versos espontâneos despertam a emoção nos devotos que muitas vezes não se contêm e choram aqui se trata de visita à casa durante o giro, na qual se vê uma mulher demonstrando sua emoção ao receber a folia em sua casa (Figura 8).

¹⁰ Transcrição do bendito de mesa da Folia do Brejo Grande, sem identificação de data; acervo do autor.



Figura 8 - Mulher chorando.

Fonte: acervo do autor (2015 - 2019)

Em muitos momentos o embaixador se refere as lágrimas ali derramadas em seus versos como temos:

“ai senhora dona da casa ai não precisa de chorá
ai tenha fé nos Três Reis Santo ai eles vai lhe abençoá”¹¹

A emoção despertada pela cantoria de uma folia é algo muito visto nas folias de Itaguari, como no caso relatado anteriormente, existem inúmeros. Uma situação não convencional, que usa da folia para reforçar os laços simbólicos entre as partes, foram as ocasiões em que ocorreu o falecimento de algum folião e para realizar uma cerimônia de despedida o grupo de folia é convocado a estar presente, e, entoar versos referindo-se ao defunto folião. Nestes momentos a comoção é geral levando familiares e amigos ao choro. Situação verificada dentro da Folia Mineira em três ocasiões, na passagem dos foliões Manoel Oliveira Couto, Antônio José do Couto e Francisco Lima. Não raro, essa situação acontece quando a folia canta e alguém que perdeu um ente da família, vem a se emocionar, então essa pessoa é acalentada por versos, conforme se vê:

“ai para os familiar ai ai
ai por favor não chora não ai ai (coro)
ai vô pedi ao Três Reis Mago ai ai
ai pra te dá consolação(coró)”¹²

¹¹ Transcrição de cantoria da Folia Goiana embaixada por Bruno José de Faria sem identificação de data; acervo do autor.

¹² Transcrição de versos da Folia Mineira no velório de Antônio José do Couto em 21/08/2021; acervo de Adão Salvador Alves.

O canto atinge nas folias uma dimensão simbólica e ritualística muito importante, ele conduz as ações e penetra em partes sensíveis dos devotos. É uma das partes apontada no início deste texto como sendo constituinte do que se concebe enquanto folia.

A cantoria de uma folia tem um ritmo muito específico, a sua estrutura musical é muito diferente de outras manifestações musicais. Entre muitas obras dedicadas ao estudo das cantorias das folias de Yara Moreira, se destacam por trazer uma descrição e análise muito ampla, esta pesquisadora afirma que a música é uma base para as folias (MOREIRA 1983), então, a cantoria tende a ser o elemento mais preponderante nas folias, “O núcleo do ritual da Folia é a sua cantoria” (BRANDÃO 1983 p.18). A combinação das vozes com a melodia varia de grupo para grupo, contudo, há denominações que as englobam dentro de um conjunto maior, tendo como exemplo o canto mineiro e o goiano que são os mais conhecidos aqui no município de Itaguari, Yara Moreira (1983 p.174) “Como o ritual de qualquer Folia se apoia nas cantorias e dos foliões são instrumentistas e cantores, a música imediatamente se impõe como tal elemento”. Na folia a cantoria compõe-se de dois momentos, a parte em que o embaixador canta os versos e o outro onde as respostas repetem o verso e entoando as vozes sucessivamente até um intervalo de sexta referindo-se aqui ao sistema mineiro de cantoria, fica assim descrito:

“À embaixada segue-se a resposta que repete um ou dois versos tirados pelo embaixador. A resposta é entoada por três vozes – segunda, primeira e terceira. A seguir, entra a requinta, um segundo conjunto de vozes – quarta, quinta e sexta –, que sustenta de forma prolongada as três notas do acorde de primeiro grau oitavado. (RIOS, 2015 p.95).

Essa parte da música prolongada que o pesquisador citou, é pronuncia da sílaba “ai” prolongado, como um grito ritmado. O sistema goiano é descrito dessa forma: “Consiste em um conjunto de quatro cantores, dois homens e dois meninos. Estes cantam “por cima” das vozes masculinas, ou seja, o canto é realizado por duas vozes dobrados” (MOREIRA 1983 p.174), no município de Itaguari, tem predominado entre as folias o sistema de cantar mineiro em detrimento do goiano, à frente será indicado qual o sistema de cantar de cada grupo aqui existente. Contudo, ainda deve ser considerado que “Todas as Cantorias de uma Folia são acompanhadas por um conjunto instrumental, mas a sua participação não deve ser encarada como um simples acompanhamento, pois, na verdade, há uma dependência total do canto à música instrumental” (MOREIRA 1983 p.180) essa citação confirma a relação intrínseca entre os versos e a melodia reproduzida, portanto, a folia é o resultado dessa

composição musical com versos. Outra descrição sobre a forma musical é muito útil para que se compreenda a folia em toda sua reprodução:

“O embaixador é também aquele que tira a cantoria. Ele canta sozinho e em primeiro lugar os versos que os outros foliões responderão com o complemento de uma estrofe [...] Os cantores que “fazem” a 3ª, e a 4ª, são chamados “contrato” e são também instrumentistas. Da 5ª, à 8ª voz os cantores de Santos Reis são chamados “requinta” [...] Os últimos terminam as estrofes respondidas ao embaixador emitindo, nas suas últimas palavras do verso final, um longo e muito fino grito” (BRANDÃO, 2004 p. 349-350).

A cantoria de uma folia é diferente de outras formas de música como fica explicado acima, a percepção da alteridade do tipo de música foi assim explanada “A organização vocal das folias é curiosa por seu caráter polifônico” (MOREIRA 1983 p.152). A música executada pela folia é chamada entre os foliões, de toada. Mas a cantoria não se resume ao seu aspecto artístico musical ela tem funções praticas, pois,

“Todo o ritual da folia é executado por meio da música, desde o levantamento da bandeira, no dia da saída, até o encerramento da jornada, com a passagem da coroa ao próximo festeiro, passando pelas visitas às casas do giro e pelos momentos de agradecer à mesa de almoço e janta,” (DUTRA 2009 p. 88).

Temos que considerar outro aspecto verificado nas folias que é a improvisação dos versos como dito por Bruno embaixador da Folia Goiana “A embaixação de fulia, o imbaixador tem que sê repentista, o verso é inventado na hora, depois quocê inventa ele na hora e cantá, cê num vai lembra daquele verso que ce cantô...” (informação verbal)¹³, o autor confirma “As ocasiões podem determinar o que deverá ser cantado.” (DUTRA 2009 p. 89).

A disposição espacial dos foliões também é algo que importa para a execução da cantoria como temos visto: “A disposição espacial em meia lua ou triangular permite que os cantores projetem suas vozes para um mesmo ponto, ampliando os harmônicos nas linhas melódicas encaixadas” (RIOS 2015 p. 97) os foliões quase não possuem conhecimentos musicais, admitindo-se poucas exceções entre eles. Os instrumentos usados nas folias costumam ser os mesmos de outras folias: violas, violões, sanfona, cavaquinho, pandeiros e caixas, porém, podem ser incluídos outros conforme a capacidade musical.

¹³ FARIA, Bruno José de. 43 anos, aposentado. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra em 13 de fevereiro de 2023, Itaguari-GO.

Fica ressaltado a eficácia do canto e a mística na estrutura musical e fonética das cantorias, como sendo um dos elementos para a dimensão simbólica e sentimental e também do mito dentro das folias de Reis.

2.3 elementos rituais e decorativos

Sobre o aspecto visual da folia considerando enfeites para os espaços quanto adereços usados pelos foliões ou colocados em seus instrumentos, são notadamente simples, diferentemente das folias do Divino ou das festas juninas, ou mesmo o carnaval, nas quais se abusam de adornos e cores, nas folias exceto o palhaço que se traja diferente dos demais foliões com sua roupa que chamam de farda e com a máscara, as folias não têm uniforme. A excepcionalidade acontece quando alguém lhes doa camisetas, ou bonés.

2.3.1 Bandeira



Figura 9 - Uma das Bandeiras da Folia do Brejo Grande.
Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (s/d)



Figura 10 - Bandeiras da Folia Goiana.
Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço. (s/d)

A bandeira usada pelas três folias de Itaguari consiste num retângulo de tecido o qual é estampado à figura dos Santos Reis seguindo a Estrela Guia, noutras, a adoração dos Magos ao Menino Jesus. Este tecido é hasteado por um cabo, as cores podem variar como também suas dimensões, a Folia Mineira tinha uma bandeira vermelha, depois foi verde e atualmente é vermelha novamente; a Folia do Brejo Grande tem a bandeira na cor azul e são duas (Figura 9), pois, ali existe dois galhos de foliões; as duas bandeiras da Folia Goiana são vermelhas (Figura 10). As bandeiras sempre vão à frente do grupo e devem chegar primeiro. “A bandeira vai à frente, dizem os foliões, “ela é a nossa guia”.” (BRANDÃO 2004 p.385) Elas personificam os Três Reis (BRANDÃO 2004) nos versos cantados se escuta que foram os próprios Reis que chegaram:

“ai os Três e vem chegando ai ai nesta bandeira sagrada ai ai ai (coro)
saldá dono da casa ai ai com sua porta enfeitada ai ai (coro)”¹⁴

Como vemos a bandeira é o principal artefato nas folias, a despeito dos instrumentos, ou outros objetos, ela “Nesta operação ritual, a bandeira de Santos Reis ocupa lugar central e constitui meio privilegiado para a intermediação com a ordem supramundana.” (RIOS, 2015 p.32), não obstante, a relevância dessa peça ritual se faz como se relatou linhas atrás, da saudação que os foliões fazem à bandeira na saída da folia.

Os devotos creditam que a bandeira traz as bênçãos dos Três Reis Magos, e então “Ao receber a bandeira e passa-la pelos cômodos da casa, os devotos almejam receber bênçãos e purificar sua casa, limpando as energias negativas.” (RIOS, 2015 p.33), em campo observando a atitude dos devotos não houve nenhum que não percorresse a casa toda com a

¹⁴ Transcrição de cantoria da Folia Mineira embaixada por Sebastião dos Reis Camilo (*in memoriam*) na década 1990; acervo do autor.

bandeira, comprovando esta afirmação do professor Sebastião Rios. Vigilato (2012) fala de objetos, fotografias fixadas na bandeira como cumprimento de votos, nas folias aqui pesquisadas também se encontrou o mesmo. Na Figura 11 devotos segurando a bandeira deixando a mostra fotografias fixadas nela em razão de algum voto.



Figura 11 - Devotos segurando a bandeira.

Fonte: acervo do autor (s/d)

Uma música conhecida por aqui como “milagre da bandeira” (anexo I), evidencia a reverência prestada à bandeira tendo sido verdade ou lenda, este relato que foi contado através da música, tem referencial na crença dos devotos, provando que a bandeira possui uma dimensão sobrenatural, Igor Cabral (2020) vê na bandeira a materialização da crença nas folias, ele assim explica:

“A bandeira de Réis é um objeto considerado mais apropriado para a evangelização devido a questões simbólicas e práticas. Se as imagens feitas de barro eram frágeis e vulneráveis de acidentes que poderiam danificá-las, as bandeiras eram de mais fácil transporte e causavam admiração naqueles que a viam.” (CABRAL, 2020 p. 44)

Este pesquisador escolheu as folias de Itaguari como objeto para abordar a questão da materialidade nas folias via objetos que são utilizados para atingir a dimensão do sagrado estabelecendo o vínculo com a divindade da qual se espera bênçãos (CABRAL 2020). Ele cita entre esses objetos bandeira, o terço, as indumentárias, a caracterização do palhaço, o altar e o presépio. Detidamente sobre a bandeira afirma “De forma geral todos os foliões apontam a sacralidade deste objeto e o respeito necessário a ter para com ele.” (CABRAL, 2020 p.81). A bandeira também é o canal de contrato com os Três Reis, a ela é dirigida as promessas e por ela esses votos são saldados. A folia não existe sem a bandeira, o início

de cada folia ano após ano se dá com o levantamento da bandeira e a finalização da folia após os giros com a entrega acontece com a alocação da bandeira no presépio da festa da chegada.

A bandeira é colocada em loca de destaque (BRANDÃO 2004), no presépio já preparado especialmente para receber ela, ou sempre a frente de todos. É a bandeira que é dirigida a promessa de um devoto, que se concretizam em segurar a bandeira, fixando algum objeto nela, dinheiro, fotografia ou mesmo estendendo sobre si. Sobre este aspecto ressalta-se:

“É bastante importante notar que nem o embaixador nem outra qualquer pessoa do grupo recebe individualmente alguma demonstração de culto ou de respeito religioso. Embora um devoto sinta que é através da cantoria comandada pelo embaixador que ele recebe “as bênçãos de Santos Reis”, é a bandeira que ele beija e passa sobre a cabeça, e não a mão do embaixador”. (BRANDÃO, 2004 p.385)

Dito isto para esclarecer que embora o embaixador e o festeiro sejam investidos de poderes nas folias eles são coadjuvantes na dimensão de culto e trocas simbólicas, sendo também prestadores desse culto. Em Pessoa (2018) há uma explanação sobre uma situação a ser evitada pelas folias, que seria o encontro de duas folias em um giro, desembocando numa disputa entre as companhias por meio de cantorias até que uma delas saia vitoriosa e tenha o direito de tomar da folia derrotada os instrumentos e a bandeira, isto significaria o fim daquela folia, superstição ou não, conclui-se que a bandeira é a identidade do grupo, nisto revela a centralidade da bandeira para o grupo. O autor arremata dizendo que atualmente isso não é feito, o que predomina é a amistosidade.

Na bandeira estão desenhadas as figuras dos Reis Magos. A tradição nos conta que eram três devido à quantidade de presentes oferecidos ao Filho de Maria, relatado no Evangelho de Mateus, no texto bíblico não encontram seus nomes, porém, a tradição diz que são Melchior, Gaspar e Baltazar assim “Seguimos a codificação proposta por São Beda há mais de 1.300 anos atrás” (PESSOA 2018 p.74). Entre os devotos de Itaguari a crença nos Três Reis é grande atribuindo a eles muitas graças recebidas, verificado por Cabral (2020 p.78) “Na religiosidade popular os santos são agentes fundamentais para a interseção, no contato com o Deus.” Porém, os devotos reconhecem sua intercessão junto a Deus. Os conhecimentos sobre esses personagens são parcos, mas de modo nenhum causou descrédito a sua veneração, pois, como foi posta no item anterior a devoção a eles iniciou-se séculos atrás na Europa antes mesmo da colonização, levando-se em consideração o que nos informa José Vigilato sobre tradição hagiográfica católica referente aos Magos do Oriente, ele diz:

“Os nossos Santos Reis não foram santos canonizados pela Igreja. Não foram inscritos no cânon da Igreja. Não houve processo, juntada de provas, nem decisão de concílio sobre a matéria. Mas pela hagiologia romana, são bem-aventurados, Santos. Santos Reis são santos populares do povo...” (VIGILATO 2012 p.225)

A hermenêutica contribuiu acentuadamente para obtenção de informações sobre os Magos, como a respeito de sua origem sendo o Oriente, conforme o Evangelho de São Mateus 2,1 o local especificamente “Todos os estudos dizem tratar-se de uma região a Leste dos rios Tigre e Eufrates, chamada Pérsia, hoje Iraque e Irã.” (PESSOA 2018 p.21). A respeito de seu título de “magos” pode concluir que eram estudiosos e sábios ou astrólogos (VIGILATO 2012). E estes são as entidades projetadas no estandarte da folia.

2.3.2 Presépio



Figura 12 - Presépio da Folia Goiana.

Fonte: ALVES, Adão Salvador (2023)

O presépio nas folias é uma forma de estante armada enfeitada com folhas da palmeira guariroba ou bacuri onde são colocadas velas e demais estatuas de Santos, ou quadros deles, com rosário e a Bíblia, para ser o local onde repousará a bandeira, como pode ser visto os devotos e foliões diante do presépio na Praça Central para a Folia Goiana no dia 06/01/2023 (Figura 12). É muito comum comporem o presépio com estatuetas dos pastores, animais, Maria, José e o Menino Jesus na manjedoura. Para Cabral (2020) o altar constitui-se num local de adoração que liga a dimensão humana a divina, assumindo mesmo momentaneamente o templo propício ao culto das folias de Reis. Concentrando essa aura sobrenatural, este elemento impõe certos regimes como visto nas folias durante o trabalho de campo, em que o palhaço não se aproxima do altar, e quando chega perto para adorar tem que levantar

sua máscara, isto já relatado anteriormente, mas ajusta-se aqui a explicação para tal regra seguida nas folias de Itaguari “Perante o altar e o presépio, onde estão os Três Reis Santos, Maria, José e o Menino Jesus, mantém a máscara levantada.[...] Fonte de emanção do bem, ele não pode ser conspurcado pelo palhaço que tem um trânsito com o mal...”(RIOS 2015, p.39). No entanto, essa não é o único esclarecimento sobre essa norma, em outras folias, compreende que os palhaços representavam o perseguidor que seguindo os Magos, a mando de Herodes, procuravam encontrar o Menino Jesus, e quando alcançaram a lapinha avistando Jesus, reconheceram a divindade daquela Criança, retiraram seu disfarce jogando suas máscaras fora (PESSOA 2018). Deduz-se com esta última explicação, a base para o ritual de arrependimento de palhaços praticado em algumas folias.

Os presépios podem ser montados nas casas que estão dentro do trajeto do giro, quanto nos pousos, mas o principal é o da festa, que assumem como sendo a lapinha de Belém onde Jesus nasceu (BRANDÃO 2010), e diante deste os foliões cantam e fazem a entrega da folia, destarte recontado “Diante de um presépio armado para festa – uma “lapinha” –, os viajantes da Companhia de Santos Reis completam os cantos e as rezas da “adoração”.” (BRANDÃO 2010 p.42). Na Figura 13 a Folia Goiana cantando diante de um pouso entre os anos 2005 e 2010.



Figura 13 - Folia Goiana cantando diante de um presépio.
Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (2005 - 2010).

Ao encontrarem um presépio numa casa dentro giro as folias itaguarinas, se obrigam cantar as estrofes referentes a Anunciação de Maria, do Nascimento de Jesus, da Viagem e Adoração dos Reis, ou seja, a função da folia ali é maior, esta situação também se verifica nas folias do município de Inhumas-GO, examinadas por Rios (2015).

“já fizero adoração levantô santificado
adoraro o Deus Menino os Três Reis Santo sagrado (coro)
Adoraro o Deus Menino na Lapinha de Belém

com amor e esperança nós adoramos tamém (coro)”¹⁵

A composição de um presépio não obedece a uma regra fixa enviesando pela criatividade popular, contudo, alude aos Evangelhos de Lucas e de Mateus. O costume de armar presépio não se restringe à devoção em torno das folias. A origem dessa tradição remonta ao século XIII, primeiramente em forma teatral, e a partir do ano 1223 com São Francisco de Assis, montando com peças de argila. Daí em diante se popularizou (VIGILATO, 2012 p.245).

2.3.3 Arcos e correntes

Um enfeite que tem outra dimensão a mais que a decorativa são os arcos, estes são feitos, armados nas entradas de uma casa onde ocorrerá o almoço, pouso ou a festa. Nestas estruturas são fixadas as correntes feitas de papel que serão rasgadas para permitir que a folia adentre o recinto (Figura 14), nesta fotografia, os pouseiros Cristiano e Dulceli aguardando a Folia Mineira na região rural Cachoeira, entre os anos 2007 e 2013.



Figura 14 - Correntes penduradas no arco.
Fonte: acervo do autor (2007 - 2013).

ai Deus qui salve o lindo arco ai ai
ai enfeitado de foiage (coro)¹⁶

Os arcos são montados em forma de portais ou mesmo fixados a eles, enfeitados com folhas de guariroba e com laços feitos de papel e flores artificiais, serve como um elemento ritual à folia, onde o dono da casa espera o grupo de foliões, que ali cantam pedindo para lhes autorizarem a entrada e prosseguir.

¹⁵ Transcrição de cantoria da Folia Mineira embaixada por Leandro em 06 de janeiro de 2022, na chegada na casa do Sr. Altair, região rural da Cachoeira e Pastinho Itaguari-GO; acervo do autor.

¹⁶ Idem.

“ai ô Três Reis desceu do ceu ai ai no momento mais sagrada ai ai
 ai pra saldar o lindo arco ai ai tão bonito enfeitado ai ai (coro)
 ai com licença pos Três Reis ai ai a corrente rebentá aiai
 ai pa chegá no outro ai ai tão na porta qui ele tá ai ai (coro)”¹⁷

Não há quantidade fixa para os arcos, e em todos os que tiverem na casa visitada é necessário pedir para desatar as correntes. Simbolicamente estes arcos e correntes evidenciam uma relação de poder e reverência ao dono da casa e uma provação dentro da peregrinação da jornada em que imitam os Magos do Oriente, que fora desta forma notado nas cantorias e também nas observações *in loco*.

2.3.4 Estrela guia

A primeira menção a este fenômeno é encontrada no versículo 2 do capítulo 2 do Evangelho de Mateus: “e perguntaram: "Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo".” No texto a Estrela é relacionada ao Menino, e guiara os Magos desde o Oriente até Belém. As especulações em torno deste sinal prodigioso são muitas “Os astrônomos dizem que o sinal luminoso que guiou os Magos para onde Jesus nasceu foi um cometa; os ufólogos dizem que um disco voador; os espíritas dizem ter sido um espírito de luz. Biblicamente cremos que tenha sido o Espírito Santo” (VIGILATO 2012 p.217). Nas Folia Mineira e também nas outras é indispensável uma réplica do astro na festa de entrega que vai sendo arrastada um arame ou fios de nylon até onde está montado o presépio. De fato, a crença na Estrela de Belém compõe o simbolismo religioso popular apontando o caminho. Temos aqui então o motivo de algumas girarem durante a noite, como é o caso da Folia do Brejo Grande, visto que o astro não é visível durante o dia. Na figura 15 uma Estrela Guia artificial sobre um presépio da Folia Mineira.

¹⁷ Transcrição de cantoria da Folia Mineira embaixada por Sebastião dos Reis Camilo (*in memoriam*), provavelmente na década de 1990; acervo do autor.



Figura 15 - Estrela Guia.

Fonte: acervo do autor (2010 – 2015).

2.3.5 Bandeiras

Nos espaços em que ocorrem as folias, o mais comum que se encontram nas folias são barracas enfeitadas com bandeiras, dependuradas, flores naturais e/ou artificiais nos arcos, no presépio que é predominantemente feito de folhas de bacuri, tem luminárias, flores, velas, estatuas de santos ou quadros, estrelas artificiais e a representação do Nascimento, como se viu numa casa por onde girava a Folia do Brejo Grande (Figura 16).



Figura 16 - Presépio na Folia do Brejo Grande.

Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (2007 -2009)

Na Folia Goiana o se faz também o uso das bandeiras e flores nos arcos e presépios que são adornos delicadamente preparados para a grande ocasião. Isso traz à tona a forte ligação dessa tradição com o universo camponês. Os temas caipiras predominam nas decorações das folias como um todo, com a Folia Mineira não é diferente. Quando ainda se

faziam barracas rústicas com bambu e cobriam com folhas de bacuri, os cachos de cocos do bacuri eram enfeites, juntamente com flores de jasmim, estas eram colocadas nos arcos, hoje, com as tendas o mais comum e fixarem as bandeirolas coloridas, e outros enfeites como flores feitas de papel crepom. Nas últimas edições da festa usou alguns impressos com figuras dos Reis Magos, como se pode ver pendurados no Centro de Cultura de Itaguari (Figura 17).



Figura 17 - Bandeirolas penduradas na Feira Coberta.

Fonte: acervo do autor (04/01/2023)

Na Folia da Lages em Itapuranga-GO, repete também o costume de enfeitar “E nada mais típico de uma Festa de Reis do que inúmeras formas de bandeirolas enfeitando os ranchos. Componente imprescindível também é a decoração do altar onde se dá a reza do terço tradicionalmente feita com flores de papel crepom escovado no corte da tesoura.” (PES-SOA 2007 p. 221).

2.3.6 Adereços

Nos foliões, das três folias de Itaguari foi observado que os usos de adereços variam muito de ano para o outro, dependendo da oferta. Na folia do Brejo Grande usam toalhas penduradas no pescoço caindo sobre o peito, outras vezes um lenço para o pescoço. Vigilato (2012) relata que outras folias podem usar um tipo de enfeite enquanto outra não, este aspecto demonstrando assim uma variação muito ampla, e, não se constitui um elemento expressivo para projeções analíticas.

Os foliões da Folia Goiana trazem consigo quase sempre uma toalha por sobre o dorso, na cor branca, ou lenço vermelho amarrado abaixo do queixo estendido nas costas.

O rosário católico é um adereço religioso muito importante na folia, pois, seu uso é recorrente. Entre os foliões um ou outro, traz o rosário no bolso, é um elemento indispensável na folia, podendo também ser encontrado nos altares. Os rosários também são

muito usados, são trazidos nos bolsos e os pequenos dependurados nos braços das violas e violões, na Figura 18 o registro de um rosário depositado num presépio da Folia Mineira.



Figura 18 - Rosário num presépio.
Fonte: acervo do autor (2005 - 2010).

Na Folia Mineira notam-se mais adereços que nas outras duas. São bonés, toalhas bordadas que os foliões colocam ao redor do pescoço caindo sobre os ombros, broxes, e laços presos as camisas. Esses adereços são oferecidos com o patrocínio de empresários da região ou mesmo do festeiro.

Nos instrumentos indistintamente numa e noutra folia há pequenos laços de fitas de cetim de cores vivas fixadas nas paletas das violas e violões, assim também nos demais instrumentos. Junto às fitas flores artificiais.

Usar estes enfeites nas folias tem configurações supersticiosas e não somente aspectos estéticos. Voltando a bandeira como exemplo, em todas as folias enfeitam-se elas com flores artificiais, fitilhos, festão, flores artificiais. Por ser um apetrecho ritual creditado de forças sobrenatural, são caprichosamente decoradas. Portanto, as bandeiras ficam carregadas de enfeites e outros elementos votivos, a exemplo, as fotos ou notas de dinheiro. Esse prisma, pode ser extraído da seguinte explicação “As flores e as fitas, pela beleza e pelas cores, podem atrair a atenção dessa pessoa e sua possível energia negativa não atingir os foliões” (PESSOA 2018 p. 64 e 65) revelando assim essa outra propriedade dos adornos e as regras que se impõe a eles, como destacado por Cabral (2020 p.83) na sua observação na Folia Mineira “Na observação etnográfica evidenciei que os objetos quando caem não podem ser relocalados.” E o esclarecimento para tal é a suspeita sobre a emanção das energias ali canalizadas, se boas ou ruins, portanto, configurando insegurança a qual a folia não pode incorrer (PESSOA 2018). Este regime se impõe aos enfeites da bandeira, dos instrumentos e mesmo

os usados pelos foliões. Essas decorações muitas vezes passam despercebidas, mas não deveriam como ressalta Pessoa (2007), pois, transforma os ambientes em lugares mais bonitos e amenos.

2.4 Dimensão funcional das folias

Ao considerar estes aspectos das folias não se perde de vista outros sentidos inerentes às folias, conforme D. Eugenio em seu depoimento, as folias têm uma função muito importante na sociedade e deste modo explica sua concepção sobre elas

“eu sempre achei que é uma maneira de evangelizar, agora a gente sabe que as folias de Reis são um fato sociológico também muito interessante, eles vão visitar as casas, muitas casas, chega ter pousos onde recebem comida, principalmente na zona rural, [...] então esta maneira de visitar de se contatar, eu acho que muito, muito importante para o nosso povo, fortalece a vida comunitária, fortalece a união do povo e alimenta profundamente a fé desse povo.” (informação verbal)¹⁸

Por isso, é importante estudar suas estruturas mais básicas e visíveis para assim a conceber como uma manifestação multidimensional.

2.4.1 Funções rituais

Existe nas folias certa organização que as fazem funcionar e cumprir seu itinerário. A folia não existiria somente com os foliões, portanto, os devotos também constituem as folias no aspecto macro. Aqui é importante esclarecer que não um número fixo de foliões para a composição de uma folia (VIGILATO 2012), a quantidade derivará da necessidade e principalmente da disponibilidade. O tipo de cantoria adotado pela folia determina a quantidade de cantores e instrumentistas (Moreira 1983) como se pode deduzir o sistema mineiro compõe-se de dez a doze foliões como a Folia Goiana de Itaguari e a Folia Mineira, e, o sistema goiano de seis a oito, tendo como exemplo, aqui em Itaguari, a Folia do Brejo Grande. Entre os foliões há o embaixador, as repostas, os palhaços, o alferes, o gerente ou coordenador. Os foliões são também instrumentistas e em algumas folias não há palhaços.

¹⁸ RIXEN, Eugène Adrian Lambert. (Dom Eugênio).

2.4.1.1 Embaixadores



Figura 19 - Embaixador e foliões da Folia Mineira.

Fonte: acervo do autor (2007 – 2009).

Hierarquicamente o embaixador exerce o poder dentro da folia, por meio de seus versos o ritual é conduzido, na Figura 19 o embaixador Tiãozinho Camilo à frente do grupo de foliões da Folia Mineira. Não obstante, ele é um indivíduo destacado entre os demais, devido principalmente seus conhecimentos musicais e do arcabouço normativo e ritualístico, em Rios (2015 p.40) o embaixador é assim definido “O embaixador é o responsável por puxar o cantório. Para bem exercer sua missão, deve conjugar habilidades musicais, capacidade de liderança e conhecimento do fundamento da folia,” essas características o colocam em posição superior aos outros foliões e até mesmo do gerente da folia como afirma Brandão (2004), assim tendo o embaixador como figura central, pois “O embaixador é o responsável pelo grupo de foliões”. (BRANDÃO, 2004, p.348), sendo que os demais foliões seguem a regra que ele impõe esse cenário já fora constatado, ao ouvir o depoimento de um folião ao autor (2009) “Todos têm que respeitá as orde dele [...] a responsabilidade toda tá no embaixadô [...] ele qui tem qui comandá”¹⁹. Os versos são na maioria, improvisados no momento pelo embaixador conforme verificamos “O embaixador é o seguinte, ele... ele... canta dento do repente e do recurso quele tem”²⁰. Pode-se perceber durante a execução do ritual das folias o aparecimento da fluência carismática, “Na análise sobre a centralidade da figura do embaixador na folia, devemos aliar ao seu saber religioso a sua capacidade de inventar versos repentinamente, com uma característica que as pessoas podem ter: o carisma.” (2009 p.81), naquele estudo foi localizado um exemplo muito

¹⁹ DIAS, Jacob Vicente. 61 anos, autônomo. Entrevista a Magno Florentino Dutra, em 01 de julho de 2009, Itaberaí-GO; [Trabalho de Conclusão de Curso – monografia – Licenciatura em História, 2009]

²⁰ CAMILO, Sebastião dos Reis. 58 anos, porteiro. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra, em 29 de junho de 2009, Itaberaí-GO. [Trabalho de Conclusão de Curso – monografia – Licenciatura em História, 2009]

referenciado na região, que o autor (2009 p. 81) relata “Não é difícil encontrar pessoas carismáticas nas folias. Na folia mineira sempre costumam lembrar-se de Antônio Camilo, considerado um bom embaixador que foi muito respeitado por seu grupo de foliões.” Para o folião José de Souza Moreira, apelidado de Zé Buteco, Antônio Camilo, com quem aprendera muito sobre folias, era em sua opinião um dos melhores embaixador que conhecera, como afirma: “Que não vai existi outro embaixador igual Antonhe Camilo, não vai tê um substituto igual ele...Tonhe Camilo foi um dos mió” (informação verbal)²¹ Na Folia Goiana se destacam “o finado Criolo finado Zezinho Izabel era dois imbaixadô de primera, qui na moda do oto num tem como isquece deles” (informação verbal)²².

Essa função na folia que se destaca entre outras, e compreende muitos saberes, a aquisição desses conhecimentos se faz na observação do ritual da folia em seu itinerário, aliada a uma grande parcela de inspiração e dedicação como relata o embaixador da Folia Goiana, Bruno que assim disse “isso aí é dom de Deus, Magno, isso aí cum diz o otro, eu vô te falá procê, qui a imbaixá fulia [palavras inaudíveis]é que nem benzê, não tem quem insina,cê entendeu, a imbaixação de fulia já vem pelo dom de Deus”(informação verbal)²³ O jovem Leandro que atualmente é um dos embaixadores da Folia Mineira conta que seu ingresso como embaixador foi assim com muita tenacidade e ousadia iniciou na função de embaixador desse modo: "e começô aí, e todo ano que passava, todo ano ... eu vô consegui, eu vô consegui, um certo dia eu falei hoje eu vô canta, vô canta e... e hoje canto_memo, aí eu cantei e deu certo e observando os otros imbaixadô" (informação verbal)²⁴. Para Pessoa (2007 p.208) “O embaixador é a memória viva da crença” e assim, leva-nos a pensar que esta é uma função estruturante para as folias. Partindo desse princípio tem-se que o embaixador goza de um prestígio social entre os demais membros da folia, a explanação de Leandro demonstra esse panorama:

“intão hoje eu tô na na forma de imbaixador da Folia Mineira, principal cargo na folia, de uma grande reponsabilidade, imensa, e é um dos cargos que tem de fulião, de uma certa forma, pra gente observá é o cargo mais bem visto [...] intão de uma certa forma o imbaixador hoje ele é muito respeitado na fulia, eu com a minha pouca idade tem gente muito mais véi qui eu ... qui respeita não só porque ...ah mais e...por isso não, por caso qui o cargo de imbaixador ele é, ele é um cargo esplendido no meu vê” (informação verbal)²⁵

²¹ MOREIRA, José de Souza. Zé Buteco.

²² MANZO, Gentil Miguel. 60 anos, pecuarista. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra, em 19 de dezembro de 2022, Itaguari- GO.

²³ FARIA, Bruno José de.

²⁴ ARAÚJO, Leandro Siqueira.

²⁵ idem

Neste trecho do depoimento, que também pode ser verificada a mesma situação em outras folias, conclui-se que este é uma função de bastante destaque nessas manifestações. Como eles os embaixadores explicam, a execução da cantoria pelo embaixador é realizada deste modo:

“o embaixador é ele que direciona toda a cantoria, é ele que ... que mostra o caminho pra toda companhia tudo, primeiramente o embaixador, ele escolhe a toada que vai cantar, ele já avisa ali o sanfoneiro o pandeirista, a percussão, e aí no momento que ele chega, cada lugar é um fato, cada lugar que ele chega pra cantar, cada família ele canta, toda casa que ele entra nunca é igual a outra [...] então o embaixador chega numa casa, ele vai observar a imagem que tem numa casa, ele vai observar um vela acesa, ele vai observar se tem uma pessoa cumprindo uma promessa e naquilo ali ele vai direcionar ele vai cantar, ele vai fazer versos” (informação verbal)²⁶

Ele ainda tem funções de cantar os relatos bíblicos sobre o Nascimento e a Visitação, quando o ritual da folia exige que assim o faça, cantar o peditório das ofertas, pedir pouso e alimentação e fazer a entrega da folia para o festeiro e passar as coroas aos próximos festeiros.

2.4.1.2 Cantores e instrumentistas

Os demais componentes da folia têm a mesma importância para folia, eles são cantores respostas, como assim apresentado “coro, vozes. O verso, como em geral se costuma dizer, é anunciado pelo embaixador e, logo em seguida, é respondido por um conjunto vocal, variado e também de variadas formas.” (PESSOA 2007 p. 217), nas folias itaguarinas esse coral fica composto dessa forma: primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta nas folias que cantam no estilo mineiro, e nos casos das que cantam no estilo goiano são respostas, primeira, segunda, terceira e quarta. Há outras denominações para os cantores, relacionadas a suas vozes. O funcionamento desse coral se daria desta maneira:

“o imbaixadô canta, falando sobre o qui ele qué falá, assim vamo supô assim na casa né, vamo supô assim tive girando, agora se tive no poso ele fala sobre o nascimento de Jesus e tal, e o qui ele fala nois pega uma parte daquilo que eles fala, vamo supô eu vo faze a segunda voz, eu faço a segunda, o outro faz terceira e o outro faz primeira, aí vem pra traz i evem a quarta a quinta e a sexta, aí depois que nois termina as nossas vois qui é até as tres vois aí que quatro voz entra” (informação verbal)²⁷

²⁶ Idem.

²⁷ MANSO, Gentil Miguel.

Estes mesmos cantores podem ser os instrumentistas (MOREIRA 1983), as folias dependem totalmente deste conjunto. Funcionalmente poderíamos compreender a folia, a relação entre os cantores a partir dessa descrição:

“O embaixador tira a cantoria e recebe resposta de três vozes: Resposta (primeira voz) e contratos (segunda e terceira vozes). Depois entram as demais: Primeira por Cima ou Resposta na Nota de Cima (quarta voz) e Contratos por Cima (quinta e sexta vozes). Uma sétima voz, mais aguda, pode ser acrescentada.” (MOREIRA 1983 p. 153)

O aprendizado para as cantorias, ocorre no cotidiano das folias, através do incentivo de outros foliões que já realizam, como podemos notar no relato “quem mim insino eu a fazê essa voz foi o finado ti Criolo, ele precisava de um pra ajuda cantá, p'quê falto pessoas, aí ele me pediu pra cantá” (informação verbal)²⁸. Por ter caráter popular os conhecimentos musicais nas folias não exigem vastos domínios da teoria musical, como se nota no ingresso de Zezinho que participa da folia do Brejo Grande tocando sanfona, que assim contou: “cumecei girá quilo foi na base dos anos 80, e condo foi creio que na base de 82 eu já aprendi toca sanfona e já cumecei tocá” (informação verbal)²⁹ a respeito disso em sua pesquisa sobre a Folia Mineira, o autor afirma “Igualmente as outras folias do Brasil, eles cantam e tocam instrumentos, seus conhecimentos musicais são poucos, mas mesmo assim conseguem produzir uma música harmoniosa e agradável.” (DUTRA 2009 p. 68). Sobre os instrumentistas, é bom salientar, que a música da folia é intrinsecamente ligada aos versos cantados, ou seja, o canto da folia não se encaixaria em outra forma melódica, isto fica indicado em seus estudos sobre a musicalidade nas folias por Yara Moreira (1983 p.180) “Todas as Cantorias de uma folia são acompanhadas por um conjunto instrumental, mas a sua participação não deve ser encarada como um simples acompanhamento, pois, na verdade, há uma dependência total do canto à música instrumental”. Essas características tornam as cantorias da folia uma espécie singular “A música realizada por estes instrumentos obedece a algumas fórmulas tradicionais, desenvolvidas por cada Folia segundo suas possibilidades” (MOREIRA 1983 p.180). Temos três grupos de folias que mesmo com a proximidade regional e outras vezes compartilhando integrantes, elas têm cantorias diferentes. Na Figura 20 os foliões da Folia do Brejo Grande.

²⁸ idem

²⁹ OLIVEIRA, José Sobrinho de. 62 anos, sitiante. Entrevista concedida a Magno Florentino Dutra em 01 de março de 2023, Itaguari-GO.



Figura 20 - Foliões da Folia do Brejo Grande.

Fonte: acervo do autor (2010 - 2015).

Voltando a abordar a questão da disposição dos foliões quando estão cantando é uma condicionante para a boa realização vemos que “A relação da posição espacial dos cantores com o encaixe das vozes é algo sabido e praticado pelos grupos de Folia de Reis” (RIOS 2015 p.42), os instrumentos podem assim ser colocados: à frente estarão os violões e violas, cavaquinhos, bandolins ao lado a sanfona e atrás do grupo as caixas e pandeiros (RIOS 2015). Esse tema suscita muitas discussões, que se estenderiam desde a origem da cantoria, sua variação e adaptação, contudo, considerando sua simplicidade e improvisado (MOREIRA 1983) teríamos um estudo que envolveria muita pesquisa muito extensa e talvez inconclusa tendo em vista suas variedades de estilos e de denominações diferentes para as vozes de grupo para grupo, (MOREIRA 1983). Em Itaguari as folias, pela observação em campo, há uma variedade de toadas. E ainda os casos em que uma folia canta imitando a toada da outra folia (RIOS 2015). Aliás, a obra de Sebastião Rios sobre a musicalidade das folias da cidade Inhumas-GO, vem discutindo desde a origem/autoria quanto à variação/adaptação delas e sua reprodução pelas folias. Tanto neste autor quanto na obra de Yara Moreira, elencam-se os nomes das vozes e também suas descrições corais, para este estudo não adentraremos nessa via, por ora citamos como se denominam esse coral nas folias de Itaguari, que seguem a nomenclatura dada na citação de Pessoa linhas atrás.

2.4.1.3 Palhaços

Componente que nas folias de Reis se destacam pela sua figura são os palhaços. Existem outros nomes para eles entre os mais comuns são: tenentes e bastiões. Às folias Mineira e Goiana daqui de Itaguari os chamam assim, mas há outros nomes. Temos

uma descrição visual desses elementos dessa forma: “Usam uma farda colorida e trazem o rosto coberto por uma máscara de aspecto normalmente amedrontador, eventualmente com partes de couro e dentes de animais” (RIOS 2015 p.39), com essas características ele se destaca em meio aos demais foliões, podendo despertar risos com sua jocosidade e por vezes medo. Ao descrever os palhaços, Pessoa afirma: “O certo é que um bom palhaço tem uma função operativa de suma importância numa Folia” (2007 p.217), nas observações de campo os palhaços despertam a atenção dos que se fazem presentes, principalmente por suas brincadeiras.

O palhaço como já se adiantou nas palavras de Jadir Pessoa (2007), tem entre outras incumbências fazer o primeiro contato com os donos da casa em que se está chegando, isto fora confirmado “no momento em que a Folia chega, cabe aos palhaços pedir autorização para que o grupo se aproxime.” (CABRAL 2020 p.69), e agindo como um observador do ambiente que relata para o embaixador o que viu (MOREIRA 1983). Como vemos nas folias de Itaguari os bastiões estão sempre ao lado da bandeira, “Ele tem a função de protetor, guardião da bandeira. Ele está sempre junto dela” (PESSOA 2007 p.217) Como nos interpela “Ao lado dessa função operativa, acresce o lado cômico de seu exercício” (DUTRA 2009 p.70). Não se deve levar como sua única função tirar gargalhadas nas pessoas, pois, há muitas outras, e mesmo essa parte já tem muita importância, pois, ele contribui para a distração dos devotos que se dispõe a participar dos percursos muitas vezes cansativos dos giros da folia;

“Na casa do morador, nos intervalos da cantoria, ele encarrega-se das brincadeiras com as crianças, dos negócios com o patrão, quer dizer, oferece-se para dançar lundu, a chula ou a curraleira (conforme o lugar) em troca de alguma prenda”. (PESSOA 2007 p. 217)

Outra parte que é muito apreciada nas folias de Itaguari é o momento em que a folia chega diante de um arco e aí, os moradores escondem algum presente entre os ramos do arco, nesta ocasião se inicia uma brincadeira entre os donos da casa e os bastiões, que se dispondo a procurar são inquiridos a falar versos para obter uma dica sobre a localização dos presentes e por aí vai com outras brincadeiras sempre num clima amistoso para o ganho de um presente.



Figura 21 - Palhaços da Folia Goiana.

Fonte: MELLO, Renata (05/01/2023).

De farda colorida com estampas das mais variadas, os palhaços vistos nas folias que ocorreram nesta edição das festas em Itaguari, expostos na Figura 21 anterior, acrescente ainda que:

“É curioso notar que todos os palhaços carregam consigo uma espécie de bastão, feito a partir do cabo de guarda-chuva ou outro material similar, totalmente enfeitado com fitas coloridas, e, às vezes, alguns pompons – revelando a quão uníssona é a caracterização deste personagem, apesar do aparente exagero.” (CABRAL, 2020 p. 62 *apud* HORTA 2011 p.37)

Interpretado pelas sendas deixadas ao longo do tempo e, posteriormente vasculhadas, a figura do palhaço flutua entre um elemento maligno e benigno como analisou Brandão (2004). Contudo, nas pesquisas realizadas para confecção deste trabalho, uma entrevista traz uma visão sobre esse personagem das folias, segundo o depoente a função dos palhaços é atrair tudo que pode vir atrapalhar o ritual da folia, conforme relata:

“aí os Três Reis saiu pela estrada, aí foi guiado por uma luz qui é a estrela guia, aí eis encontraro numa incruziada, cada um saiu sozinho de um canto, encontraro numa incruziada, saiu do Oriente, né, pra i pra Belém, eis encontraro no caminho e seguiro a viagem deze, aí eze aí os fariseus cumpanhano [palavras inaudíveis] tava seguino eze, eze encontraro os mascarado brincano e o povo intirtido, aí foi aonde queles chamo os mascarado para acompanhá, o paião na fuli não é o guia de Santo Reis, ele é vamo supo assim, aquele qui vai no poso da folia pra assistir a cantoria não presta tenção no paião, e aquele que vai pra lá só pra faze bagunça aonque o paião

ta fazeno farra eis ta tudo enrredó oiano, cê entendeu? ele é pa interte aqueles que tão com mal intenção.” (informação verbal)³⁰

Essa versão contrasta um pouco dos teóricos, ao examinarmos atentamente a performance deles pode-se perceber que está é descrição que mais se adequa aos palhaços das folias de Itaguari. Há ainda outra visão compartilhada sobre essas figuras na folia como contou Leandro da Folia Mineira que vem contrastar as anteriores conforme se observa:

“qui no meu intendimento, qui eu ouvi as gerações passada contá qui a parte dos paiaços é que defende o Minino Jesus é o qui protege o Menino, tanto o menino como os propios Reis [...] Herodes não confiô qui os Reis ia volta lá então ele manda soldados perseguir os Reis até encontra, prá tê certeza que ele ia encontrá o Menino, e nisso eis veste uma fantasia pra dispistá o soldado de Herodes e naquilo ali eles ta-va protegeno eles mesmo e também o Menino.” (informação verbal)³¹

Este trecho mostra a riqueza da criatividade na cultura popular, ao divergir de outras formas de concepção não se torna um problema dentro das folias, mas, um elemento de muito respeito e, ao mesmo tempo enigmático, como se vê nesta versão eles assumem a própria identidade dos Três Magos. Há relatos de um ritual em algumas folias de arrependimento e conversão dos palhaços da folia, esta situação ocorre onde eles são admitidos como perseguidores do Menino Jesus, ritual relatado “Apenas ao final o palhaço “se arrepende, pede perdão Menino Jesus” e assume uma conduta ritual igual à de todos os outros” (BRANDÃO 2004 p.386), esta situação se aplica quando se adota a versão em que os bastiões são representantes de Herodes, e foram por este enviados para seguir os Magos e encontrar Jesus “Para uns, ele é o próprio rei Herodes ou seus soldados espiões, procurando disfarçados onde estará o Menino Jesus” (PESSOA 2007 p. 216), aqui as teorias iluminam as análises feitas sobre a observação em campo, ou seja, durante os giros, momentos nos quais vimos que os palhaços não se aproximam dos presépios de máscaras, mas a retiram, principalmente quando se integram ao ritual da folia e declamam os versos desde a Anunciação de Maria a Adoração dos Magos ao Menino Jesus, cujos versos declamados pelo palhaço Sebastião dos Reis, foram capturados assim:

“há muitos anos atras existia na cidade de Nazaré
uma moça muito bonita humilde de muita fé
tão devota e dedicada como ela não haiva
sua beleza vinha de dentro e seu nome era Maria
Maria estava ajoelhada ali fazendo sua oração
quando surgiu em sua frente um imenso clarão
Maria se assustou com aquela situação
o Anjo disse a Maria não assuste vim só pra te trazer a bênção

³⁰ MANSO, Gentil Miguel.

³¹ ARAÚJO, Leandro Siqueira.

o Anjo disse a Maria Deus precisa de você
do seu ventre santo e puro um Messias vai nascê
o Anjo disse a Maria antes de voltar ao Céu
Pra anunciar a Maria veio anjo Gabriel
Anjo Gabriel disse a Maria com prazer e alegria
vai ser a mãe do Salvador traz o nome de Messia
No dia 05 de março que o Anjo anunciou
25 de dezembro vai nascer o Salvadô
quem são aqueles cavaleiro que vem pela rua afora
são os reis verdadeiro São José e Nossa Senhora
aos 25 de março foi que Maria concebeu
25 de dezembro Menino Jesus nasceu
por obra do Espírito Santo já dizia o Cireneu
antes do galo canta Menino Jesus nasceu
parabens onipotente coberto pelo Santo Manto
foi nascido Deus Menino por obra do Espírito Santo
Os Três Reis quando soubero viajaro sem pará
guiado por uma Estrela que não parava de brilhá
os Tres Reis Santos viajando co'a sua Estrela Guia
de dia ela apagava de noite ele acendia
os Tres Reis Santos quando chegaro em Belém
o Menino Deus foi adorá
cada um levou presente pro Menino Deus saldá
a Lapinha era pequena não cabia todos três
fizero adoração um só por sua vez
25 de dezembro desceu a Santa Luz
ja saldamo esse presépio para sempre Amém Jesus
agora peço permissão para me alevantá
e pedir ao capitão pra continuá a cantoria
louvando o Menino Deus filho da Santa Maria
o Tres Reis Santos São José e Nossa Senhora
juntos na Lapinha de Belém
lá Reis cantaro pro Rei, aqui cantamos pro Rei também”³²

Cabe aqui, uma informação sobre essa interdição da aproximação com a máscara das lapinhas, Igor Cabral em sua dissertação analisando a materialidade nas folias de Itaguari, elucidou a partir de suas pesquisas “É possível evidenciar na fala do senhor Antônio, que a interdição do Palhaço está relacionada ao fortalecimento da autenticidade da narrativa histórica, uma vez que ligam a imagem do Palhaço ao pagão, aquele que estava a serviço do rei.” (CABRAL 2020 p.88). Falando mais sobre as regras impostas para o palhaço o folião Gentil que já fizera essa função por muitos anos na Folia Goiana, lembra: “Ê minino se ocê andasse sem a máscara o capitão da fulia te mandava cê tira a ropa na hora” (informação verbal)³³, segundo o velho tenente esse cuidado era para esconder a identidade daquele que vestia a farda, e assevera sobre a perda desse costume na atualidade, “hoje em dia os paiaço tira as máscara anda pela rua afora, mas nois não, nois não fazia isso.” (informação verbal)³⁴, ao ana-

³² Transcrição da declamação feita por Sebastião dos Reis, filmada na residência de Altair Divino da Silva região da rural de Itaguari-GO em 06 de janeiro de 2022, acervo do autor.

³³ MANSO, Gentil Miguel.

³⁴ Idem.

lisar essas regras concebe-se que os palhaços tinham muito mais que agora, uma dimensão mais mística.

A sabedoria popular nos conduz ao profundo do sentido sendo ao lado da literatura o fio para a compreensão. Sobre a atuação dos bastiões dentro do ritual de chegada num pouso o entrevistado salienta a importância dessa contribuição, pois, ocorre para aliviar a exaustão da companhia.

“O paião tem um significado muito grande quando ocê chega numa casa que tem um presépio o tem um altar muito bem preparado, que quando a pessoa gosta da cantoria ele faiz muita coisa pro imbaixador omentar a cantoria cê entendeu? aí o paião tem essa participação quando o imbaixador confia no paião pa fazê os verso dento do evangelho dento da Bíblia que fala o significado que ta no santuario la do, qui o moradô arrumo ou dum presépio diminui a cantoria do imbaixadô.” (Informação verbal)³⁵

Igualmente a Cabral (2020) que elenca o palhaço como o elemento de grande destaque, entre tantos elementos e participantes o autor destaca: Poder-se-ia realizar uma grande pesquisa tomando o palhaço como objeto, devido a grande divergência que envolve sua origem e função na folia. (DUTRA 2009 p. 70), demonstrando dessa forma não inconsistências, mas sim, a riqueza da cultura popular.

2.4.1.4 Alferes da bandeira

O Alferes é um componente da folia que desempenha uma função secundária sem, contudo, deixar de ser relevante “É ele quem conduz a bandeira, principal representação da Folia ou Companhia de Reis” (PESSOA 2007 p. 215). Este não tem que cantar ou declamar algum verso, mas além de carregar a bandeira ele se encarrega do recebimento das ofertas (PESSOA 2007). E mesmo que ele entregue a bandeira para algum promesseiro, seu lugar é sempre próximo da bandeira, ele entende do cerimonial da folia, devido essa incumbência ele conduz a bandeira, entregando ao morador da casa, a qual a folia está visitando, orientando cerimoniosamente os movimentos e atitudes, e ao final receber de volta a bandeira e voltar a giro obedecendo às regras da folia (VIGILATO 2012). Carregar a bandeira adquire uma dimensão especial, pois, conduz o elemento que traz as bençãos, e então, “É função de grande responsabilidade, já que a bandeira constitui objeto sagrado da folia por excelência” (RIOS 2015 p.39) por este último trecho vê-se que o alferes age dentro do ritual da folia, ao

³⁵ MOREIRA, José de Souza.

percorrer pelo caminho traçado, conduzindo a bandeira a visitação as casas zelando para que as posições rituais sejam cumpridas, de acordo com Vigilato (2012 p. 278): “O alferes nominal, mesmo quando alguém cumpre voto carregando a bandeira, permanece sempre por perto da nossa guia, para orientar. Tudo obedece a uma maneira cerimoniosa...”. Nas folias de Itaguari, observa-se que o alferes ocupa muitas vezes uma posição de decisão dentro dos grupos, e as pessoas permanecem por vários anos nessa função.

2.4.1.5 Promesseiros

Existem ainda os promesseiros que vão às folias “pagar” suas promessas para com os Santos Reis Brandão (1985, p. 139) assim atesta: “Como uma pessoa, os Três Magos são venerados, tidos como facilmente milagrosos e, portanto, como santos de devoção”. O devoto que contrai uma promessa deve saldá-la, sobre o risco da ineficácia da graça recebida. Os Três Reis são concebidos como santos milagrosos na religiosidade popular, o que faz que haja muitos votos a eles, aqui demonstrado com uma devota que está segurando a borda da bandeira (Figura 22).



Figura 22 - Devota cumprindo promessa.
Fonte: acervo do autor (26/12/2009).

A forma como é feito uma promessa ou voto tem início quando um devoto necessita de uma graça, então ele pede aos Santos Reis que lhe conceda esse milagre, obrigando-se a retribuir em forma de gestos, penitencia ou promover algo referente aos santos

como relatado na entrevista do senhor Geraldo, que fez doação de vacas, conforme explica “é quando minha esposa adoeceu, eu fiço a promessa, ou iria fazer um pouso pra fulia, ou ajudá os outros, né, com doeí uma pra cada pouso e uma pra cada festa incluindo a da Folia Mineira também” (informação verbal)³⁶. Poderíamos citar muitos, mas como exemplo explicitará quando uma pessoa se compromete a realizar a festa; realizar um pouso; andar no giro carregando a bandeira (CABRAL 2020); ou mesmo dar uma oferta aos festeiros; cantar, tocar ou vestir-se de palhaço, etc., nessa parte se tem o seguinte entendimento:

“Pelo menos nas seguintes modalidades de participação a folia é usada para o saldo de compromissos de devotos: a) Seguir toda a jornada da folia ou parte dela, durante um ou vários anos; b) Incorporar-se à jornada durante um dia ou mais, levando nas mãos a bandeira dos Três Reis Santos; c) Participar de um momento ritual, como uma reza do terço; d) Assumir um comportamento penitencial, como o deitar-se soleira de uma porta durante a passagem dos foliões.” (BRANDÃO 2004 p.384)

O devoto promesseiro poderá se sentir com a responsabilidade de investir sua retribuição em ações maiores, proporcionalmente as graças recebidas, conforme constata (BRANDÃO 2004 p.384).

“Outras maneiras de usar simbolicamente a folia para saldar dívidas com os Três Reis estão ligadas ao investimento de bens e iniciativas mais complexas na produção das condições de “saída” ou de “jornada” da folia: a) ser o folião de um ano; b) ser o festeiro por um ano; c) dar pouso de almoço ou de janta para os foliões; d) dar esmolas durante o “giro”; e) empregar-se em alguma atividade de ajuda, como ser “servente de mesa” em uma “janta de foliões””.

Para pagar a promessa o devoto deve cumprir um ritual: avisar ao embaixador da promessa feita e empunhar a bandeira, ao que o embaixador irá cantar, versando sobre o cumprimento daquele voto:

“aí meu devoto fulião ai aií
ai na hora que Deus começa ai aií (coro)
ai vamo beijar nossa bandeira ai aií
ai pra cumprí vossa promessa ai aií (coro)”³⁷

Os promesseiros trazem um vigor religioso a companhia lembrando o aspecto ligado a crença nas divindades, e então “O devoto oferece seus préstimos também porque crê nos Intercessores Sobrenaturais que trazem bençãos de Deus por meio das palavras

³⁶ LOPES, Geraldo José. 69 anos, residente em Vila Rica-MT. Entrevista à Magno Florentino Dutra em 03 de janeiro de 2023 em Itaguari-GO.

³⁷ Transcrição de versos cantados pelo embaixador Sebastião dos Reis Camilo (*in memoriam*) na década 1990; acervo do autor.

sagradas dos mediadores humanos, os foliões” (VIGILATO 2012 p.214). De uma forma geral, as partes na folia se engendram para sustentar essa tradição.

Fato que evidencia a forte devoção é que muitas pessoas que participam dessa folia vêm de outras cidades e às vezes de outros Estados, como exemplo disso foi relatado o caso do senhor Geraldo Lopes que vem do Mato Grosso para cumprir sua promessa e participar das festividades.

2.4.2 Funções sociais

Já fora abordado a estruturação do grupo que forma as folias, mas há ainda outras funções que complementam as folias, poderemos enumerar: os festeiros, os pouseiros, os promesseiros e os devotos em geral. E ainda do aspecto do funcionamento dos eventos tem os cozinheiros, aqueles que oferecem algum tipo de serviço para a preparação dos pousos e da festa. A junção de tantos esforços resulta nas festas de Reis de cada ano.

2.4.2.1 Festeiros

Iniciando pelo festeiro do ano, esse é o responsável pela realização da festa do dia da chegada. Esta figura é importantíssima para folia cabe a ele dar andamento nos preparativos para a grande festa, principalmente a alimentação, mas também deve dar suporte aos foliões naquilo que couber a sua função de festeiro, e ainda organizar os pousos, “Cabe ao festeiro, levantar recursos para a realização da festa e auxiliar os pouseiros e demais foliões com o que for necessário” (CABRAL 2020 p. 119). Podendo ser escolhido entre a comunidade através de sorteio ou mesmo ser indicado, e também há os casos nos quais pessoas fazem voto de fazer a festa, assim relatado: “A escolha do festeiro ocorre seja através de sorteio ou, em alguns casos (inclusive o que vêm ocorrendo frequentemente nas Folias de Reis do Brejo Grande e Mineira), há um voluntário que manifesta desejo de realizar a festa para cumprimento de promessa.” (CABRAL 2020 p. 118). Este momento da escolha de festeiro é também ritualizado e acompanhado de cantorias, dito deste jeito “Terminada a primeira cantoria é feita a passagem da coroa da cabeça do festeiro do ano para a do festeiro novo” (BRANDÃO 2004 p. 374). As coroas podem ser feitas de cartolina, ou mesmo de plásticos adquiridas no comércio de tais bugigangas.

Dentro das funções do festeiro, como se informou anteriormente, estão os preparativos para festa, tais como: angariar alimentos, montar as estruturas como barracas. E

considerando a dimensão alcançada pelas folias de Itaguari, esses andamentos se iniciam dias e às vezes meses anteriores a data da folia, Jair Florentino Dutra que participa da Folia Mineira, diz “o festeiro tem qui corrê atraz de pedir as coisas pra podê fazê a festa” (informação verbal)³⁸. O festeiro juntamente ao gerente da folia organiza os locais onde serão os pousos, para isso ele pede as famílias da comunidade que reside dentro do território compreendido pelos giros daquela folia que ofereçam o pouso para a folia. Uma das grandes preocupações dos organizadores da folia é referente à comida, quantidade suficiente e o preparo dela (Figura 23). Devido à quantidade necessária para servir os participantes, a preparação envolve muitos voluntários, como se observa “tem uma equipe até hoje né, é antigamente tinha a equipe da cozinha, aí tinha o pessoal que cozinhava mexia nos tacho, e tinha o grupo que cortava as coisa, verdura, tomate, as coisas que tinha que cortá, gueroba, é e verdura que ia fazê” (informação verbal)³⁹. Os preparativos das folias iniciam meses antes com a preparação do local que recepcionará os participantes, as tendas, na Folia Goiana de Itaguari instalam-se arquibancadas, palco com sonorização (Figura 24), geradores estacionários de energia, toneis com água e banheiros químicos, as folias do Brejo Grande e Mineira também usam barracas e palco com som.



Figura 23 - Preparação de comida.

Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (2005 - 2010).

³⁸ DUTRA, Jair Florentino. 62 anos, lavrador. Entrevista à Magno Florentino Dutra em 23 de dezembro de 2022, Itaguari-GO.

³⁹ Idem.



Figura 24 - Montagem de som e palco.

Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (01/01/2007).

Como fora notado por Cabral (2020 p. 119) “Apesar de haver uma relação de liderança do embaixador, durante o dia 06 de janeiro, no ato da festa, o festeiro é o protagonista, os versos de graças e de respeito são direcionados a ele e sua família.” E isso se explica porque a casa da festa representa a Belém do Nascimento de Jesus. “Portanto, a casa do festeiro torna-se provisoriamente Belém, onde se deu o cumprimento da profecia do nascimento do filho de Deus.” (DUTRA 2009 p.63)

Importante ressaltar que essa figura é o pivô central das folias, ele que inicia uma folia por devoção e a cada ano ele anima e organiza a festa e então surgem a partir daí os pousos e os giros numa relação de interdependência. Conclui-se que o “Festeiro: investe bens e serviços na oferta de um local de conclusão do ritual e de uma festa de santo = oferecem + lugar de festa.” (BRANDÃO 2004 p.393) a exceção da Folia Goiana de Itaguari, a qual o festeiro não dispõe de um local seu para realizar a festança, porque é feita no Centro Cultural de Itaguari, nas folias do Brejo Grande e a Folia Mineira, os festeiros realizam a festa e locais que dispõe, variando a localidade de ano para ano.

Ser festeiro tem seu lado pomposo, pois, entre todos que participam da festa ele é o que tem mais reverência entre todos, ocupa, portanto, uma posição de algum privilégio, podendo determinar certas normas, mesmo que somente no período da festa.

2.4.2.2 Pouseiros

O pouseiro é responsável somente pela festividade daquele dia, ele é escolhido tendo como referência as distâncias a serem percorridas pelos foliões durante um

giro, tornando-se como um ponto de apoio da jornada (VIGILATO 2012), o dono do pouso em vários casos, é um devoto que recebeu uma graça dos Santos Reis e retribui simbolicamente oferecendo um pouso, como podemos constatar “Muitas vezes, o devoto ou devota faz a promessa de oferecer a pousada ou almoço aos foliões de reis, por causa de uma graça alcançada... (VIGILATO 2012 P. 252). Contudo, pode haver variação desse quesito visto a disposição encontrada para tal realização, que pode exigir uma logística diferente desse regramento, como ocorre na realização do quinto pouso da Folia Goiana, que a vários anos são realizado pela mesma família e na mesma localidade segundo conta um dos organizadores sobre a história desse pouso:

“quando a minha mãe deixou de sê, sê a festeira [...] e minha mãe deu um pouso, era naquela época ela deu o primeiro pouso, foi muito bom, depois ela deu o terceiro pouso foi ótimo, porque a família é muito unida, a família é devota dos Três Reis do Oriente, [...] aí os, sempre os coordenador, falo Dona Lia senhora tem que fazê o quinto pouso, ele é o maior, senhora dá conta, o povo da senhora é bom na cozinha, aí passou por tradição, ela veio fazendo esse quinto pouso, eu falo procê que dá hoje, contando tudo, desde de mil e novecentos, o pouso desde mil e novecentos e noventa, noventa e um prá cá” (informação verbal)⁴⁰.

Deste pouso fazemos uma exemplificação sobre a motivação para realizar um pouso, que nesse caso não é motivado por uma promessa, mas sim pela disponibilidade e aceitação. O quinto pouso da Folia Goiana é um dos maiores pousos que acontece nessa folia, e também referencialmente as demais duas folias, é o que antecede a festa do dia seis, é um grande evento que atrai muitas pessoas. Também conhecido como pouso da Dona Lia é um exemplo de uma tradição que se tornou constante dentro da Folia Goiana, conforme se viu no depoimento a família já o realiza a pelos menos trinta anos. O destaque dado ao pouso se deve pela sua proporção e regularidade, rechaçando qualquer avaliação qualitativa sobre os demais pousos das folias de Itaguari.

Observemos essa figura do pouseiro, também como um devoto de fé nos Santos Reis, este acredita na divindade e quando realiza o pouso crê nas bênçãos que, em contrapartida recebe pela sua ação em prol da folia.

2.4.2.3 Gerente

⁴⁰ FLORES, Daniel Antônio. 54 anos, assessor parlamentar e locutor. Entrevista a Magno Florentino Dutra em 24 de novembro de 2022, Itaguari-GO.

O gerente nas folias é outra função imprescindível, pois, transita entre a organização ritual e social da folia, sendo na pior das comparações semelhante a um produtor de cinema. Aqui nas folias de Itaguari como percebido nas observações de campo, e na entrevista ao Senhor Jair Florentino Dutra, que atua nessa função na Folia Mineira, tem atribuição de organizar os giros, dando suporte aos foliões durante este percurso, provisionando de transporte e materiais necessários durante o giro com: encordoamento para os instrumentos, e reparos nestes quando necessário, auxilia ainda o festeiro na organização dos pousos e da festa; aos serem definidos os pousos ele juntamente ao embaixador delimita o trajeto do giro “então ele sai na região onde a fulia passa pa pode consegui marca, isso aí é um dos serviço do coordenadô, marcação de poso e o giro da fulia, onde a fulia vai passa e a outra coisa no giro, quando ta girando com o pouso marcado é ocê ta junto e sempre ajudando” (informação verbal)⁴¹. Aqui nessa folia também recebe a denominação de coordenador, ele aparece em Brandão como tendo uma posição de poder entre os foliões “Delegado pelo embaixador, o gerente é a pessoa que cuida da disciplina do grupo” (2004 p. 348) A Folia Goiana de Itaguari teve sua história transformada devido à atuação de seu gerente Zelão como é apelidado José Divino de Oliveira, que ao planejar a folia de cada ano inovava inserindo mudanças na Folia Goiana:

“E além disso eu peguei fui coordenador 26 anos, 26 anos da Folia Goiana, e a Folia Goiana é das tres ela era a menor, menor que a Fulia Minera e menor que a Fulia do Brejo Grande, e eu peguei a coordenação, aí André e Andrade era da fulia antigamente, o pai deiz, aí eiz sairo foro pá pá Jesupolis aí trouxe, trouxe eles pra cá eu mais o Zé Buteco nós fomo lá convidamos eis, e eis viero de novo, aí eu cumecei fazeno um trabalho, que a fulia, a fulia de de Reis de antigamente era folia que só participava o pessoal de idade, a juventude num ia ni fulia, muito difice, aí eu peguei cumecei a mudar o sistema, já trouxe a fulia, a festa prá Itaguari, eu fiz a primeira festa, lá , na feira.”(informação verbal)⁴²

As mudanças não foram somente essas relatadas e ao que parece impulsionou o crescimento dessa folia. Registre-se que é comum aqui essa função ser nominada de “coordenador da folia”. A função de gerente ou coordenador da folia em Itaguari atinge a dimensão social das folias diferindo um pouco das descrições de Brandão, porém, encontramos em Pessoa (2007 p. 218) funcionalidades semelhantes: “O gerente é uma pessoa que coordena o giro, resolvendo os problemas operacionais, como cordas de instrumentos, marcação de pontos de almoço e jantar e outras providências inclusive disciplinares (Brandão,

⁴¹ DUTRA, Jair Florentino.

⁴² DE OLIVEIRA José Divino. Zelão. 67 anos, aposentado. Entrevista em 22 de dezembro de 2022 Itaguari-GO.

1983b)”. Esta função por ser muito variável de folia para folia não presume muita escrita sobre ela.

2.4.2.4 Doadores

Ao conceber as folias como manifestações culturais da religiosidade popular, baseadas somente no culto, deixa-se escapar as relações de compromissos e retribuição, que se exteriorizam com promessas e graças recebidas, está situação impulsiona muito a realização das folias, admitindo a existência de uma relação: do fiel recebendo graças e prestando culto aos Santos Reis, e, ao mesmo tempo os Santos recebendo o culto e concedendo graças aos devotos (BRANDÃO 2004).

Vários autores analisam existir uma relação de trocas simbólicas, ou trocas solidárias, (PESSOA 2007) dentro das folias. O que reforça a continuação da folia é a relação contratual estabelecida entre as divindades e os devotos, “Na folia de reis há uma aliança, um pacto subjetivo entre os santos padroeiros, os foliões, festeiros e devotos. Os santos rogam bênçãos e proteção e recebem a generosa dedicação de todos” (VIGILATO, 2012 p.215). Nessa relação de fé existe uma expectativa de retribuição, manifestada em gestos, como realizar algo na folia; ou oferecendo bens, alimentação aos foliões, por isso, que não há variadas formas de participação como se vê “a gente participa da seguinte maneira, nas doações e aquilo qui a gente dá conta de fazê de mão de obra” (informação verbal)⁴³ este depoimento é do senhor Geraldo Lopes já apresentado linhas atrás, que faz doações há vários anos para as folias, ele ainda expressa o sentimento que impulsiona sua ação “alguém se pensa qui eu faço isso por vantagem não muito pelo contrário é pela devoção a fé [...] é uma coisa assim qui a gente faz por gostar pela paixão pela folia e devoção de Santos Reis” (informação verbal)⁴⁴, indicando uma relação de devoção e compromissos. Isso envolve muitas as pessoas com a folia, o devoto retribui com uma prenda, outro que colabora com a preparação da festa, o festeiro que promove a festa, o pouseiro e todo morador que tendo recebido a folia em sua casa retribui de alguma forma.

E com este sentido ocorrem as doações, em espécie, na forma de bens produtos e mesmo em serviços. Os doadores não apenas pessoas abastadas, mas aquele que estabelece uma relação com os Três Reis. Tem doadores de gado bovino a um litro de óleo.

⁴³ LOPES, Geraldo José.

⁴⁴ Idem.

Os doadores fazem acontecer essa grande partilha que ocorre nas folias de Itaguari, que ficou ressaltado na entrevista com Sidcley membro da Folia do Brejo Grande “as pessoas compartilha, isso é muito importante, compartilha ali o que tem, o que pode doá em alimentos” (informação verbal)⁴⁵.

2.4.2.5 Cozinheiros



Figura 25 - Cozinheiros da Folia Goiana.

Fonte: acervo do autor (06/01/2023).

Em todos os momentos sejam dos pousos ou das festas, tem-se que destinar um local para a instalação da cozinha, esta área deve ser grande porque vai comportar muitos fogões, fogões e trempes a lenha. A madeira para ser usada na cozinha é recolhida meses antes de iniciar o período chuvoso, armazenada seca, como ensinaram “a lenha boa ela não pode dá fumaça nos olhos dos cozinheiros, [...] não pode se uma madeira qualquer [...] essa lenha_tem qui se angico [...] e essa lenha pra ela não dá fumaça ela não pode pega chuva” (informação verbal)⁴⁶. Muitos alimentos são armazenados dias antes do seu preparo, às vezes são abatidas nos dias anteriores e suas carnes congeladas para facilitar o preparo no dia.

⁴⁵ SILVA, Sidcley Pereira da. 49 anos, funcionário público estadual. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra em 02 de fevereiro de 2023, Itaguari-GO.

⁴⁶ FLORES, Daniel Antônio.

Os cozinheiros (Figura 25) são indispensáveis a folia, sem eles não haveria tanta comida “eu acho o seguinte que aqui na folia na folia de Santos Reis é o seguinte, não é só com bens materiais que você ajuda, voce pode ajuda aqui oh com trabalho, se você descascar uma batatinha cê tá auxiliando na folia de Santos Reis” (informação verbal)⁴⁷. Pois, como foi citado anteriormente a comida é central nessas festas (DUTRA, 2009). Estas pessoas se dispõem a passar horas cozinhando e preparando as comidas, colaborando em mais de um dia, não há remuneração para elas, nas entrevistas foi notado a importância desses colaboradores, pois, os festeiros e demais envolvidos vão logo solicitando ajuda para o preparo da alimentação, isto foi percebido no relato de Jair Florentino sobre o momento em que começou a auxiliar nas folias “aí qui eu cumecei a participá na folia [...] e aí desse ano pra cá aí no otro ano da frente foi o Tonhe Jusé, Tonhe José do Couto qui foi o festeiro aí ele me chamou pa ajuda a cuzinhá e eu já fui”(informação verbal)⁴⁸.

Existem cozinheiros que fazem a mesma comida há anos e, são muito requisitados, na entrevista com Daniel que é um dos organizadores do quinto pouso da Folia Goiana, perceber-se que existem cozinheiros que são mais habilidosos em uma das variedades da comida, como ele relatou “a gente sabe qual qui é aquele qui é bom pra fazê o feijão [...] tem os fazedo de arroz [...] então cê tem qui convida cada um qui tem especificidade naquele prato, faz aquilo” (informação verbal)⁴⁹. Demonstrando uma forma de saber fazer envolvidos no preparo da comida. Há um cuidado muito grande com a preparação com a alimentação para tanto os mais experientes vão instruindo os que têm menos experiências no preparo daquela variedade. Os cozinheiros podem ser constantes em várias edições das festas como podem variar de ano para ano, quando alguém se dispõe a ajudar e o faz somente naquele momento de acordo com a sua volição. Neste termo também se incluem os serventes, que são encarregados de levar os vasilhames com as comidas até a mesa em que está sendo servida a comida.

“os Três Reis desceu do céu ai (bis)
com nossa Mãe verdadeira
dando viva nos serventes (bis)
abençoando as cozinheiras”⁵⁰

2.4.2.6 Decoradores e armadores

⁴⁷ MACHADO, Ronam de Freitas, 57 anos, advogado. Entrevista a Magno Florentino Dutra em 04/01/2023 em Itaguari-GO.

⁴⁸ DUTRA, Jair Florentino.

⁴⁹ FLORES, Daniel Antônio.

⁵⁰ Transcrição de bendito de Mesa da Folia Mineira, por volta dos anos 1990; acervo do autor.

ai esse arco tão bunito ai ai
 ai bençoada as mãos qui feiz (coro)
 ai é uma espera tão bunita ai ai
 ai que fizeram pros Três Reis (coro)⁵¹

Outras pessoas ainda colaboram montando as barracas, quando estas não são alugadas e a montagem é inclusa no pagamento da locação. Tem os armadores de presépios e aqueles enfeitam as barracas e os arcos (Figura 26). A exemplo disso cita-se a atuação de Ana Nogueira da Folia do Brejo Grande, que disse “eu venho acompanhando a folia ajudando na medida qui eu posso ajuda, financeiramente, ajudando nos altares montando os altares, eu gosto muito de montar o altar” (informação verbal)⁵² Embora sejam trabalhos que exigem menos tempo de dedicação estes agregam muita vivacidade as celebrações da folia.



Figura 26 - Montagem do presépio.
 Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (05/01/2007).

Como estas tarefas são diversas incorreria em uma lista extensa e sob o risco de esquecimento de alguma, optou-se por tratar apenas nestes termos, mas sem desmerecer sua importância dentro dos rituais.

2.5 Estrutura conceitual

2.5.1 Aspecto devocional

⁵¹ Transcrição de cantoria da Folia Mineira embaixada por Sebastião dos Reis Camilo (*in memoriam*) na década de 1990; acervo do autor.

⁵² NOGUEIRA, Ana Rodrigues dos Santos. 57 anos, professora. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra em 10 de março de 2023, Itaguari-GO.

Recordando dos três elementos formadores de uma folia, a devoção por si só não bastaria para iniciar uma folia, na sua maioria a origem delas se dão mediante um voto, o qual o promesseiro se compromete a realizar a festa. Nesses casos há sempre uma graça milagrosa alcançada pela interseção dos Três Santos, “Tanto os foliões como vários entre os frequentadores anuais da Folia de Reis possuem uma história de vida ligada a alguma graça dos Santos Reis e se consideram seus devotos,” (BRANDÃO 2004 p. 381) O autor relata que a origem da Folia Mineira se deu com uma promessa, ao pesquisar a história desse grupo entrevistou a filha da primeira festeira daquela folia e obteve a seguinte informação: “Ah, era uma tenção que minha mãe fez, eu lembro”⁵³ essa situação é recorrente nas folias e levou Canesin e Silva (1983, p. 19) a afirmarem: “Eles sempre falam que a folia de Reis foi tirada para cumprimento de promessa”, conseqüentemente as promessas, ou votos, são muito importante para a existência das folias. Mas existem aquelas folias cuja gênese se deu pela veneração aos Santos apenas, é o caso de uma folia criada em Goiânia, a qual o próprio fundador Antônio Felix relata em seu livro: “por gostar de compartilhar minha fé com meus irmãos, tenho participado de várias manifestações religiosas, sendo que fui um dos criadores da Folia dos Reis magos na igreja Nossa Senhora Rainha do povo, na Vila Regina em 1991” (FELIX e MENDES 2011 p.15), este devoto, ainda criou outra folia em 1993 no Jardim Primavera também na capital goiana (FELIX e MENDES 2011). Visto que, não houve uma promessa como geradora do surgimento das folias citadas em linhas anteriores, não há como negar a devoção aos Santos, porque, “Folia, antes de mais nada, é um ato de fé, uma devoção profundamente enraizada” (MOREIRA 1983 p. 174). Nas folias Mineira e Goiana de Itaguari os relatos dão conta de que se iniciaram com um voto, a Folia do Brejo Grande não tem dados que permitem afirmar.

A devoção opera na vida dos devotos uma mudança de comportamento, como vemos na fala do cantor Andrade que emocionado nos relatou “Eu era muito doente... Eu quais morri, papai fez esse voto, se meu fii cresce na... salva, Deus salva ele, ele é de Santos Reis, ele vai cantá pra Santos Reis durante vida ele tivé.” (informação verbal)⁵⁴. É uma ação ou gesto que deve ser feito, ou mesmo se propor a fazer um serviço dentro da realização da folia daquele ano. Portanto, a postura de um devoto dentro da execução da promessa implica em algo diferencial do comportamento usual. No aparato da devoção não distinção de

⁵³ COUTO, Luciana Maria do. 67 anos, aposentada. Entrevista a Magno Florentino Dutra, em 14 de julho de 2009, Itaguari-Go.[Trabalho de conclusão de curso – monografia – Licenciatura em História, 2009].

⁵⁴ FREITAS MACHADO, Sebastião de (Andrade) - 74 anos, cantor. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra em 25 de fevereiro de 2023, Goiânia- GO.

classes, os indivíduos estão num mesmo patamar diante da organização ritual, destinada a atender sua expectativa. No campo das devoções existe outra organização das relações entre os devotos os foliões que se tornam os intercessores das divindades empregadas na relação simbólica da graça recebida e da promessa contraída. Os sujeitos envolvidos são despidos de suas posições sociais políticas cotidianas para se revestirem em igualdade como devotos diante dos Santos e do grupo da folia. Na fotografia abaixo vê-se um devoto cumprindo uma promessa num gesto de muita humildade (Figura 27).



Figura 27 - Devoto cumprindo promessa.

Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (2008).

O aspecto devocional nas folias é muito forte, os Reis Magos são considerados como milagreiros. Um exemplo desse sentimento encontra-se na Folia Mineira que se tem destacado em relação à devoção entre as pessoas que recorrem aos Santos para obterem sua graça. Coincidência ou não um folião dessa folia já falecido, batizou três de seus filhos, com os nomes dos santos: Baltazar, Gaspar e Melchior e que vieram também a tornar-se foliões ainda em atuação. Muitos são os relatos de milagres alcançados por intercessão dos Magos e

por consequência a promessas são cumpridas na Folia Mineira. A devoção manifestada nas celebrações das folias tem raízes profundas na vida dos itaguarinos, surgindo dentro da religiosidade popular com a crença nos Santos milagrosos, que socorrem aos necessitados nas agruras da vida. Abordando-se essas bases constituidoras das folias, pode-se elucidar esta argumentação com depoimentos de devotos que em poucas palavras transmitem seu ponto de vista a respeito das folias, um desses é o de Sidcley que participa da Folia do Brejo Grande, “então pra mim a folia representa tudo isso devoção e cultura”⁵⁵ articulando desse modo duas dimensões das folias, aqui considerando a cultura como parte da tradição.

2.5.2 Dimensão de Tradição

Considerando-se que para ser tradição há que se considerar a reprodução ao longo dos anos e autenticidade da origem. Em Vigilato (2012 p. 212) “A palavra tradição tem um sentido muito importante que devemos compreender: é a transmissão da verdade ou de um fato importante acontecido no passado e que não se pode perder.” Essa proposição anterior elucida muito bem a respeito das folias, muitas manifestações de preocupação com a continuidade das folias são ouvidas. Para formar uma tradição além da repetição, ano após anos a origem deverá ter forte ligação à devoção. Ao discutirmos o aspecto cultural das folias de Reis recorreremos a Vigilato (2012) que afirma a nossa folia de reis perpétua cultura dos povos que nos colonizaram e para cá trouxeram seus costumes e ainda contunde enfatiza “A folia de reis é um testemunho vivo da tradição milenar” (VIGILATO 2012 p. 208).

Destarte deve-se considerar a dinâmica cultural, e as alterações que acometem as manifestações ao longo dos anos imprimindo-lhes inovações e adaptações aos novos moldes da sociedade. Nas folias itaguarinas percebe-se muitas transformações, nas entrevistas há muitas alusões aos modos de antigamente, evidenciando mudanças no aspecto social das folias e mesmo no ritual, enumerariam uma lista enorme, conquanto, cabe neste instante somente a análise pautada nas especulações teóricas, mas exemplificando algumas, cita-se: os bailes com forró na Folia Mineira, o giro com uso de veículos substituindo o uso de cavalos na Folia do Brejo Grande e na Folia Goiana a sua transferência para o ambiente urbano, ficando aqui evidenciado que as tradições se atualizam, e há não impedimento para sua inovação (HOBSBAWN 1997).

⁵⁵ SILVA, Sidcley Pereira da.

A tradição pode transmitir a ideia de algo estático e arcaico, mas, ao contrário disso muitas vezes inventadas na perspectiva de Hobsbawn, que desse jeito teoriza, “Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial.” (HOBSBAWN 1997 p.10). Percebe-se que as folias, alegam ser referência à história da Visitação dos Magos do Oriente ao Menino Jesus, como se ver-se-á em pontos mais específicos neste trabalho. Sendo assim buscam estipular certos valores e comportamentos na sociedade, o que estabelece uma convergência com o que pensa Hobsbawn:

“Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceita; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade com o passado.” (1997 p.09)

A folia tenta manter essa relação com o passado remoto, a reproduzir ano a ano esse ritual. Este é outro ponto que a teoria vem explicar o sentido dessa tradição “Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que pela imposição da repetição.” (HOBSBAWN 1997 p.13). Ao se proporem em repetir imitando o que fizeram os Magos do Oriente, envolvendo a comunidade, as folias contribuem para o surgimento de relações sociais entre os indivíduos. Ao estudar essas formas tradicionais Hobsbawn classifica as tradições segundo suas funções para o meio social. Dentre elas uma se apresenta mais adequadamente ao caso das folias, que são “aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidade reais ou artificiais;” (HOBSBAWN 1997 p.17), acrescente-se nestes termos “Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (HOBSBAWN 1997 p.21)

Apesar de argumentar a “invenção das tradições” Hobsbawn (1997), usa o termo num sentido mais amplo, considerando que há formas mais de tradições mais antigas que são difíceis de delimitar no tempo, admitindo então a existência de tradição como uma constante no tempo, que sobrevive na transmissão de geração para geração, mas, por outro lado, concebe como inerente a ela um processo de atualização que ocorre naturalmente. Hobsbawn considera em seu texto que a adaptabilidade dentro das tradições não se opera de forma brusca “Podemos também observar que, obviamente, apesar de todas as invenções, as novas tradições não preenchem mais do que uma pequena parte do espaço cedido pela

decadência secular das velhas tradições” (HOBSEBAWN 1997 p. 19 e 20) complementarmente ao exposto ainda leva em consideração o que impera em se tratando de cultura do mundo camponês há pouco espaço para sua reinvenção (HOBSEBAWN 1997). Havendo assim deixado às folias um patamar de tradição que preserva elementos arcaicos e, ao mesmo tempo se atualiza e se transforma.

Ao trazer este teórico para fundamentar as análises da tradição das folias, não quis afirmar que tais manifestações são fruto da invenção súbita improvisada, mas, pelo contrário em Hobsbawn, compreendemos os processos de atualização que nele é tratado como uma invenção. Essa invenção é uma estratégia frente a massificação da cultura vivida nesses tempos hodiernos, onde a cultura tradicional é inventada reinventada, ressignificada diante da efemeridade que caracteriza a contemporaneidade.

2.5.3 Aspectos da sociabilidade

Mesmo as relações de trabalho são afetadas, sendo interrompidas por ocasião das festividades. Como exemplo da alteração desse cotidiano pode-se citar em relação aos foliões que planejam suas atividades laborais e não laborais se organizando para disporem de tempo para realizarem seus ofícios na folia. Aqueles que residem em outros municípios também fazem programação para estarem a disposição e coincidir com os dias de realização das folias. Os demais trabalhadores anseiam por esses dias de folia para desfrutarem da folga e da festança. A economia do município sofre alteração no tocante ao comércio que cresce nesse período. Os sujeitos envolvidos na festa preparam-se para prestarem serviços voluntários na realização dos pousos e festas. Nesse ponto, vê-se que além do festeiro vários ajudantes se empregam fazendo comidas, abatendo reses e suínos, construindo fornalhas rusticas, montando tendas, enfeitando presépios, arcos e barracas, etc.

Essas pessoas são oriundas de diversas camadas sociais que compartilham as tarefas, ou vivenciam a peregrinação devocional da promessa contraída com os Santos. Esses sujeitos na sua maioria das vezes não mantem relações sociais noutros momentos do ano, mas que, durante a ocorrência das folias são ligadas por esse elo de religiosidade e solidariedade promovido dentro das folias. Outra face das relações ajustadas no itinerário das folias que deve ser mencionado é o contato dos devotos com os foliões, estes que são os mensageiros dos Santos, nesta forma de interação podem ocorrer à inversão da ordem hierárquica fundada na sociedade civil, colocando subalternos no topo e subjogador nas escalas abaixo. No momento das folias há o relaxamento da estruturação de nivelamento

social entre os indivíduos, admitindo-se como autoridades aquelas pessoas investidas de funções rituais ou organizativas. Aqui se vê numa convivência solidária e religiosa dirigentes políticos, empresário, empregados, profissionais de diversas áreas e demais categorias da sociedade no mesmo patamar diante da reprodução, sócio ritual das folias. Estas inversões e outras situações acima descritas que são propiciadas pelas folias são no sentido, simbólicas dentro do campo da realização da folia e se estabelecem temporariamente.

Ao expor os aspectos das sociabilidades das folias, existe uma circunstância importante a ser elucidada, a penetração das folias na sociedade de Itaguari. Ademais dos aspectos identitários culturais, tem a infiltração na vida prática das pessoas, que não, essas características subjetivas, por exemplo, o festeiro, que tem sua rotina mudada durante um grande período do ano em função dos preparativos para a festa da folia, iniciando-os meses antes do início dos giros da folia, pedindo insumos, organizando o espaço e os pousos, armazenando os produtos já ganhados angariados como os alimentos. Juntamente a ele seus familiares e demais colaboradores, os pouseiros também tem seu cotidiano modificado, proporcionalmente menor.

Os foliões do seu lado se preparam antes do início das folias, fazendo ensaios e reuniões, dando manutenção nos instrumentos. O devoto que irá pagar uma promessa logo busca informações mais detalhadas sobre a folia daquele ano para adequar sua forma de cumprir aquela promessa. Os comerciantes já aumentam seu estoque dos produtos mais vendidos durante as folias. As confecções planejam dar férias para os funcionários para esse período. A prefeitura já organiza o processo legal das despesas que assume junto a realização das folias. Enfim, toda a sociedade itaguarina sofre alguma forma de alteração em sua rotina, influenciadas pelas festividades de Reis, não restringindo aos sentimentos e expectativas. A cidade recebe muitos turistas, há mais veículos transitando pelas ruas, e ainda surgem os vendedores ambulantes. Os locais onde se realizam as festas sofrem grande mudança de uso, como é o caso da Praça Central da cidade (Figura 28), da Feira Coberta, das ruas e outros locais na zona rural onde ocorrem os pousos e festas das folias, para exemplificar essa situação a fotografia abaixo mostra o uso de um curral para cozinha de um pouso (Figura 29).



Figura 28 - Montagem de barracas na Praça Central.

Fonte: acervo do autor (03/01/2023).



Figura 29 - Voluntários auxiliando na cozinha.

Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (04/01/2007).

Com esta parte objetivava discutir as partes das folias de Itaguari, à luz das teorias, fazendo conhecer suas estruturas principais, componentes e momentos realizados por ritos, numa descrição feita a partir do trabalho de observação em campo dessas companhias. Nesses dias foram coletados depoimentos, fotografias, filmagens e gravação de áudio. Além desses materiais contou-se ainda com um acervo colecionado de anos de pesquisa e arquivamento.

A descrição genérica permeada com exemplos e dados obtidos no cotidiano dessas tradições vêm para amplificar a compreensão da penetração das folias nos aspectos sociais e tradicionais e não somente devocionais inseridos no contexto da rotina da cidade de Itaguari, destacando principalmente as relações que se criam no âmbito da ocorrência dessas manifestações culturais.

3. HISTÓRIA DAS FOLIAS DE REIS E ASPECTOS MAIS ESPECÍFICOS

A investigação histórica das origens das três folias abre este terceiro de item, aponta especificidades de cada uma delas, segue numa análise comparativa de seus elementos similares e pontos comuns terminando com dados sobre a cultura das folias em Itaguari.

Os detalhes mais específicos das folias que foram pesquisadas são tratados neste item. De folias que há tempos existem, trazem muita alegria as participantes e afirmação da fé aos devotos há elementos que diferenciam uma da outra, contudo existem convergências e pontos que são comuns as três, e seguindo esse raciocínio engendrou esta parte. Os dados históricos obtidos ainda são poucos e insuficientes para dar conta de toda a dimensão que folias têm na vida das pessoas. Enfatiza-se que não foram esgotadas as perspectivas focadas nessas manifestações. Contudo, nessa tentativa pautou-se por contribuir um pouco para a preservação da memória e afirmar sua importância frente a dimensão cultural que impregna traços identitários a esta população.

A opção de narrar à história pautou-se pela ordem cronológica de surgimento, a partir dos conhecimentos sobre cada grupo. Iniciando pela Folia do Brejo Grande, em seguida a Folia Goiana e por último a Folia Mineira.

Antes de ir aos objetos próprios dessa pesquisa, é necessário apresentar o município onde ocorrem essas celebrações, contar em poucas linhas sua formação.

3.1 Itaguari a cidade capital das Folias de Reis

As folias que são objetos deste trabalho ocorrem no município de Itaguari, interior de Goiás. Localizado a aproximadamente 100 km da capital do Estado, Goiânia, e 220 km de Brasília Distrito Federal, estando dentro da microrregião de Anápolis. A cidade é cruzada pela BR 070 no sentido Leste Oeste, e pela GO 154 no sentido Norte Sul.

A ocupação mais recente dessa região que abriga o município de Itaguari, como atestam os autores Cardoso, Couto Neto, Jerônimo Neto (2013) se intensificou a partir dos anos 1930 em diante, tendo aqui chegado baianos, mineiros e paulistas. Tendo sido fundada ainda na década de 1940, por iniciativa de fazendeiros da região, o aglomerado urbano, segundo o primeiro livro sobre a história de Itaguari, “No início de 1946, Pedro Procópio teve a iniciativa de criar um povoado, onde hoje está situada a cidade de Itaguari.

Para efetivar sua ideia resolveu consultar os fazendeiros da região e expor seu intento” (CARDOSO, COUTO NETO, JERONIMO NETO 2013 p.21). Obtendo o apoio dos fazendeiros José Eduardo do Couto e de seu irmão Pedro Vasconcelos do Couto, de Joaquim Alves da Costa, José Paulino de Queiroz e de seu filho Genezio Paulino de Queiroz, de Dona Lindolfa e de Salvador Vieira, angariou sete alqueires de terras que estes proprietários de terras doaram para a construção da almejada cidade. A doação das terras se efetivou tendo como donatária a Mitra Diocesana da Cidade de Goiás e fora escolhido como padroeiro São Sebastião (Documento – transcrição nº 8.067 - anexo). O ato simbólico da fundação desse povoado foi à celebração de um terço, no dia 29 de junho de 1946 dentro de um “rancho” (*sic*) onde se reuniram várias pessoas da região e após o ofício católico houve leilão. Com os recursos angariados logo deram início a construção de uma pequena capela. Esse local corresponde atualmente onde se localiza praça central. A área geográfica escolhida para situar a construção urbana foi na fronteira da divisa das fazendas de José Eduardo do Couto, de Pedro do Couto de Dona Lindolfa, como os demais não possuíam terras naquele local, adquiriram desses e também doaram (CARDOSO, COUTO NETO, JERONIMO NETO 2013).

As primeiras casas surgiram no entorno na praça que recebeu o nome de Praça São Sebastião, e não havia ainda um traçado urbanístico, e que logo foi providenciado através do líder político da região, Sr. José Eduardo do Couto. O povoado foi crescendo e, as pessoas do lugar tinham insegurança com respeito ao sucesso da fundação, foi aí que a Diocese de Goiás resolveu vender as áreas ainda não ocupadas, para assim dar continuidade na construção do povoado, e também por não ser sua atuação. (CARDOSO, COUTO NETO, JERONIMO NETO 2013). Os compradores dessas terras foram o Sr. Hélio Caldas Pinheiro advogado filho da família Caldas da cidade de Itaberaí e genro do Sr. José Eduardo do Couto, outros que adquiriram o terreno, foram o Sr. Sebastião Valdivino de Queiroz genro do Sr. Pedro do Couto e o último foi Sebastião Ludovico de Almeida irmão do ex-governador de Goiás Juca Ludovico. A partir de então empreenderam a venda de lotes e o distrito formou-se, primeiramente ligado administrativamente à cidade de Itaberaí e posteriormente a Taquaral de Goiás até sua emancipação política em 1988 via plesbicito.

Desde sua fundação a economia do lugar era baseada no setor primário com agricultura e pecuária vindo a diversificar com a implantação de confecções de produção de roupas íntimas a partir da década de 1990 e posteriormente o setor de serviços também se desenvolveu. Como consta nas narrativas das pessoas mais idosas que residem em Itaguari, aqui havia grandes fazendas de produção agrícola e pecuária. Destacando-se a produção de

grãos, arroz, feijão e milho. Com o passar dos anos foi diversificando a economia da região, com aumento da pecuária e diminuição da agricultura, e na cidade iniciava-se a produção de lingerie, que atualmente é o grande motor da economia de Itaguari. De acordo com Cardoso, Couto Neto, Jerônimo Neto (2013) cerca de 50% da população itaguarina s...ça ocupa da indústria de confecções. As descrições breves não empobrecem a história do município, nem os relatos são poucos, mas o que ora é pretendido neste texto é a investigação das folias aqui existente.

As tradições das folias de Reis são arraigadas nas dimensões culturais desse povo. A população que emigrou para esta região provavelmente já conhecia as folias de outros lugares, tanto que se notará mais a frente, no detalhamento de cada uma delas que duas folias surgiram antes da fundação do município e somente uma após. Coincidentemente ou não, é Folia Mineira que fora organizada pela família Couto, que foi uma das pioneiras na fundação do município.

Os mapas intencionam apresentar os contornos territoriais do município, e também de localizar o espaço geográfico onde atualmente as folias fazem seus giros. E anteriormente a leitura da história de cada folia esses registros cartográficos subsidiarão uma leitura mais contextualizada com a geografia percorrida por cada uma delas.

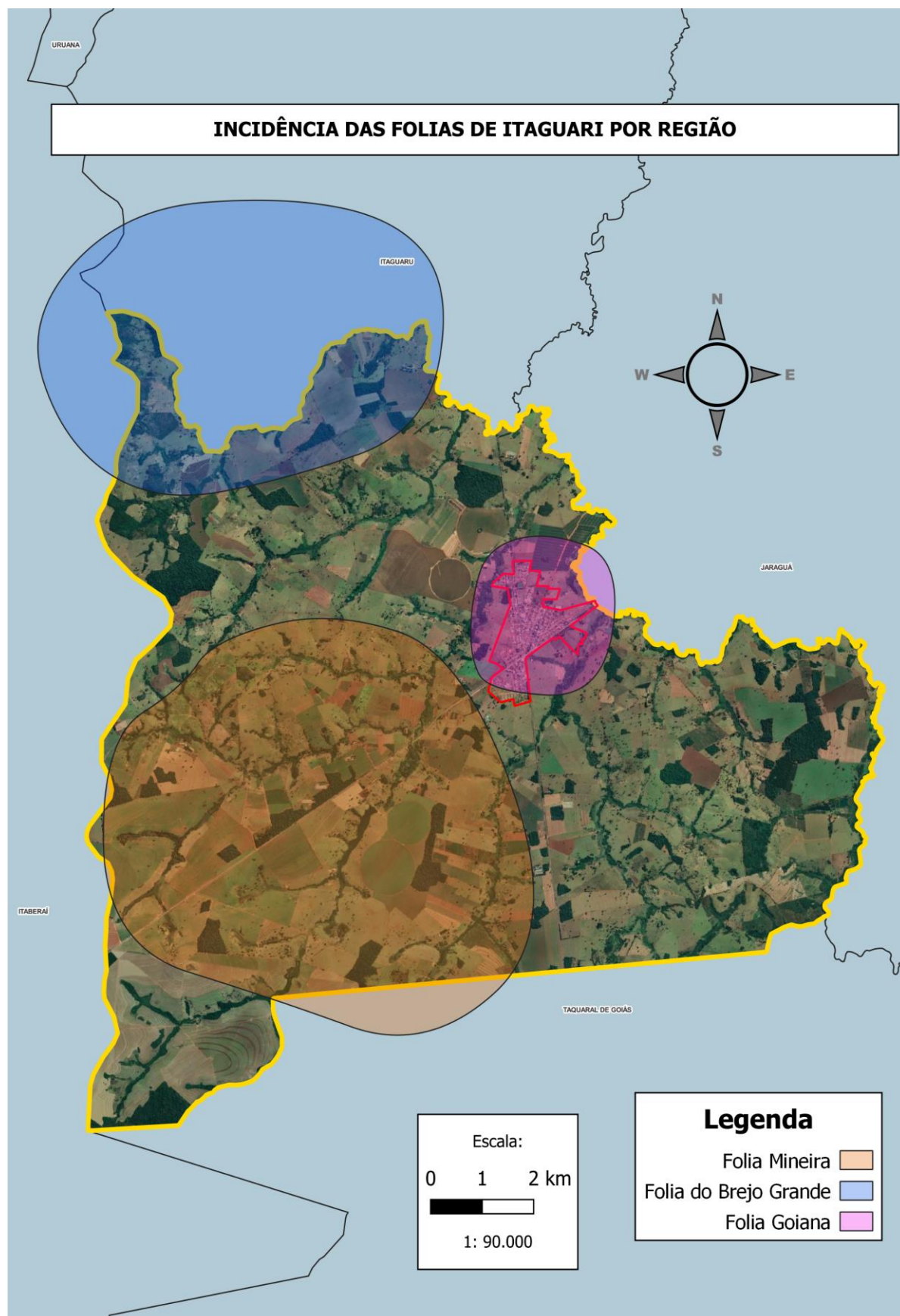


Figura 30 - Mapa da região das folias.

Fonte: SOUZA, João Vinicius Bessa; elaboração (19/12/2022).

Na Figura 30 pode-se visualizar a incidência geográfica costumeira dos giros de cada folia na atualidade. Considerando que no município existe uma legislação que nomeou as regiões rurais, sendo a Lei 141/2007; na qual se pode facilmente indicar em qual região as folias normalmente giram, a Folia do Brejo Grande gira nas regiões do Brejo Grande, Olaria, e dentro da cidade; esta região denominada Olaria já pertence ao território do município de Itaguaru; a Folia Mineira tem seu giro mais concentrado nas regiões do Sapezinho, Monjolinho, Soares Pastinho e Cachoeira, e na cidade; estas duas folias preservam-se na mesma região em que originaram tendo poucas variações, diferentemente da Folia Goiana que no seu início girava nas regiões do Piancó, Canta Galo, Montevídiu, Bom Sucesso e São João pertencentes aos municípios vizinhos de Jaraguá e Taquaral de Goiás e nas regiões do Sapezinho Casa de Telhas e Soares que pertencem a Itaguari e agora predominantemente transferiu-se para dentro da cidade, contudo, vez ou outra realiza giro em outras regiões a depender da oferta de pouso. Na figura 31 abaixo vemos o mapa do município.

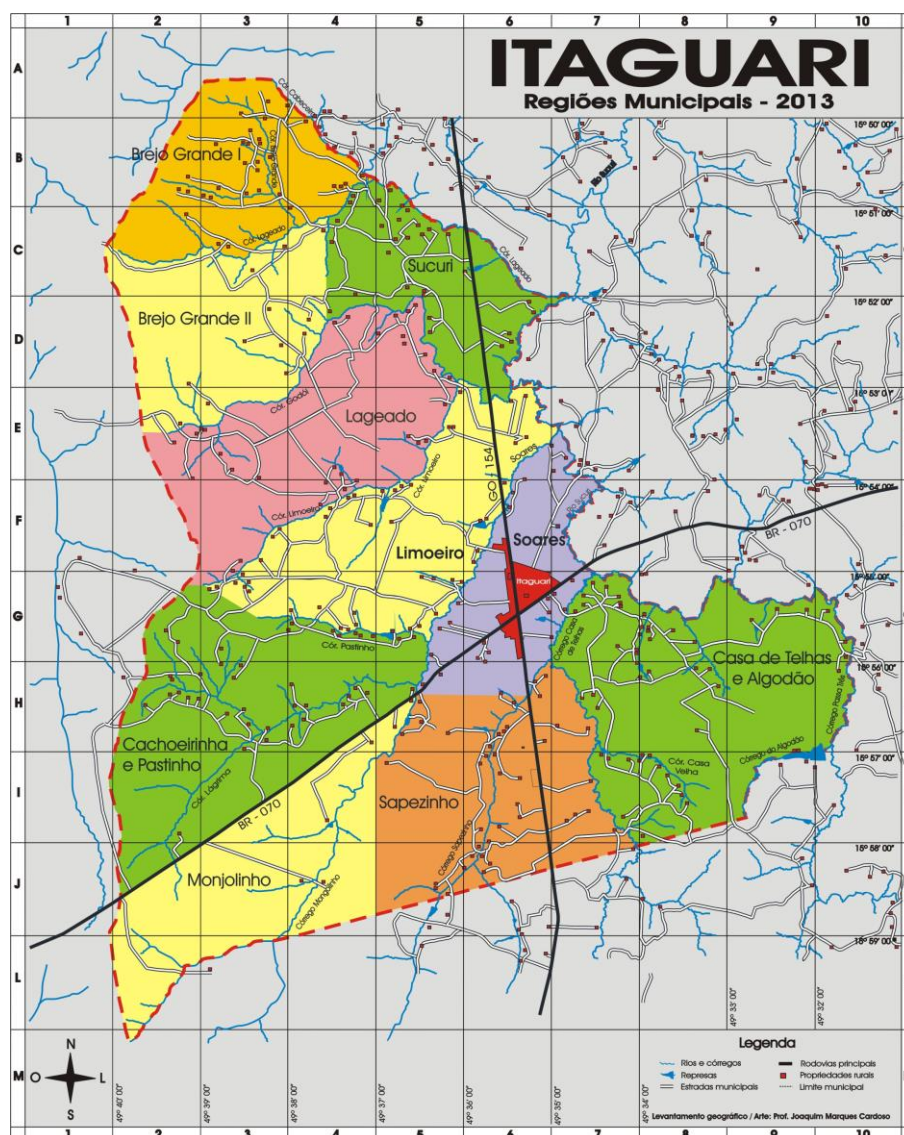


Figura 31 - Mapa do município de Itaguari.
 Fonte: CARDOSO, Joaquim Marques; elaboração (2013).

3.2 Folia do Brejo Grande

3.2.1 História

Das três folias de Itaguari a que menos se tem informação quanto a sua origem é a Folia do Brejo Grande, que recebeu este nome, devido a essa nomenclatura denominar a região em que é realizada. Ali nessa região se fixou há pelo menos mais de cem anos a família Ribeiro, e que se sabe tem mantido essa tradição. Contudo, ela traz grande orgulho aos itaguarinos por já ultrapassar os cem anos que a realizam (É Ele 2012). Numa entrevista para um informativo paroquial chegou-se a estimar que sua origem já tivesse mais de 130 anos (CAMPESTRE, 2008).

Segundo o livro da História de Itaguari a origem dessa tradição “Surgiu por volta do ano de 1900 sendo sua criação atribuída a João Rosa” (CARDOSO *et al*, 2013 p.81), mas é preciso cuidado com afirmações sobre estes dados históricos. Mediante cálculos lógicos tendo como referência a quantidade de anos chega-se ao ano de início das festividades como se obteve na entrevista com Dona Luzia que faz parte da família dos Ribeiros e ainda é cantora dessa folia, que afirma fazendo alusão à história da folia contada por seu pai: “ele falava não é do tempo do meu vô, qui cumeço essa folia” (informação verbal)⁵⁶ e complementando com dados pra estabelecer a origem da Folia do Brejo Grande, Zezinho, sanfoneiro dessa folia, assim testemunha “uai eu vejo assim falá qui ela tem bem mais de cem anos” (informação verbal)⁵⁷. Sem dizer quem deu início a essa tradição uma narrativa alicerça sua antiguidade, como relata “quando eu era criança – diz Divino Ribeiro, que também é embaixador de folia - meu avô, Pedro Inholá Inholasco, que nasceu em 1860, contava que, quando tinha os seus vinte e poucos anos de idade, era rapaz namorador e participava dessa nossa folia. Meu avô faleceu em 1956 com 96 anos” (CAMPESTRE 2008). E baseando-se nisto especulam-se que essa folia teve seu início por volta dos anos 1880, e, então, neste ano de 2023 estaria com aproximadamente com 143 anos de existência, pois, em outro trabalho acadêmico encontra-se a seguinte informação “Folia do Brejo Grande é a mais antiga de todas. Segundo a contagem dos foliões mais vividos, ela já tem 137 anos, completados em 2017.” (GONZAGA 2017

⁵⁶ SANTOS, Luzia Ribeiro dos. 58 anos, dona de casa. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra em 01 de março de 2023, Itaguari-GO.

⁵⁷ OLIVEIRA, José Sobrinho de.

p.66), continuando este autor, ainda relata sobre sua pesquisa da Folia do Brejo Grande, acrescentando dados históricos sobre ela, menciona:

“Segundo Jesus Reinaldo da Silva, genro de Nativo Ribeiro dos Santos, Geralda Caetano, filha do Zé Caetano e há anos moradora da região, disse, há uns 14 anos atrás, que essa folia teria uns 118 anos. Essa data coincide com a data apresentada acima por Divino Ribeiro dos Santos. E é com esses dados que se conclui que a Folia do Brejo Grande celebra, na sua última edição, 137 anos.” (GONZAGA 2017 p.67).

Apesar de a informação inicial atribuir a “João Rosa” a fundação dessa folia, ao que tudo indica esta folia tem fortes ligações com a família “Ribeiro” como se constata “Divino Ribeiro dos Santos, aponta que a história da Folia de Reis do Brejo Grande está ligada a história de sua família e no caso a história de seu avô Pedro Inholasco.” (CABRAL 2020 p.49), característica igualmente elencada por Gonzaga (2017) e essas ligação, ou mesmo, predicado dessa família é notório nas palavras do depoente “eis quais qui era os baluarte memo da fulia do Brejo Grande é os Ribeiro né eis que era os tradicional memo qui era os fixo do lugar que era o povo dos Ribeiro” (informação verbal)⁵⁸. Tanto é, que essa folia também é chamada de “*Folia dos Ribeiros*”. Neste ponto encontrar-se a divergência quanto a sua fundação, também levantada por Cabral (2020), contudo, ainda não foram encontrados dados para o arremate dessa questão. A dissensão aponta para um fim ao atribuir a João Rosa e Pedro Inholasco como fundadores, o que fora sabido em uma entrevista com a Senhora Ana Nogueira e Nativo Ribeiro que compartilham da mesma informação de que estes dois eram contemporâneos e naqueles idos anos da década de 1880 iniciaram a tradição, o senhor Nativo assegura taxativamente “É o Pedro Inholasco foi qui cumeço essa fulia lá [...] Pedro inholasco e João Rosa” (informação verbal)⁵⁹ confirmando a mesma história, a senhora Ana relata “pelo meu biso Pedro Inholasco e mais alguns companheiros da região que nessa hora num tô ... agente num sabe mesmo que é muitos anos atrás, eles fala que o Seu João Rosa foi um dos que ajudou muito” (informação verbal)⁶⁰ e ainda informou “mais ou menos a estimativa 1881, mas não tem nada relatado nem registrado” (informação verbal)⁶¹. A depoente Ana relata que o Pedro Inholasco, na verdade, se chamava Pedro Nolasco Ribeiro (Figura 32), e teria chegado àquela região, antes ainda de 1880 vindo de Jaraguá.

⁵⁸ OLIVEIRA, José Sobrinho de.

⁵⁹ RIBEIRO DOS SANTOS, Nativo. 80 anos, sitiante. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra em 10 de março de 2023, Itaguari-GO.

⁶⁰ NOGUEIRA, Ana Rodrigues dos Santos.

⁶¹ Idem.



Figura 32 - Retrato de Pedro Nolasco Ribeiro.

Fonte: BRAGANÇA, Rosinéia Primo (s/d).

A tradição teria surgido a partir da devoção de uma reza de terço a qual Pedro Nolasco Ribeiro havia participado e após esse momento deu prosseguimento a devoção conforme conta a bisneta de Pedro Inhola:

“E deu início um, um senhor confrontante dele lá que não era próximo, era bem longe um pouco aquela época não era muito habitado era muito mato, esse senhor fazia, rezava o terço dos Santos Reis, ele convidô meu biso [...] meu biso foi reza o terço, [...] aí meu biso foi reza o terço entendeu, aí como meu biso gosto muito pediu pro senhor reza na casa dele, aí eles rezaro na casa dele, aí no outro dia, outra pessoa pediu pra reza na casa doutra pessoa, aí eles foro rezano, e tinha as pessoas que tocava usava os instrumentos[...] começo nisso.” (informação verbal)⁶²

E de alguma forma teria inserido a folia com a ajuda de outras pessoas, ou mesmo uma folia já existia ali e fora a partir de então articulada por Pedro e sua família ali naquela região.

As poucas informações sobre essa folia aguçam a curiosidade sobre suas origens. As fontes são poucas, devido a ter transcorrido mais de uma centena de anos. Devido às folias não usarem nenhum tipo de registros até pouco tempo, ocorrendo de uma forma informal, muitos dados se perdem ao longo dos anos. Esse parece ser bem o caso da Folia do Brejo Grande que tendo iniciado há anos, perdeu muita informação. Contudo, a memória é um dos poucos, senão o único reduto das informações sobre ela.

Como é uma celebração muito comum nesses interiores do Brasil não se pode afirmar que a primeira festa tenha sido em razão de uma promessa, ou se somente pela tradição do catolicismo popular tão forte.

⁶² Idem.

Contam os mais idosos da família Ribeiro que esta já foi a maior festa de folia da região, tendo sido preparados mais de oito dezenas de latas de doces para a festa. (CAMPESTRE, 2008), o entrevistado confirma essa informação: “É e sobrava trem toda vez, eu fazia a festa e depois passava um final de semana no outro final de semana fazia outra festa, que sobrava muita coisa” (informação verbal)⁶³ assim referindo aos tantos pousos e festa que já realizou em sua residência.

Mesmo tendo poucas informações sobre seu surgimento, a sua importância se dá quanto as outras e principalmente pelas suas especificidades. O que fica retido é forte ligação dessa folia a família Ribeiro e data bem aproximada de seu surgimento. Esta circunstância histórica impele a reflexão da força e penetração das folias na vida dessas pessoas.

3.2.2 Cantoria

A cantoria da Folia do Brejo Grande é em ritmo goiano como já fora explicado, tendo pouca variação na forma rítmica e no emprego das vozes “ela é diferente ela é o ritmo goiano o orige memo goiana” (informação verbal)⁶⁴ assim nos disse Zezinho que ainda acrescentou “e a goiana não, a goiana ela é, dependeno três folião canta ela, o imbaixado e dois na resposta” (informação verbal)⁶⁵ em uma análise “Sua estrutura de pessoal e instrumento é a mais diminuta dentre as três.” (GONZAGA 2017 p.72). Atualmente não tem a participação dos meninos na parte da resposta da cantoria como é próprio desse tipo de ritmo de folia. Contudo, na região é o que mais é semelhante ao canto goiano. Nessa folia o comum são homens fazerem a resposta e mesmo, mulheres também participam. A escolha desse ritmo ainda com informações imprecisas pode estar relacionada à origem da família Ribeiro que se fixou aqui há tanto tempo.

Os instrumentos são basicamente os mesmos, mas não encontramos nessa folia o bandolim, ou o triangulo e o uso da viola é quase dispensável, sendo que os principais são a sanfona, o violão, caixas e pandeiros, (GONZAGA 2017).

3.2.3 Local

⁶³ Nativo Ribeiro dos Santos.

⁶⁴ José Sobrinho de Oliveira.

⁶⁵ idem

A região onde ocorre essa folia é o Brejo Grande uma região rural com área aproximada em 63,4 km² situados a norte da cidade de Itaguari, com acesso pela GO 154, na direção ao município de Itaguaru. O relevo predominante é de superfície plano ondulada, sendo esta a porção de terras do município que é mais irregular, montanhoso tendo ao fundo a Serra do Nholo que é o limite do município, não foi encontrada muitas informações sobre o nome dessa região, contudo, a serra leva o nome do fazendeiro que possuía uma grande fazenda naquela região, que era o Sr. Pedro Nholo, ou Nhola.

Predominantemente essa folia acontece nessa região, e na região da Olaria que fica do outro lado da rodovia estadual, mas nos últimos anos, motivada pelos convites ou mesmo por busca de pousos, tem alterado sua área de ocorrência realizando giros e pousos, dentro da cidade Itaguari, Itaguaru e outras regiões.

Ainda sobre essa região, a família Ribeiro continua sendo a grande proprietária das terras, devido às partilhas em heranças, a região é composta de pequenas chácaras, de produção agrícola e de pecuária.

A religiosidade popular com a animação e articulação das CEBs, fez surgir uma capela nessa região (Figura 33), sendo o único templo católico fora da cidade. Esta capela é dedicada a Nossa Senhora da Conceição como informou Cabral (2020) no livro Tombo da Paróquia São Sebastião de Itaguari há o registro dessa comunidade sendo uma delas a visita do bispo diocesano “As 19 horas, seguimos para a comunidade Nossa Senhora da Conceição, no Brejo Grande Dom Eugenio chegou à capela, cumprimentou o povo presente e começou a celebração” (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA APARECIDA p.48) Por ocasião da folia do Brejo Grande, os foliões ali passam para fazerem suas adorações, conforme pode-se ver em uma fotografia capturada naquela ocasião (Figura 34).



Figura 33 - Capela do Brejo Grande.
Fonte: SANTOS, Seni Moreira (04/05/2023).



Figura 34 - Folia do Brejo Grande na Capela.
Fonte: acervo do autor (31/12/2011).

Em última observação “É a mais rural, a que mais celebra seu ritual nas regiões rurais propriamente.” (GONZAGA 2017 p. 69-70) e demonstrando forte vínculo com a região.

3.2.4 Período

A folia “dos Ribeiro” como também foi alcunhada, inicia seus eventos no dia 30 de dezembro com a saída da folia à noite e daí segue suas visitas até o dia 06 de janeiro para celebrar o dia dos Reis como se pode extrair do adesivo abaixo (Figura 35):



Figura 35 – Adesivo da Folia do Brejo Grande.

Fonte: acervo do autor (2015).

Ao que tudo indica não houve alteração desse período. O pesquisador Cabral em seu relato confirma esse período de ocorrência dessa folia, “Entre os dias 30 e 06 de janeiro, analisei a Folia de Reis do Brejo Grande. No dia 06 de janeiro pela manhã estive na festa de Reis da Folia do Brejo Grande, pois, sua ritualidade ocorre pela manhã.” (2020 p.32). Deve se registrar poucos eventos dessa folia fora desse período e as informações obtidas dão conta de que foram ocasionadas por uma promessa, não se tornando uma prática para o grupo.

3.2.5 Giro

Essa parte da Folia do Brejo Grande é o que mais chama a atenção e a diferença das outras duas do município, lhe dando uma característica muito própria, tendo poucas outras que assim também fazem pelo Brasil, essa folia realiza seu giro durante a noite, conforme relatado: “Entretanto, ainda há casos, como da Folia de Reis do Brejo Grande, em Itaguari (GO), em que se dá o contrário, o giro acontece à noite e o pouso durante o dia” (PESSOA 2007 p. 202), e por analogia as outras duas numa comparação “Ademais, enquanto os foliões das outras duas folias dormem os da do Brejo Grande giram, de 30 de dezembro até dia 06 de janeiro,” (GONZAGA 2017 p.70) A explicação para essa escolha está relacionada ao evento relatado na Bíblia, e ao fenômeno astronômico do aparecimento da Estrela Guia que segundo os relatos sagrados guiaram os Visitantes a Lapinha de Belém. A Folia do Brejo Grande inicia seu itinerário por volta das 20 horas reunindo os foliões para janta, logo após todos estarem alimentados cantam agradecendo e saem realizando as visitas “sempre na base

de oito e meia às nove horas é o horário de sair com ela” (informação verbal)⁶⁶ iniciando o giro daquela noite.

Faz-se memória que essa folia já girou durante o dia, como foi relatado: “teve um ano que eis giro quela durante o dia, só qui parece qui ela num foi bem aceita pela tradição dela sê a noite e vorto sê a noite di novo” (informação verbal)⁶⁷, informação outrossim levantada por Gonzaga (2017). Todavia, a força da tradição foi determinante para manter os seus giros à noite.

Nas narrações, de foliões e devotos, esse giro antigamente era realizado a cavalo e mesmo a pé, mas atualmente com o êxodo rural as distâncias entre as residências aumentaram e muitos o percorrem com veículos como disse o depoente “de primeiro era muito a cavalo né, hoje num existe mais cavaleiro nela que as casa fico longe uma da outra então gira mais é de carro” (informação verbal)⁶⁸. Contudo, o desejo de reviver a tradição ainda impulsiona algumas pessoas a irem a cavalo.

Esse é um período chuvoso, ressalta Gonzaga (2017 p.70) “Não raro, todos enfrentam noites de chuva.” por isso, as dificuldades são ampliadas para realização dos giros, mas isso não impede a realização, e os obstáculos encontrados por aqueles que se dispõem a cumprir o giro são encaradas como experiências adquirindo uma tônica lúdica (Figura 36).

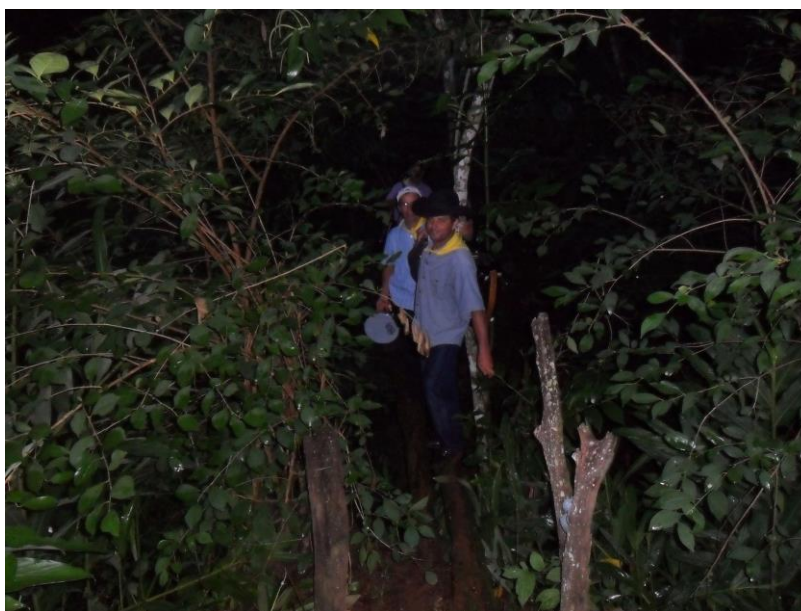


Figura 36 - Giro com obstáculos.

Fonte: acervo do autor (31/12/2011).;

As dificuldades podem ser desde fortes chuvas, atoleiros nas estradas rurais, travessias em pontes improvisadas sobre os riachos, isto assim confirmado:

⁶⁶ OLIVEIRA, José Sobrinho de.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ idem

“percorrendo estradas, caminhos e trilheiros, passando por mataburros, atravessando pontes e pinguelas, subindo e descendo serras. Sob a luz das estrelas, foliões e devotos enfrentam a escuridão da noite sobre lombo de animais (eqüinos ou muares), seguindo a mira de lanternas à pilha, à bateria ou as de celulares; dentro de carros ou sobre motos; mas principalmente à pé,” (GONZAGA 2017 p.70).

As adversidades não diminuem os ânimos para um catira, e, por outro lado a receptividade acompanhada de mimos alimentícios, (Gonzaga 2017) recompensam à disposição de girar à noite. Por ser realizada durante a noite, a presença de uma cachaça é utilitária como defendem, ser para dar ânimo frente ao sono.

As visitas dos giros dessa folia têm um diferencial por ocorrerem durante a noite e se estenderem pela madrugada, os foliões chegam às casas, na zona rural muitas vezes sob a luz de lanternas, reproduzindo assim a viagem dos Magos, e seus versos são:

oh de casa moradô
oh de casa nobre gente (bis)
[...]
senhore dono casa
abre a porta e cende a luz (bis)
arecebe os Santos Reis
e o coração de Jesus (bis)⁶⁹

O costume como se viu na cantoria transcrita é que a folia cante para o morador pedindo entrada e que este acenda as luzes, para então adentrarem para a residência cumprir o ritual da folia.

3.2.6 Pousos

Como o giro é realizado noturnamente o pouso é durante o dia, o início do pouso se dá com a chegada da folia muitas vezes ainda na madrugada se estendo até ao alvorecer (Figura 37), aí os foliões cantam nos arcos e no presépio. De acordo com o depoente há um protocolo a ser seguido pelos galhos dessa folia quando um deles chega primeiro:

“não lá talvez lá até as vezes um chega primero otro chega primero chega sempre no usa assim gaio esquerdo chego ele já faiz a cantori abrino o espaço pa o gaio direito [Jo gaio direito se tiver alguma promessa, ele canta encerrano aquela promessa [] num precisa dele pedir a pousada qui o que chego primero já pediu a pousada pra ele.” (informação verbal)⁷⁰

⁶⁹ Transcrição de verso de visita a uma casa durante o giro da Folia do Brejo Grande no dia 30-31/12/2011, acervo do autor.

⁷⁰ OLIVEIRA, José Sobrinho de.



Figura 37 - Folia do Brejo Grande chegando ao pouso.

Fonte: acervo do autor (31/12/2011).

A fartura de comida é notória, tanto quanto a variedade, pois, são servidos almoço e janta no pouso, em alguns casos são servidos doces, a comida é então o ponto alto do pouso como enfatizado “Ressalta-se que a Folia do Brejo Grande, tem o almoço como um dos pontos principais de seu pouso, como ela gira à noite e pausa durante o dia, o almoço é o momento da socialização entre os devotos e os demais foliões.” (CABRAL 2020 p.68), assim organizado: “inclusive igual feijão esses trem cê tem que po a tarde né pra cozinha pra outro dia, que se não num cozinha qui é muito e ai tem a gente de prepara igual as carne essas coisas cê tem qui prepara até antes do dia doce qui a gente faiz se prepara tudo antes” (informação verbal)⁷¹. Devido o evento se prolongar durante todo o dia muito dos preparativos para receber a folia e as demais pessoas iniciam dias antes e envolvem muitas pessoas para cozinhar, montar as estruturas necessárias, e os enfeites do pouso, por isso, a logística de preparação exige certo esforço quanto às demais, como preparar os alimentos ainda durante a madrugada.

⁷¹ SANTOS, Luzia Ribeiro dos.



Figura 38 - Forró na Folia do Brejo Grande.

Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (2007 - 2010).

Logo após o almoço, durante à tarde tem o baile, animado com forrós, na sua maioria são reproduzidos através de sonorização mecânica, ou automotiva, e algumas vezes ocorrem shows com artistas regionais (Figura 38).

Um dos rituais durante o pouso é o do terço que é realizado por volta do meio dia sob a incumbência das mulheres “Esta folia tem outras peculiaridades como o fato do terço nos pousos ser rezado por mulheres e em horário determinado (ao meio dia)”. (CABRAL 2020 p.73).

O pouso se encerra com a cantoria da folia agradecendo o jantar e o pouso, e saem em jornada do giro.

“eles vai seguir viagem
nesta hora tão singela (bis)
eles tá se despedindo
adeus até outro dia (bis)
[...]
os Tres Reis te agradece
o senhor e a família (bis)”⁷²

Os altos custos têm levado a não ocorrer pousos, o que eles denominam “falha”, pois, não encontram pessoas com condições de arcar com as despesas para realizar o pouso. Isso mesmo levando-se em consideração as doações feitas, mas o contingente de participantes tem aumentado bastante inviabilizando seus custeios. Não obstante, uma alternativa tem sido encontrada, que é a junção de mais de uma pessoa ou família, para realizar o pouso e assim as despesas são divididas e a festança esta garantida.

Destacam-se aqui elementos característicos muito próprios à Folia do Brejo Grande, o que a diferencia fundamentalmente das outras duas folias do município de Itaguari,

⁷² Transcrição de versos da Folia do Brejo Grande, numa saída para o giro daquela noite, sem data definida, acervo do autor.

e até mesmo de outras do país. Constituem-se pontos que podem ser descritos em poucas linhas.

3.2.7 Tradição familiar

Característica da folia do Brejo Grande é seu forte elo familiar, demonstrado em vários aspectos da folia, desde a composição dos ternos da folia, até a irmandade em que se fazem presentes, sobre este aspecto foi destacado por Gonzaga (2017 p.67) “Divino Ribeiro dos Santos, vulgo Divino Ribeiro, vê-se um legítimo participante da história da Folia do Brejo Grande quando se liga diretamente ao seu avô, Pedro Inholá Inholasco.” o mesmo sentimento foi captado na entrevista do folião Jurandir Ribeiro dos Santos “foi fundada pela nossa família, foi mantida por muitos anos na nossa família, boa parte da nossa família participa dela né, então assim sinto meio que um pouco responsável por dar andamento né” (informação verbal)⁷³ esse forte laço familiar pode ser o fator para a longa duração dessa folia que é realizada conforme dito anteriormente há pelos menos uns 140 anos, tal qual informa o senhor Nativo “é o Pedro Inholá foi o que cumeço a folia lá, depois passo pro meu vô qui era Manoel Ribeiro dos Santos, [...] pai do meu pai, e aí passando pro meu pai pro meus tios né” (informação verbal)⁷⁴.

Geralmente os foliões do Brejo Grande pertencem à família Ribeiro, contudo, não é a regra, pois, outros indivíduos têm integrado essa companhia. Outro ponto que reforça os vínculos parentais está assentado na condicionante respectiva às propriedades daquela região que ainda pertence às integrantes da família Ribeiro majoritariamente, como fora observado, “Porém como a folia de Reis do Brejo Grande faz seu giro na região onde até hoje predomina as propriedades da família Ribeiro, ocorre quase que todos os anos a realização uma festa ou pouso na casa de algum destes familiares.” (CABRAL 2020 p.118), fica notório o envolvimento dessa família com a folia. O local onde é realizado com seu relevo montanhoso e giro noturno, levam a considerar essa tradição como de uma resistência e perseverança muito grande, convínhamos que quando não se tinham os faróis dos veículos nos giros usavam-se lanternas e outras formas de iluminarias.

⁷³ DOS SANTOS, Jurandir Ribeiro. 47 anos, lavrador. Entrevista a Magno Florentino Dutra em 10 de março de 2023, Itaguari.

⁷⁴ RIBEIRO DOS SANTOS Nativo.

3.2.8 Participação das mulheres

Embora pequenos esses detalhes, eles dão as diferenciações e revelam a unicidade dessa folia. Nos tempos atuais de muita efervescência na luta pelo reconhecimento de direitos de gênero a Folia do Brejo Grande, foi vanguardista em admitir a participação feminina, considerando sua especificidade do giro noturno, enquanto noutra folia a participação das mulheres no grupo de foliões fora vedada, nesta foi ocorria o contrário “não, nunca ninguém impediu as mulheres ir participa” (informação verbal)⁷⁵. Este contexto fora relatado por Luzia Ribeiro quando especulada sobre a participação de mulheres na folia “sempre participava [] girava, e vinha várias mulheres para participa” (informação verbal)⁷⁶ A presença feminina na folia do Brejo Grande, fora incentivada “cê sabe [...] igual, as meninas do cumpade Divino tudo cantava, e o cumpade Divino, ele incentivava” (informação verbal)⁷⁷, a senhora Luzia assim lembrou, e ainda elencou nomes de várias mulheres que participavam e ainda participam desta folia (Figura 39).



Figura 39 - Mulheres participam da Folia do Brejo Grande.
Fonte: autor do autor (30/12/2011).

Em contraponto nas outras folias de Itaguari o ingresso de mulheres como foliãs é bem recente. O preconceito foi muito grande como podemos nos escritos de Pessoa (2021) este mesmo autor sublinha que essa realidade vem se transformando nos últimos anos como diz; “Assim é que, já nos anos 2000, depois de a mulher se inserir com determinação em espaços como a política e o mundo das profissões tipificadas socialmente como masculinas, chego à vez de também as folias, despertarem a atenção feminina.” (PESSOA 2021 p.50).

⁷⁵ SANTOS, Luzia Ribeiro dos.

⁷⁶ *idem.*

⁷⁷ *Idem.*

Gonzaga (2017), em vários trechos da sua tese toma depoimentos de mulheres que se envolvem com os rituais daquela folia, participando ativamente dela, na cantoria, e não apenas nos afazeres da cozinha.

Outra diferença da folia do Brejo Grande é que esta não tem o palhaço, informação levantada por Cabral (2020) e encontrada no depoimento de Sidcley “ela não tem é os, os palhaços” (informação verbal)⁷⁸ ao apontar as diferenças dessa folia com as outras. Conforme relataram os depoentes essa folia nunca teve palhaços e a razão apresentada é simples como se nota no depoimento “uai, segundo o qui eu ouço a respeito disso, diz que fulia que gira à noite num tem necessidade de tê palhaço”⁷⁹, e a explicação parece fundamentar-se na tradição e um pouco nos relatos bíblicos como ouviu-se na explicação:

“É porque na tradição é dos Três Reis, quando visitou o menino Deus no seu nascimento durante a noite eis não usava máscara [] era mais difícil deis sê reconhecido então não precisava usar máscara [...] então durante o dia eis usava as máscaras pra num sê reconhecido nem na ida e nem na volta, né Andrade, pra num sê perseguido” (informação verbal)⁸⁰

Referiram as máscaras como sendo os palhaços e a perseguição era a do Rei Herodes que fez a perseguição aos inocentes como narrado na Bíblia.

Na folia do Brejo Grande a bandeira é levantada na casa do festeiro daquele ano cumpre seu giro e volta para grande festa nesse mesmo local, e quando se escolhe o próximo festeiro ele a leva para sua residência aguardando o início da folia.

3.2.9 Obstáculos à folia do Brejo Grande

A Folia do Brejo Grande demonstrando sentimento de preservação da tradição mantém seu giro ainda durante a noite, é uma característica forte, não tem muitas folias que fazem seu giro noturno. Com o envelhecimento de muitos foliões esta parte tem ficado difícil de ser realizada, o cansaço físico é o desafio enfrentado para manutenção dessa tradição. Esta situação tem sido evidenciada “Nos últimos anos se tem notado nos dois galhos, sobremaneira, a redução do número de foliões.” (GONZAGA 2017 p. 69). Na análise deste pesquisador alguns fatores contribuem para essa diminuição, entre estes estão: o êxodo rural,

⁷⁸ SILVA, Sidcley Pereira da.

⁷⁹ DOS SANTOS, Jurandir Ribeiro.

⁸⁰ DE FREITAS MACHADO, José - (André), 70 anos, cantor. Entrevista cedida a Magno Florentino Dutra em 25/02/2023 Goiânia-GO.

as chuvas, e a existência das outras duas folias no município (Gonzaga 2017). Contudo, há um forte sentimento de manutenção dessa tradição entre os moradores da região e daqueles ligados a essa folia (Gonzaga 2017)

Consequentemente ao giro noturno, os pousos são diurnos, o que implica em pelos menos, duas alimentações durante o evento, portanto, as despesas têm ficado altas, embora haja muita doação, podem ocorrer despesas não supridas pelas ofertas. Devido essa circunstância a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a realizarem um pouso tem sido recorrente, e quando ocorre isto, em algum dia a folia só faz um “descanso da bandeira”, que consiste em chegar a uma casa e só deixar os instrumentos e as bandeiras e ali não ocorrer festejos, a alimentação só será distribuída aos foliões. Mas mesmo assim a solidariedade é grande, atestado “Graças a Deus muito farturenta ela sempre foi, nossa folia” (informação verbal)⁸¹ este valor, fica destacado nas seguintes falas: “cada um dava uma coisa, fazia uma festona [] todo mundo comia todo mundo bebia, né” (informação verbal)⁸² em outras palavras mas com o mesmo sentido “as pessoa compartilha, isso é muito importante, compartilha ali o que tem, o que pode doar em alimentos” (informação verbal)⁸³ Sidcley aponta: “que é questão da ajuda de todos, quando a pessoa, todo mundo ajuda, doa ele sente dono da folia, pra mim esse é o grande segredo dela nunca acaba” (informação verbal)⁸⁴ reforçando que esses valores sustentam essa manifestação.

Vale salientar que não houve festa nos últimos dois anos em função da pandemia da COVID-19.

3.3 Folia Goiana de Itaguari

3.3.1 História

A Folia Goiana de Itaguari é uma das maiores referências culturais para o Estado de Goiás, podendo ser uma das maiores folias do Brasil. E foi o primeiro palco da dupla, André e Andrade, como estes mesmos dizem “foi aonde nasceu a dupla, foi lá nas folias de Santos Reis” (informação verbal)⁸⁵ a dupla André e Andrade participam dessa folia desde quando eram crianças ao lado de seu pai João de Freitas, como relataram em entrevista de-

⁸¹ DOS SANTOS, Jurandir Ribeiro.

⁸² RIBEIRO DOS SANTOS, Nativo.

⁸³ SILVA, Sidcley Pereira da.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ DE FREITAS MACHADO, José (André).

monstrando grande conhecimento da história da folia em questão. Na Figura 40 festa da Chegada da Folia Goiana na Feira Coberta provavelmente fim da década de 1990 início dos anos 2000.



Figura 40 - Festa da Folia Goiana.

Fonte: acervo desconhecido.

Essa folia é das três a que mais passou por mudanças, e ainda está enfrentando um problema relativo ao espaço para sua reprodução, atualmente ocupa o Centro Cultural Sebastião Valdivino Queiroz (Feira Coberta), a praça da cidade e as ruas ali próximas, embora seja um momento festivo para população, alguns contratempos são apontados pela população. Com o crescimento da festa há exigência de mais locais para os participantes e seus veículos e ainda os vendedores ambulantes.

É a segunda mais antiga das folias de Itaguari, pois, já se aproxima do centenário as pessoas não apontam precisamente sua origem, muitas vezes baseiam o tempo de sua existência com o surgimento do município “antes de existe a ...o Itaguari [...] aquela folia de Reis já existia” (informação verbal)⁸⁶, a falta de informação não incomoda os devotos, a demonstração é de confiança na religiosidade presente nela desde sua criação.

⁸⁶ idem



Figura 41 - Cartaz da Folia Goiana 2023.

Fonte: acervo do autor (2023).

A Folia Goiana tem sua origem com um voto feito por Idelfonso por volta dos anos de 1930, e a partir de então foi realizada, considerando o cartaz desta edição do ano de 2023 estaria com 95 anos (Figura 41), então sua origem teria sido em 1928. O fundador dessa folia é confirmado por Andrade, que interpelando seu irmão disse “quem levanto ela André, primeramente, há muitos anos atras é o pai do Chiquim da Vicença, irmão do padrin Zezin Izabel, o Delfonso” (informação verbal)⁸⁷, o ex coordenador da Folia Goiana Zelão narra a história de sua fundação “Ela foi criada o seguinte, tinha, tinha o fio dum fazendeiro eis fizeram um voto prele tira uma fulia, né, é o Idelfonso, aí o Idelfonso ele pego i ele pego e tiro a fulia, aí o pessoal gostou já rumaro uma turma lá no dia da recolhida né ai pego e correu a sorte lá [...] aí começo a folia desse jeito” (informação verbal)⁸⁸. Outro estudo conflui para estabelecer como primeira festa da Folia Goiana sendo em 1928, assim afirmava “A folia de Santos Reis de Itaguari é uma folia muito antiga na região, com 78 anos de existência.” (SOUTO, 2006, p.15).

Na atualidade a Folia Goiana gira durante o dia, porém, já girou a noite, conforme os relatos. Andrade que participava dessa folia anos atrás confirma ao ser indagado sobre esse tema “de noite antigamente era de noite” (informação verbal)⁸⁹. Ao que pode-se deduzir só a pouco anos ela mudou seu giro, pois “Essa folia antigamente eu tinha sete anos

⁸⁷ FREITAS MACHADO, Sebastião de (Andrade).

⁸⁸ DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).

⁸⁹ FREITAS MACHADO, Sebastião de (Andrade).

de idade quando eu participava dela então ela girava a noite” considerando esse relato do embaixador Bruno que está com “meia idade” conclui-se assim, conquanto a entrevista com este folião ainda revela o motivo da mudança para o giro durante o dia como apontou:

“aí o finado Zezim Izabel chego no Criolo, Criolo vamo passá essa folia pra girá de dia porque nois já tá de idade, então pra nois é muito pesado à noite, aí o Criolo, fizeram reunião o Criolo consentiu, né o Zezim Izabel consentiu, o Zé Buteco consentiu, né intão nois passamo pa gira ela de dia e taí tem muitos anos que gira de dia” (informação verbal)⁹⁰

Não foi possível apontar precisamente o ano dessa mudança, levando estimar que fora ainda nos anos 70 ou 80. Quanto aos foliões citados Zezim Izabel e Criolo são considerados bons embaixadores que estiveram a frente da cantoria da Folia Goiana por muitos anos até suas mortes, anos atrás. Também não foi encontrada informação sobre os nomes completos deles.

A história dessa folia segue a regra de muitas folias quanto ao seu surgimento que se dá com uma promessa e a partir disso continua realizando os festejos. Contudo, sabe-se que ela foi interrompida por duas vezes, como relatou Zelão, sendo que a primeira vez se deu por este motivo “aí tem uns sessenta, setenta, quais uns setenta anos atrás teve, teve uma tragédia na, aqui no bom sucesso o festeiro, eis mataro o festeiro e o pessoal juntaro e mataro o cara qui mato o festeiro [...] aí parou dois anos” (informação verbal)⁹¹, após reiniciar com a festa, ocorreu outra paralização, segundo o depoente “aí chegou lá no João inhambú há muitos anos depois cumeço a para, parece que paro um ano aí o João inhambú seguiu ela” sendo novamente reerguida. Esta fase citada ocorreu devido à Folia Goiana ficar menos ativa, com pouca participação e por causa da escassez de foliões, mas, segundo outro entrevistado “essa folia ela refez, mais ou menos no ano de 82 pra cá” (informação verbal)⁹² e vem se realizando até os dias atuais.

⁹⁰ FARIA Bruno José de.

⁹¹ DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).

⁹² FLORES Daniel Antônio.

3.3.2 Cantoria



Figura 42 - Folia Goiana chegando ao pouso.
Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (03/01/2006).

O ritmo da Folia Goiana de Itaguari já foi o goiano, que segue descrição da pesquisadora Yara Moreira, e talvez por isso viesse a denominar-se Folia Goiana, no entanto, com o passar dos anos esse ritmo vem sendo sofrendo variações rítmicas, se assemelhando mais o estilo mineiro, também se deve considerar a falta dos meninos e adolescentes integrando essa folia. Esta circunstância foi relatado por André “oh ritmo goiano antigamente era bem diferenciado de hoje” (informação verbal)⁹³ Como atualmente essa folia tem que convidar foliões de outras companhias para cumprir sua jornada, os ritmos vão sendo executados de acordo com os praticados pelos embaixadores visitantes.

Todavia, alguns foliões mais idosos ainda conservam conhecimentos dos ritmos cantados anteriormente, nos anos áureos da Folia Goiana quando esta, ainda girava à noite chegando às casas e cantavam assim como recordou a dupla André e Andrade que entoou esses versos:

“senhore dono da casa
abre a porta e cende a luz (bis)
venha ver na sua porta
o retrato de Jesus” (bis)⁹⁴

⁹³ DE FREITAS MACHADO, José (André).

⁹⁴ Transcrição de versos cantados por André e Andrade durante a entrevista cedida Magno Florentino Dutra em 25/02/2023 Goiânia-GO.

Os instrumentos quase não variam das demais folias permanecendo a sanfona como o instrumento que dá o ritmo e é acompanhada por violas, violões, cavaquinhos, caixas e pandeiros. Alguns desses instrumentos pertencem à folia e outros são dos foliões.

Entre os principais embaixadores estão Crioulo e Zezim Izabel (Figura 43) e mais recentemente Luiz Carlos que residia em Inhumas. A Folia Goiana tem atualmente em seu terno de cantores foliões de outras cidades.



Figura 43 - Folia Goiana na zona rural década 1980.

Fonte: autor desconhecido (década de 1980).

A cantoria da Folia Goiana de Itaguari tem uma faixa que compõe o CD Folia de Reis Tradição e Fé produzido pela VBS Produções, que realizou um projeto cultural com recursos do Ministério da Cultura do Governo Federal em 2006.

3.3.3 Local

A Folia Goiana, quando surgiu girava nas regiões rurais do Canta Galo, Píancó, Bom Sucesso, São João, Montevidiu e Sapezinho. Com o passar dos anos os giros foram trazidos para regiões bem próximas de Itaguari e ultimamente giram na sua maioria dentro da cidade. O espaço territorial tem uma influência muito grande sobre todas as ações humanas e com as folias e principalmente com essa, houve grandes transformações como a geografa diz “A partir da década de 90 um processo de migração espacial passa a envolver a Folia. Aos poucos a Festa foi aumentando seu vínculo com o espaço urbano, até passar a ser realizada nas ruas da cidade e deixando aos poucos o espaço rural.” (SOUTO, 2006 p. 27). A

transposição do espaço urbano para o rural foi determinante para a Folia Goiana, a partir de então seu crescimento em número de participantes aumenta gradativamente.

E a festa que era realizada na zona rural antigamente, passou a ser realizada na Feira Coberta de Itaguari no Centro a partir da década de 1990 como contou Zelão que na época foi o festeiro “já trouxe a fulia, a festa pa Itaguari eu fiz a primera festa lá na fêra eu mais o Divino Pombim e o Nelso Fernandes” (informação verbal)⁹⁵. Nos levantamentos em campo obteve-se a informação que essa primeira festa realizada na feira foi no ano de 1989. Indo ao encontro do que informou Zelão, o folião Zé Buteco afirma “quando eu trouxe ela pa cidade, eu chamei o Zé Divino qui é o Zelão pa sê, pa sê o gerente da folia, aí ele foi festeiro, por ele, por a mulher dele sê crente ele num pode, pode fazê a festa na casa dele mais ele feiz a festa na feira”(informação verbal)⁹⁶ considerando este empecilho pontual, foi apontado como razão, que o número de moradores rurais ia decrescendo e a folia estava aumentando ano a ano, e pela facilidade encontrada para sua realização dentro da cidade. Todavia, o pouseiro Daniel da Dona Lia, relata “em 1989 teve a primeira festa aqui dento da rua, ela giro nas fazendas, ela giro dento da rua, e teve a recolhida aqui na feira [] foi grande, a segunda em 1990 a festeira foi a minha mãe”(informação verbal)⁹⁷ ficando demonstrado que essa folia ainda conservava vínculos com o meio rural ao fazer os giros nas fazendas como o depoente narrou e a partir desse momento, foi perdendo as características rurais foram sendo ressignificadas, e várias transformações ocorreram até os dias atuais, isto fora observado a partir de sua transferência para a zona urbana “Logicamente, esta fato promoveu uma serie de alterações na Folia,” (SOUTO, 2006 p. 27). O êxodo rural está no cerne dessa mudança, o qual “Para entender este processo de migração é necessário estabelecer uma relação da festa com o próprio de expulsão dos trabalhadores do campo para as cidades brasileiras.” (SOUTO 2006 p. 29) a análise anterior fundamenta o depoimento dos entrevistados.

Numa pesquisa iconográfica pode-se observar que a festa continua expandindo, vê-se que antes o espaço da Feira era suficiente para realizar a festa, dispondo da cozinha lá dentro, e ali mesmo servindo a refeição e tendo ainda o presépio para realizar a parte religiosa da entrega da folia. Atualmente o espaço da Feira que tem 900 metros quadrados não comporta mais que a cozinha e as mesas para servir os alimentos, para acomodar as pessoas é necessário usar as ruas ali próximas, o presépio já é montado fora da feira na Praça. Na Figura 44, vemos o presépio montado dentro da feira ao fundo com luminárias e outras decorações,

⁹⁵ DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).

⁹⁶ MOREIRA, José de Souza (Zé Buteco).

⁹⁷ FLORES, Daniel Antônio.

em um ano, na Figura 45, vemos o mesmo espaço da Feira, mas sem o presépio noutro ano posterior e na Figura 46, as pessoas na rua tendo a feira ao fundo atrás da árvore, como se observa a parte frontal do telhado em zinco.



Figura 44 - Presépio ao fundo na Feira Coberta.
Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (05/01/2006).



Figura 45 - Pessoas alimentando dentro da Feira Coberta.
Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (06/01/2007).



Figura 46 - Pessoas em frente ao palco.

Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (06/01/2007)

3.3.4 Período

O período de ocorrência de uma folia pode variar de uma para outra, a Folia Goiana inicia seus giros no dia 31 de dezembro, levantando sua bandeira e indo ao primeiro pouso, daí seguindo até o dia 06 de janeiro ininterruptamente, para realizar a festa da chegada. É um período festivo de muita movimentação na cidade.

Esses dados foram levantados em campo e nos documentos iconográficos encontrados, nos quais ora apresentam essa informação. E ao que consta, essa folia sempre ocorreu nesse período, à escolha dessa data deve estar relacionada ao ciclo natalino, que se estende do dia 25 de dezembro a dia 06 de janeiro.

3.3.5 Festa

A festa da entrega da Folia Goiana de Itaguari é uma das maiores do Estado de Goiás, senão do Brasil; atraindo turistas de outros Estados. Contudo, não há uma divulgação formal de sua realização em canal de televisão ou rádio, a divulgação ocorre com cartazes e adesivos para veículos e ultimamente pelas redes sociais.

Como já se disse anteriormente, a forma encontrada de se dimensionar a grandiosidade da festa é pela quantidade comida preparada, adotando essa perspectiva para dar uma noção, Zelão abordando a grandiosidade dessa festa da Folia Goiana e de seus pousos informou a quantidade de carne bovina que é preparada “hoje tem que sê de vinte a vinte e cinco vaca, sabe, tem que sê, po dia seis só no dia seis” (informação verbal)⁹⁸. No dia da festa são preparadas carnes bovinas de pelos menos três dezenas de animais, de carne suína pelo menos a mesma quantidade e de aves ultrapassam a centena, os doces que são servidos durante a festa são aproximadamente cento e vinte latas com capacidade de dezoito litros cada, atualmente. Sobre a festa da Folia Goiana do ano de 2009 foi registrado em reportagem as seguintes quantias “25 vacas, 15 porcos, 400 kg de frangos, 800 quilos de arroz, 600 kg de batatas, 200 quilos de feijão 110 guarirobas, 200 kg de macarrão, 30 balaies de milho, 1,412 litros de óleo, 10 caixas de mandioca e mais outros alimentos.” (JORNAL A VOZ, 2009 p.04) A preparação da comida inicia dias antes, com esforços voluntários de dezenas de pessoas que passam horas na cozinha colaborando, envolvem não somente as mulheres, mas homens tam-

⁹⁸ DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).

bém vão cozinhar. Nos últimos dois dias que antecedem o dia da festa, os preparativos na cozinham duram às 24 horas do dia, os colaboradores se revezam no preparo, durante as duas madrugadas. E no dia 06 de janeiro, a comida é servida entre às 10 horas até por volta das 21 horas, durante todo esse período os cozinheiros vão repondo a mesa. As reses na maioria dos casos são doadas ainda vivas, portanto, há todo um trabalho dedicado ao abate dos animais, para o seu devido preparo (Figura 47), como não são apenas unidades, esse abate pode ocorrer em mais de um dia.



Figura 47 - Preparação da carne.

Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (03/01/2006).



Figura 48 - Carnes em latas.

Fonte: acervo do autor (04/01/2023).

As carnes podem ser alocadas em latas com os devidos cuidados, as demais comidas do cardápio são preparadas horas antes de serem servidas. Os doces são feitos um pouco dias antes da festa, e outra parte é adquirida pronto. Para acomodação dessa quantidade de alimentos são usados frízeres e câmaras frias.

A folia é o grande evento da cidade de Itaguari e possivelmente da região, ao lado de festas de rodeios e outras promoções festivas, a folia tem seu lugar de destaque.

Atraindo pessoas de todas as idades, entre essas pessoas há aqueles que vêm somente motivados por diversão sem conexão com a religiosidade. Como já se disse, há um grande número de pessoas que se deslocam para Itaguari para participarem desses festejos “ali em Taguari teve dia de [...] fazê a base de vinte mil pessoas” (informação verbal)⁹⁹. Há casos de grupos familiares ou não, que alugam imóveis durante os dias da folia para permanecerem aqui por mais dias. Como a cidade dispõe apenas de um hotel, a solução encontrada e a locação temporária de casas, para aqueles que não têm parentes para se hospedarem em suas casas.

As apresentações culturais ligadas ao contexto sertanejo, como artistas que estão no início da carreira aqui fazem apresentações pequenas, as danças de catiras são recorrentes, grupos de outras cidades fazem exibição juntamente ao grupo existente em Itaguari.

Ainda como momentos destacados na festa dessa folia estão os shows que ocorrem desde a tarde no palco, todos os anos vários artistas vêm para Itaguari e participando da folia, fazem pequenos shows, o estilo que impera é o sertanejo e caipira, pois, se liga mais diretamente ao ambiente e cultura das folias de Reis. Em geral esses artistas não cobram seu cachê pelas apresentações, e ainda fazem doações para a festa. Mas é bom ressaltar que é preparado um show de encerramento, ao fim da noite que dura até a madrugada. Esse show que tem início após as demais apresentações e os ritos finais da folia, inicia-se por volta das 22 horas é contratado e tem pagamento. Entre os artistas que mais participam dos festejos das folias estão, André e Andrade, Irmãos Freitas, Mozart e Mozair, Sandro e Ronaldo, Edy Brito e Samuel e outros que aqui já passaram, a exemplo de Geno da dupla Gino e Geno, Paulino da dupla De Paulo e Paulino, Zé Mulato e Cassiano, Galvão e Galvãozinho (Figura 49) e etc.



Figura 49 - Dupla Galvão e Galvãozinho.
Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (04/01/2006).

⁹⁹ DE FREITAS MACHADO, José (André).

Para abrigar as pessoas nas folias são instaladas as tendas, o número delas varia entre 10 ou mais. Essas tendas são de estrutura metálica e cobertura de lona plástica nas dimensões de 10mt X 10mt, e de 12mt X 12mt, são erguidas nas ruas da cidade, especificamente nas ruas e avenidas que ladeiam a praça central e feira coberta, são dispostas contigualmente para evitar as chuvas que ocorrem nesta época do ano. Uma alternativa são as tendas em forma de túnel que atinge comprimentos maiores e preferencialmente são instaladas a frente do palco.

Cabe agora dimensionar o espaço geográfico ocupado com a realização dessa festa (Figura 50). Diferentemente das outras duas folias, a Folia Goiana realiza, atualmente, a entrega dentro da cidade. No início quando foi realizada primeira entrega na zona urbana se utilizou o espaço da Feira Coberta que se localiza aos fundos da Praça Central São Sebastião, no cruzamento das Rua Pedro José Moreira e Avenida Dona Lindolf, este imóvel de propriedade municipal, tem uma área de aproximadamente uns 900 metros quadrados. Com o passar dos anos o evento foi adquirindo proporções maiores, e expandindo sua área de ocupação. Naquele primeiro ano o Presépio preparado para a entrega fora feito dentro da feira, nesses últimos anos ele tem sido construído no espaço da praça atrás da igreja matriz e o espaço da feira é usado somente para servir as comidas de sal; os doces são servidos numa tenda ao lado da feira ora na Avenida Dona Lindolf, ora na Rua Pedro José Moreira; o palco para as apresentações musicais é montado na Rua Pedro José Moreira logo de imediato ao cruzamento a Avenida José do Couto, portanto, ao lado direito da praça e a partir do palco são alocadas as demais tendas e no fundo da igreja matriz outras tendas e arquibancadas. Mas esse espaço é extrapolado pela festa que se estende por toda área da praça e as vias que lhe dão acesso. Ainda na praça são instalados os banheiros químicos ao lado do banheiro público. O folião Zé Buteco defende a realização da festa da Folia Goiana ser feita na cidade como disse “A festa na feira, ela facilitô muito, o povo precisa dum banheiro tem banheiro qualquer lugar, fica mais, mais próximo do recurso, por exemplo, se, se fô na roça na época da fulia tem muita lama” (informação verbal)¹⁰⁰

Os demais espaços são ocupados pelos vendedores ambulantes com suas barracas de comidas, bebidas, brinquedos e até roupas. Estes comerciantes atraídos pela grande quantidade de público presente durante os dias da festa, aqui aportam para venderem suas mercadorias. As barraquinhas, como popularmente são conhecidas, são instaladas dias antes da festa, como o espaço da Praça Central tem destinação certa, elas são dispostas ao longo da via principal da cidade a Avenida José do Couto, e a cada ano são mais e mais vendedores ambulantes.

¹⁰⁰ MOREIRA, José de Souza (Zé Buteco).



Figura 51 - Barracas de vendedores ambulantes.

Fonte: DUTRA, Poliane Florentino (06/01/2009)

Pela festa se realizar dentro da cidade a dificuldade com o estacionamento dos carros é grande, pois, há poucos espaços vagos que podem ser utilizados para essa finalidade nas imediações da Feira Coberta, então os veículos são estacionados nas ruas e avenidas da cidade, e se considerarmos as estimativas de participantes da festa, logo podemos concluir que são muitos veículos. Toda essa aglomeração na cidade não ocorre sem algum desconforto da população que reside mais ao centro da cidade.

A entrega da Folia Goiana ocorre sempre à tarde no local que lhe é preparado com muitos enfeites, o Presépio é construído dias antes, contendo imagens de médio porte, a cantoria nesse dia é muito bem preparada, e destinada ao embaixador mais exímio, a cantoria da entrega pode durar horas, quando assim fazem, revezam-se os cantores, ao terminarem o ritual da chegada da folia, o jantar dos foliões é servido. Após a janta da folia é feito a escolha do festeiro e então a passagem da coroa é feita aos festeiros do ano seguinte, seguindo esse momento os organizadores juntamente ao novo festeiro saem pedindo ofertas para a próxima festa, muitas doações já ocorrem nesse dia e as demais ao longo do ano, “o ano todo pedindo fazendeiro já começa a prepará, desda a hora qui entrega, do dia seis, qui já passa a coroa para o próximo festeiro já começa ali a ganhar e pedir as doações” (informação verbal)¹⁰¹ e assim com a contribuição de muitas pessoas é realizada a grande festa.

Devido à grandiosidade da festa, tem-se optado por escolher mais de um casal de festeiros. Em anos anteriores essa escolha do festeiro era por sorteio entre a irmandade,

¹⁰¹ FLORES, Daniel Antônio.

mas, ultimamente os festeiros são escolhidos entre as pessoas ligadas a essa folia de alguma forma, e isso não significa que se buscam pessoa com melhores situações financeiras.

3.3.6 A família Freitas

Atualmente não é possível falar da festa sem se referir a dupla André e Andrade, sem tirar os créditos de muitos outros envolvidos, essa dupla por gozar de prestígio e fama contribuiu grandemente para a divulgação dessa festa, segundo Zelão a dupla sempre participou da folia desde criança conforme atesta:

“antigamente o pai dele [] o pai do André e Andrade era catireiro e ele era o cara contado de piada, aonde ele tava né ele, era muito alegre muito farrista era ele e meu avô, o pessoal tava por perto era bom catireiro e contado de causo, de piada, e os meninos andava junto na garupa dele sabe, os meninos junto o André e Andrade” (informação verbal)¹⁰²



Figura 52 - Dupla André e Andrade.
Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (05/01/2007).

¹⁰² DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).



Figura 53 - Irmãs Freitas.

Fonte: capturado pelo autor (03/01/2023) disponível em: https://www.google.com/search?q=irm%C3%A3s+freitas+em+itaguari+goi%C3%A1s&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwioiKC5kN7AhVnjZUCHR9jCxIQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=657&dpr=1#imgrc=WE5dxSJkncm7JM

Já mencionada anteriormente, a família Freitas, tem contribuído muito com a Folia Goiana, não somente com as doações que faz e ainda impulsiona, mas também na divulgação. Dessa família nasceram os irmãos André e Andrade, e as irmãs Freitas (Figura 53) ambas duplas sertanejas muito conhecidas dentro desse estilo de cantar. Foram nascidos no município de Itaguari, e ainda aqui iniciaram suas carreiras se apresentando em circos, nas estações de rádios das cidades vizinhas e nos pousos de folias, cantando catiras até se mudarem para capital e alcançarem sucesso. Entre os itaguarinos muitos são os que se lembram de onde residiam ou até estudaram com eles. De origem pobre como eles mesmos sempre contam:

“eu comento com as pessoas que aqui em Itaguari [...] assim a minha família éramos dose irmãos, né, família humilde, grande, só meu pai que trabalhava mais os meus irmão né mais velhos pra cuidar da gente e nós não tínhamos sabe o que que é assim materialmente dizendo não tínhamos nada” (informação verbal)¹⁰³

Todos os irmãos hoje se consideram agraciados por seus Santos de devoção por terem conseguido alcançar melhores condições, o sentimento de gratidão e a devoção são sempre manifestados pelos membros da família como demonstrou Andrade ao dizer: “nós vamo ali de gratidão e devoção [...] qui nos deve tudo aos Três Reis Santo, né André, Menino

¹⁰³ MACHADO, Ronam de Freitas.

Jesus” (informação verbal)¹⁰⁴. Já analisado anteriormente o aspecto devocional implica em uma convicção na intervenção da divindade na vida dos devotos. Esta devoção foi o sentimento encontrado nos depoimentos dos irmãos entrevistados, e vemos suas considerações:

“e o que Santos Reis fez assim pra mim pra minha família [...] eu falo qui nós somos, a minha família em si, eu falo com toda convicção, toda certeza qui a minha família é o exemplo das bênças de Deus de Jesus Cristo de Santos Reis porquê da onde é que saímos do que éramos gente como eu ia pensar que poderia me tornar um advogado não tínhamos a mínima condição” (informação verbal)¹⁰⁵

Este sentimento manifestado por eles os motiva a participar da folia. Como participavam das folias desde quando aqui moravam, sempre comparecem nas folias e ao virem convidam outros artistas e demais amigos para também virem. Os artistas que eles trazem fazem suas apresentações sem cobrarem cachê, e muitos deles ainda fazem doações para a festa, tornando-se presenças nas folias.

A presença dessa família não se restringe apenas aos quatro cantores, os demais irmãos também são muito presentes, vindo todos os anos e contribuindo. Os outros integrantes da família também se declaram devotos. Os organizadores da Folia Goiana notando esse grande empenho de toda família Freitas e reconhecendo sua importância, se organizavam todos os anos para irem de caravana a casa de algum integrante da família para fazerem o convite para a festa daquele ano, de forma simbólica (Figura 54). Esta ação foi registrada na fotografia abaixo na casa do cantor André quando uma comissão de organizadores da festa daquele ano foi fazer o convite.



Figura 54 - Visita e convite à dupla André e Andrade.
Fonte: acervo do autor (2010).

¹⁰⁴ FREITAS MACHADO, Sebastião de (Andrade).

¹⁰⁵ MACHADO, Ronam de Freitas.

A Folia Goiana atingiu o patamar em que está muito devido o empenho de algumas pessoas. Todos os anos os irmãos dessa família comparecem aos festejos da folia, fazem shows gratuitamente, e ainda convidam outros artistas para vir participar. Toda essa divulgação que eles promovem, surtiu efeito e atualmente a Folia Goiana pode ser considerada uma das maiores do Estado de Goiás e quiçá do Brasil.

A cidade de Itaguari não possui hotel com quartos disponíveis para acomodar a quantidade de pessoas que vem à festa, por isso, muitos membros da família Freitas se hospedam na casa dos senhores Sebastião Rodrigues dos Santos (Tiãozinho Matuto) e sua esposa a senhora Rosa como é mais conhecida, e lá se torna uma festa à parte, onde os artistas permanecem até o horário dos pousos que irão participar.

A família se mudou em busca de mais condições de perseverarem como artistas assim argumenta André “o meu interesse era muito grande de cantá porque desde criança desde menino eu via nossa saída a única saída que eu via pelo qual nós fazíamos era na viola só ali que eu tinha imaginação que nós poderíamos alcançar nosso objetivo” (informação verbal)¹⁰⁶ e obtiveram sucesso como duplas caipiras de renome nacional, e mesmo com a fama não esqueceram suas origens. As duplas André e Andrade, e as Irmãs Freitas se esforçaram muito para obterem o sucesso e lançarem seus primeiros álbuns musicais, e atualmente tem grande prestígio entre os cantores do estilo caipira e sertanejo. As músicas caipiras executadas pelas duplas André e Andrade, e Irmãs Freitas abordando temas sertanistas e com tons bucólicos fazem recordar, às pessoas, tempos passados das suas juventudes. O clima das folias propicia a reminiscência desse saudosismo para muitas pessoas que participam da folia. Os jogos da memória sedimentam muitos afetos e valores celebrados nas folias de Itaguari.

¹⁰⁶ DE FREITAS MACHADO, José (André).

3.3.7 O comércio na festa



Figura 55 - Vendedores ambulante em um pouso.

Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (04/01/2007)

O crescimento da Folia Goiana vem acompanhado de mudanças e como apontou Souto (2006) à migração de espaço dessa folia tem efeitos como a perda de certas características, como exemplo algumas regras deixaram de ser seguidas e análise sobre a Folia ainda se desdobra na mercantilização da festa, processo em que o aspecto mercadológico se insere na produção da festa, como defende Dutra (2010), para esta última os vendedores ambulantes são um sintoma desse processo (Figura 55). Essa transformação na festa foi ocorrendo após sua transposição para o espaço urbano, e por mais que nessa tradição são resgatadas e revividas muitas características do universo camponês, com esta mudança a lógica da rotina da cidade vai se impondo com a espetacularização dos rituais com objetivos não mais devocionais, e modificando outras regras como a de “*não cruzar com a bandeira*” não tem sido observada “Essa regra peculiar sobre o cruzamento da bandeira tem sido deixada de lado, pelos foliões da Folia Goiana” (DUTRA, 2010 p.32).

Pode ser observado quando em pouso ou mesmo na festa, que os rituais têm tempo limitado para ocorrer porque há apresentações naquela noite, ou ainda as apresentações se iniciam enquanto a folia ainda cumpre seu itinerário em outro espaço, conforme demonstrou Dutra (2010 p. 32) em sua pesquisa sobre essa folia “Como relatou Bruno, desde o primeiro ano de sua vinda pra a cidade, o giro que era feito à noite passou a ser durante o dia e o pouso que era durante o dia fixou-se à noite” a partir dessa mudança vieram os bailes de posteriormente shows, para dar tempo e espaço a estes momentos, há reflexos sobre a parte ritual, situação que gera alguns descontentamentos entre foliões/devotos e organizadores como se

tem percebido nos trabalhos de campo e participações anteriores, sobre este prisma já fora avaliado noutro trabalho o qual apontou o seguinte sentimento “A princípio, o maior destaque era dado aos Três Reis Santos, agora o enfoque maior está voltado para as atrações artísticas e shows, pois há uma preocupação em atrair mais e mais pessoas para este evento. (SOUTO, 2006 p.27) a preocupação com essas mudanças também foi transmitida numa matéria de um informativo da cidade, ali se relatou “A tradicional folia goiana de Itaguari, nesta sua 84ª edição, mesmo vendo perder um pouco de sua essência, com a ausência dos Irmãos Freitas no palco no dia 06, foi muito boa.” (É Ele 2012 p.01).

Por outro lado, analisando esta situação verifica-se que “a festa tende a tornar-se um espetáculo, reelaborando uma nova identidade, onde entra em cena o comércio e as atrações artísticas”. (DUTRA, 2010 p. 34), na Figura 56 se observa show com dançarinas no encerramento da Folia Goiana, diferindo de suas características primitivas.



Figura 56 - Atração artística na festa da Folia Goiana.

Fonte: acervo do autor (06/01/2008).

Porém as tradições não podem ser estáticas e suas transformações são um processo natural, embora que a expressão saudosista insista em dizer o contrário.

Mas, não deve se considerar as transformações como sendo somente negativo, pois “além do mais, essa festa gera crescimento econômico no comércio da cidade e renda aos ambulantes durante o período em que ocorre a festa” (DUTRA, 2010 p.36) o município de Itaguari tem ganhado maior projeção devido seu arcabouço cultural, e que sem este não teria outros atributos para se destacar entre os demais municípios goianos. E o que tem propiciado

esta projeção é o crescimento dessa folia e consequentemente implicou em crescimento das outras duas também. Não entrando na discussão entre pontos positivos ou pontos negativos da mercantilização da festa, deve-se considerar a dinâmica cultural que tem um ritmo próprio e irregular estando subordinada a outros fatores que penetram a sociedade como argumenta Hall 1997. A Folia Goiana é a que iniciou primeiro suas mudanças dentre as três folias do município, não obstante, não pode ser considerado que as outras duas não sofreram alguma modificação ao longo dos anos.

3.4 Folia Mineira de Itaguari

3.4.1 História

Fé e devoção são uma constante na Folia Mineira, tanto que a consideram com a mais devocional entre as folias e estes sentimentos estão presentes nessa folia desde seu festejo. A Folia Mineira surge no ano de 1957 pela ação de Ana Rita do Couto, que fez uma promessa aos Santos Reis por motivos de saúde, e tendo alcançado a graça, cumpriu seu voto, organizando uma festa de Reis. O autor (2009) levantou dados entre os familiares, e se baseando na data do casamento de sua avó materna a senhora Luciana Maria do Couto, filha de Ana Rita do Couto, conclui que a primeira festa dessa folia ocorreu então em 1957, para tanto consultou a certidão de casamento dela. Na intimidade familiar contam que a barraca que abrigou a primeira festa fora muito bem feita com boa estrutura e com armação que durou até o ano seguinte servindo para realizar a recepção do casamento de Luciana, em 1958. Isso faz dessa folia a mais nova entre as outras duas do município.

Segundo as informações obtidas a primeira festeira era uma pessoa que estava muito doente, e o acesso ao tratamento era muito restrito, esta informação fora obtida com a filha de Ana Rita, que assim relatou: “Ela falava assim: eu quero fazê uma festa de Reis, que eu toda vida fui doente, então eu quero fazê essa festa de Reis” (informação verbal)¹⁰⁷, Ana Rita era nora de José Eduardo do Couto, fazendeiro e importante político em Itaberaí/GO, já nessa época Ana Rita era viúva por isso contou com a ajuda de familiares para realizar seu intento. Na Figura 57, a Folia Mineira canta agradecendo o almoço no dia 25/12/2007, na fazenda Pastinho.

¹⁰⁷ COUTO Luciana Maria do.



Figura 57 - Folia Mineira cantando agradecendo o almoço.

Fonte: acervo do autor (2007)

As folias, em geral mantêm um vínculo familiar muito grande, quase todas tem vários foliões pertencendo a mesma família, a Folia Mineira é um caso emblemático disso “Desde seu início a família Couto, por exemplo, está presente no grupo que conduz a Folia Mineira.” (GONZAGA, 2017 p. 83), a esta conjuntura denomina-se direito de descendência “De fato, em todos os Ternos de Folia de Reis, que tive a oportunidade de conhecer, as relações de parentesco estão sempre presentes entre os integrantes do terno.” (KIMO, 2005, p.707). Esta pode ser uma grande vantagem para a manutenção e organização do grupo. Ao que tudo indica os membros dessa folia já conheciam folias em outros lugares e delas participaram. Como relatou, Zezinho do Bastiaozão como é conhecido José Sobrinho de Oliveira que sendo parente dessa família Couto, e hoje atua na Folia do Brejo Grande, a Folia Mineira poderia já existir em Inhumas antes de ser transferida para Itaguari, falando assim “meu pai já giro muito nessa folia dos, dos Coto pelo qui eis fala, só que ela conde ela girava lá em Inhumas” (informação verbal)¹⁰⁸ e assim prossegue neste relato afirmando que ela foi transferida para Itaguari, “qui aí ela veio de lá pa cá, né, e o meu pai já giro nela lá mai o Tõe Camilo”(informação verbal)¹⁰⁹, informalmente é sabido que Antônio Camilo que é referido no depoimento morou na região de Inhumas por volta da década de 1950, e que muitos foliões que vieram tirar a primeira folia em execução à promessa para a senhora Ana Rita, vieram de Inhumas. Há que se informar que Ana Rita do Couto e o Antônio José Camilo eram concunhados (VASCONCELOS, *et all*, 1995).

Para realizar a primeira folia, foram convidados foliões de outras regiões, vindo de onde hoje é Itauçu, Inhumas e Itaberaí e parentes que já sabiam cantar nas folias como era o caso de Antônio Camilo que por anos foi o principal embaixador dessa folia, ob-

¹⁰⁸ OLIVEIRA, José Sobrinho de.

¹⁰⁹ *idem*

tendo muita fama por sua habilidade em trovar versos para as situações inusitadas que a folia encontrou em seus giros.

Realizada primeira festa, a comunidade não deixou parar de “tirar a folia”, e continua até os dias atuais. Atestando a proximidade com a data informada o atual gerente dessa folia conta “eu já vio assunto dela em, de umas parte de veiz, porque uma das pessoas qui sempre eu veis em quando eu conversava quele era com o João Canuto, que o João Canuto ele falo pra mim quele fez ela em sessenta e um” (informação verbal)¹¹⁰ e continua o depoimento lembrando que esta pessoa com quem conversou lhe contava “e aí sempre nois conversava e ele me contava qui essa folia ela foi tirada pá cumpri um voto” (informação verbal)¹¹¹

3.4.2 Cantoria

A cantoria da Folia Mineira é um pouco mais complexa que das outras duas, pois, canta em seis vozes, “a folia Mineira de Itaguari canta com seis vozes” (DUTRA, 2009 p. 93), iniciando com o embaixador continuando com a resposta e contralto e terminando na sexta voz. O estilo adotado nessa folia é o mineiro e daí seu nome como fica explicado “e a folia Mineira, nem é necessário explicar qual é o seu sistema, o próprio nome indica” (DUTRA, 2009 p. 93). Sobre esse ritmo Yara Moreira (1983) traz muitas informações, sendo originado no Estado de Minas Gerais, fora introduzido aqui pelos mineiros que se radicaram em Goiás, tema já discutido anteriormente, este é o caso da Folia Mineira. Pois, os primeiros foliões dela eram mineiros, a exemplo do embaixador Antônio Camilo.

Os instrumentos da Folia Mineira são a viola, violão, sanfona, bandolim, cavaquinho, pandeiro, caixa e reco-reco. Em geral, cantam na altura de fá maior e o ritmo que executam é denominado por eles de toada.

Esta folia é muito conhecida por seu cuidado com a forma de cantar, seu zelo com a cantoria, “a companhia do, de Santos Reis Mineira, é muito sentimental, né André,[...]canta bunito demais, e as coisas muito acertada” (informação verbal)¹¹² esta característica advém principalmente da atuação de seu capitão, Antônio Camilo, que era exigente com o ritual também se esforçava por trazer uma boa execução à música, esta afirmação foi obtida com o embaixador da Folia Goiana de Itaguari, Zé Buteco que assim falou “embaixado qui só

¹¹⁰ DUTRA, Jair Florentino.

¹¹¹ Idem.

¹¹² FREITAS MACHADO, Sebastião de (Andrade).

cantava dento da Bíblia [...] Antonhe Camilo é um caboco qui era correto falava só na religião nas coisa divina” (informação verbal)¹¹³. Na Figura 58 vê-se a companhia da Folia Mineira tendo o embaixador Antônio Camilo à frente.

3.4.3 Antônio Camilo



Figura 58 - Antônio Camilo e demais foliões.

Fonte: COUTO, Antônio José do (1975).

Antônio Camilo foi o embaixador mais destacado destas folias, como fora salientado em linhas anteriores, tendo sua história assim analisada pelo crivo da teoria weberiana, conceitualmente referida como “dominação carismática”, e nesse referencial “Não é difícil encontrar pessoas carismáticas nas folias. Na folia mineira sempre costumam lembrar-se de Antônio Camilo, considerado um bom embaixador que foi muito respeitado por seu grupo de foliões.” (DUTRA, 2009 p.82). Os testemunhos sobre ele revelam grande admiração e também sua grande habilidade, conforme se pode ver nas entrevistas daquela pesquisa monográfica realizada pelo autor (2009) sobre estes aspectos, no qual se encontram os depoimentos de Jacob Vicente Dias, que lhe relatou “O respeito dele era muito grande, e ele era um dos melhor queu cunheci, repertório muito bão” (informação verbal)¹¹⁴, Jacob pertencia ao grupo de foliões com Antônio Camilo, e ainda apontam suas habilidades com nuances místicas, assim visto no depoimento de um antigo alferes da Folia Mineira Antônio Divino do Couto que disse: “Pelejava pra embaraçá ele, foi muitas veiz eu vi aqui, nós viu, mais Santo Reis ajudô

¹¹³ MOREIRA José de Souza (Zé Buteco).

¹¹⁴ DIAS, Jacob Vicente.

que nada atrapaiô” (informação verbal)¹¹⁵ este embaixador se notabiliza entre outros da região, Andrade ao recordar dos embaixadores que conheceu, refere-se a Antônio Camilo com esta expressão: “Antonhe Camilo qui é o da folia minera qui é um grande” (informação verbal)¹¹⁶.

A história desta folia é permeada pela atuação deste folião que ainda é um referencial para os demais mesmo após seu falecimento e como esta folia se nomeia pelo seu tipo de cantar, a sua cantoria bem elaborada é um elemento que lhe empresta grande destaque. Na Figura 59, os atuais componentes da Folia Mineira no dia 30/12/2022.



Figura 59 - Foliões da Folia Mineira em 2023.
Fonte: acervo do autor (2022).

3.4.4 Local

O local de ocorrência da Folia Mineira é a região mais a oeste e sudoeste do município de Itaguari, regiões rurais que recebem o nome de Pastinho, Cachoeira, Santa Maria e Sapezinho, essa região é de relevo mais plano e mais baixo. Essa porção territorial do município fica as margens da Rodovia BR 070 e GO 154, bem próxima ao aglomerado urbano. Nesta região localizavam-se as propriedades rurais dos irmãos José Eduardo do Couto e Pedro Vasconcelos do Couto, patriarcas de boa parte dos foliões dessa companhia.

Nos últimos anos a Folia Mineira realizou algum giro na cidade e até pouso, mas ela se concentra na região rural. Essa situação ocorre devido o êxodo rural que atinge essa população.

¹¹⁵ DO COUTO Antônio Divino, 79 anos, aposentado. Entrevista a Magno Florentino Dutra, concedida em 17 julho de 2009, Itaguari-GO [Trabalho de Conclusão de Curso – monografia- Licenciatura em História, 2009].

¹¹⁶ FREITAS MACHADO, Sebastião de (Andrade).

3.4.5 Período

O período do ano escolhido pela Folia Mineira para fazer suas celebrações, inicia-se no dia de Natal com a saída da folia da casa do festeiro antigo girando e pousando até dia 30 de dezembro quando faz uma pausa, e volta para fazer a “recolhida” no dia 06 de janeiro (Figura 60).



Figura 60 - Flyer divulgando a Folia Mineira.

Fonte: captura do autor (23/12/202).

Nota-se que as datas podem ter relação com os preparativos da festa, e não com as questões religiosas ou ritualísticas. Noutra fonte encontramos a agenda da festividade do ano 2011 para ano 2012, (Figura 61).



Figura 61 - Recorte do Informativo É Ele pág.02.

Fonte: recorte pelo autor (2011)

Os dados levantados na pesquisa de campo e em outras oportunidades apontam que essa folia sempre teve essa programação.

3.4.6 Observância das regras

O cumprimento de regras rituais, ou como diz Pessoa (1993) as “evitações de giro” são seguidas de maneira mais fiel nessa folia, do que nas outras duas, Leandro que é um jovem embaixador da Folia Mineira reitera “hoje nois tem uma doutrina muito rígida na Folia Minera, uma tradição muito forte” (informação verbal)¹¹⁷. A observação dessas regras apresenta fundamentos nas concepções da religiosidade popular, e os foliões têm seguido esses ditames considerando que tenham efeitos sobre o grupo de foliões.

Entre as regras, está o de não cruzar o caminho que já fora percorrido pela folia anteriormente naquele ano, sob pena de um castigo à companhia, atentos a isso programam minuciosamente o itinerário “manteno nossa tradição qui de não cruza a bandeira fazeno o pussivel e muita das vezes até o impossível pá pode dá certo o giro pá não cruzá e pega todas as casas”(informação verbal)¹¹⁸. Também não recomendado que alguém que está girando com folia passe a frente da bandeira chegando aos lugares antes dela, “na nossa tradição ninguém pode passar na frente da bandeira [quando]nois tamo girano [...] é somente os dois paiaço, a bandeira depois qui é o pessoal” (informação verbal)¹¹⁹ a menos que a extrema necessidade assim exija.

¹¹⁷ ARAÚJO Leandro Siqueira.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Idem.



Figura 62 – Bandeira transpassada por cima da cerca.

Fonte: acervo do autor (26/12/2009).

A bandeira e os instrumentos nunca deverão ser transpostos de um lado para o outro de uma cerca por entre os arames, estes devem passar por cima de todos os arames, isso quando em alguma ocasião, no giro encontrar uma cerca que precise ser ultrapassada para o outro lado, como retratado na Figura 62. Constatou-se essa pratica ritual nas observações durante o giro, e pode se perceber que esta regra está fundada no grupo ao presenciar o movimento e ainda a advertência dada por um folião mais velho.

Os dois palhaços durante o giro não têm permissão de se aproximarem do presépio quando o encontram nas casas, por isso, que “chegô numa casa tem um presépio os paião não entra eis ficam de fora, aí tem a adoração qui os paião faiz eles retiram as máscaras faz a adoração de jueio” (informação verbal)¹²⁰ essa regra só modifica nos pousos e na festa, com a permissão do embaixador que os solicita para fazerem o devido ritual.

Um costume não rigoroso é o beijo à bandeira e a reverência pelo folião, que consiste na seguinte cerimônia, ao levantar a bandeira para sair girando, em certo momento, o embaixador convoca os foliões e também demais devotos para beijarem a bandeira e ali fazerem genuflexão e pequena oração, durante esse tempo a folia continua tocando seu ritmo, mas sem a cantoria, e então os foliões um por um se aproximam da bandeira hasteada, se ajoelham diante dela fazem pequenas orações e a beijam. A autorizam para esse ato é dada através da cantoria:

¹²⁰ idem

“Senhore dono da casa ai ai ai, é da sua obrigação ai ai ai (coro)
 alevanta essa bandeira ai ai ai na frente dos fulião ai ai ai (coro)
 o meu nobres fulião ai ai ai contempla essas images ai ai ai (coro)
 vamo beijar bandeira ai ai ai pa seguir nossa viagem ai ai ai (coro)”¹²¹

As estatuetas de Jesus Cristo recém-nascido não devem estar nos presépios encontrados nas casas do giro, ele deve estar somente no presépio da festa e nunca nos dos pousos, pois, o giro configura a procura pelo Menino Jesus empreendida pelos Magos do Oriente, desta forma:

“então sempre nois gira as veiz as veiz chega num lugar a pessoa as veis vai montar um altar e aí ele sempre ele coloca o Menino Jesus aí sempre a gente pede pa ele não coloca porque ai a fulia sai girano a procura do Menino Jesus então no giro se ele chega num lugar qui teve um presépio e o menino Jesus ele já pode fazer a entrega da fulia ali qui ele já acho o Menino” (informação verbal)¹²²

Assim foi explicado por Jair que coordena a Folia Mineira, alicerçado numa interpretação de folia que se baseia nos relatos bíblicos. As regras adotadas por um grupo vão lhe caracterizando, configurando uma forma de identidade que a diferencia dos demais, mas ainda, é um recurso de ritual que liturgicamente conduz ao contato com os aspectos mais místicos da religiosidade.

3.4.7 Ingresso de novos foliões

Num momento em que as tradições culturais não tem despertado o interesse dos mais jovens, a ressignificação na Folia Mineira é percebida, muitos jovens tem assumido funções nessa companhia, Leandro folião dessa folia demonstrando seu ponto de vista sobre esta situação já destaca “que agente novo, e hoje em dia os jovens quais num interessa mais nessa área” (informação verbal)¹²³. O ingresso de novos foliões vem ocorrendo de uma forma muito facilitada nessa folia, à maioria desses novos integrantes são do próprio município, isso foi alterado, principalmente após o falecimento de alguns dos principais foliões, conforme o depoimento “mais i agente foi veno o declive qui a folia foi tomano com o falecimento dos fuliões mais antigo”(informação verbal)¹²⁴. É fácil deduzir que a preocupação com continuidade dessa tradição ficou em xeque. Com esse levante de novos foliões a Folia Mineira reno-

¹²¹ Transcrição de versos da cantoria da Folia Mineira embaixada por Antônio José Camilo (*in memoriam*) por volta dos anos de 1980; acervo do autor.

¹²² DUTRA, Jair Florentino.

¹²³ ARAÚJO, Leandro Siqueira.

¹²⁴ Idem.

va suas esperanças de prolongar a tradição muito mais que as outras duas folias existentes no município.

Outro ponto que se liga a essa conjuntura de renovação é a realização recente de outra folia, a Folia dos Cumpades, que tem sido realizada no mês novembro, e tem se constituído uma oportunidade de aprendizado para novos foliões, como se pode notar. Esta manifestação ainda não constituiu como o campo para essa pesquisa, porém, uma pequena pesquisa de campo foi realizada no ano de 2022.

3.5 Pontos Convergentes

Apesar das especificidades de cada uma, há elementos e pontos em que as folias são semelhantes e, serão tratados juntos evitando-se uma leitura enfadonha e puramente descritiva.

3.5.1 Giros das folias Goiana e Mineira

Os giros já foram conceituados anteriormente, permitindo neste momento informar sobre as características específicas de cada uma das folias nesta parte. Como se leu anteriormente das três folias de Itaguari somente a Folia do Brejo Grande tem um giro de uma forma diferente, enquanto as outras duas compartilham características semelhantes.

A Folia Goiana e a Folia Mineira giram durante o dia, e apesar das especificidades de cada uma, em quesitos como locomoção e regras essa característica lhes é comum. Nestes últimos anos com a vinda da Folia Mineira para a zona urbana realizar pequenos giros e pousos esta situação tem aproximado essas duas.

Os giros da Folia Goiana ocorriam anteriormente à noite, quando ainda era realizada nas regiões rurais, contudo, as dificuldades fizeram que mudassem o turno do giro e a transposição da região rural para a urbana também pode ter influenciado essas mudanças, conforme informações transcritas das entrevistas, neste texto em partes anteriores, como a seguinte “Essa fulia antigamente girava a cavalo [] à noite [] girava cem cento e vinte cavaleiro né à noite” (informação verbal)¹²⁵ e aqui reafirmada novamente. Acrescentando informações temos que “ela girava mais só pelas roças, agora qui [palavra não decifrada] qui eis

¹²⁵ DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).

acampo na cidade” (informação verbal)¹²⁶, portanto a Folia Goiana gira na cidade visitando residências, e também o faz na região rural quando ali tem um pouso. Os giros ocorrem logo após o almoço e duram até aproximadamente às 20 horas com algumas variações, quando a companhia chega aos pousos.

Os giros da Folia Mineira são diurnos como sempre foram, passando de casa em casa dentro do trajeto planejado anteriormente, “Seu giro se dá na região rural, e na cidade, mas encerrando prioritariamente em chácaras ou fazendas” (GONZAGA, 2017 p. 125) Segundo relatos dos mais antigos a folia sempre saía girando no sentido leste para oeste, isto implicava um planejamento minucioso do giro e decorrente disso os pousos também. A folia sai da casa onde fez o pouso por volta do horário do almoço, onde os foliões já fazem a alimentação, e vão visitando os moradores do giro do dia até chegar a pouso aonde vão jantar. Durante os giros ocorrem muita interação entre aqueles que estão acompanhando a companhia, havendo momentos de brincadeiras e até danças, na Figura 63, a Folia Mineira girando à pé na zona rural na década de 1990.



Figura 63 - Folia Mineira girando na zona rural.

Fonte: DIAS, Jacob Vicente (década de 1990).

Na folia Mineira as pessoas giravam a pé, como se vê na fotografia acima que a exemplo de muitos registros desses, nos revelam o vínculo dessa folia mantido até então com a região rural. Mas, com a mudança dos moradores do campo para a cidade, passaram a girar em veículos, estes são dos próprios foliões ou locados para transportá-los.

¹²⁶ MANSO Gentil Miguel.

3.5.2 Pousos das folias Goiana e Mineira

Em escala menor os pousos das folias de Itaguari tem sido grandes eventos, considerando a proporção comparada à festa do dia seis de janeiro. Embora abordados num mesmo tópico os pousos das Folias Mineira e Folia Goiana compartilham como característica o momento em que são realizados, porém, considerando a participação das pessoas são muito diferentes.

Os pousos da Folia Goiana ocorrem durante à noite podendo ser na área urbana e também na rural. Mas como já informada anteriormente, já foram durante o dia. A folia chega a casa aonde vai pousar por volta das 20 horas, fazendo a parte de saudações, em versos e encontra os donos do pouso no arco, após as devidas cantorias o alferes passa a bandeira às mãos dos pouseiros, e a folia segue cantando até o presépio ou altar, após encerarem a cantoria com a mesa já servida os foliões são convidados a jantarem, aí então cantam o bendito de mesa e logo irão se saciar. Devido o grande número de pessoas que vão aos pousos, a mesa com a comida para os foliões é preparada em local à parte, e a mesa as demais pessoas noutro lugar, servida antes que a dos foliões e mesmo antes da folia, ao pouso, chegar.

Essa folia aumentou muito em número de participantes estima-se que em alguns pousos já se chegara a cinco mil pessoas participando, estimativa essa da Policia Militar. Como a dimensão é muito grande, exigem-se maiores quantidades de alimentos “agora os pouso é tá gastano uma média de um pelo otro quatro vaca” (informação verbal)¹²⁷. Aqui em Itaguari costuma-se auferir a proporção da festividade pela quantidade de carne servida, nesse caso especificamente a carne bovina, então nos pousos mais recentes serviu-se a carne correspondente a de quatro ou cinco vacas por pousos. Além da quantidade da comida as estruturas também são grandes os utensílios de cozinha são bem maiores que os convencionais, o espaço reservado para a cozinha é amplo. As barracas ou tendas para recepcionar as pessoas são de três unidades acima dependendo de sua dimensão, pois, aqui se usam mais as tendas com dez metros de largura por dez de comprimento. Ao lado disso ainda temos um palco para apresentações artísticas, fazendo do pouso um pequeno show onde se apresentam artistas regionais dos ritmos caipiras e sertanejos. As apresentações que ocorrem nos pousos são uma prévia da festa do dia 06 de janeiro, nos pousos podem se apresentar danças de catira, e pequenos shows de artistas regionais, com música sertaneja e caipira, e logo após essas apresentações, as músicas para dançar embalam animado baile de forró até a madrugada.

¹²⁷ DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).



Figura 64 - Tendas e vendedores ambulantes.

Fonte: acervo do autor (03/01/2023).

Nas imediações próximas ao local do pouso, muitos vendedores ambulantes vêm para comercializar bebidas em geral, comidas como espetinhos de carne, pastéis fritos e outros alimentos, guloseimas e até mesmo alugueis de brinquedos infantis por períodos curtos, a exemplo de pula-pulas, escorregadores infláveis, aqui exemplificados na Figura 64 num pouso da Folia Goiana. O fato é que a realização do evento cria a oportunidade de um comércio eventual e itinerante que aproveita a oportunidade para captar renda.

Na Folia Mineira os pousos iniciam-se com a chegada da folia a casa, trata-se de um momento muito festivo onde se reúnem muitas pessoas, parentes, vizinhos e outros simpatizantes. A folia cumpre seu ritual com as cantorias e após terminar a cantoria é servido o jantar (Figura 65), o forró só acontece após todos estarem servidos, e vai madrugada afora.



Figura 65 - Jantar servido em um pouso.

Fonte: acervo do autor (01/01/2007).

O pouso pode ser realizado em razão de uma promessa também. Nessas ocasiões o promesseiro solicita aos festeiros ou gerente da folia expondo sua intenção. A preparação para o pouso envolve muitas pessoas para fazer a comida e também organizar as estruturas necessárias como as tendas para abrigar as pessoas que participam do evento.

Há um grande crescimento nos últimos anos na quantidade de pessoas que vão aos pousos da Folia Mineira. A divulgação nas redes sociais pode estar contribuindo para isto.

As pessoas chegam aos pousos com seus veículos, portanto, a logística de um estacionamento é algo que sempre existe, quando o pouso é na zona rural a área destinada para o estacionamento é um pasto ou as vias de acesso; quando o pouso é na cidade podem ser utilizadas as próprias calçadas junto às ruas e avenidas para estacionar os veículos, se houver nas proximidades da casa onde se realiza o pouso algum lote vago, logo ele servirá para a acomodação dos veículos. Esta situação tem acontecido com as duas folias citadas neste trecho.

3.5.3 Festas das folias do Brejo Grande e Mineira

As folias relacionadas neste tópico embora diferentes em quase todos os aspectos convergem em realizar sua entrega na zona rural e insistem em manter isso até os dias de hoje.

A celebração da chegada dessa folia é na mesma casa de onde a folia saiu o festeiro após ser escolhido leva a bandeira para sua casa e de lá, a folia sai para o giro e volta para entregar a folia. A chegada ou recolhida como muitos dizem, é realizada como as outras duas no dia 06 de janeiro, só que de madrugada, amanhecendo, após a folia fazer a saudação, e cumprir sua missão, a festa se prolonga dia adentro, com muita comida e danças, há também jogos de truco. Na festa além de almoço e a janta, servem-se doces, é muita fartura. Muitos são os colaboradores para a realização da festa, ajudando na preparação das comidas e nos dias anteriores na construção das barracas para abrigar as pessoas que vêm festejar, outras ainda ajudam nos enfeites que são mais bem elaborados na festa.

A festa da Folia do Brejo Grande já foi a maior das três folias do município de Itaguari, segundo dizem muitos, e o folião Zezinho testemunha, apontando dados dessa época “Qui eu alembro dia primeiro ela era uma das maiores folia qui existia aqui nesse meio, né, qui tinha essa de Taguari depois ela deu uma paralisada depois i e a do Brejo Grande fico sendo a maior, né, eu alembro deles faze cento e dezessete lata de doce, quele Joaquim” (in-

formação verbal)¹²⁸, contudo, a falta de registro condenou ao esquecimento esse tempo dourado.

A festa de uma folia é sempre um evento muito aguardado, não só pelo aspecto festivo, mas, também por seu lado celebrativo para atender as demandas rituais “Nas festas das folias de Brejo Grande e Mineira há um ritual específico e mais elaborado, considerado o ponto alto da festa, esse momento denomino aqui de ‘cantos ao presépio’.” (CABRAL, 2020 p.72) e isto se pode observar nessas folias.

A chegada da bandeira, marca a celebração final da Folia Mineira, e assim é chamado o momento em que o terno da folia chega ao local da festa, caracteriza-se pela observância das regras do rito. A folia se aproxima do arco fazendo uma meia lua, ao terminarem esse movimento se aproximam do arco iniciando a cantoria fazendo saudações, e versando sobre as ações a serem executadas, adentrando os espaços indo até o altar principal, para ali fazer a entrega da folia depositando a bandeira no presépio. Após essa parte religiosa, vem a alimentação, entre um momento e outro há os momentos de dança e apresentações. Intercalado a outros momentos ocorre o sorteio do festeiro, ou em situações especiais em que já se escolheu de outra forma o festeiro, faz-se o anúncio e vão para realizar a passagem das coroas que é feito com cantoria pela folia, e a festa segue o restante do dia até a noite.

A Folia Mineira realiza sua festa após uma pausa de alguns dias, nos quais vai organizando o local da festa e as comidas, muitos esforços se concentram nesses dias na preparação da festa, que desta forma foi citado por Gonzaga “Foliões da Folia Mineira se reagrupam na casa dos festeiros para a chegada, que é feita na região rural, de forma alguma na cidade.” (2017 p. 205). E nesta citação traz duas informações: a primeira sobre a pausa entre os giros e a festa, especificamente entre os dias 31/12 e 05/01; e a segunda a respeito da localidade escolhida para realização das festas que sempre tem sido o meio rural. O local da festa da Folia Mineira sempre foi escolhido na zona rural (Figura 66). Antigamente eram montadas barracas, mas atualmente as tendas têm substituído pela facilidade de montagem, os enfeites não faltam, atualmente são utilizadas entre duas e três tendas nas dimensões que variam de 10mt X 10mt ou 12mt X 12mt. Na festa acontecem também pequenos shows e danças de forró.

¹²⁸ OLIVEIRA, José Sobrinho de.



Figura 66 - Festa da Folia Mineira.

Fonte: DIAS, Jacob Vicente (06/01/2000).

A fartura de comida é garantida o cardápio não difere dos servidos nos pousos. As quantidades de comida já são vultosas, para alimentar a grande quantidade de participantes.

3.6 Pontos comuns as três folias

3.6.1 Foliões

Toda folia tem seus cantores e uma organização estrutural que atende aos seus planos. Há divisões internas e outros arranjos que lhe propiciam a execução de sua atuação. Neste trecho, os foliões das três folias serão abordados, pois, suas varrições são poucas não sendo necessária uma parte para cada uma delas.

Na Folia do Brejo Grande há dois grupos de foliões, a que se denominam galhos, um esquerdo e o outro direito, segundo informa Jurandir tem: “dois galhos, é direito e esquerdo” (informação verbal)¹²⁹ sendo uma só, mas é dividida em dois grupos de cantores instrumentistas, Quanto à estrutura e funcionamento, é confirmado assim por outro folião “que fala dois gaio, lá né [] lá é dois gaio, um saí pra cá otro saí pra lá” (informação verbal)¹³⁰, e por isso usam duas bandeiras como se vê na Figura 67.

¹²⁹ DOS SANTOS, Jurandir Ribeiro.

¹³⁰ RIBEIRO DOS SANTOS, Nativo.



Figura 67 - Bandeiras da Folia do Brejo Grande.

Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (04/01/2007)

A organização do giro considera os dois ternos de cantores para planejar seu itinerário, Jurandir que tem atuado nessa folia como alferes e colabora com esse planejamento, descreve essa tarefa desse modo:

“isso aí é assim, agente areune antes né, uns três ou quatro cumpanheiro lá e descreve, vai listano as casas ali, de poso pra poso, destaca as casas e distribui mais ou menos igualmente tanto de casa pra cada um dependendo da distância se um tiver andá mais poe menos casa pra ele né.” (informação verbal)¹³¹

E desta forma os galhos seguem sua rota por essa designação, cada qual com uma bandeira, mas da mesma cor e com os mesmos adereços e iconografia dos Reis. Esta tem sido a estrutura adotada nessa folia há vários anos. Destarte isso se evidencia nos depoimentos de Nativo que se encarregou dessa tarefa por quarenta e seis anos tendo interrompido em 1996.

O terno é formado por até sete foliões sendo um embaixador, e a segunda voz, seguidos das terças vozes compostas por dois foliões, acrescente-se ainda mais três com caixas e pandeiros. O embaixador sempre empunha um violão, os demais tocam a sanfona que dá o compasso da música, às vezes são empregados cavaquinhos. O processo de ingresso nessa folia é bem acessível, pois, por ser uma cantoria de fácil aprendizado, o que propicia a formação de novos foliões.

Os foliões da Folia Goiana se dividem em dois grupos semelhantes à Folia do Brejo Grande, um terno gira pelo lado esquerdo e o outro pelo direito, assim eles mesmo explicam. Antes os foliões eram todos da região de Itaguari, porém, atualmente a maior parte deles vem de outros lugares. A perda de foliões e a dificuldade de ingresso têm provocado

¹³¹ DOS SANTOS, Jurandir Ribeiro.

essa situação. Poucos jovens se interessam em fazerem parte da folia, esse é o sentimento de muitos dos foliões e de outras pessoas que organizam a folia.



Figura 68 - Palhaços da Folia Goiana.

Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (01/01/2006).

Nessa folia há a presença de palhaços (Figura 68), eles têm funções que variam de acordo com a situação, ora são aqueles que fazem o primeiro contato com os donos da casa, noutros, ele serve para entretenimento e ainda colaboram no ritual, fazendo saudações em versos ritmados.

Contudo, muitos foliões de outras companhias têm vindo a essa festa, e, a folia não deixou de ser realizada. Esse contexto é paradoxal quando se lembra das dimensões da festa. Os foliões são essenciais ao rito da folia, não existiriam folias sem cantoria, pois, a forma da folia ocorrer é por meio da execução dos cantos. Entretanto, uma preocupação em relação à Folia Goiana é em relação ao seu terno de foliões, que atualmente, o maior número é de outras cidades. Não houve renovação de foliões dessa folia com pessoas do próprio município. Muito comum nessa folia, são as participações de artistas em sua cantoria, pois, muitos artistas regionais estando aqui acabam por cantarem um pouquinho, como é o caso da dupla André e Andrade (Figura 69), as próprias Irmãs Freitas, os cantores Mozart e Mozair, etc.



Figura 69 - André e Andrade cantando na Folia Goiana.

Fonte: acervo do autor (03/01/2023).

Diferentemente das outras duas a Folia Mineira tem apenas um terno de cantores instrumentistas. E como consta foi constituído assim desde sua formação para a primeira festa. Os foliões que constituíram essa folia eram oriundos de outras companhias de regiões próximas, que se uniram e formaram a Folia Mineira, tendo como capitão o Sr. Antônio Camilo, que imprimiu o modo de cantar de estilo mineiro. Há pelos menos dois palhaços nessa folia tendo como função acompanhar a bandeira e ser um elo de contato com as demais pessoas e também são figuras para distração na folia (Figura 70). Aqui são também designados de Bastião e/ou tenentes.



Figura 70 - Palhaços da Folia Mineira.

Fonte: acervo do autor (2010 – 2015).

Durante algum tempo os foliões dessa companhia eram membros da família Couto, ou com algum parentesco com ela, por isso, essa folia já foi chamada de folia dos Coutos [citação entrevista]. Mas com o passar dos anos outros foliões foram ingressando nela. Os membros da Folia Mineira aprendem a cantar participando da folia no seu giro, e em ensaios que são organizados para essa finalidade, devido o estilo da cantoria dela serem um pouco

mais elaboradas, as exigências de desempenho são maiores. Atualmente há um grande número de foliões jovens que ingressaram recentemente.

3.6.2 Festeiros

Os festeiros na sua conceituação foram tratados no item anterior, mas aqui serão informados sobre o processo de escolha em cada uma das folias.

Os festeiros dessa folia são sempre os filiados a irmandade semelhante às outras, na maioria são residentes da própria região e muitos são pertencentes a família Ribeiro, Jurandir na entrevista conta como ocorre essa escolha:

“o festeiro da nossa é escolhido com se fala corre a sorte, né, por sorte, né, diz é sorte mesmo, né, a gente escreve os papelzim ali, vamo por exemplo, vamo corre cinco nome né de pessoas candidato a faze a festa né e a gente escreve quatro, hoje é cem reais, pa participa lá contribuição, né, se é cinco nome de festeiro é quantro nome de cem reais e um festeiro, né, põe duas crianças pa tira, uma tira dum lado e outra tira do outro coloca numa vazilha de papelzinho” (entrevista ao ator)¹³²

Para ser festeiro não há muitas exigências, em geral, são pessoas pobres, mas que professam devoção aos Três Reis. Não é raro que em função de um voto, alguém que não pertença à irmandade seja o festeiro. O normal é que ocorra um sorteio entre os membros da irmandade que se dispões para serem festeiros, esse sorteio ocorre à tarde, é sempre um momento de muita emoção que evidencia a força da tradição.

Na Folia Goiana atualmente não se faz mais sorteios para escolher os festeiros. A mudança é devida à proporção que esta festa tem chegado como tem sido notado, podendo também ser imputado a mudanças na organização da festa e o enfraquecimento da irmandade, que ultimamente tem se transvestido em associações de personalidade jurídica. Nas últimas edições foram escolhidos mais de um casal de festeiro, para assim, não sobrecarregar o escolhido.

A prática já foi diferente, tendo seguido o que era comum as outras folias, escolher seus festeiros através de sorteios, Zelão relatando sobre sua participação na Folia Goiana revela como era essa parte dessa folia anos atrás “quando eu tinha cinco anos de idade, meu pai, tinha a irmandade naquele tempo, né, e eu por eu sê o filho é mais velho, homem, meu pai pôs meu nome na irmandade, que, corria a sorte, né,” (informação verbal)¹³³.

¹³² DOS SANTOS, Jurandir Ribeiro.

¹³³ DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).

A grandiosidade da Folia Goiana exige uma organização muito maior em relação às outras duas folias existentes no município, para tanto, os festeiros contam com a colaboração não só da comunidade, mas, também do governo municipal.

Não diferente das anteriores, citadas, a Folia Mineira, escolhia seu festeiro por meio de sorteios a exemplo da Folia do Brejo Grande, como relatou Jair Florentino que atualmente é o coordenador dessa companhia, que disse “nessa época lá tinha uma irmandade, é essa irmandade, aí quando ia corre a sorte, que a fulia nessa época ela corria, corria, punha, iscoia as pessoas qui queria concorrer a coroa e colocava no papelzim e ia sortearo até sai o festeiro” (informação verbal)¹³⁴. A irmandade sempre sustentou a folia até doando os primeiros alimentos para realizar a festa.

Como na Folia Goiana, a Folia Mineira vem aumentando em número de participação, essa realidade tem sido alterada. A modificação nesse quesito tem sido em razão de promessas em fazer à festa, que muitas pessoas devotas, procuram os organizadores e/ou a irmandade para terem oportunidade de “pagar seu voto” realizando a festa. Há algumas edições que a festa é realizada por alguém que tinha uma promessa.

Apesar de sua preocupação em manter a tradição, essa folia, apresenta sinais de transformação, como fora notado nas observações de campo.

3.6.3 Comida das três

agradeço vosso almoço
 qui matou a minha fome
 lá no céu vós acha outro
 na mesa qui os anjo come ai ai (coro)
 agradeço o bao armoço
 qui vós deu pros fulião
 na mesa da Santa Ceia
 vai ganhá o vinho e o pão ai ai (coro) ¹³⁵

Admitindo-se pouca variação no cardápio, a comida nas folias de Itaguari é sempre um dos elementos mais destacado, que segundo o autor (2009) não há muitas festas sem que haja alimentação em sua constituição, seguindo o que fora analisado sobre esses tipos de festa “Nesses diferentes registros que indicam a centralidade cultural da festa, ela apresenta alguns conteúdos recorrentes, como são os casos da dança, da ornamentação, da música, e, principalmente, da comida” (PESSOA, 2005 p.31). Indistintamente a qual seja a folia das três, a comida sempre é oferecida em grande quantidade, o que leva o autor a afirmar “a fartu-

¹³⁴ DUTRA, Jair Florentino.

¹³⁵ Transcrição de verso da Folia Mineira embaixada por Antônio da Cruz Carrijo data provável entre 25 e 30/12/2012; acervo do autor.

ra de comida é o símbolo da festa” (2009 p.60). A comida na folia se destaca por sua variedade e quantidades, conforme observou o então bispo da Diocese de Goiás quando veio participar das festas, Dom Eugenio assim frisou “tem muita partilha de comida me lembro a quantidade de sobremesas” (informação verbal)¹³⁶.

O cardápio, em geral é de pratos do cotidiano dos homens da zona rural, tendo como ingredientes o arroz puro, ou com frango, o feijão de caldo, ou com a variedade que chamam de feijão tropeiro, carne suína, bovina e de frango, macarrão, verduras, preparados cozidos e fritos e ainda se têm as saladas, na Figura 71 a Folia do Brejo Grande cantando o bendito de mesa antes de jantar no dia 30/12/2009. E ao lado dos pratos salgados ainda tem os doces também são doces preparados em casa, como doce de leite, doces de frutas como mamão, coco, goiaba, etc., e ainda doces de pão e de ovos, entre outros como se vê na Figura 73, as latas de doce servidas na festa da Folia Goiana.



Figura 71 - Jantar na Folia do Brejo Grande.
Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (2009).

¹³⁶ Dom Eugênio Rixen



Figura 72 - Doces em latas para festa da Folia Goiana.

Fonte: acervo do autor (06/01/02017).

O cardápio da Folia Goiana não é diferente das outras folias, porém, o que diferencia são as quantidades preparadas, o que já se informou antes neste trabalho. Em comparação um pouso dessa Folia Goiana equivale à festa das outras duas. Para o preparo da comida nessa folia conseqüentemente exigem-se muitos colaboradores, e os preparativos devem iniciar-se dias antes do evento. A quantidade da comida é o elemento que mais impressiona pela quantidade nessa folia, chegando a ser alimentadas até quatro mil pessoas por pouso e outras quinze mil no dia 06 de janeiro (Figura 73). Muitos turistas se impressionam, por não estarem acostumados com tamanha partilha, e comovidos acabam se tornando doadores e colaboradores.



Figura 73 - Preparação de alimentos para dia 06/01/2009.

Fonte: SOUSA, Edvã Lourença (06/01/2009).

A comparação é meramente quantitativa, nunca sendo valorativa. O que demonstra nesse sentido é a dimensão da tradição sobre a cidade em que ocorre.

Para o preparo são necessários grandes esforços, e a dedicação de muitas pessoas que moram na região e ainda de parentes que vem de outras localidades. Não há distinção de gênero na cozinha da folia, homens e mulheres trabalham em igualdade no preparo dos pratos que serão servidos.

3.6.4 Rituais e regras

Nas folias em seu aspecto celebrativo ocorrem vários rituais e regras de condutas que lhe impregnam sentidos dentro de uma atuação simbólica. Isto já foi dito no início do item dois que compõe este trabalho. Estes rituais ocorrem de modo quase imperceptível. Cada qual a seu modo, as folias de Itaguari observam esses preceitos em suas celebrações ao longo da realização dos giros e da chegada.

Os principais rituais entre as folias são o terço, na saída, ou diante de um presépio e na chegada. Tanto na Folia do Brejo Grande como nas outras duas os benditos de mesa para agradecimento do alimento oferecido não podem faltar. Na Folia Mineira um pequeno ritual é muito significativo assim como na Folia Goiana ou na Folia do Brejo Grande é praticado, na chegada do pouso diante do arco tem a obrigação de fazer a saudação ao arco e pedir para entrar solicitando a desamarração da corrente simbólica.

Os rituais da entrega da folia no dia seis de janeiro só estão concluídos com o anúncio através da cantoria que aquela folia cumpriu seu giro e chegou à casa do festeiro para celebrar o dia de Reis e após essa parte fazer a passagem das coroas para os festeiros que realizarão a próxima festa.

A cantoria é o ato para realizar a maior parte dos rituais. Em todas às três folias, o pagamento de promessa é um momento de muito simbolismo religioso, condensando a fé do devoto e a eficácia da folia para sua completude. E podem-se averiguar promessas em todas as folias.

Observar regras é um preceito praticado nessas folias, ao abordar esse assunto, a primeira dessas regras é evitar cruzar o caminho com a bandeira, sendo das normas a mais acatada, pois, há crença de punições à sua transgressão, seguida de não se poder andar à frente da bandeira é outra regra.

Não transpor os instrumentos e a bandeira por entre os arames de uma cerca. Os palhaços não podem se aproximar de um presépio com as máscaras. Um folião não pode-

ria falecer vestido com a farda sob pena de não gozar da misericórdia da salvação. Esta última por ser uma situação inusitada, raramente se ouve falar, mas, continua a fazer parte das evitações dentro do ritual das folias de Itaguari, conforme foi percebido na imersão em campo.

Analisando meramente a atuação dos três grupos de folias, contudo, sem fazer classificação de valor entre elas, nota-se que a Folia Mineira se esforça mais por submeter-se as regras.

Não se encaminhará aqui nestes termos em fundamentação teórica, o que se pretendeu foi a descrição dos momentos observados na pesquisa etnográfica, tal posto que já se fundamentou esses temas ao longo do texto.

3.6.5 Estruturas

Discorrendo sobre a dimensão das folias de Itaguari, logo o questionamento que naturalmente surge é referente às estruturas que são necessárias para sua realização. Esses suportes são indispensáveis tanto nos pousos quanto nas festas das chegadas.

A cozinha é uma das primeiras estruturas a ser organizada, Daniel Flores que é um dos membros da família que organiza o quinto pouso da Folia Goiana discorre sobre esta estrutura “mas a barraca do cozinheiro ela tem se construída, porque a tenda não fica bom, qui a tenda ela esquenta, o fogo das fomalhas esquenta muito a tenda, a nossa barraca já tá construída para os cozinheiros, ela ficou pronta em outubro” (informação verbal)¹³⁷, e dentro da cozinha tem que ser feitos fogões rústicos que eles chamam de fomalha ou trempe, para esta construção Jair Florentino que atualmente é o gerente da Folia Mineira assim descreve “essas fornaia ela é feita pra pode frita, fazê a, frita a carne e fazê o cume ela é feita de tijolo cê coloca o taxa cê mede o tamano da fornaia, o tamanho da boca do taxa ai cê faiz fecha ela de tijolo faz ela por dento de acordo que o taxa desce ela encaixa certinho na fornaia” (informação verbal)¹³⁸. A cozinha para um pouso ou festa demanda de uma estrutura maior que a convencional, ela é feita a parte em forma de uma barraca, ou outro local que favoreça o uso para essa função. Naturalmente que se usa de utensílios e vasilhames maiores que os do cotidiano.

As estruturas básicas da folia são uma barraca para a comunidade com dimensões que podem variar de acordo com a expectativa de contingente para o evento, para os pousos são menores para a festa são maiores e podem ser em maiores quantidades. Até a pou-

¹³⁷ FLORES, Daniel Antônio.

¹³⁸ DUTRA, Jair Florentino.

co tempo construíam as barracas com bambu e cobrir com folhas de bacuri e lonas de plástico preto, mas a evolução trouxe os benefícios da rapidez e praticidade, e nesse quesito com as tendas de estruturas metálicas cobertas de lona têm sido adotadas atualmente. Eram organizados “mutirões” para construção dessas barracas como lembrou Daniel:

“eu sô da época da minha mãe que tinha organização pro cê i lá no fazendeiro pedi bambu e pedi a palha a folha do bacuri que a gente fazia uma torda na rua a chamada torda era uma barraca minha família tem uma técnica pa faze isso [...] a gente faz a barraca, fazia a barraca e cobria com folha de bacuri trançado, então não molhava” (informação verbal)¹³⁹.

As dimensões mais comuns utilizadas de tendas são as de 8 metros por 8 metros, 10 metros por 10 metros e as de 12 metros por 12 metros, ou ainda as tendas tipo túnel.

A quantidade de tendas para a festa da Folia Goiana é de aproximadamente dez tendas distribuídas pelas ruas onde ocorre a festa, para os pousos variam entre três ou cinco.

Nos pousos da Folia Goiana sempre se instalam um palco, e ali ocorrem pequenos shows, que são palcos pequenos. O palco da festa no dia 06 de janeiro tem grandes proporções, contando com camarim. Anos anteriores utilizava-se uma carreta palco, mas fora substituída nos últimos anos. Os equipamentos de som também são merecem ser mencionados, nos dias do pouso os equipamentos são de pequeno porte, contudo, os do dia da festa é profissional, exigindo geradores estacionários com capacidade de 1200 KVA para sustentar o som. Isso torna necessário, porque a rede elétrica da cidade não é suficiente para alimentar esse som. Arquibancadas desmontáveis tem sido a mais nova estrutura alocada na festa elas acomodam pessoas já cansadas de permanecerem de pé. E os banheiros químicos, pois, os banheiros públicos não são suficientes.

Nas festas das Folias do Brejo Grande e da Folia Mineira por terem a mesma proporção, são utilizadas duas tendas com dimensão de 10 metros por 10 metros ou de 12 metros por 12 metros, e nos pousos uma dessas ou menores. Os pequenos shows têm sido recorrentes nos pousos dessas folias, e os bailes de forró sempre ocorrem. Portanto os palcos fazem-se necessários, não tendo grandes proporções, mas existentes.

A Folia Mineira adquiriu nos últimos anos os vasilhames e utensílios da cozinha e também tenda, com o intuito de contribuir e facilitar sua realização como informou Jair “a primera coisa qui nós conseguimos foi vasilha, hoje a Folia Mineira, hoje se fô po fes-

¹³⁹ FLORES, Daniel Antônio.

teiro fazê uma festa ele já tem as vasilha quais tudo, as vasilha que gasta, qui é taxa, é panela, é fogão, é freeze, hoje a folia tem tenda, conseguiu comprar tenda” (informação verbal)¹⁴⁰.

3.6.6 Financiamento das folias

Apesar de já ter informado ao menos subliminarmente este dado sobre as folias, aqui pretende se abordar de maneira mais sistemática e descritiva, fora dos padrões simbólicos devotivos que adquirem as doações para as folias, e ainda tratar aqui de outras formas de financiamento direcionado ou implementado para a realização das folias.

A folia do Brejo Grande conta com a maioria absoluta de seu financiamento na forma de doações da própria comunidade. As pessoas doam os principais alimentos consumidos, como bovinos, suínos e aves, arroz, feijão, batata, macarrão, óleo, etc. Além da doação de gêneros alimentícios as doações são feitas em dinheiro. Não menos importante a doação do trabalho na preparação da festa também ocorre, o que faz dessas festas uma ocasião de muita partilha.

Quando não são consumidos todos os bovinos e suínos, estes são leiloados e os recursos angariados usados para cobrir as despesas contraídas.

O financiamento para a realização dessa festa é algo surpreendente, é todo em forma de doações que vem de várias partes do Estado de Goiás. O orçamento de uma festa dessas alcançaria as cifras de milhões. Mas o sentimento de partilha faz com que as pessoas realizem suas doações voluntariamente, por sua devoção ou senso de solidariedade, entre os doadores a família Freitas tem sido uma grande patrocinadora e ainda impulsiona outras ofertas a essa folia. Já informado anteriormente que no dia da festa, muitas doações são feitas, e os artistas que aqui estão também fazem seus donativos.

O principal financiamento da Folia Mineira provém dos donativos angariados entre a irmandade e a comunidade. Essa folia já realizou campanhas de vendas de pamonhas para arrecadar fundos em prol da realização da festa ou aquisição de algum bem de uso da folia. Os ingredientes da pamonha são na maioria, doados e o pessoal se reúne para preparar a iguaria, já tendo vendido os ingressos da comida anteriormente. As ofertas obtidas durante o giro também são revertidas para as despesas da folia.

O governo municipal ultimamente tem contribuído com essas folias doando dez vacas para serem abatidas e as tendas para o dia da festa, e os pousos. A distribuição das

¹⁴⁰ DUTRA, Jair Florentino.

vacas é feita da seguinte forma: uma vaca para a Folia Mineira, outra para a Folia do Brejo Grande, uma vaca para cada pouso da Folia Goiana, estes são cinco, e o restante vão para a festa da Folia Goiana, mas há variações nessa distribuição. A prefeitura arca com o aluguel de pelo menos uma tenda para as festas da Folia do Brejo Grande e a Folia Mineira e todas as usadas na festa da Folia Goiana.

No ano de 2018 a associação da Folia Mineira participou de um edital de fomento da Lei Goyazes sendo contemplada com prêmio de cento e quarenta mil reais, que custeou a maior parte das despesas da festa com estruturas (tendas, arquibancada, som, palco) e show.

No entanto, como a festa da folia tem tomado uma grande proporção, e as despesas com outros elementos da festa tem alcançados somas vultosas, o que fez o governo do município arcar com as despesas das estruturas como tendas, palco e som, e ainda doar um pouco das carnes bovinas. A comida é quase tudo fruto das doações. O empenho com as despesas que são custeadas pelo município ultrapassa R\$ 100.000,00.

3.6.7 As catiras



Figura 74 - Catireiros Irmãos Oliveira.
Fonte: acervo do autor (2000).

A tradição da dança de catira, muito própria da cultura caipira, encontra terreno muito familiar nas folias, em nenhum outro período do ano, em Itaguari, se dança tanta catira “porque o catira, a folia é o prato do dia, né, na época, hoje infelizmente quase não existe o catira, mas antigamente, era o forró num barracão e o catira no outro” (informação verbal)¹⁴¹. Em todas as três folias há homens que dançam catira, não são todos que participam de grupo organizado como os Irmãos Oliveira (Figura 74), que é um grupo formado por ir-

¹⁴¹ DE FREITAS MACHADO, José (André).

mãos filhos e sobrinhos da família Oliveira, são conhecedores das performances que se dispõe a dançar improvisando os passos José Divino, vulgo Zelão, membro desse grupo, contou um pouco da história “nois era catireiro Irmãos Oliveira nós fizemo, na época nois era considerado os catireiros da região, fomos considerado tamém é até os milhores do estado, já uma época sabe, nós fomos muito dedicado dançamos trinta ano, né” (informação verbal)¹⁴². A ocasião para estas apresentações varia, de algo organizado para o improvisado quando houver tempo, muitas vezes o dono da casa onde está a folia convida os dançadores para se apresentarem, noutras vezes em momento de folgança que a folia está ociosa, foliões e demais pessoas que estão girando realizam a dança, mas há ainda apresentações nos pousos e na festa.



Figura 75 - Catireiros do Grupo de Jovens da Paróquia.

Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (2008).

Anos atrás grupos de catira de outras cidades foram convidados para se apresentarem juntamente aos Irmãos Oliveira. Merece registro o empenho do ex-prefeito de Itaguari Ramiô Rodrigues da Silva em criar e incentivar a formação de um grupo de catiras feminino de jovens que se apresentaram várias vezes. Contudo esse grupo veio a se desfazer, no entanto se formou outros dois grupos de catira feminino um ligado a Pastoral da Juventude (Figura 75), que não se encontra em atividades, e o “Orgulho Caipira” produzido e articulado pelos irmãos José Reinaldo Flores (*in memoriam*) e Daniel Antônio Flores, este grupo muito contribui com a tradição dessa dança. Apesar desses grupos se apresentarem em outros eventos nas folias são mais recorrentes.

Catira é uma dança com o ritmo animado pela viola no qual há intercalação da música com batidas palmas e pés, os dançarinos se põe em pares um de frente para o outro e a quantidade pode variar, esta dança tradicional está inserida na cultura sertaneja de raiz, “Neste sentido, a dança traz uma simbologia fortemente marcada pelos valores e práticas as-

¹⁴² DE OLIVEIRA, José Divino (Zelão).

sociadas a este espaço, sendo ao mesmo tempo, produtora e produto da chamada “identidade caipira”.” (MARRA, 2014 p.32) essas danças atualmente vêm ocupando outros espaços e eventos, mas, seu principal berço são as folias “Embora as informações recolhidas sobre a dança sejam divergentes, fragmentárias e incertas, há indícios de que ela tenha surgido enquanto parte de um ritual maior, as folias de Reis.” (MARRA, 2014 p.32), e nas folias há uma busca pela preservação dessa dança.

3.6.8 Paróquia de Itaguari e as folias

Momento muito importante e que foi irradiando-se para as demais, foram as pequenas celebrações realizadas com a presença do Pe. Aureliano Marcos Junqueira, (*in memoriam*), essas celebrações não eram ofícios religiosos da liturgia romana, mas foi um embrião para aproximação da Igreja com as folias. Nessas ocasiões o vigário fazia a leitura bíblica dos evangelhos do nascimento de Cristo, fazendo pequena reflexão e às vezes criava, entoava certas trovas em ritmo de cantoria fazendo referência ao evangelho e as folias. Este sacerdote participava de outros momentos da folia e fazia essas intervenções sem ser impositivo, não interferindo na ordem ritual da folia (Figura 76).



Figura 76 - Pe. Aureliano Marcos na Folia Goiana.
Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (05/01/2006).

Em 2006 com a vinda do Pe. Agnaldo Gonzaga, para a paróquia de Itaguari, iniciaram-se ações em prol da valorização das folias. Essa ação não tinha cunho pastoral, mas de valorização da religiosidade popular contida nas tradições das folias e consistiam em encontros das três folias, fora do período de suas realizações, e celebrações litúrgicas com a par-

ticipação dos grupos de folias do município para esses grupos colocarem as suas respectivas bandeiras no presbitério da igreja matriz e antes de iniciar as folias vindouras retiravam elas noutra celebração, desta forma relatada “Dias após o encerramento das folias é celebrada uma Missa de Guarda das Bandeiras. Trata-se de uma celebração cantada pelos três grupos de folia da cidade. No final os grupos deixam as bandeiras guardadas na igreja matriz,” (CAMINHADA, 2008 p. 03) este fato foi noticiado no informativo da Diocese a que a paróquia é ligada, o qual citou outras ações praticadas pela Paróquia.

Por incentivo da Igreja Católica nos anos de 2007 e 2008 foi encenado teatros sobre a Visitação dos Três Reis à lapinha de Belém, a peça foi escrita pelo Pe. Agnaldo Gonzaga que naqueles anos era o pároco da cidade, e juntamente a pastoral da juventude e comunidade realizou o teatro no palco da Folia Goiana (Figura 77).



Figura 77 - Encenação do Teatro de Santos Reis.

Fonte: GONZAGA, Pe. Agnaldo Divino (06/01/2007).

Essa iniciativa somava-se ao esforço pastoral de aproximação da Igreja às folias. Contudo o teatro não é realizado nos últimos anos.



Figura 78 - Missa dia 06/01/2006 com o Bispo.
Fonte: SOUSA, Edvã Lourenço (06/01/2006).

No ano de 2006 a missa do dia 06 de janeiro foi presidida pelo bispo diocesano de Goiás D. Eugênio Rixen, retratada na Figura 78. A presença pastoral do vigário Pe. Marcos só foi ampliando, e atualmente às missas são elementos quase constitutivos das folias.

3.7 Outras folias de Itaguari

Existem ainda outras duas organizações de folias no município, em outros períodos do ano. Elas surgiram mais recentemente que as outras e tendo fortes ligações com elas. Os seus foliões são praticamente os mesmos.

A primeira delas é a Folia Temporona de Setembro, que ocorre naquele mês que a denomina, “Foi fundada em 1998, por iniciativa de Joaquim Dutra” (CARDOSO *et al*, 2013 p.83) e vem se firmando como mais uma tradição de folias no município. Ela gira dentro da cidade e aí realiza seus pousos à noite. Os foliões que a compõem são das outras folias que se revezam na cantoria. Teria surgido em razão de uma promessa (CARDOSO *et al*, 2013). Essa folia tem menores proporções em relação das demais.

Outra folia que surgiu nos últimos 05 anos em Itaguari é a Folia dos Cum-pade, como assim se autodenominaram. Essa companhia é formada principalmente por jovens. Estes mais ligados a Folia Mineira, e cantam também nesse ritmo predominantemente. Giram na zona urbana e rural, contudo, seus pousos são preferencialmente na zona rural. O período escolhido por essa folia é o mês de novembro (Figura 79).



Figura 79 - Adesivo da Folia dos Cumpade
Fonte: acervo do autor (2019).

Essa folia gira a noite como a Folia do Brejo Grande. Nas últimas edições tem alcançados número significativo de participantes. Ao analisarmos seu surgimento supõe que tenha sido empreendida para criação de uma oportunidade de ingresso nas outras folias, que teriam pouco espaço para participação de novos membros.

3.8 Reconhecimento às folias itaguarinas

Considerando como reconhecimento as festividades de Reis que ocorrem em Itaguari, essas legislações vêm comprovar a importância dessas celebrações para cultura da região e também para o fortalecimento da identidade cultural do Estado.

Tendo em vista a grandiosidade da festa da Folia Goiana, que cresceu exponencialmente nos últimos vinte anos, o então vereador José Reinaldo Flores (*in memoriam*) com o autor, produziu um texto relatando sobre a folia. Este texto foi enviado a Assembléia Legislativa do Estado de Goiás e integrou o Projeto de Lei assinado pelo Deputado Estadual Claudio Meirelles, vindo a ter sua aprovação, como a Lei 17.671/2012 que incluiu no calendário cívico do Estado de Goiás a festa de Reis de Itaguari. Neste sentido este marco legal tem sido uma forma de preservação dessa tradição.

O Projeto de Lei número 333/2021 do deputado estadual Wagner Neto, visa conferir ao município de Itaguari o título de Capital Goiana das Falias de Reis, e traz em sua justificativa os elementos que foram considerados sobre as folias de Reis que ocorrem em

Itaguari, tais como as relações de identidade, os processos memoriais, e os aspectos celebrativos tradicionais e solidários que são desenvolvidos por essa manifestação religiosa cultural.

Nas duas leis, há uma intenção de promover dando destaque as folias e com isso preservar o patrimônio, conferir aquele evento um status de maior proporção, facultando um espaço entre os grandes eventos estaduais, referindo-se a Lei 17.671/2012; e no caso do Projeto de Lei 333/2021 o objetivo é agraciar com um título o município pela grandiosidade de suas festas. Nas discussões dentro campo patrimonialista é desconhecido que os entes federativos podem criar outras formas de acautelamento dos bens culturais (SOUZA FILHO 1991), lhes sendo atribuídas essas responsabilidades.

Atentando aos parâmetros do Inventário Nacional de Referências Culturais os dados sobre a origem de cada folia não esperam ser conclusivos, mas levantamentos para incitar mais pesquisas. As análises e comparações não pretenderam ser valorativas, mas sim de registrar as particularidades de cada uma destacando a importância da diversidade na sua heterogeneidade.

4 . A PESQUISA E O FRUTO

Antes dos esclarecimentos finais, vale abordar ainda alguns pontos dessa pesquisa que resultou este texto e o vídeo documentário, iniciando pela metodologia que fora escolhida, para atender ao questionamento que se impunha as escolhas dos entrevistados que surgiram a partir da escolha da metodologia. Explicando a ligação de cada um e sua posição dentro das manifestações e fora delas que ao credenciaram a serem depoentes que contribuíram para ampliar os conhecimentos sobre as Folias de Itaguari. Outro ponto que será discutido é a estruturação do relatório, e para terminar esta parte, o produto e a devolutiva, nesses pontos justificaremos o “porque” dessa escolha e o objetivo dos formatos mediante a perspectiva teórica seguida.

4.1 A Metodologia da Pesquisa

O Inventário Nacional de Referências Culturais fora a metodologia escolhida para este trabalho desde suas premissas no pré-projeto de pesquisa. Desde esse momento instigava produzir um material que contribuísse com a memória das folias sendo uma forma de registro desse bem cultural.

Para além das bibliografias a pesquisa etnográfica e os relatos são testemunhos dessa manifestação cultural, dos detentores do saber. Os dados subvencionaram o inventário. O uso dos depoimentos não é figurativo ou ilustrativo, mas, sim realístico e palpável, para trazer densidade e sensibilidade ao texto. Além de relatar este estudo quis dar visibilidade e revelar os sentimentos identitários, memoriais e outros significados envoltos nas folias de Itaguari.

Essa escolha visou atingir muitas finalidades e sanar vácuos sobre essas celebrações que ainda não haviam sido descritos, e ainda subsidiar ações em prol do devido registro como patrimônio. O alcance do inventário é grande e adequado como se aprecia no Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais, elucidando sua função mais detidamente vê - se que o inventario é um instrumento tomado para levantar conhecimentos sobre referências culturais e apreensão dos significados a ele atribuídos pelos detentores desse bem (IPHAN 2000 p.8), ou resumidamente propõe que “tem por objetivo identificar, documentar e registrar sistematicamente os bens culturais expressivos da diversidade cultural brasileira.” (IPHAN 2000 p.23). Sendo uma metodologia o inventário faculta maior inserção na pesquisa de campo, com levantamento direto de informações e sua

interpretação (IPHAN 2016 p.06), encaixando perfeitamente com a etnografia. Ao fazer leitura dos manuais sobre inventários propostos pelo IPHAN, inferiu – se que esta seja uma boa opção de trabalho, pois, ao escolher como objetos as folias de Reis, o inventário irá contribuir ainda mais para difusão de conhecimentos sobre elas, pois, temos a explanação do IPHAN “inventariar é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local.” (IPHAN 2016 p.07). Confeccionando um documento descritivo para ser fonte de conhecimento da Folia, como é alegado “Fazendo o inventário, é possível descobrir e documentar o repertório de referências culturais que constituem o patrimônio da comunidade, do território em que ela se insere e dos grupos que fazem parte dela.” (IPHAN 2016 p.08). Lembrando Sandra Pelegrini, os inventários necessitam levar em conta a história da comunidade e seus valores socioculturais, as tradições e características identitárias do grupo, o qual será inventariado (PELEGRINI 2009). Insistindo na visão ampla sobre o patrimônio, que requer uma gama metodológica para seu tratamento, por isso “Para a confecção de um inventário necessitamos reunir documentos comprobatórios referentes às singularidades dos bens” (PELEGRINI 2009 p. 35), fora incluído diversos documentos para a elaboração destes inventários, fotografias, depoimentos e vídeos.

No Manual de Aplicação, a metodologia do inventário fica descrita detalhadamente tendo objetivos claros, os quais são sistematizações de fontes e documentos; levantamento preliminar; subsidiar tecnicamente a identificação da referência em questão; estabelecer comparativos; incentivar a interlocução e sugerir outras ações (IPHAN 2000). Aprofundando a leitura da coletânea do IPHAN atinente a este caso, depreende – se que a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais propiciará perfazer os objetivos do projeto, segundo exprime:

“Portanto, dessa perspectiva, um ponto de partida do inventário é focalizar dimensões concretamente apreensíveis da cultura: documentos escritos, audiovisuais, objetos, bem como depoimentos e narrativas orais que explicitem aspectos do que, para determinado grupo social, sejam as suas referências em relação aos temas selecionados por este trabalho” (IPHAN 2000 p 30).

Para organizar a realização dos inventários, as referências culturais são enquadradas em categorias: celebrações, saberes, formas de expressão, lugares e objetos, assim deve – se encaixar o objeto estudado em uma dessas categorias, e seguir os modelos das fichas. A proposta do IPHAN é descrever o bem cultural em uma das categorias definidas,

uma dessas categorias é a de celebrações em que se inserem as folias de Itaguari, pois, como ficou evidente as folias são uma forma celebrativa de festejar os Santos de devoção. O inventário inicia com sua identificação, descrição indo até à avaliação e recomendação, conferindo a ficha um aspecto qualitativo. Isso se realiza complementando o trabalho etnográfico, conforme explicado “As atividades de campo consistem em entrevistar pessoas e documentar, por meio de anotações, filmagens, desenhos e fotografias “Isso vai servir para preencher as fichas que fazem parte do inventário” (IPHAN 2016 p.15).

O inventário não se finda em fichas catalográficas, seu alcance vai além, subsidiando outras ações, como a educação patrimonial (IPHAN 2016 p.09). Esta pode ser concisamente definida “... Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural” (IPHAN 2014 p. 19). Atentos ao trecho citado ressalta-se que a educação ocorre fora de padrões convencionais como palestras e exposições, mas, admitindo uma variedade infinita de opções, como o vídeo documentário produzido, que encampa esse objetivo de educação patrimonial numa perspectiva diferente da tradicional.

A elaboração de um inventário cultural, como realizado neste trabalho, recorreu – se a publicação do IPHAN Inventário Nacional de Referências Culturais manual de aplicação. Neste texto de imprescindíveis informações referentes ao tema, existem orientações importantíssimas para este relatório, ali são conceituados o que são referências culturais e inventários culturais noções muito próprias para esta proposta. O ponto de partida como indicado neste manual é descrito desta forma “A realização de um Inventário depende de que se definam de antemão e se tipifiquem as ocorrências concretas que serão consideradas pertinentes.” (IPHAN 2000 p 29). Os passos indicados foram seguidos, e em relação a atender essa orientação, as folias têm ocorrências bem definidas sendo muito pertinentes.

Daí se vê que os inventários culturais são muito adequados para que se atingisse os objetivos, revelando muita eficácia ao levantar sistematicamente dados dos bens a serem inventariados, propiciando comparativos e análises que vão servir de fundamento para ações preservacionistas neste campo.

Aqui “Vale enfatizar que o INRC é um instrumento de identificação de bens culturais tanto imateriais quanto materiais. A indicação de bens para Registro e/ou para Tombamento pode resultar de sua aplicação, mas não obrigatoriamente” (IPHAN 2000 p.8). Dentro do inventário há categorias que abarcam os vários tipos de bens a serem inventariados.

As folias de Itaguari se enquadram na categoria de celebração, conforme fora explicitado linhas atrás, na teoria são definidas dessa forma:

“Nesta categoria incluem-se os principais ritos e festividades associados à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas complexas com suas regras específicas de distribuição de papéis, a preparação e o consumo de comidas, bebidas, a produção de um vestuário específico, a ornamentação de determinados lugares, o uso de objetos especiais, a execução de música, orações, danças, etc.” (IPHAN 2000 p.31).

O Inventário Nacional de Referências Culturais por vezes não é bem compreendido, ora é atacado, acusado de ser limitador e não dar conta da complexidade dos bens culturais. Contudo, um exame mais detido nos mostrará outra face.

Como o objeto dessa pesquisa compreendeu manifestações imateriais, é necessária muita perspicácia para apreensão dos significados e sentidos que se agregam as folias. As cenas escolhidas são oriundas de um planejamento que considerou as partes dos rituais e os momentos de grande demonstração de sentimentos, como também retratou partes da organização da celebração, como os trabalhos na cozinha montagem de palco. Essa observação atenta indica para o método etnográfico se apresenta como um dos mais cabidos. A etnografia foi muito utilizada nas ciências sociais, ela proporciona um contato mais direto com o objeto pesquisado, como descreve López (1999 p. 45) o trabalho etnográfico combina a observação, a participação, a entrevista e culmina na descrição.

Informações importantes podem não ser reveladas em documentos ou mesmo em uma conversa, por isso, a observação da performance dos atores pode fornecer muitos dados, os registros áudio visuais que compuseram o vídeo documentário demonstram isso. As fotografias de momentos rituais capturados instantaneamente tiveram esse objetivo em captar o desenrolar do ritual, e, assim exprimir os significados e sentidos. Outros registros tentaram exibir momentos em que as folias ocorrem nos seus aspectos festivo e da grandiosidade da partilha.

Esta metodologia revelou-se muito apropriada ao intento que fez mover os esforços de pesquisa e da escrita deste relatório culminando no texto e também no vídeo documentário.

4.2 Os Entrevistados

As folias são compostas de várias pessoas que atuam em diversas partes. A integração solidária das pessoas e a partilha de bens de consumo e também de serviços resultam nessa grandiosa celebração.

Para entender os meandros dessas manifestações a etnografia foi salutar, e após várias vivências de anos nas celebrações das folias a escolha desses entrevistados considerou a função de cada entrevistado escolhido, para então, obtermos informações de prismas diferentes do objeto.

O que se buscou com as escolhas dos depoentes foi analisar as folias de diferentes posições, pois, entre os foliões foram escolhidos dois embaixadores, um cantor, um instrumentista e o gerente; por sua vez, entre os devotos: um pouseiro, um promesseiro, e um doador. Embora se use o gênero masculino, não foram excluídas a participação feminina.

A observação em campo juntamente as entrevistas, colaborou para entender melhor o ponto de vista dos informantes, o que fica corroborado no seguinte: “a compreensão etnográfica procura o imaginativo criativo – interativo – relacional, leva a compreender corretamente com ocorreu (e) e concorreu (e) a compreensão com respeito ao estudado,” (LOPEZ, 1999 p. 46). Informações importantes podem não ser reveladas em documentos ou mesmo em uma conversa, por isso a observação da performance dos atores pode fornecer.

As entrevistas inserem-se na vertente da história oral, metodologia utilizada pelos historiadores, sendo uma das mais recentes e tem alcançado grandes êxitos também entre antropólogos, psicólogos, linguistas e sociólogos (JANOTTI 2005) tratando – se, portanto, de uma metodologia interdisciplinar (ALBERTI 2005) Quando surgem novos paradigmas na historiografia, este passa a ser um dos métodos de pesquisa dos historiadores interessados em história de vidas de pessoas ou como dizem “a micro história”, história das mentalidades e outros vieses da nova história cultural. Essa modalidade traz a possibilidade de estudar tanto biografias de vida, quanto partes de vida da qual se tem interesse do envolvimento do entrevistado com determinado assunto, como é o caso dos entrevistados nesta pesquisa considerando seu envolvimento com as folias.

Os entrevistados são amostragens do universo ritual e social das Folias em Itaguari, representativos das funcionalidades dentro delas. Escolhendo integrantes das três folias de diversas posições para alcançar uma variedade de visão sobre o bem.

Fora delineando tipologia de funções exercidas dentro das folias ou relacionadas a elas, divididas em dois grupos, aqueles com características rituais: os foliões e os de característica sociais: os devotos. E estes dois grupos subdivido em funções, os foliões

em: embaixadores, cantores/instrumentistas e gerente; e os devotos em: promesseiro, doador, pouseiro e participantes,

Entre os foliões foram entrevistados três embaixadores, na categoria de cantor e instrumentista mais três, e dois gerentes. Na tipologia social dos devotos tiveram os depoimentos de dois promesseiros, dois pouseiros, dois doadores e quatro participantes.

A dinâmica de uma cidade pequena do interior permite que as mesmas pessoas se envolvam em mais de uma das manifestações acumulando mais de uma função dentro delas. Isto fora verificado nesta pesquisa em que muitos desses depoentes participavam de mais de uma das folias e também realizam ou realizou outra função anteriormente, portanto, o universo investigativo ficara atendido em seus prismas pretendidos.

4.3 A Estrutura

O Relatório aqui apresentando estruturou-se sem quanto partes além da introdução e das considerações finais.

O primeiro item de caráter teórico buscou as origens das folias dos conceitos e sua chegada ao Brasil. Recorrendo a uma literatura pertinente foi traçada um itinerário desde o surgimento das folias primitivas perpassando por suas adaptações e usos até sua atual configuração que adquiriu status patrimonial.

No segundo item os esforços foram concentrados em descrever as partes que compõe as folias de uma maneira generalizada, com inserções de informações obtidas nas folias de Itaguari e a discussão teórica sobre essas partes que pretendem explicitar cada parte de uma folia iniciando em parte o inventário das folias.

No item três elaborando o inventário das três folias existentes em Itaguari construiu uma narração das origens de cada uma das folias, baseada nas entrevistas e em textos diversos que abordaram o tema. Fez-se um levantamento de pontos específicos delas e também os pontos comuns e ainda outros que se relacionam as folias, com o objetivo de registrar a manifestação na atualidade sua formatação e ocorrência.

E neste quarto e último item foi tratado da metodologia, da estrutura, dos entrevistados e de sua escolha, do produto apresentado e da devolutiva.

O texto buscou ter uma leitura indutiva iniciando do aspecto, investigação histórica, passando pela descrição das folias no seu aspecto ritual social aportando nos patamares da inculcação da tradição e da sociabilização encerrando na pesquisa local sobre a

história do surgimento de cada uma das folias que compuseram esta pesquisa e ainda fazendo um pequeno exercício de levantamento de dados específicos e comuns às três folias.

4.4 O Produto

O texto escrito tem uma finalidade muito importante de registro e composição de uma literatura sobre o tema fixado, mas, seu alcance pode ser restrito em relação a outras linguagens presentes no cotidiano dos detentores de saber principalmente. O vídeo documentário é uma grande possibilidade de comunicação atingindo de uma maneira mais visual e instantânea.

Pautado na metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais, o vídeo documentário buscou dar sensibilidade ao trabalho sendo uma forma complementar ao relatório, mostrando partes sensíveis como a festa, as músicas e canto, as cores, os preparativos, os caminhos percorridos, os lugares, a fé, a promessa. Elementos que percebidos e deduzidos a partir da visualização do vídeo documentário.

4.5 Devolutiva

O Inventário de cada uma das folias: do Brejo Grande, Folia Goiana de Itaguari e Folia Mineira, juntamente ao vídeo documentário e as entrevistas realizadas integram a devolutiva às comunidades.

O Objetivo da devolutiva será o de sensibilizar e destacar a importância das Folias para a cultura local, nunca de ensinar conceitos e teorias, àqueles que detêm o conhecimento. E ainda contribuir para o arcabouço de registros dessas manifestações culturais.

A devolutiva fora realizada utilizando principalmente da rede de computadores conectados a internet, nos canais do Whats App nos grupos, You Tube, veículos que atingem de maneira mais eficaz e rápida as comunidades. A devolutiva presencial não alcançaria todos os envolvidos de uma maneira mais significativa devido à composição dos integrantes dessas manifestações não residirem somente na cidade de Itaguari. Contudo, houve a possibilidade de realizar a devolutiva com alguns dos entrevistados de forma presencial com a reprodução do vídeo documentário e também o vídeo da entrevista concedida.

Observou-se que o autoconhecimento mediado é um grande aliado para a conscientização da importância da cultura, dos elos identitários e a formação da consciência preservacionista a ser suscitada nessas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa pesquisa e ainda considerando os objetivos propostos inferem-se tê-los alcançados, mas ainda, reconhece que não foi explorado todos os aspectos dessas manifestações, e sendo assim outras pesquisas poderão se enveredar por muitas dimensões delas, descobrindo vários sentidos e também sentimentos.

As folias, portanto, se apresentam como uma manifestação das mais complexas. Considerando que personagens centrais dos rituais não tem o devido reconhecimento processual canônico como santos, mas seguem venerados desde a primitividade cristã só revela sua profunda ligação a identidade das pessoas e sua reavivação nas memórias, o que torna esta tradição muito forte dentro da cultura ocidental. É, uma devoção da religiosidade popular que perdura fora dos domínios das instituições, sendo popular desde a origem e assim permanecendo até os dias atuais.

A pesquisa de campo fora de suma importância para a elaboração deste, através da observação dos objetos, a escolha dos entrevistados tornou-se mais fácil. Ali, inserido no momento da execução dos rituais, se notava os meandros, como também se verificou quais poderiam contribuir com informações para esta pesquisa. Tais informações já constam no item anterior e serão ainda muito relevantes para este. A escolha dos entrevistados considerou os objetivos traçados no projeto, passando por crivos da função realizada e tempo de participação. O que se buscou foi analisar as folias de diferentes posições estruturais para atingir o universo das folias.

O êxodo rural que afeta o Brasil, já tem afetado a realização das folias de Itaguari. As três folias como se viu surgiram no meio camponês e ainda aí subsiste nelas de alguma forma sua ligação com este ambiente. Antes havia muitas casas na zona rural para serem visitadas, atualmente são poucas, que conseqüentemente implicam em menos casas propensas a realizarem o pouso. Tendo encontrando essa situação, as folias têm se adaptado e transformado. A Folia Mineira tem realizado giros e pousos dentro da cidade em razão desse contexto, mas sua festa ainda é realizada prioritariamente até os dias de hoje na zona rural. O mesmo se viu na Folia do Brejo Grande que ultimamente realiza alguns pousos dentro da cidade e sua festa se realiza na região rural. A situação mais transformada é a da Folia Goiana, que se transferiu para a zona urbana realizando apenas alguns pousos na zona rural, ou seja, nestes parâmetros se configura uma inversão em relação as outras duas.

A devoção impulsiona não somente atos de fé, mas de solidariedade e partilha as doações para realização da festa vêm muito de pessoas que se assumem como devotos e engendram a realização da festa. As trocas simbólicas e investimento de bens ocorrem amparados na lógica da fé. A devoção fica nítida principalmente entre os foliões que participam da cantoria e como numa pedagogia familiar, os mais jovens vão sendo inseridos na folia, demonstrando um elo familiar com essa tradição.

Descritos os espaços utilizados pela festa, devemos considerar que as configurações dos espaços podem variar de acordo com seu uso e a projeção que as pessoas lhes dão, essa dimensão simbólica é encontrada nas folias. A cidade de Itaguari se reconfigura para abrigar os festejos, e isto tem encontrado algum conflito e tensão.

O inventário é um ato na escalada da preservação dessas manifestações imateriais, os instrumentos oficiais têm sua finalidade e eficácia comprovada, sem nenhuma contestação, contudo, ao observar de dentro da celebração, outros ramais vão surgindo no amalgama formado pela tradição, a identidade e devoção.

As descrições feitas em linhas anteriores visam dar visibilidades as essas folias, mas não só pela quantidade de comida distribuída, mas por seu lado ritualístico, que ficam relegados a invisibilidade diante da festa e do entretenimento, elenca-se aqui também que há muita intersecção das folias na formação da identidade cultural de muitos devotos e o aporte da memória para a sobrevivência desses bens. Revestindo assim as folias de Itaguari com valor patrimonial intangível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Revisão e tradução Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 11ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: mito e ideologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. - a aventura da modernidade**. São Paulo. Companhia de Letras. 1986. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/download/25162/20301>>
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A folia de Reis de Mossâmedes**. In:_____ **De Tão Longe Eu Venho Vindo: Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: UFG, 2004.
- _____, **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- _____, **Sacerdotes de Viola: Rituais do catolicismo popular em São Paulo**. Petrópolis-RJ: Vozes 1981.
- _____, **A Folia de Reis de Mossâmedes: etnografia de um ritual camponês**. Revista Goiana de Artes. Goiânia: vol 4 n. 1 – jan/jun 1983.
- _____, **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2010.
- BURKE, Peter, **O Que É História Cultural?** ; tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CABRAL, Igor Junqueira. **Entre Bandeiras, Altares e Santos: A Folia de Reis de Itaguari na perspectiva do patrimônio cultural**. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás Escola de Formação de Professores e Humanidades. Goiânia: 2020, 157p.
- CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. **Patrimônio Imaterial e Memória Coletiva em Minas Gerais**. Cadernos do CEOM – Ano 22, n. 31 – Espaço de memória: abordagens e práticas: 33-43: 2009.
- CANESIN, Maria Tereza; SILVA, Telma Camargo. **A Folia de Reis de Jaraguá**. Goiânia: CECUP, 1983.
- CARDOSO, Joaquim Marques; COUTO NETO, José Eduardo do; JERONIMO NETO, Osmar José. **História de Itaguari: de Campestre a capital da moda íntima**. Goiânia: Scala Editora, 2013.

- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CHUVA, Márcia. **Por uma noção da história do patrimônio cultural no Brasil**. Revista do Patrimônio Histórico e artístico nacional, n. 34, 2012, p. 147 – 166.
- COX, Harvey. **A Festa dos Foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia**. Trad. Edmundo Binder. Petrópolis RJ: Vozes, 1974.
- DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DEUS, Maria SILVA de. SILVA, M. M. **História das Festas e religiosidades em Goiás**. 2. ed. Goiânia: Alternativa, 2003. v. 1. 74p.
- DUTRA, Magno Florentino. **Folia Mineira de Itaguari – Go: versos que emanam poder e saber em um ritual do catolicismo camponês**. Monografia – Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Cora Coralina – Departamento de História. Cidade de Goiás-GO: 2009. 112p.
- DUTRA, Poliane Florentino. **Folia Goiana: A mercantilização da festa em Itaguari - GO**. Monografia – Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Cora Coralina – Departamento de Geografia. Cidade de Goiás- GO: 2010.
- FALCON, Francisco José Calazans, **História cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2002
- FELIX, Antonio; MENDES, Gasparina. **Manual de folia dos Três Reis Magos**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.
- FERREIRA, Marieta Moraes. **História do tempo presente: desafios**. Cultura Vozes (94). Petrópolis: Vozes, 2000. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **Folias de reis: o eco da memória na (re)construção da performance e identidade dos foliões em João Pinheiro Minas Gerais**. In: IV ENECULT – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14437-04.pdf>>

GONZAGA, Agnaldo Divino. **Milagre e Castigo: Mito e memória nas folias de reis de Itaguari- GO**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História. Goiânia-GO: 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____, **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade, v. 22, n.2, 1997, p.15 - 46. Disponível em: <<https://www.seenufrgs.brieducacaoerealidade/article/view/71361/40514>>.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 1968; Disponível em : <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf>

HEERS, Jacques. **Festas de loucos e carnavais**. Lisboa: Dom Quixote, 1987. In: PESSOA, Jadir de Moraes; FELIX, Madeleine. **As Viagens do Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

HOBSBAWM, Eric. e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais** 3ª ed. Brasília, DF 2012. 3 Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1_parasabermas_web.pdf> Acesso em junho de 2022.

IPHAN. **Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto – Brasília: 2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/#:~:text=O%20Invent%C3%A1rio%20Nacional%20de%20Refer%C3%Aancias,identidade%20para%20determinado%20grupo%20social>>

KIMO, Igor Jorge. Estratégias de Manutenção em um Terno de Folia de Reis do Norte de Minas Gerais. In: ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005. Disponível em: http://tv.ufrj.br/anppom/sessao13/igor_kimo.pdf. [Acesso em 02/10/2009]

LEITE, S.J. Serafim. **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**. São Paulo: 1956. In: MOREYRA, Yara, **De Folia, de Reis e de Folias de Reis**. Revista Goiana de Artes. Goiânia: vol. 04 n. 02 p. 135-172, jan./jun. 1983.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto história. (17). São Paulo: EDUC, 1998. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARRA, Juliana R. **Socialização e Performance Ritual: pensando a catira enquanto prática de incorporação**. Anais do I Simpósio Nacional: Saberes e Expressões Culturais no Cerrado - Pirenópolis-GO, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/38615899/Socializa%C3%A7%C3%A3o_e_Performance_Ritual_pensando_a_catira_enquanto_pr%C3%A1tica_de_incorpora%C3%A7%C3%A3o Acesso em 17/05/2023.

MARX, Karl. **O Manifesto comunista**. Londres: 1888. In: BERMAN, Marshal. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. - a aventura da modernidade**. São Paulo. Companhia de Letras. 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/download/25162/20301> >

MOREYRA, Yara, **De Folia, de Reis e de Folias de Reis**. Revista Goiana de Artes. Goiânia: vol. 04 n. 02 p. 135-172, jan./jun. 1983.

NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Revista Projeto História. SP, 10, dez.1993. p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>.>

OLIVEIRA, Maria Amália. **Folia de Reis em São João Marcos (RJ): Aspectos de uma identidade cultural em processo de patrimonialização**. In: e-cadernos ces – 21/2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1791>.>

PELEGRI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural: consciência e preservação**. SP: Brasiliense, 2009.

PERGO, Vera Lucia. “Os rituais na folia de reis: uma das festas populares brasileiras”. Revista Brasileira de História das Religiões. Ano II nº V Setembro de 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/st1.html> Acesso em 28/01/2023

PESSOA, Jadir de Moraes; PESSOA, Reinaldo Divino; PEREIRA, Wagner Antônio. **Varal do Retiro**. Goiânia: Kelps, 2018. 130 p. il.

PESSOA, Jadir de Moraes; FELIX, Madeleine. **As Viagens do Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em Festa: Gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. 2ª edição. Goiânia. UCG Kelps, 2005.

_____. **Meu Senhor Dono da Casa: Os 50 anos da Folia de Reis das Lages**. Goiânia: 1993.

- PINTO, Pimentel Júlio. **Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Revista Estudos Históricos. RJ, vol.2, n.3, 1989, p.3-15 Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 71.
- RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. **Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás: tradição, circulação e criação individual**. Goiânia, GO: Gráfica UFG, 2015.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- SILVA, Washington Maciel. **Representação e memória cultural da Folia de Reis no município de Rio Verde – GO**. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica de Goiás Programa de Pós-graduação em História. Goiânia, 2012. 99p.
- SILVA, Juliana Martins. **A identidade e a devoção a Santos Reis: a comunidade dos Martírios, Catalão (GO)**. In: ANPUH – XXVII Simpósio nacional de história. Natal RN, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364699118_ARQUIVO_ArtigoAnpuh-1.pdf> Acesso em junho de 2022.
- SOARES, Inês Virginia Prado. **Direito ao (do) patrimônio cultural brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Fórum, 2009.
- SOUTO, Jovelucia Rodrigues. **A transformação espacial da Folia de Santos Reis de Itaguari: A migração do rural para o urbano**. Monografia - Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Cora Coralina – Departamento de Geografia. Cidade de Goiás-GO, 2006.
- SOUZA FILHO, C.F.M de. **A proteção jurídica dos bens culturais**. Revista da Procuradoria Geral do Estado do Paraná, Curitiba, v. III, 1991.
- UMBELINO, Ana Carolina. **Folia de Reis: Indumentária e patrimônio cultural**. In: 10º Colóquio de Moda – 7ª Edição internacional 1º Congresso brasileiro de iniciação científica em design e moda 2014. Disponível em: <<http://www.digitalmundomiraira.com.br/Patrimonio/FoliasBrincadeirasTorneios/TiracaoReis/CO-EIXO-3-FOLIA-DE-REIS-INDUMENTARIA-E-PATRIMONIO CULTURAL.pdf>>
- VASCONCELOS, Ana Maria Cesar, *et all*. **Elos Familiares: Tronco das famílias Vasconcelos, Couto, Parreira e Prado**. Livreto. Goiânia, 1995.

VIEIRA, Tassia Aparecida Camargos. **As trajetórias socioespaciais da Folia de Reis em Lajes: festa, cultura e territorialidades**. In: PESSOA, Jadir de Moraes; SILVA, Valtuir Moreira (org). **Os tempos da estrela: 75 anos da Folia de Reis de Lages**. Goiânia: Kelps 2021. p. 97 – 117.

VIGILATO, José. **Folia de Reis – Povo de Deus: Ensaio Místico - folclórico**. Goiânia: Ed. Kelps, 2012.

LEGISLAÇÕES

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

Artigo 215. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_215_.asp. >

Acesso em julho de 2020.

ESTADO DE GOIÁS. **Lei Estadual 17.671/2012**. “Inclui, no Calendário Cívico Cultural do Estado de Goiás, a Folia de Reis, realizada no Município de Itaguari-GO.” de 27 de junho de 2012. Disponível em:

<https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/89666/pdf>> Acesso em junho de 2022.

GOIÁS, Assembléia Legislativa. **Projeto de Lei nº 333 de 08 de junho de 2021**. Declara o município de Itaguari como “Capital Goiana da Folia de Reis”. Goiânia-GO: Assembléia Legislativa, 2021. Disponível em: <https://opine.al.go.leg.br/proposicoes/2022010203>.> Acesso em junho de 2022

PERIÓDICOS

Realizada a 81ª folia de Reis de Itaguari. **Jornal A Voz**, Inhumas – GO, Ano V nº 56, p.04 30 de janeiro de 2009.

Folia Goiana. **Informativo É Ele**, Itaguari – GO, Ano 2 nº 19, janeiro de 2012. p. 01

Folia de Reis do Brejo Grande. **Informativo Campestre** – Paróquia São Sebastião, Itaguari – GO, Ano 2 nº 18, janeiro de 2008. p. 02.

As folias de Reis e a Igreja. **Caminhada** – Informativo da Diocese de Goiás, Goiás – GO, Ano XXXIII nº 170, nov-dez/2008 jan/2009. p 03.

Folia Mineira. **Informativo É Ele**, Itaguari – GO, Ano 2 nº 18, dezembro de 2011. p. 02

PORTAL E M. **Folia de Reis é declarada patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais**. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/01/06/interna_gerais,837632/folia-dereis-e-declarada-patrimonio-cultural-imaterial-de-minas-gerai.shtml> Acesso em 20/01/2019.

DOCUMENTOS:

PAROQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA DE ITAGUARI. **Livro Tombo:** Registros de atas de visitas pastorais e outros termos da Paróquia Nossa Senhora de Aparecida de Itaguari. Manuscrito. Itaguari, 2000. 200p.

ANEXOS I

Música: **Milagre da bandeira**

Autor: Sebastião de Oliveira Castro (Tião Raimundo – *in memoriam*)

Pra contá essa passage meu corpo até ripia
Dum ricaço fazendero por nome Jusé Faria
Qui não acreditava em nada, zombava de tudo que via
Um dia Deus lhe castigô quando em sua casa chegô
os Três Reis e a companhia

Quando chegou a companhia ele disse a seu peão
Vai buscar aquele boi queu quero dar uma lição
Nessa turma de malandro que dizem que é fulião
Quero ver bandeira e Santo voando pra todo canto
No chifre do rivirão

rivirão era um mestiço qui até na sombra investia
Quando se via incantado de raiva ele tremia
rastava pata no chão e de nervoso ele gemia
O fazendeiro malvado ali tava preparado
Pra acabá com a companhia

Quando chegou a companhia ele disse ao imbaixadô
Vai cantar pra quele boi que é oferta do senhor
Se é qui tem tanta fé no seu Santo protetor
Eu quero que me prova isso vai cantá pra quele mestiço
Se seu Santo tem valô

Quando entraro no curral que o boi a bandeira avistou
Caminhou de passo lento e com os Três Reis encontrô
E num gesto de humildade a bandeira bafejo

Como se fosse um alguém qui ali dizendo amem
Pelo chão ajoelhô

Fazendeiro vendo aquilo fico bastante assustado
Sentiu naquele momento que tinha sido castigado
Bateu o joelho no chão, chorava desesperado
Pede a Deus pá te perdoá nunca mais quis abusá
Dos mandamentos sagrado

APÊNDICES

CELEBRAÇÕES

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Folia do Brejo Grande; Folia dos Ribeiro.

IMAGEM



Fotografia da Folia do Brejo Grande, data incerta ; acervo Pe. Agnaldo Divino Gonzaga.

O QUE É

Grupo de foliões e devotos que realizam a folia, em memória à Visitação dos Magos do Oriente ao Menino Jesus.

ONDE ESTÁ

A Folia do Brejo Grande gira essencialmente na região rural do Brejo Grande, indo também a região da Olaria e na cidade de Itaguari.

PERÍODOS IMPORTANTES

O período em que se realiza esse festejo é o compreendido entre dia 30 de dezembro e festa é realizada no dia 06 de janeiro.

HISTÓRIA

Essa folia é a mais antiga do município de Itaguari, tendo seu início ainda na década de 1880, tendo portanto, por volta de 140 anos de existência. Sua fundação é atribuída a Pedro Nolasco Ribeiro e João Rosa que ao participarem de um terço à Santos Reis num vizinho às sua propriedade, se

dispuseram a realizar as celebrações todos os anos. A família dos Ribeiro tem mantido essa folia há muitos anos, mantendo suas características que herdaram dos seus antepassados. Essa folia já foi uma das maiores do município como contam.

SIGNIFICADOS

A Folia do Brejo Grande significa a força da tradição que vem atravessando gerações e reforçando os laços fraternais e familiares dentro da lógica solidária da partilha que ocorre na realização dos festejos.

DESCRIÇÃO

A Folia do Brejo Grande gira durante a noite e realiza seu pouso durante o dia e tem sido assim desde sua origem segundo relatos. Iniciando seus rituais com um terço, depois se alimentam agradecem cantando e após levantarem a bandeira saem girando fazendo visitas as casas na madrugada, e chegam ao pouso já no alvorecer. Os seus giros despertam muita curiosidade, por isso, muitas pessoas vão para acompanhar. Os pousos se prolongam durante o dia tendo muita comida e forró para as pessoas dançarem. Esses momentos tem aumentado muito em participação das pessoas, a festa reúne milhares de pessoas.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Nos rituais da Folia do Brejo Grande envolvem como foliões; embaixadores, cantores e alferes, não tem palhaços nessa folia, para sua organização estão festeiros, pouseiros, cozinheiros, doadores e outros colaboradores.

COMIDAS E BEBIDAS

O cardapio dos festerjos dessa folia são variedades comuns na região com comidas de sal arroz, feijão, galinhada, feijão tropeiro, carne com batata, carne de lata, farrofa de carne moída com milho e guariroba, pelotinha de carne, macarrão com batata, macarronada, macarrão com frango, verduras diversas cozidas ou fritas, saladas diversas, tomate, repolho, entre outros. E doces Os doces são de leite puro, leite com mamão, banana, goiaba, figo, taia de mamão, pão, ovos, cocô, entre outros. Não existindo uma comida especial que é preparada por ocasião da folia.

ROUPAS E ACESSÓRIOS

Os foliões dessa folia amarram lenços no pescoço não tendo uniformes.

EXPRESSÕES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

Há o costume dar um beijo na bandeira reverenciando a divindade ali representada que se faz antes da folia sair girando e quando um devoto se aproxima do altar onde ela esteja colocada. Outra expressão é a genuflexão ou ajoelhar-se para cumprir uma promessa, que é feito por um devoto.

EXPRESSÕES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÕES ORAIS)

As salvas “viva os Tres Reis Santos” são gerais entre os foliões e demais participantes, mas, existem as orações dos terços, que são proferidos pelos foliões e devotos que acompanham a folia.

OBJETOS IMPORTANTES (INSTRUMENTOS MUSICAIS, OBJETOS RITUAIS, ELEMENTOS CÊNICOS, DECORAÇÃO DO ESPAÇO E OUTROS)

O objeto mais importante da folia é sua bandeira, ela é considerada sagrada e eficaz para obtenção de bênçãos. Os instrumentos violas, violões, sanfona, caixas e pandeiros são importantíssimos para a cantoria da folia. O espaço onde ocorrerá a folia é enfeitado com bandeirolas e fitilhos dependurados, são armados arcos nos portais e ainda são montados os presépios que são um elemento onde concentram o ritual da folia.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

As estruturas que são necessárias são as barracas para instalar a cozinha e outras para o uso das pessoas que vão para participarem das celebrações da folia. Os principais recursos na Folia do Brejo Grande são empregados no custeio e preparação da comida e outras despesas necessárias para a realização da folia. Em algum pouso ou festa são utilizados palco para pequenos shows.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS RELACIONADAS

Uma manifestação que se faz ver nessa folia é a catira, que é realizada pelos próprios folião ou acompanhantes da folia.

AVALIAÇÃO

A durabilidade dessa tradição, e suas características são uma referência da cultura e da preservação da identidade e a valorização das memórias que são ano a ano, são revividas num esforço de resistência.

RECOMENDAÇÕES

Registro do bem como manifestação imaterial seguidos de ações em prol de assistência quanto a sua estruturação serão necessário a sua continuação.

CELEBRAÇÕES

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Folia Goiana; Folia dos Andrades; Folia de Itaguari

IMAGEM



Fotografia da Folia Goiana chegando para celebrar a entrega, 06/01/2006; acervo Edvã Lourenço de Sousa.

0 QUE É

Grupo de foliões e devotos que realizam a folia durante o ciclo natalino, em memória à Visitação dos Magos do Oriente ao Menino Jesus.

ONDE ESTÁ

Atualmente é realizada dentro da cidade de Itaguari – GO, fazendo pequenos percursos na zona rural.

PERÍODOS IMPORTANTES

O período em que se realiza esse festejo é o compreendido entre dia 31 de dezembro e festa é

realizada no dia 06 de janeiro.

HISTÓRIA

A Folia Goiana tem sua origem com um voto feito por Idelfonso por volta dos anos de 1930, e a partir de então foi realizada, levando em consideração o cartaz desta edição do ano de 2023 estaria com 95 anos, então sua origem teria sido em 1928. O fundador dessa folia é confirmado por várias pessoas, que apontam Idelfonso Silvério de Souza. O evento agradou a todos, que logo formaram uma irmandade como era os costume da época, e através de sorteio escolheram um outro festeiro para dar continuidade. Nos anos iniciais girava a noite na região rural, vindo sofrer um processo de transformação no qual migrou para a cidade e inverteu pouso e giro. O ritmo de sua cantoria que era no sistema goiano passou a ser no sistema mineiro, mais recentemente.

SIGNIFICADOS

A folia representa muita alegria para a população da cidade, é um momento festivo que se fundamenta na fé nos Três Reis Santos de.

DESCRIÇÃO

A Folia Goiana tem seu início com a reza o terço, logo em seguida o levantamento da bandeira, e a partir daí os giros, durante os giros acontecem os pousos que reúne muitas pessoas atualmente, segundo estimativas chegou a cinco mil pessoas participando deles. O final dessa folia é no dia seis de janeiro com grande festa que já aglomerou aproximadamente vinte mil pessoas, que são servidas de comidas e doces durante todo o dia, a fartura é uma característica que se destaca, evidenciando a grande partilha promotora da festa. Os pousos da Folia Goiana são durante a noite e ela gira durante o dia. A Folia Goiana se divide em dois grupos que eles denominam de esquerdo e direito.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Por ser uma grande festa essa folia envolve outras pessoas e instituições para promovê-la como é o caso da prefeitura que além de aporte financeiro, contribui na preparação das comidas, na organização dos espaços. Os demais envolvidos são os devotos e os foliões: embaixador, cantores, palhaços e alferes. O festeiro, o pouseiro, o coordenador, os doadores, cozinheiros, decoradoras e demais colaboradores da parte da organização da festa.

COMIDAS E BEBIDAS

Para saciar o grande número de participantes em suas festividades a Folia Goiana prepara uma quantidade enorme de alimentos. As variedades seguem o cardápio da região com comidas de sal arroz, feijão, galinhada, feijão tropeiro, carne com batata, carne de lata, farofa de carne moída com

milho e guariroba, pelotinha de carne, macarrão com batata, macarronada, macarrão com frango, verduras diversas cozidas ou fritas, saladas diversas, tomate, repolho, entre outros. E doces Os doces são de leite puro, leite com mamão, banana, goiaba, figo, taia de mamão, pão, ovos, cocô, entre outros. Todos pratos populares entre os moradores dessa região. Na folia não existe um alimento que seja próprio, os pratos são simples.

ROUPAS E ACESSÓRIOS

A Folia Goiana não tem uniformes, usualmente os foliões amarram lenços no pescoço. Já os palhaços usam uma roupa rústica feita de tecido bem colorido e estampado e a máscara grotesca que lhes cobrem o rosto, nesta máscara colocam enfeites de infinita variedade.

EXPRESSÕES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

A meia-lua é uma coreografia muito simples que há na folia que é realizada pelos foliões e demais acompanhantes quando chegam ao pouso, este movimento é acompanhado de um ritmo simples e as pessoas se movimentam indo e vindo, se aproximando do primeiro arco do pouso batendo palmas. É costume dar um beijo na bandeira reverenciando a divindade ali representada que se faz antes da folia sair girando e quando um devoto se aproxima do altar onde ela esteja colocada. Outra expressão é a genuflexão ou ajoelhar-se para cumprir uma promessa, que é feito por um devoto.

EXPRESSÕES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÕES ORAIS)

As salvas “viva os Tres Reis Santos” são gerais entre os foliões e demais participantes, mas, existem as orações dos terços, que são proferidos pelos foliões e devotos que acompanham a folia.

OBJETOS IMPORTANTES (INSTRUMENTOS MUSICAIS, OBJETOS RITUAIS, ELEMENTOS CÊNICOS, DECORAÇÃO DO ESPAÇO E OUTROS)

O objeto mais importante da folia é sua bandeira, ela é considerada sagrada e eficaz para obtenção de bençãos. Os instrumentos violas, violões, sanfona, caixas e pandeiros são importantíssimos para a folia. O espaço onde ocorrerá a folia é enfeitado com bandeirolas e fitilhos dependurados, são armados arcos nos portais e ainda são montados os presépios que são um elemento onde concentram o ritual da folia.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Muitas estruturas são necessárias para realizar a Folia Goiana são barracas para recepcionar o povo, os palcos para os pousos e a festa, neste caso em grande dimensão, geradores de energia estacionários para a sonorização, o espaço da Feira Coberta para o preparo da comida, câmaras frias para armazenar carne e doces, fogões, grandes mesas para servirem a comida e ainda banheiros químicos. Os demais recursos necessários são as prendas que as pessoas oferecem para o preparo da comida.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS RELACIONADAS

A catira é um grande atrativo nos pousos e na festa dessa folia, mas, ocorre em outras ocasiões durante os giros.

AVALIAÇÃO

Como principal ponto que se destaca nesta folia está a fartura de alimentos oferecidos durante os dias de festas, indicando fortes traços de partilha e união da comunidade. Os sentimentos devocionais também são percebidos como muito arraigados no amago dos devotos. Ressalta-se a circularidade dos discursos identitários que formam a cultura regional presente nesta manifestação.

RECOMENDAÇÕES

Com o passar dos anos muitos foliões morreram e a dificuldade de ingressos de novos foliões tem sido sentida, por isso, uma medida a ser adotada é o incentivo e a captação de foliões jovens. Melhorar a estrutura organizacional daria um grande salto para esta grande festa. E ainda, a transferência da festa para um local mais amplo e fora dos limites do Centro da cidade pode contribuir para melhor aproveitamento da festa.

CELEBRAÇÕES

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Folia Mineira; Folia do Coutos; Folia dos mineiros.

IMAGEM



Fotografia da Folia Mineira saindo da casa de Renival Peixoto para o giro, data incerta; acervo Jacob Vicente Dias.

O QUE É

Grupo de foliões e devotos que festejam em memória à Visitação dos Magos do Oriente ao Menino Jesus.

ONDE ESTÁ

É realizada nas regiões rurais denominadas Sapezinho, Monjolinho, Cachoeira ou Pastinho, Limoeiro e Soares pertencente ao município de Itaguari – GO.

PERÍODOS IMPORTANTES

O período em que se realiza esse festejo é o compreendido entre 25 ao dia de dezembro e o grande evento que é realizado no dia 06 de janeiro.

HISTÓRIA

A Folia Mineira surgiu em 1957 quando foi realizada sua primeira festa, na casa da Sra. Ana Rita do Couto. Ela era uma mulher muito doente, por não disponibilizar de assistência médica fez uma promessa aos Três Reis Santos, de realizar uma folia. Tendo alcançado a graça ela reuniu forças com a família e os amigos convidou foliões de outras regiões, e realizou então em a primeira folia que desde então é realizada. Essa manifestação tem se mantido com poucas alterações. Pode-se apontar que entre algumas transformações a que mais se torna visível é o ingresso de foliões que não são pertencentes a família dos Coutos, não sendo desconsiderado o exodo rural que a tem feito realizar pouso dentro da cidade, mas, ao que indicam as pesquisas isto tem sido comum também em outras folias.

SIGNIFICADOS

A folia representa a reprodução da viagem dos Magos em busca do Menino Jesus, adquirindo, portanto, significado religioso da fé nas divindades e renovação dos laços de amizade e solidários para a comunidade que promove a folia.

DESCRIÇÃO

O rito inicial da folia é reza o terço, que é seguido do levantamento da bandeira, que saíra para o giro conduzida pelos foliões e devotos, neste interim ocorrem os pousos festivos. e finalizando no dia seis de janeiro a grande celebração da entrega da folia. Essa folia gira durante o dia e faz seus pouso durante a noite. O sistema de cantar dessa folia é o mineiro composto por até sete vozes em coro.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Para realização da folia várias pessoas são envolvidas, tanto na organização dos eventos quanto na

condução do ritual. Do ritual fazem parte os foliões: embaixador, cantores, palhaços, alferes e promesseiros. Na organização tem: o festeiro, o pouseiro, o coordenador, os doadores, cozinheiros, decoradoras e demais colaboradores.

COMIDAS E BEBIDAS

Nas folias há comidas de sal e doces. Não há um prato especial na folia, são variedades populares da culinária regional: arroz, feijão, galinhada, feijão tropeiro, carne com batata, carne de lata, farrofa de carne moída com milho e guariroba, pelotinha de carne, macarrão com batata, macarronada, macarrão com frango, verduras diversas cozidas ou fritas, saladas diversas, tomate, repolho, entre outros. Os doces são de leite puro, leite com mamão, banana, goiaba, figo, taia de mamão, pão, ovos, cocô, entre outros.

ROUPAS E ACESSÓRIOS

A os foliões da Folia Mineira não usam uniformes, o mais comum são toalhas estreitas e compridas que colocam atrás do pescoço sobre os ombros. Já os palhaços usam uma roupa rústica feita de tecido bem colorido e estado e a máscara grotesca que lhes cobrem o rosto nesta máscara colocam enfeites de infinita variedade.

EXPRESSÕES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

Dentro da reprodução da folia há uma coreografia muito simples denominada de meia-lua que os foliões e demais acompanhantes realizam quando chegam ao pouso, este movimento é acompanhado de um ritmo simples e as pessoas se movimentam indo e vindo, se aproximando do primeiro arco do pouso batendo palmas. Existe também o beijo na bandeira que é uma forma de reverência que se faz antes da folia sair girando e quando um devoto se aproxima do altar onde ela esteja colocada. Outra expressão é a genuflexão ou ajoelhar-se para cumprir uma promessa, que é feito por um devoto.

EXPRESSÕES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÕES ORAIS)

As salvas “viva os Tres Reis Santos” são gerais entre os foliões e demais participantes, mas, existem as orações dos terços, que são proferidos pelos foliões e devotos que acompanham a folia.

OBJETOS IMPORTANTES (INSTRUMENTOS MUSICAIS, OBJETOS RITUAIS, ELEMENTOS CÊNICOS, DECORAÇÃO DO ESPAÇO E OUTROS)

O objeto mais importante da folia é sua bandeira, ela é considerada sagrada e eficaz para obtenção de bênçãos. Os instrumentos violas, violões, sanfona, caixas e pandeiros são importantíssimos para

a folia. O espaço onde ocorrerá a folia é enfeitado com bandeirolas e fitilhos dependurados, são armados arcos nos portais e ainda são montados os presépios que são um elemento onde concentram o ritual da folia.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Entre as estruturas necessárias para realizar as folias são barracas para ser usada como cozinha, e outras tendas para a recepção do povo, e em alguns casos palcos. Os recursos necessários são revertidos em alimentos que serão preparados e servidos, e um pouco utilizado com despesas com a decoração e a estrutura necessária.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS RELACIONADAS

Muito associada as folias são as danças de catiras que ocorre durante os giros, nos pousos e na festa.

AValiação

As principais características detectadas são o sentimento de apropriação e de identificação que aliado ao aspecto devocional movem as pessoas a se envolverem na realização dessa manifestação, partilhando não somente com donativos mas também colaborando na preparação da festa, sendo então, o ponto que não as deixa findar.

RECOMENDAÇÕES

Deve-se evitar a interferência externa, pois, qualquer contribuição deve ser pautada na lógica interna, admitindo-se que os detentores do bem são os que melhor sabem como preservar. Em outro plano buscar o reconhecimento e valorização desta forma cultural como sendo uma riqueza identitária e memorial que persiste em nossa sociedade, como expressão do espírito humano que busca por meandros abstratos. Esta proposição pode ser efetivada por vários meios desde os mais tradicionais como a educação e outras formas formação, as mais modernas com o uso de comunicação de massa.

Transcrição entrevista - Ana nogueira

Entrevistador: Bom dia

Ana: Bom dia

Entrevistador: Tudo bem?

Ana: Tudo bem

Entrevistador: Gostaria que a senhora me dissesse o nome da senhora, idade se a senhora ficar à vontade e profissão

Ana: Tá bom, meu nome é Ana Rodrigues dos Santos Nogueira, tenho 57 anos, professora, não estou atuando mas sou professora

Entrevistador: Certinho, é gostaria de perguntar assim de qual folia que a senhora participa mesmo?

Ana: Ah, qual folia? A folia é do Brejo Grande, a folia goiana né

Entrevistador: A folia goiana, e desde quando a senhora participa da folia?

Ana: Desde quando? desde que praticamente que eu nasci mesmo né, porque meu pai fazia parte da irmandade da folia e a minha mãe é da família dos Ribeiro e então ela sempre ela desde que ela nasceu ela faz parte dessa Folia aí meu pai também integrou essa irmandade então desde criança eu acompanho a folia no braço dos pais, os pais iam pras festas e eu estava junto aí quando eu tinha, quando eu tinha 4 anos de idade meu pai foi festeiro, 69 meu pai foi festeiro então eu tinha, eu era pequenininha não, não participei mas eu estava lá no meio, meu pai era festeiro e o Nativo Ribeiro que é meu primo era o folião e aquela época era o festeiro trabalhava com o folião ajudando o festeiro organizava a parte da Festa dos comes e bebes e o folião organizava, era o coordenador da folia, a partir que a folia antes da folia sair ele já anotava, elaborava um mapa para a folia sair que tinha dois gaio, o gaio direito e o gaio esquerdo e isso quem fazia maior parte era o coordenador que era o folião, que essa época era o Nativo Ribeiro, meu pai fazia aquelas coisa, afazeres de casa, entendeu?

Entrevistador: Pra receber o povo que vinha pra festa

Ana: Pra receber as pessoas...

Entrevistador: Eu queria saber o nome da sua mãe e o nome do seu pai

Ana: Ah, a minha mãe chamava Ana Ribeiro dos Santos e meu pai Sebastião Rodrigues dos Santos chamado Sebastião Caetano

Entrevistador: Ah tá, é outra família muito tradicional no Brejo Grande né

Ana: É, uhum

Entrevistador: E depois, que você cresceu você começou a participar das festas ajudando na folia, como é que foi isso?

Ana: Ah tá, quando eu era na adolescência eu acompanhava também os pais né, na infância e na adolescência eu acompanhava os pais né nessa festa, aí nós pegamos e mudamos pra Inhumas, mas sempre que tinha oportunidade nós vínhamos na festa, época de festa, aí nós mudamos, eu casei mudei pra Goiânia aí em 2012 eu montei minha chácara aqui no Brejo Grande então eu venho acompanhando a folia ajudando na medida que eu posso ajudar, financeiramente, ajudando nos altares, montando os altares, eu gosto muito de montar o altar pras pessoas, pra festa

Entrevistador: Ah tá, é muito interessante então existe como se fosse uma equipe que faz esse trabalho de ornamentação

Ana: Uhum

Entrevistador: Tá certo... é eu gostaria que a senhora me falasse assim se a senhora sabe quando que foi fundada essa Folia, a senhora tem mais ou menos... da história dela, quem que fundou

Ana: Ah tá, essa estimativa dessa festa deu início mais ou meno em 1881, gente num tem documentado né... aí é quando iniciou essa folia, foi meu biso Pedro, deu início essa folia, que foi assim ele foi convidado pra ir num terço, o terço dos Santos Reis ele chegou lá nesse terço...

Entrevistador: Tranquilo, não tranquilo cês quer tomar um cafezin? Vou dar o cafezin pra ela... só um minutinho

Entrevistador: Dona Ana, eu gostaria de saber assim se a senhora poderia contar como que começou a folia do Brejo Grande que ano, quem que fundou, se foi por causa de voto, se aconteceu algum fato que despertou essa tradição lá, a senhora saberia?

Ana: Ah tá, é mas mais ou menos a estimativa em 1881, mas não tem nada relatado, nem registrado e pelo meu biso Pedro Inhola e mais alguns companheiros da região que nessa hora, eu não tô, a gente não sabe mesmo que é muitos anos atrás, eles falam que o seu João Rosa foi um dos que ajudou muito e deu início um senhor confrontante dele lá que não era próximo, era bem longe aquela época lá num era muito habitado, era muito então... esse senhor fazia, rezava o terço dos Santos Reis ai ele convidou o meu biso

Entrevistador: Pra ir rezar o terço

Ana: É meu biso foi rezar o terço... aí o meu biso foi rezar o terço, entendeu? Aí como meu biso gostou muito pediu pro senhor rezar na casa dele, aí eles rezaram na casa dele,

aí no outro dia outra pessoa pediu pra rezar na casa de outra pessoa, aí eles foram rezando, e tinha as pessoas que tocava, usava os instrumentos

Entrevistador: Ah tá, então começou a partir daí

Ana: Aí começou nisso, dessa forma, aí foi a... eu penso que a folia foi né começando, iam girando, naquela época eles fazia.. é muito bolo que eles fazia, muito bolo, aí passou a fazer..

Entrevistador: Passou a fazer a folia, aí a gente fica com uma curiosidade apesar de senhora tá com o incômodo, é de saber assim então a família de vocês chegou aqui bem antes de 1880?

Ana: Eu acredito que sim

Entrevistador: E ela veio de onde?

Ana: Veio, meu biso veio de Jaraguá, na fazenda

Entrevistador: Ah ele morava em Jaraguá e mudou pra cá e comprou uma fazenda aqui?

Ana: Uhum, é, ele foi comprando sabe, foi comprando sítios em volta da fazenda dele, foi só aumentando, as glebas de terras dele

Entrevistador: Ah, tá certo, e a folia sempre foi feita dentro da família de vocês?

Ana: Foi, da família Ribeiro

Entrevistador: Tá certo, pra nós encerrar eu gostaria que a senhora deixasse assim uma mensagem qual que é o sentimento que a senhora tem em relação à folia do Brejo Grande

Ana: Meu sentimento é um sentimento de amor, de fé, de muita união, sabe? Porque se a pessoa não tiver amor né, naquilo que está fazendo né, de muita fé, muita devoção que é a parte principal é devoção pelo santo é a fé, pelos Santos Reis, Menino Jesus, Maria Santíssima, Espírito Santo que um não anda sozinho, Santos Reis não anda sozinho

Entrevistador: Isso, justamente Dona Ana eu agradeço a senhora por me conceder a entrevista e contribuiu bastante com muitas informações para o nosso trabalho né, eu já tinha falado anteriormente sobre o termo de consentimento, eu preciso que vocês analisem se vão me permitir ou não utilizar tanto a imagem quanto as informações, tá? E também vai ficar à disposição de vocês todo esse trabalho né, futuramente a gente vai levar isso pra todos vocês verem e olharem a participação e tal...

Ana: Depois eu quero que você passa pra mim mais um pra tá aqui...

Entrevistador: Então muito obrigado viu

Ana: Muito obrigada deu tá também, você ter nos convidado, pra participar do seu trabalho é um prazer pra nós, nossa família tá participando do seu trabalho pra ser divulgado, com certeza nós vamos assinar sim viu

Entrevistador: Então tá, muito obrigada

Ana: Obrigada você

Entrevistador: Até mais

Ana: Até mais

Transcrição entrevista – André e Andrade

Entrevistador: Pra mim é uma honra muito grande eu ser recebido aqui por vocês, e já agradeço vocês de me receber, de contribuir com esse trabalho meu né, como eu falei de antemão depois da entrevista eu vou mostrar pra vocês o aquele papel pra gente poder usar ou não as falas de vocês tá, certo, e vamo iniciar a entrevista eu gostaria de saber o nome de vocês

André e Andrade: É o seguinte, Magno, cê também é filho de Itaguari né?

Entrevistador: Eu também sou filho de Itaguari, moro naquela terrinha boa lá

André e Andrade: Fica mais fácil né Andrade? Aí num deixa a gente mentir né, porque sabe tudo da gente lá né, todos os lugares onde passamos já eu tenho certeza que ele já passou também né? Pois não, Magno, pode repetir a pergunta

Entrevistador: É qual que é o nome de vocês, é nasceu onde se vocês quiserem contar a idade e atualmente qual é a ocupação de vocês

André e Andrade: Bom, o meu irmão que é de mais responsabilidade né, que é o mais velho sempre né, pode falar, qual o seu nome e o que que cê faz na vida

André e Andrade: O negócio é, abaixo de Deus é tocar viola né

André e Andrade: Mas e o seu nome?

André e Andrade: Meu nome é Sebastião de Freitas Machado, filho de Maria José Pereira e João de Freitas Machado, graças a deus... e irmão de José de Freitas Machado

André e Andrade: Ô Magno, ele já falou meu nome né agora nem precisa repetir né

Entrevistador: Justamente, eu gostaria só que vocês contassem um pouquinho assim dessa história de vocês como cantor, onde vocês começaram como é que foi se vocês puderem contar um pouquinho dessa história pra nós

André e Andrade: É longa né Andrade essa história, nossa senhora

André e Andrade: Aí tem pano pra manga

André e Andrade: Aí rapaz, nós começamo lá na fazenda... branca né, na beira do rio Sucuri quando ainda era menino o papai começou a nos levar pras folias de reis e começamos lá ne Andrade

André e Andrade: Iniciamos lá, graças a deus

André e Andrade: Mais ou menos no ano de, mais ou meno na década de 60, de 60 e pouquin, 62, 61, 62 mais ou menos

Entrevistador: Ah tá, então já faz muito tempo. Eu gostaria assim de saber assim desde quando cês participa de folia então, dá procês falar mais ou menos, quando que cês

começou a participar de folia, com que idade que cês já começou a ir pra folia assim com os pais de vocês

André e Andrade: Eu da irmandade eu sou o primeiro a participar na folia, dos irmãos, eu e um outro irmão, nós dois iniciamos papai nos levava eu ao mesmo tempo era muito criança, depois o André foi crescendo e começou a participar junto com a gente

Entrevistador: E o seu pai ele fazia alguma coisa na folia?

André e Andrade: Papai era catireiro, papai era rezador, papai gostava muito da reunião né André? Da folia

André e Andrade: Papai era de tudo um pouco, catireiro, rezador, é improvisador né papai é tipo um repentista, nada embaraçava ele, ele vestia a roupa de palhaço também... papai pegava a máscara e... é ele fazia o papel do palhaço

André e Andrade: Fazia o bastião né que falava?

Entrevistador: E vocês, cês participava da folia, só assistia ou também fazia alguma coisa dentro da folia? Quando que começou

André e Andrade: Desde os primeiros passos do André e Andrade na folia, o Andrade já começou a cantar na música né Andrade, na resposta

Entrevistador: E o André?

André e Andrade: E eu segui o mesmo caminho dele né também o meu interesse era muito grande de cantar, porque desde criança, desde menino, eu via a nossa saída, a única saída que eu via, pelo que nós fazíamos era na viola, só ali que eu que eu tinha a imaginação que nós poderíamos alcançar o nosso objetivo que alcançamos, com Deus na frente

Entrevistador: Ah sim, e quem que, alguém ensinou vocês a cantar na folia, como é que foi? O cês aprendeu a cantar folia que jeito?

André e Andrade: Eu a primeira pessoa que eu cantei com ela na folia, muita honra com muita glória deu lembrar chama-se Silvério de Souza o Zezin Isabel, ele era meu padrinho e ele que nos incentivou os primeiros passos da nossa, da minha cantiga musical na companhia de Santos Reis foi com ele e o André também veio pela mesma forma

André e Andrade: E eu também pela mesma forma e eu achava muito bonito e tinha muita vontade de aprender a tocar viola, violão, meu sonho desde criancinha era aprender a tocar

André e Andrade: Cê inciou no cavaquinho né André

André e Andrade: Foi no cavaquinho papai que afinou eçe pra nós, pra mim, me ensinou os primeiros dedilhados no cavaquinho. “*Ah, xoxô passarinho, xoxô sabiá*” [cantando] Foi a primeira música que eu aprendi a tocar no cavaquinho

Entrevistador: Uai ele também tocava instrumento musical então

André e Andrade: Assim, ele era curioso, mas aquela curiosidade dele passou pra nós né e nós também fomos crescendo dentro daquilo que ele se passava para nós e de ano em ano nós pegava num instrumento na Folia de Reis porque a gente num tinha né, até que ele comprou o primeiro violão pra ocê né Andrade

André e Andrade: Foi

André e Andrade: Quanto que custou aquele violão?

André e Andrade: Aquilo foi um conto de reis

André e Andrade: Mas teve uma leitoa vermelha de volta, que eu lembro da transação lá do negócio, que o papai deu R\$ 1.200 reis e mais uma leitoa vermelha assim em torno dos 5 meses, 6 meses, já no ponto do abate sabe? Ele comprou pro Andrade e eu peguei carona né

Entrevistador: Aí foi junto, e aí logo vocês começaram a cantar música caipira também

André e Andrade: Aí você sabe que na roça, na Folia de Reis, o pau que quebra lá é o modão, num sendo na Folia, é só modão, moda de viola reportado né, catira, porque o catira, a Folia é o prato do dia né, na época, hoje infelizmente quase num existe, mas o catira antigamente era o forró num barracão e o catira no outro

André e Andrade: Um de catira, outro de forró, e tinha pessoa antigamente tinha uns que num gostava do forró, pois nós vamo lá na casa de fulano, mas lá vai ser só o catira lá, rastapé lá de jeito nenhum, respeitava

Entrevistador: Sistemático, e o povo, muitas pessoas sente falta da tradição da catira né porque a catira é uma identidade nossa, uma tradição

André e Andrade: é uma tradição

André e Andrade: Não só a catira, mas também antigamente quando nós começamos, acompanhar a Folia de Reis, primeiro fazia a chegada, jantava, rezava um terço pra depois dançar ou catira ou forró, mas antes tinha o terço, primeiramente o terço

André e Andrade: E outra coisa, o bendito da mesa, num saia sem rezar o bendito, e na hora que, girava de dia, fazia aquele tipo um arco-íris dos cavalheiros, as pessoa que girava a pé, fazia aquele arco assim, na hora de despedir do pouso, agradecia, coisa mais linda. “*Lá vai a bandeira embora, se deixamo algum agravo, Santos Reis quem nos perdoa*” [cantando] Por aí cê entendeu, essa aí era a despedida, e as duas bandeiras

junto, tinha o galho direito e o galho esquerdo e na hora de de sair os cavalheiros, fazia e fazia aquele S aquela coisa bonita, fazia assim um pra lá e outro pra cá, assim mais ou menos uns 150, 200 cavalheiros na saída, aí um falava gaio direito, outro gaio esquerdo, ô no gaio direito tem pamonha, ô no gaio esquerdo tem bolo lá na fazenda fulano de tal, ó nós vamo passar lá né então, todo mundo, aí no galho direito ia mais ou então no galho esquerdo ia mais né, tinha uma coisa que puxava mais prum galho, aonde puxava mais que ia mais, aí muita das vezes tinha que vir um ôu o gaio de fulano quase num tem ninguém tem que mandar um povo pra lá, tá muito pouco né, cês tá indo tudo prum gaio só, como é que vai fazer, lá na casa de fulano também tem catira lá, tem um presépio lá, era desse jeito, aí tinha que mandar, mandava uns cavalheiro pro outro galho pra fortalecer o outro, porque um só tava os foliões de ponta todim só num galho

Entrevistador: E nessa época girava de noite ou de dia?

André e Andrade: Girava de noite e girava de dia também, tinha folia que girava à noite e tinha folia que girava...

Entrevistador: Aquela Folia Goiana de hoje ela girava de noite?

André e Andrade: De noite

Entrevistador: Na época de vocês era de noite

André e Andrade: Foi, de noite e muitas vezes também durante o dia, mas mais durante a noite

Entrevistador: Ah certo, cantava em ritmo goiano ou ritmo mineiro?

André e Andrade: Goiano

Entrevistador: Porque o ritmo Goiano ele tem uma diferença do mineiro num tem? como é que é o ritmo Goiano, esse antigo ritmo Goiano

André e Andrade: Ah o ritmo Goiano antigamente era bem diferenciado de hoje né

Andrade. *“Senhor e dono da casa, abre a porta e cende a luz, abre a porta e cende a luz, Senhor e dono da casa, abre a porta e cende a luz, abre a porta e cende a luz, venha ver na sua porta, o retrato de Jesus, o retrato de Jesus, venha ver na sua porta, o retrato de Jesus, o retrato de Jesus”* [cantando] Essa aí era a chegada

Entrevistador: Chegava numa casa de madrugada né...

André e Andrade: Chegava na dispensa pra num fazer barulho, de noite, ó num faça barulho não que, o cavalo lá em cima assim nas porteira, descia a pé escutava só os latidos dos cachorro, o tinido das esporas, aquele povo né, bem silencioso chegava na porta na janela aqui ó, hora que cê cantava o primeiro versim, cê via assim o clarão da luz que

cendia, já no rumo do quarto lá ó na sala né, pra abrir a porta cê já via o clarão da luz assim na teia

Entrevistador: Mas é muito mais bonito num é

André e Andrade: Nossa senhora, era mais assim, emocionante, porque muita das vezes cê num sabia que jeito que era aquela casa, aquela região a gente tava ali pela primeira vez, cê só imaginava né, cê num conhecia

Entrevistador: Veio muita recordação agora?

André e Andrade: Meu deus do céu, eles ia te receber, tinha lugar que tinha muita moça bonita, tinha, nossa senhora...

Entrevistador: E quando tinha as moça bonita...

André e Andrade: Nossa senhora, cê via folião chegar penteando o cabelo, arrumar, dando um tapa na sobancelha, pra dar uma ajeitada assim

Entrevistador: Aí cantava mais bonito um pouco...

André e Andrade: Cantava ali, se a gente ficasse olhando pra uma mulher bonita lá, o embaixador, o guia lá, batia o braço da viola na cabeça, uai rapaz que que cê tá olhando, presta atenção no que você tá fazendo rapaz, respeito, o ritual num era igual hoje não... e as vezes cê tava cantando e pensando daqui um pouquin vai ter o bolo né, daqui um pouquin vai ter a pamonha né, vai ter a janta, vai ter o almoço, não, lá de noite era bolo e pamonha, é que eles servia mais pros foliões no giro

Entrevistador: E tinha assim uma pinguinha, pra alegrar, uma cachaça?

André e Andrade: Tinha, moço pinga essa aí, tinha nego que carregava a pinga na cabeça de uma... litrão

Entrevistador: E nessa época que cês começou a cantar quem que era os embaixador lá dessa época?

André e Andrade: Antônio da Luz, finado Janequinho, finado Daniel, Zezinho Isabel, Padrin Zezin, Criolo, é Baltazar de Sousa...

Entrevistador: E tinha palhaços toda folia..

André e Andrade: Tinha, só girava durante o dia

Entrevistador: Ah tá, durante a noite num tinha não, é parece que é uma característica num ter palhaço no giro de noite né

André e Andrade: É porque na tradição, dos três Reis quando visitou menino Deus, no seu nascimento durante a noite eles não usava máscara, porque era mais difícil deles ser reconhecido então num precisava de usar máscara, então durante o dia eles usava as máscaras pra não ser reconhecido nem na ida e nem na volta né da, pra não ser

perseguido, porque o rei Hérode queria saber se era verdade o nascimento do menino Jesus, porque ele também queria adorar, visitar, mas a ideia dele num era visitar, a ideia dele era matar as criança de 2 anos abaixo todinha na época, ele matou muita criança, então ele queria também assassinar Jesus também, aí o anjo Gabriel veio pros três reis santos e avisou ele, que passasse por outras estradas né, na volta, num passasse lá onde tava rei Hérode, é aí que eles usaram as máscaras né durante o dia, e a noite num usava, por isso que é a tradição a noite sem máscara, durante o dia com máscara

Entrevistador: E alguém de vocês também embaixa a folia né, né eu vi aqui que alguém de vocês

André e Andrade: Não, nós quebra um galho né, Andrade. Aqui num tem ninguém cantar pra pedir oferta, mais ninguém... agora no presépio lá a gente num aprendeu não, o presépio ali é mais profundo né, tem mais profundidade, num pode cantar besteira ali né, fala ó cantar o que aconteceu, contar a verdade, e igual eu vejo muitos embaixador que tem hora que ele fala besteira, a gente num fala nada, porque a gente ta é respondendo, mas tem hora que ele fala algumas coisa que a gente num, que é acostumado vim lá de atrás vê que aquilo que ele tá falando ali num tem nada a ver com o nascimento de Jesus né, mas a gente, nós respeita porque a gente num pode falar nada, a gente tem que atender as ordens né

Entrevistador: É porque folia num é uma coisa, num é farra, é uma coisa séria, é uma devoção

André e Andrade: E outra coisa, a pessoa que vai ali, é uma tradição séria, é um acontecimento, é uma coisa que aconteceu, aquilo ali é a realidade, ali é o nascimento do menino Jesus, ali existiu, ali aconteceu, ali é verdade, num tem farra ali não

Entrevistador: Pois é, e depois vocês continuaram participando atualmente a folia Goiana é muito grande né, assim vocês sempre faz um show ali na folia

André e Andrade: Justamente, graças a Deus, Deus tem nos dado muita oportunidade, muita permissão para que nós continuássemos acompanhando a Folia de Reis, foi aonde nasceu a dupra, foi lá nas folias de Santos Reis, então nós temos a Folia de Santos Reis, num é como assim como assim como a uma devoção, a nossa ida na Folia de Santos Reis, nós num vamo ali por farra, é uma obrigação que nós temos, que nós devemos a Santos Reis, Deus primeiramente, Santos Reis, menino Jesus, nunca a gente vai pagar tudo que já recebemos, nós num dá conta nem de dimensionar, a altura do quanto nós recebemos, da dimensão que Santos Reis colocou nós, Deus primeiramente

Entrevistador: Pois é, é porque hoje atualmente o pessoal fala assim às vezes quem não conhece a Folia Goiana de Itaguari fala assim, ah a folia dos Andrade cês já devem ter escutado isso

André e Andrade: Demais, muito

Entrevistador: Né que o pessoal atribui realmente né todo esse crescimento à essa participação de vocês

André e Andrade: E a folia não é do André e Andrade, a Folia de Santos Reis lá da região de Itaguari, é do povo, nós pegamos carona nela, quando nós começamos a cantar desde pequeno, ela já existia, então nós dali pra cá pegamo o vácuo junto e fomos aprendendo com eles, com os nossos mestres, é com as pessoas que nos ensinavam que infelizmente a maioria hoje nem existe mais, mas nós ficamos com a lembrança muito forte, tem gente que tem muita saudade né André, aprendemos muito com eles, ficou muita coisa pra trás... Finado Gabriel Lopes também, grande embaixador, mas ele já fazia parte da Folia de Clozoaldo né, num era da nossa lá, mas aí falando dos mestres né

Entrevistador: É eu queria perguntar vocês..

André e Andrade: Aquela da Folia Minera, que era uma grande figura, o João Baianin, que era um baianin também que cantava muito bonito lá também, tinha o Raimundo, os minero, os minero também levou muita coisa boa ali, pra região, a respeito da folia de reis, a região de Itaguari, é os minero também é tradicional ali da nossa região

Entrevistador: É quando vocês começou a cantar folia lá, eles contaram pra vocês quem quem que fundou essa Folia Goiana?

André e Andrade: Não, a tradição é tão antiga que nós num num temos assim, não André quem levantou ela André primeiramente muitos anos atrás é o pai do Chiquin da Vicência, irmão do padrin Zezin o Defôncio, foi o Defôncio, há muitos anos vixe, muitos anos ouvi falar, cê ouviu falar, bom mas a gente num tem certeza né, bom mas de qualquer maneira ela já tem mais de 100 anos, mais de 100 anos, ixe tem bem mais de 100 anos

Entrevistador: Nossa então muito mais antiga do que a fundação do município

André e Andrade: É uai, ixe, nós existe, Itaguari, aquela folia de Reis já existia

Entrevistador: Já girava naquela mesma região ali

André e Andrade: Já girava Bom Sucesso ali, Alvelandia, Canta-Galo, num sei se chegou a ir no Canta-Galo, Bom Sucesso, Sapezinho, região ali da Serra do Brandão, naquele mei ali, nesse mei ali, na fazendo... Moreira, Fundão... naquela beirada ali

Entrevistador: E depois começou a fundar Itaguari lá com o pessoal do dos Procópio lá a Folia foi chegando mais perto da cidade?

André e Andrade: Ó na época papai ajudou a roçar pra fazer, fazer o campestre, que chamava, então papai ajudar a roçar o perímetro, aonde foi doado pra fazer a cidade né, no dia do mutirão o papai tava lá, ajudou a roçar então graças a Deus a gente tem essa lembrança papai contava pra nós, que ele ajudou a roçar, papai Deus levou ele com 81 anos, pro cê ver e ele era menino na época né e essa folia já existia né Andrade, é já existia e já tem 16 anos que Deus levou o papai né, tem, 16 anos

Entrevistador: Quer dizer que tem aí aproximadamente, quase 100 anos

André e Andrade: Quase 100 anos, porque se ele tivesse aqui junto com a gente, papai já tinha quase 100 anos de idade né Andrade

Entrevistador: 97 né, e pensando nisso a folia realmente já existia, nossa.. e o seu pai também era da região de Itaguari?

André e Andrade: Meu pai é nascido no município de Itaberaí, criado no município de Jaraguá, ali você chegando no troncamento naquele córguin antes de chegar no Tumaz, no troncamento do Tumaz, aquele córguin que tem pra chegar no asfalto ali, aquele que desce lá, fazenda São Piedade, cê sabe onde o papai foi nascido, papai me mostrou o córgo aonde ele foi nascido, quando nós vira pra Taquaral à direita ali, do lado esquerdo, mas é isso aí que eu tô falando uai, mas num é chegando no troncamento não, depois que passa o troncamento, do lado esquerdo

Entrevistador: É capaz que a intenção do Andrade é falar indo de Itaguari pro troncamento num é isso?

André e Andrade: É indo de Itaguari pro troncamento. Ele salvou ocê... não, mas a intenção foi essa, cê pode dar outro abraço nele, então ali papai nasceu ali naquela fazenda, é

Entrevistador: Eu sei.. E hoje né a folia, tem vezes que a folia dá 7, 8 mil pessoas às vezes até mais né, no dia da festa

André e Andrade: Uai, ali em Itaguari já teve dia de, fazer assim a base, o levantamento né 20 mil pessoas né

Entrevistador: Nossa é muita gente né, e vai também pra assistir vários artistas né

André e Andrade: Graças a Deus vai muitos artistas fazer show no última dia né, no dia 06, o qual graças a Deus nós fazemos parte também de todos né Andrade, é de todos artistas que vão nós somos um deles que vão né que lá já passaram muitas pessoas de nome nacional né Andrade, já foi o Zico e Zeca já foram o Gino, da dupla Gino e Geno,

o Paulino de Paulo e Paulino, o... quem mais Andrade, é a gente num dá conta de avaliar, de lembrar de todos que já foram ali... as irmãs Freitas, todo né muitas pessoas, muitos artistas

Entrevistador: As irmãs Freitas que também são irmãs de vocês

André e Andrade: Graças a Deus são elas nossas irmãs e outros mais que já participaram e com fé em Deus vão participar ainda, né e com fé em Deus nós somos um deles, com fé em Deus

Entrevistador: E todo ano cês vão, vai lá no Tião matuto, faz também...

André e Andrade: Ah a família Matuto ali, a base de Deus dá uma grande força, igual todos mas é resumindo a família Matuto é uma delas né, que participa muito da Folia de Santos Reis, e dá muita força pra que essa folia continua

Entrevistador: Isso, antes de ir lá pro Tião Matuto cês ia pra outro lugar, era pra..

André e Andrade: Anísio Procópio

Entrevistador: Mas já ficaram hospedado também no Seu Fiico da Silva

André e Andrade: Ah, nós ia sempre pra lá, sempre também lá pro Fiico, falava Ficção da Pensão, seu Fiico é filho do Seu João da Silva, nós era moleque eu lembro até hoje, o Seu João da Silva vendeu uma boiada pro nosso ex-patrão... Moreira, 12 boi carrero, e um carretão pra arrastar... mato, lembro disso eu era moleque eu tinha uns 8 anos, agora imagina

Entrevistador: Nossa, o pai do seu Fiico..

André e Andrade: É o pai do seu Fiico... da Silva, que é filho do seu João, Geraldinho...

Entrevistador: Silvanir

André e Andrade: È essa turma toda, nossa senhora, então ali o passado é muito extenso cê entendeu, os Inhambu, aquele povo dos Inhambu os minino, os Oliveira, os Ribeiro lá do Brejo Grande, os Procópio, os Moreira, aquela turma ali tudo, graças a deus, a gente comete injustiça porque nós num damos conta de lembrar de todos, porque são tantos que ajudaram e muita das vezes passa... de num lembrar, gostaria, e a gente comete um grande erro de num lembrar de todos, porque ali todo mundo ajuda a folia de Santos Reis cê entendeu? Uns mais outros menos, mas de qualquer maneira é em prol à Santos Reis, os Sousa aqueles nossos parentes...

Entrevistador: É ali é tradição... eu lembro muito assim do pessoal, fazer muito voto pra Santos Reis né

André e Andrade: Até hoje faz, aí vem vocês também, que tão ajudando... a carregar a bandeira, então a gente vai passando a bandeira igual nós recebemos nós também vamos passar, né Andrade? É graças a Deus

Entrevistador: Tá certo, pois é, assim, hoje então a folia pra vocês é um, vocês tem um sentimento de devoção, de fé, de gratidão

André e Andrade: Nós vamos ali de devoção, gratidão, graças a Deus, porque nós devemos tudo aos Três Reis Santos né André? Menino Jesus, Deus primeiramente

Entrevistador: Algum voto de vocês, alguém da família teve voto pra Santos Reis assim?

André e Andrade: Já teve, já eu sou de Santos Reis papai nos deu pra Santos Reis, se eu nascesse cantador..

Entrevistador: Era pra ser de Santos Reis

André e Andrade: Eu era muito doente, eu quase morri, papai fez esse voto, falou assim meu filho crescer, Deus salvar ele, ele é de Santos Reis, ele vai cantar pra Santos Reis durante vida ele tiver, e hoje virou esse touro que você tá vendo aí ó

Entrevistador: Pois é, eu tô vendo aí, fortão mesmo né

André e Andrade: Obrigado meu pai

Entrevistador: É pois é, Santos Reis é um santo milagroso né

André e Andrade: Pois é Magno, então a história do André e Andrade é por aí

Entrevistador: Interessante... eu achava assim curioso quando eu ia falar pra folia, é às vezes a gente passava o dia na folia mineira lá né, na entrega da folia o pai do meu pai e meu avô era fulião também respondia fazia...

André e Andrade: E outra coisa, a sua folia lá da companhia de Santos Reis mineira é muito sentimental né André? É um sentimento, canta bonito demais e as coisas muito acertadas, tudo certinho, são coisas bonitas, dentro da Bíblia, dentro da história verdadeira, você tá ouvindo aquilo ali, escutando aquilo ali, presenciando aquilo ali você sabe que tá falando a verdade, isso é que é o mais importante...

Entrevistador: É, aí ele ia... junto participava da folia e depois quando era de noite a gente lá pra folia Goiana lá lá na cidade, lá em Itaguari... e aí sempre tinha né uma coisa que eu achava muito bom e até hoje eu gosto escutar quando vocês cantavam A Flor do Ipê, uma vez eu fui com o tio Terrinha, Terrinha era genro do Mino

André e Andrade: Eu lembro demais do Terrinha, ele era jogador de futebol

Entrevistador: Jogador de futebol, caçador de confusão daquele tanto né

André e Andrade: É, quebraram a perna dele uma vez, no jogo...

Entrevistador: E ele era apelão, brigão moço, juntava ele... aquele povo, eles brigava demais. Aí um dia nós foi né rapaz e ele ficou tão emocionado de ouvir vocês cantar, porque hoje ele já falecido né, ele é ele é casado com uma prima da minha mãe né, fia do ti Mino, Mino é genro do Zequinha do coco lá, e aí ele tinha uma terra lá trabalho de trator lá

André e Andrade: Aiai, os menino do Tião Pedro, ô gostava daqueles menino, de Ditim Maribondo, nosso amiguin tadim, ele é vivo? Eu nunca vi ele mais lá na região, será que que..

Entrevistador: Pois é, é vivo ainda, ele, ele tem tomado mais cuidado esse ultimamente né já tá assim com mais de idade aí às vezes ele fica, mas ele participa da folia mineira ele vai lá e canta um pouquinho num dá conta de permanecer o dia todo não dá conta de cumprir o giro todinho mas assim um ou dois dias ele vai e canta mas participa ainda

André e Andrade: Santos Reis é tão milagroso, se você quer ver as pessoas assim reunidas, seus amigos, seus parentes, é só ir na folia de reis, por exemplo na região, você vê todas pessoas, que você as vezes tem muitos anos que não se via, que tem saudade, Santos Reis reúne todo mundo pra.. encontro né

Entrevistador: É o encontro de família né, na verdade assim, uma festa familiar né, hoje muita gente as vezes vai pra beber, pra fazer outras coisas, mas quem cresceu nesse ritmo que nem eu cresci, tinha meu avô lá

André e Andrade: E você você lembra muita coisa ainda né, você já tem assim uma grande bagagem, pela de experiência e pela sua idade de convivência, é assim né Andrade? É você tem muito conteúdo, é muito bom você levar esse conhecimento às pessoas que talvez tinha vontade de ouvir um pouco da verdade. É ele perguntando pelos fuliões de lugar, e embaixador, o ti Nezim Nogueira, Jovenor Nogueira também que faleceu, agora, recém-passado agora, tudo era fulião nessa folia, os Nogueira lá nossa senhora, os Borges, os Oliveira, os Zidal, o Isaías, Vidal, Manel Borges, que é pai do João, do Ciano, essa turma aí... infelizmente nós já perdemos uma maioria deles, já foi embora, é por idade né, nossa senhora, é faz muitos anos, quando nós conhecemos eles já era um pouco já de idade né, então e nós também graças a Deus, Deus já nos deu uma idade já bem avançada também né Andrade, nós nos consideramos graças a Deus assim, uma boa idade porque, só de estarmos aqui contando a história de 50, 60 anos atrás, é porque só quem viveu esse período que tem essa história pra contar né, é então graças a Deus, e Deus carregando nós com essa bondade dele, e nós sentindo muito forte pra contar isso aqui, porque é Deus é fiel com a gente, com nós, talvez nós não

somos à ele, mas ele com nós, nós não temos o que pedir mais, só agradecimento, ele é tudo

Entrevistador: Verdade, é a gente fala assim ó, no meu trabalho que nem eu disse pra vocês que eu tava fazendo a gente trata dessa religiosidade popular que é muito forte lá no nosso povo né, quando a gente conta que lá na nossa folia, a gente atualmente agora né, a gente pode abater até 30 reis pra alimentar o povo no dia 06, e o pessoal pensa assim mas e quem paga isso, não isso é solidariedade, isso é amor, isso é fé

André e Andrade: Graças a Deus, isso é Deus, é o menino Jesus, é o Três Reis Santos, é Deus abençoa, o povo faz suas doações e a recompensa, vem do senhor, nós já recebemos a recompensa nós tamo é devolvendo, todos lá eu tenho certeza que pensa dessa maneira, porque muita das vezes, não eu vou doar pra mim receber depois, não, nós tamo doando aquilo que nós já recebemos, nós tamo é devolvendo, pra Deus primeiramente e Santos Reis, porque tudo que nós temos, que somos, que fazemos, nós só devemos a ele, porque nós já recebemos, alguma coisinha pequena que a gente faz é gratidão por tudo que tá aqui, tudo que já recebemos no passado né

Entrevistador: O povo fica admirado num conhece isso né. Pois é muito bom a gente conversar dessas coisas né, eu sempre falo assim que falar de Folia de Reis eu vim um dia falar de folia falar de cultura aqui em Senador Canedo e o pessoal assim, pessoal que nunca teve contato com Folia de Reis, pessoal às vezes do rap desses outros tipos de música, de outras características e eu fui contando pra eles assim o povo ficou parado, admirou de contar, falei gente é um negócio que eu tô falando da nossa, da nossa vida uma coisa que nós aprendeu de criança né desde pequeno eu..

André e Andrade: Nascemos, criamos e tamos crescendo e continuando naquela tradição, nessa fé, porque é uma festa, ela é infinita ela nunca vai acabar e ela traz assim uma emoção muito grande na gente, porque todas vez que a gente escuta assim a folia cantando, o pessoal agradecendo, fazendo chegada, fazendo saída, a gente sente, a gente viaja no passado e vê tudo aquilo ali no presente coisa de que ficou que você era menino, a gente era menino, então pra nós é uma recordação muito profunda e no mesmo tempo gratificante. É graças a deus, então quando nós volta lá atrás assim nós somos daquele tempo... falava muxirão né, a palavra certa é multirão, mas todos nós falava era muxirão... *“Senhor e dono da casa, me receber... que unimos os companheiro mode de tá uma de mão, nós vamo roçar seu pasto, ai ai um dia de muxirão, agradeço essa de mão e a vossa boa vontade, já vou matar vaca e porco pro almoço da amizade a muié vai quentar o forno aiai pá fazer a brividade...”* [cantando] É uma composição de

Carneiro que fazia parte do trova, prosa e viola com Geraldin Nogueira que o Geraldin também era fulião, muito cumprido e muito bom fulião que ele era, ele com a família dele né Andrade, então ele também nos ensinou muita coisa né Andrade, a convivência que ele também teve e essas músicas pra nós retrata a folia de Santos Reis porque nós vivemos estes momentos, fala assim ó tal dia de janeiro termina a folia dia 06, mas no dia 20 já tem a festa São Sebastião e tal dia tem o muxirão lá na casa de fulano ele já já marcou o muxirão dele né então o povo vai dá auditório pra ele lá roça o pasto dele e depois vai ter a dança né, mas pra mim a festa boa é aonde tinha bolo né, ou então a que tinha a brevidade né, aí, é um bolo mais gostoso do mundo uai

Entrevistador: Brevidade é um bolinho assim né? Eu de fato não conheci o brevidade até hoje... todo mundo fala de brevidade

André e Andrade: Na Folia de Reis, aonde tinha brevidade e o doce de pão, moço do céu, doce de leite, é o doce mió do mundo da folia, fala assim como que foi lá a festa, não rapaz foi muito boa lá, nossa senhora, se você vê o tanto de doce que tinha, o tanto de bolo, tanto de rosca, e leite, leite adoçado, como que foi a festa, ah foi boa? Não, num foi não rapaz, teve nada, num teve pão, num teve nada disso, num tinha bolo, num tinha doce...

Entrevistador: Aqui sempre foi essa Fatura né

André e Andrade: Sempre, sempre, graças a Deus amém e estamos a sua disposição, tem mais alguma coisa?

Entrevistador: Não, não realmente agora é agradecer porque na verdade foi uma conversa muito gostosa assim bem próxima né, graças a Deus

André e Andrade: Pois é Magno, então o André e Andrade fomos nascido e na começamos na infância, bem mais bem infantil mesmo, graças a Deus e estamos aqui até hoje graças a Deus na luta primeiramente nas graças de Deus e lutando pra dar prosseguimento né, vê até onde Deus permite que a gente dá conta de pôr os pés

Entrevistador: ô que isso, eu agradeço infinitamente vocês por me conceder essa entrevista né por conceder esse momento da gente conversar

André e Andrade: Que isso o prazer é nosso né André... vem nos trazer muita alegria né, recordação né fazendo aquelas pergunta que ficou lá beira do córrego... é nós passamos, uma figura tão medonha né, muita das vezes cê num dava conta de chegar no posto, cê escutava a sanfona tocando de cá, mas a pinguela, e a ponte o rio já tinha levado, travessar pendurado no cipó de noite num dava conta, cuidado aí ó ih vamo embora, voltar pra casa, num tinha jeito... cê escutava o barulho.. a ponte lá num sei

daonde também foi embora, foi tudo embora, só amanhã vamo ver como é que vai fazer, mas graças a Deus valeu a pena né Andrade, valeu a pena

Entrevistador: É a realidade muito antiga, pois é, eu agradeço demais, agradeço vocês dedicar esse tempinho pra receber eu aqui na sua casa né e aí depois que terminar agora a gente vai pedir aquela assinatura pra autorizar a gente a utilizar

André e Andrade: ô meu deus, seja bem vindo... não já tá autorizado, fique tranquilo é já tá aqui gravado a nossa autorização, precisa assinar nada pra você não, já tá autorizado, graças a Deus, você fez só pergunta benigna né Andrade, graças a Deus são coisas que vem enaltecer nosso passado, o presente, e com fé em Deus vamos... pro futuro que só Deus sabe aonde vai dar

Entrevistador: Então, muito obrigado

Transcrição Entrevista - Bruno Candinho

Entrevistador: Bom dia Bruno, tudo bem?

Bruno: Bom dia Magno, bom dia a todos componentes do grupo da folia também né

Entrevistador: Isso

Bruno: Bom dia a todos os foliões de Itaguari, à todos que é da irmandade, bom dia a todos membros do grupo da folia a todos os integrantes né, um bom dia também pros voluntários da folia e a todos que estão presentes né na Folia um bom dia a todos, bom dia Magno

Entrevistador: Bruno, primeiro eu quero começar te agradecendo por você conceder essa entrevista pra mim porque é muito importante não só pra minha pesquisa lá de nível de Mestrado, mas também é importante pros nossos grupos de folia pra a gente não deixar a memória se acabar né pra gente fazer uma valorização dessa folia nossa que é muito boa né, que todo mundo gosta, todo mundo elogia então muito obrigado. E iniciando a nossa entrevista Bruno, eu gostaria de saber o seu nome completo né

Bruno: Bruno José de Farias

Entrevistador: E qual quantos anos você tem Bruno?

Bruno: Eu tô com 43 anos

Entrevistador: Que que cê faz atualmente?

Bruno: Ô Magno atualmente em serviço financeiro eu não faço nada que eu tenho meu benefício né, então... eu vivo é pelo benefício

Entrevistador: Certo, Bruno, sobre a sua participação na Folia, desde quando você começou a participar dessa Folia?

Bruno: Magno eu tinha 7, 7 anos de idade eu vou falar pra você aqui agora, o meu avô que era pai do meu pai chegou lá em casa um dia óiando eu, eu nós tinha um caixote desses de madeira de pôr roupa, e eu sentava no caixote e batia o calcanhar no caixote no ritmo da folia e cantava né a folia, mais ou menos que criança né num sabia de nada aí meu avô viu aquilo e falou Seu Osvaldo eu vou levar o Bruno pra folia junto comigo, porque o meu avô Joaquim Dutra ele era Alfêr dessa Folia, dessa Folia do tempo né a tradicional Folia Goiana de Itaguari, aí o meu pai mais a minha mãe consentiu aí eu comecei a bater Caixa na Folia né, nem sabia o que que era cantar, o que que era embaixar num sabia, aí eu comecei na caixa depois passei pro pandeiro depois o meu tio que era o esposo da eterna que já é falecido o Geraldo, e o nome dele era Geraldo ele

me deu uma sanfona 12 baixo e nisso eu fui executando né nas Folia eu ia levava ela atrapalhava os outro mas ninguém num danava comigo que eu tava ali era pra aprender, aí eu acompanhava assim eu vendo o sanfoneiro pegar, pegava.. pegava um baixo, pegava outro e eu fui vendo mas primeiro eu parava a minha sanfoninha pra num atrapaçar eles né? e ficava vendo, aí eu fui executando algumas posições, foi vendo né aonde pegava, aí graças a Deus já tô nesse nível que eu tô

Entrevistador: Então hoje você toca também?

Bruno: Toco também a sanfona

Entrevistador: Certo, e aprendeu olhando as pessoas...

Bruno: Olhando as pessoas, ninguém num me ensinou, quem me ensinou foi Deus

Entrevistador: E quem tocava sanfona que você ficava olhando, você pode contar pra nós?

Bruno: Quem tocava nessa Folia nossa Goiana era o João do Badu, era o Adão o Adão esposo da Jona era eles os dois sabe, aí eu participava também da da folia mineira, na folia mineira era o finado João Bode, era o Demundo né

Entrevistador: Tá certo, e hoje você faz o que na folia?

Bruno: Hoje eu toco a sanfona e embaixo

Entrevistador: Certo, e com quem você aprendeu a fazer o que o embaixador faz como é que é, com quem que você aprendeu a embaixar porque embaixar exige uma certa ciência, uma certa entendimento né Bruno?

Bruno: A embaixação de folia eu vou falar pra você o seguinte, se você tem que saber as profecias né, e a embaixação de folia o embaixador tem que ser repentista, o verso é inventado na hora depois que você inventa ele na hora e canta, você não vai lembrar daquele verso que você cantou você vai lembrar é de fazer mais na cabeça, então o embaixador é isso ele é repentista sabe, canta aí o nascimento, sauda presépio, canta a viagem dos rei né, a viagem dos reis é o que que é, é explicando o que nós tá fazendo no giro que é a viagem...

Entrevistador: Entendo, certim. E você, teve alguém que te ensinou que deu alguma instrução pra você ser embaixador, como é que foi isso?

Bruno: Não, não teve isso aí é dom de Deus Magno, isso aí como diz o outro, eu vou te falar pra você que a embaixar folia, não tem, é que nem benzer, não tem quem ensina, você entendeu, a embaixação de folia já vem pelo dom de Deus né, então aí por aí o finado Criolo eu via ele cantar muito mas embaixador é ruim decorar verso do outro né, então é

ocê mesmo que tem que fazer os versos seu na cabeça pra ocê não ficar copiando do outro embaixador

Entrevistador: Entendo, e hoje você embaixa em qualquer Folia?

Bruno: Magno, graças a Deus qualquer Folia que eu chego eu canto, às vezes quem sabe assim, esses lugar pra fora muitas poucas pessoas sabe que eu canto sabe, mas assim que eu chego sempre tem um conhecido, fala não ele canta também ele toca, aí eles põe eu pra cantar e tocar, então graças a Deus eu já tô conhecido praticamente no Estado de Goiás, praticamente inteiro quase

Entrevistador: Certo, entendi. É você saberia contar pra mim como é que começou essa folia, eles fala que ela tem aí quase 100 anos você sabe contar um pouco da história dessa folia?

Bruno: Tem, essa Folia tem quase 100 anos mesmo. Essa folia, antigamente eu tinha 7 anos de idade quando eu participava dela, então ela girava a noite lá pro lado do Pião Có, Passa Três, Sapezinho, ela girava a noite sabe, Magno? aí foi aí que eu comecei a participar dela o finado João Nhambu, mas a dona Dita deu muito pouso de Folia pra ela né eu já fui festeiro dessa Folia também, eu era pequeno eu tinha 4 anos de idade quando eu fui festeiro dessa folia, aí fizeram a festa dela lá no João Inhambu, ai depois do João Ambu, passou pro finado Zé Sampaia, né, aí foi indo né graças a Deus essa Folia antigamente cê fazia a festa dela aí com uma vaca, duas vaca... quando eu comecei, o Santana Moreira também já foi festeiro dessa folia, que já morreu que Deus o tenha no reino do céu né, então por aí Magno eu fui começando sabe eu quando essa Folia girava à noite, eu tinha uns quatro anos que ela girava a noite, aí o finado Zezin Isabel, chegou no Criolo, Criolo vamo passar essa folia pra girar de dia porque nós já tá de idade, então pra nós é muito pesado a noite, ai o Criolo... fizeram reunião Criolo consentiu né, o Zezin Isabel consentiu, o Zé Buteco consentiu né então nós passou pra girar ela de dia e tá aí tem muitos anos que gira de dia

Entrevistador: Certo, ô Bruno, então agora pra finalizar a nossa entrevista o que que cê sente em relação à folia, o que que a folia representa na sua vida?

Bruno: A folia na minha vida ela representa muita alegria sabe Magno? Que vem de geração da família né, meu avô também já deu muito pouso pra essa folia, vô Pedro Candinho já foi festeiro dela, né minha mãe também ajudava então vêm é de família, geração pra geração então eu me sinto muita alegria na hora que chega o tempo que sai essa Folia eu fecho a minha casa, peço pra Deus olhar, falo Deus, santo reis toma conta que eu tô indo ajudar o senhor com prazer e alegria

Entrevistador: Certo, então pois é, então Bruno eu agradeço você por participar dessa entrevista comigo aqui, né contribuir com o meu trabalho como eu te disse eu vou deixar aqui o termo de consentimento livre esclarecido pra você analisar e depois você me autorizar ou não autorizar eu usar ele né, porque esse trabalho ele é submetido a uma banca de defesa são professores que vêm de fora pra analisar então ele precisa disso, obedecer essas formalidades né

Bruno: Não, o negócio é o seguinte, eu cortando o seu assunto, cê pode levar seu papel que você já tá autorizado pra soltar a minha entrevista

Entrevistador: Não, então eu agradeço

Bruno: Pode levar o papel e já pode se eles agradar lá da minha entrevista, né nem precisa de cê deixar o papel já tá liberado, da minha parte cê já tá liberado, e boa sorte no seu trabalho, sucesso pra você fica firme que ocê vai chegar lá onde ocê quer

Entrevistador: Nossa, foi bom demais. Muito obrigado Bruno, fica com Deus, muito agradecido de todo o meu coração pela sua simpatia, pela sua como se diz, pela sua simplicidade e humildade de me abrir a sua casa, de me receber e me dar essa entrevista

Bruno: Eu que agradeço viu, de coração Magno, aí se você quiser assinar aí pra mim o papel, cumo que eu autorizei pra você soltar a minha divulgação lá, cê pode assinar, porque como... que nem eu falei procê eu num assino né mas tem uns amigos, tenho a família tem né que assina pra mim

Entrevistador: Tá bom, brigado Bruno

Bruno: Brigado, eu que te agradeço, que você tenha um bom dia

Entrevistador: Pra você também, tchau

Bruno: tchau

Transcrição entrevista – D. Eugenio

Entrevistador: Boa noite Dom Eugenio, tudo bem?

D. Eugenio: Boa noite Magno, que alegria de poder participar....

Entrevistador: Eu agradeço muito o senhor D. Eugenio por ceder um pouco do seu tempo né pra contribuir comigo, com a pesquisa né que é sobre as Folias de Reis de Itaguari, que a gente já faz a pesquisa desde a época da graduação, é eu venho fazendo pesquisa com folia desde esse momento quando eu apresentei meu TCC sobre a folia mineira e agora eu resolvi abordar no mestrado todas as três, eu gostaria que o senhor falasse o seu nome, a sua idade e qual que é a ocupação do senhor por favor

D. Eugenio: Então, eu sou Dom Eugenio... aqui no estado de Goiás e 1999 à 2011, agora eu sou aposentado, então conheci bem a realidade das folias, não sou de Itaguari mas em outras partes da diocese também

Entrevistador: Isso, é interessa muito pra nós que somos pesquisadores Dom Eugenio, essa situação de uma pessoa que veio né, nós sabemos que o senhor veio da Bélgica né pra pro Brasil pra uma missão e acabou conhecendo então mais ou menos em quando que o senhor conheceu Folia quando o senhor chegou no Brasil, quando o senhor veio a conhecer

D. Eugenio: Eu cheguei no Brasil em 1980 vindo da Bélgica como missionário, na diocese de Araçatuba no Estado de São Paulo, lá não conheci muita coisa porque são cidades novas, que não tem muito dessas tradições, se tinha não me lembro mas quando cheguei na diocese em Goiás em 1999, eu me confrontei com... popular, ainda mais numa cidade com a cidade de Goiás, que num tem só as folias de reis, também tem as folias do espírito santo, tem a semana santa, tem a procissão do Fogaréu, lá tem muitas tradições, e como europeu, belga, logo me simpatizei com isso, porque lá também tem muitas tradições, são culturas antigas e muita coisa ainda é preservada nessas culturas, então logo me simpatizei com as Folias de Reis

Entrevistador: Certo, quando o senhor conheceu a Paróquia de Itaguari logo o senhor também ficou conhecendo as folias né, e quando o senhor teve a primeira oportunidade, contato com a folia de Itaguari, o que que o senhor mais pôde observar, notar na folia de Itaguari?

D. Eugenio: Então, na folia de Itaguari, folia de Reis, tem três folias né, tive contato com as três, e o maior contato foi na festa mesmo, no mês de janeiro, na festa dos reis magos... na igreja, eu participei, rezei, conheci de perto, pude observar a fé do povo, e

também o fato desse evento, o final, já no dia da grande festa, reúne muita gente, tem muita partilha de comida, me lembro a quantidade de sobremesas, realmente isso do ponto de vista sociológico, também muito importante porque reúne as comunidades, além do aspecto lógico religioso da fé do povo

Entrevistador: Isso, ótimo, e eu gostaria que o senhor me dissesse Dom Eugenio, como que a igreja vê essas manifestações folclóricas, culturais e se sempre a igreja teve essa mesma visão e se mudou?

D. **Eugenio:** Então, essas folias de Reis lembra um fato bíblico, dos evangelhos, concretamente a visita dos reis magos ao menino Jesus, provavelmente esses reis magos, observava as estrelas, e dessas observações um dia seguiram uma dessas estrelas e chegaram na casa do Rei Hérodes, perguntando onde tinha nascido o Rei que acabou de nascer, o Rei chamou sábios, os estudiosos, e a época que confirmaram que o Messias devia nascer em Belém, na cidade do Rei Davi, e as estrelas voltou a se movimentar e parou em cima do presépio onde Jesus tinha nascido e lá os reis magos se ajoelharam diante de Jesus e ofereceram para ele ouro, mirra e incenso, mirra é um perfume e adoraram esse menino e sabendo que Hérodes queria matar esse menino, eles voltaram pra outro caminho, então as folias de Reis lembra esse fato, me lembro dos cantos que aliás são geralmente muito demorado onde o cantor canta todo mundo repete, é muito emocionante, e conta essa história, é uma maneira de evangelizar, de comunicar um fato, de da nossa fé, a visita dos reis magos ao menino Jesus que nós acreditamos que Deus que veio nascer no meio de nós, na pobreza, num presépio, lá numa gruta, lá em Belém, então as folias lembra esse fato, e eu sempre achei que é uma maneira evangelizar, agora a gente sabe que as folias de reis são um fato sociológico também muito interessante, eles vão visitar as casas, muitas casas onde eles recebem comida principalmente na zona rural, então na época da chuva não tem muito serviço na roça, então essa maneira de visitar, eu acho que é muito muito importante para o nosso povo, fortalece a vida comunitária, fortalece a união do povo e alimenta profundamente a fé desse povo, por isso pra mim sempre foi muito emocionante participar

Entrevistador: Então Dom Eugenio, ouvindo o senhor desta forma eu fiquei muito agradecido né pela sua participação né sobre essa essa experiência que o senhor teve aqui no Brasil e a igreja hoje ela orienta o quê pra pras paróquias fazerem em relação as folias, assim

D. **Eugenio:** Teve uma época na diocese de Goiás, onde principalmente os padres, era muito desconfiado, é uma religiosidade, são os leigos que organizam, o próprio padre

normalmente não tem muito controle sobre isso né, essa fé do povo, toda organização é dos leigos, então teve uma época que havia muita desconfiança da parte dos padres, mas hoje é ao contrário, o próprio Papa Francisco, pede para nós valorizar o que ele chama da piedade popular, que aqui no Brasil chamamos mais da religiosidade popular, porque expressa a fé do povo, e a fé do povo... não é uma religião intelectualizado, é uma religião mais do coração, dos sentimentos, a gente sabe nosso povo brasileiro é mais coração que cabeça e inteligência, então é muito muito importante de valorizar essas folias de reis, e a gente sabe Itaguari, é certamente um dos lugares onde é mais celebrado isso, uma das folias mais conhecidas, certamente na diocese, mas também no nosso Estado de Goiás, então é bom o povo preservar isso, eu acho que o padre tem que estar presente, não pra dizer o que os foliões tem que fazer mas pra acolher, participar e estar junto com o povo nesses momento de oração. A gente sabe que nada é perfeito, a gente tem grupos que bebe demais, a gente acha beber um pouquinho ajuda a afinar a voz, mas tem muitos que vão além de simplesmente afinar a voz, aí as veze tem críticas também, eu conheço folias na diocese de Goiás, onde tá muito bem controlado isso, eu acho que tem que controlar de fato pra não levar à bagunça, essas folias de Reis

Entrevistador: Tá certo... D. Eugenio, eu agradeço o senhor por ter vindo esse momento aqui... muito obrigado, o senhor falou muita coisa boa, vai me ajudar bastante na pesquisa, porque a pesquisa minha não pretende parar somente num papel, né um monte de folha depositado na universidade, quer que isso aumente né, essa dinâmica da folia... e o senhor trouxe toda uma luz sobre isso, eu agradeço o senhor

D. **Eugenio:** Eu agradeço essa oportunidade, agradeço pelo tema que você escolheu, acho que pra cidade de Itaguari é um exemplo religioso... mais importante e é bom manter essas tradições que ajuda o povo a não se esquecer de Deus, eu acho, e apoio plenamente, eu acho que são momentos muito importante, como eu disse também mesmo do nível sociológico, reúne o povo, o povo se visita, come, bebe, se alegra e expressa sua fé e eu vi gente cantando, mas com uma fé que eu admiro muito

Entrevistador: Como eu te expliquei, eu vou deixar um termo de consentimento... depois eu vou disponibilizar toda essa gravação também pro senhor, pro senhor escutar e aí assim o senhor me autorizar da forma como lhe convier à usar toda essa sua entrevista na minha pesquisa

D. **Eugenio:** Tá bom a gente pode fazer isso...

Entrevistador: Tá bom, muito obrigado

Transcrição entrevista - Daniel Flores

1ª parte

Entrevistador: Então eu fico muito agradecido né de você me receber aqui na sua casa né, e é bom que a gente informe que é nesse local que acontece o seu pouso né, o pouso de toda a sua família, dos seus irmãos, dos seus primos, tios né que é uma grande festa, que é sempre um momento muito aguardado dentro da folia e a gente após dois anos praticamente que a gente num realizava essa festa a gente vai retomar esse ano aqui vai ser um pouso, então eu fico assim muito agradecido meu amigo por você me receber e se dispor à contribuir com a minha pesquisa né e eu tô aqui pra te entrevistar, vou fazer algumas perguntas né pra gente te conhecer melhor, para que as pessoas que lerem esse trabalho também conheçam um pouquinho mais da história de Itaguari, a história dessa folia, a história de você, a história sua, então eu gostaria que você primeiro nos dissesse seu nome por favor, eu te trato pelo nome primeiro porque eu sou seu amigo

Daniel: Boa noite, o prazer é meu, o que eu puder ajudar com a minha sabedoria popular eu vou tá ajudando com prazer, é meu nome é Daniel Antônio Flores, popular Daniel da Lia

Entrevistador: Daniel você poderia, é claro se tiver à vontade, falar a sua idade pra gente e a sua filiação, gostaria que você nos contasse quem que são seus pais, você já adiantou, mais alguns da sua família, pro pessoal contextualizar você

Daniel: Claro, com o maior prazer do mundo quando eu falo da minha descendência, eu sou neto de benzedores da Maria gorda falecida a minha dinha era benzedeira lá mãe do meu pai e criação do lado da minha mãe, filho da ex-vereadora, ex-prefeita de Itaguari Dona Lia, fuliã nata e que também era benzedeira, cultuadora das folias de reis e deu início lá muitos nos anos atrás com meu avô Pedro Candinho, também que era um homem de fé, de cultura e deixou essa tradição pra gente tocar, tenho 54 anos bem vivido graças a deus

Entrevistador: Atualmente você trabalha de quê Daniel?

Daniel: Eu hoje sou assessor, hoje não há mais de 25 anos assessor parlamentar, eu sou assessor parlamentar realizo trabalhos para os deputados na questão de eventos, o deputado que eu trabalho, hoje eu trabalho com deputado federal mas antes trabalhei com mais três deputados eu levo equipamento deles para os interiores pra realizar as festas, aonde tem festa e pede a gente leva equipamento de som, de palco, então hoje eu

conheço a cultura goiana porque eu viajo Goiás pra cima e pra baixo, norte, sul, leste, oeste realizando os eventos, assessor parlamentar, trabalho na área de eventos

Entrevistador: Então você disse aí que você conhece bem a nossa cultura goiana, desse estado que tem assim uma riqueza cultural imensa né, um folclore lindíssimo né, então você tá muito apto à me falar o que que você entende por folia, o que que é folia, você tem assim algum conceito assim que você possa nos falar sobre a folia, que você já deve ter visto além dessa outras no estado também

Daniel: Magno, é isso aqui é uma preocupação minha há muitos anos eu já venho trabalhando essa questão, dessa preocupação o que é a folia, a folia foi há muitos anos atrás lá quando meu pai, meu avô era rapazes, era as festas que mais existia né, hoje o mundo hoje você tem festa todo o ano, você tem mais de 5, 6 festas na verdade a cultura é pouca, mas hoje cada cidade do estado tem suas tradições, mas as folias de rei você buscando lá 80 anos atrás era a festa que existia no final do ano, inclusive Magno o povo da minha família não tem costume de cultuar nem ano novo, nem virada de ano e nem natal porque eu sou filho de uma viúva, minha mãe ficou viúva com seis filhos e eu tinha só 10 anos, e aí presente de natal ela num dava conta de dar, presente de ano novo também viúva naquela época não tinha uma boa visão pela sociedade, mas a gente aguardava as folias né, a folia era um momento de fé, de tradição e de fartura né, então a minha mãe falava não dia 25 já começa a folia meu filho, preocupa não, preocupa não, têm muita comida boa nós vamos nas folias que começa dia 25 aqui tem a folia mineira a gente vai nela, ela ela gira do dia 25 ao dia 30 e depois começa a nossa folia que começa no dia 31 e vai até dia 06 então a gente aprendeu esperar o final do ano pra ir pras folias, ali onde a gente aprendia a rezar, aprendia a cantar e aprendia respeitar o próximo dividindo a partilha porque a folia é uma partilha, a folia ela é feita de doação né, então a gente girava ali o dia todo começava a girar na folia de manhã bem cedinho né, mas aí já tava marcado ó daqui 10 casa é o almoço e quando chegava nesse almoço que maravilha, mas aí a gente aprendeu a respeitar a gente chegava no almoço a gente cantava na casa, chegava cantava na chegada, cantava pra pedir a comida e quando autorizava os foliões era os primeiros a preparar a mesa dos foliões, naquela época era separadinha, a mesa do público era uma, a mesa do folião era outra, e ali pra comer, pra alimentar você tinha que cantar na mesa agradecendo a Deus pelo aquele alimento, então a folia ela pra nós ela é tudo, isso foi lá no início eu tinha 10 anos mas já meus avôs já cultuavam esse mundo, então a folia pra mim ela é fé, tradição, cultura e união

Entrevistador: Ótimo, muito bom, eu vi você falando aí né que participa desde pequeno, porque já seria uma outra pergunta mas já ficou respondido né então e até contou como que você participava da folia atualmente hoje né, qual que é a principal forma de atuação sua na folia né, hoje eu já vi que você participou de vários momentos né desde criança, mas como hoje você tem participado da folia hoje, essa atualização que você tem

Daniel: Até eu acho que hoje Magno, o povo de Itaguari que faz a folia interna aqui eles fazem uma Folia é o ano todo pedindo fazendeiro já preparar, desde a hora que entrega do dia 6 e já passa a coroa para o próximo festeiro já começa ali a ganhar e pedir as doações... eu tenho três áreas de ação nessa folia, eu tenho uma que eu acho que é muito importante, às vezes o povo pensa que eu acho que a outra área de locução que é importante, não eu no dia 6 de janeiro eu sou locutor oficial dela há quase 30 anos eu faço você é meu parceiro já participou comigo, já participou muitas vezes comigo ali no palco é eu passo a chegada da folia eu faço a cantoria eu faço a entrega, eu faço a petição das doações e ali eu recebo os artigos, então muito importante essa área, mas a minha família tem uma segunda área de atuação que é de pouseiro, e como pouseiro, dá o pouso a que é dos mais mais tradicional é caro, aqui gasta muito aqui num vem menos de 5, 6 mil pessoas no dia 5 de Janeiro, é pedir a doação o ano todo, você pede, anota no caderninho, pega o telefone, quando vai aproximando a folia a gente liga pra cobrar, e aí você vai doar aquela prenda mesmo, porque a doação pra nós, pra quem não sabe ela é, a doação ela pode ser em dinheiro, ela pode ser em alimento, ela pode ser um animal que venha a usar ele nos dias, a minha família atua muito nessa área aí eu acho, mas o que eu acho mais importante que eu faço e aí quando chega o dia 06 de janeiro que começa a chegar meus convidados é que eu fico feliz, eu tenho outra área de atuação porque como eu trabalho na área de evento viajando Goiás de norte a sul, eu sei aonde tá as grandes folias do estado de Goiás, tipo Mozarlândia, aqui nos Kalungas tem folia boa demais de Cavalcante, Nova Veneza, Abadia, Guapó, tem folia nesse Goiás folia boa pra todo lado, então eu passo o ano visitando, eu chego por exemplo lá em Mozarlândia, lá tem uma folia muito boa ali eu chego pra trabalhar pra eles e elas não são todas em janeiro elas tem umas é em julho, outras já é no meiado do ano, no início do ano eu tô sempre convidando, eu convido aquele artista que eu gostei, eu convido o catireiro que eu vi lá dançar, eu convido o embaixador de folia, rapaz é bom hein, quando chega no final do ano talvez eu não tô nem esperando, eles começam a chegar, os cantadores, as duplas inclusive esse ano tem muitas duplas pra receber, e aí essas

pessoas chegam e procura a gente, a gente recebe com muito carinho e uma das coisas mais importantes que a gente tem aqui, e que tem na folia que a folia oferece é a fartura da comida, né

Entrevistador: É, de fato é uma coisa que se destaca sobre né muitas coisas da folia é essa grande fartura que nós temos aí, mas eu queria te perguntar uma coisa aqui, desde quando vocês fazem o pouso, porque eu fiquei curioso assim de saber foi com você surgiu essa ideia de vocês darem o pouso, como que foi essa ideia do pouso aqui

Daniel: Tem uma história tão engraçada Magno, essa folia como eu te disse ela tem 95 anos de existência, e eu, a folia goiana, ela é mais ou menos da idade da folia mineira mesmo, e os cantadores é quase o mesmo só, mas a folia de você que é da família Couto, Peixoto ela é mais familiar a nossa não, a nossa é Itaguari, que recebe foliões de tudo quanto é cantinho desse Brasil, desse Goiás a gente faz uma Folia muito grande que é gente que vem de fora mas essa folia girou aí antes de mim, antes da minha existência essa folia existiu ela foi criada pelo senhor chamado Edel Branco e avós, tios participaram dela, teve uma época que ela deu uma parada porque os foliões migrou muito pra Folia mineira e ela ficou um pouco parada mas não deixou de contar os anos dela, essa folia ela refez mais ou menos no ano de 82 pra cá, eu lembro muito bem de 1982 quando chegou a eleição eles usavam a folia pra fazer as eleição também com o público que tava ali então de 82 até 88 essa folia se reergueu, só que de 82 até 88, 1980, 1982 já não tem a data bem certo, até 88 ela girava mas os pouso era só nas fazendas as recolhidas era só nas fazendas, era pequeno mas itaguari foi emancipado em 1988 e logo de cara a minha mãe sabendo que a cidade ia crescer que essa folia ia crescer, a gente já participava dela lá nas fazenda já girava nela, ela precisava crescer, ela tava crescendo, a gente sabe que cresce porque cada ano você matava um animal pra fazer a refeição do último dia, uma vaca por exemplo não dava, tava crescendo aí quando Itaguari emancipou, fizeram requerimento, desapropriação de um terreno ali onde a feira coberta, ali era a feira coberta, em 1989 teve a primeira festa aqui dentro da rua, ela girou na fazenda, ela girou dentro da rua e teve uma recolhida aqui na feira, foi grande, a segunda em 1990, a terceira foi a minha mãe, é uma história vamo entrar nesse mérito não porque eu posso errar, mas depois que a minha mãe fez a festa porque ela foi a terceira, o Zelão grande coordenador dessa folia, ele foi o primeiro festeiro da feira, porque ele era vereador que tinha eleito o primeiro mandato de Itaguari, o Zelão era Vereador, minha mãe também era, quando chegou a segunda festa, ele falou Lia nós não pode deixar cair mais, você tem que continuar com a folia aqui, ela vai girar aonde

der certo, mas a folia vai ser sempre aqui na feira coberta, ah Zelão mas eu não dou conta, cê gastou duas vaca pra fazer a festa, aonde que eu vou arrumar duas vaca, pode fazer que nós ajeita, aí quando a minha mãe pegou minha mãe foi a terceira de 1990 aí ela gastou quatro vacas, ela ganhou, as vaca que a gente fala é pra fazer refeição, num é carne assada também não né Magno cê sabe, é uma a carne no meio do macarrão, uma carne frita..

Entrevistador: Uma carne cozida...

Daniel: Aí fez, fez a folia, só que nos pouso era quatro vaca lá na feira e nos pouso gastou uma vaca cada uma, e no total de pouso e na festa deu 10 vacas, aí minha mãe fez até um requerimento, um projeto de lei você tem até sabedoria disso aí, tem que refazer ele, é que a prefeitura passasse a doar essas 10 vacas, seria 4 pra feira e 1 pra cada pouseiro, graças a deus esse projeto foi aprovado na Câmara naquela época, e cada dia que passou cresceu a folia, cê sabe que lá na feira hoje gasta de 25 a 30 vacas para o dia seis e pouseiros gasta em torno de três a cinco vacas cada pouso

Entrevistador: Isso sem contar porcos, frangos...

Daniel: É verdade, e aí a história interessante que você, sobre o quinto pouso, quando a minha mãe deixou de ser a festeira, tudo sobre a folia nós passamos a gostar os três irmãos, eu Nerdeiro, Bete, falecido Reinaldo, gostava demais a gente chegava final do ano ia para a folia num tinha final de ano, num tinha natal, ia girar, um é cantador, eu era caxeiro com 10, 12 anos era caixeiro da Folia e minha mãe deu um pouso, ela naquela época ela deu o primeiro pouso foi muito bom, depois já deu o terceiro pouso foi ótimo, porque a família é muito unida a família devota dos três reis do oriente, e quando a minha mãe ia fazer a folia não era eu, meus irmãos, ela, não, a família toda, vinha gente de Anápolis, de Goiânia, vem até hoje, da região e minha mãe passou a fazer a maior festa, aí sempre os coordenadores falou dona Lia a senhora tem que fazer o quinto pouso, ele é o maior a senhora da conta o povo da senhora é bom na conzinha e aí passou por tradição ela veio fazendo esse quinto pouso, eu falo procê que dá hoje contando todo desde 1990...o pouso, 91 pra cá a minha mãe foi a pouseira, ela deixou de ter esse pouso só no ano que ela perdeu meu avô, depois nós deixou de dar ele o ano que nós perdemos ela e do mais nós nunca paramos, paramos na pandemia agora mas a folia nós passou cantando, mas o mais interessante resumindo essa pergunta que cê me fez, minha mãe era muito devota e minha mãe participava dos cultos da igreja evangélica também, e um dia o pastor fez a pergunta pra ela dona Lia como é que a senhora tão sábia faz essa folia sabendo que pode ser uma idolatria, ela falou pastor eu

nunca vou parar, eu vou parar então de vir na sua igreja, sabe porque pastor minha família é muito grande, eu tenho muitos irmãos, eu tenho muitos sobrinhos, eu tenho muitos primos eles vem do estado de Goiás todos pra minha casa, pra essa festa e olha o pastor eu não gasto 1 real pra alimentar, eu alimento ele seis dias e o povo da cidade alimenta o resto dos 10, porque no pouso todo mundo doa, meus amigos doa frango, doa gueroba, meus amigos doa um porco, uma leitoa, eles traz a doação 5 kg de arroz, ou traz uma farinha e a fartura é muito grande, então eu tenho eles todos na minha casa, passeando, eu consigo alimentar todos, a gente canta, a gente dança, a gente reza e eu não gasto 1 real do meu bolso, o pastor nunca mais falou nada pra ela

Entrevistador: Uma lição de solidariedade né, porque como você mesmo disse né, aqui é um pouso muito grande né porque começa aí até antes um pouco né, cê pode contar como é que é a organização, como é que, o que que vocês fazem primeiro aqui pra preparar o pouso, como que é, porque eu já peguei um pouco do que você faz primeiro, mas se você pudesse detalhar olha nós organizamos isso, fazemos dessa forma, pra gente...

Daniel: Magno poderia ter te mostrado mas depois se você quiser tirar um tempo pra vir ver uma das primeiras coisas que a gente organiza no pouso é pedir os amigos...pedir a doação, as prenda, porque o pouso aqui de casa, o quinto pouso hoje ele gasta 5 vacas, ele gasta 90kg de arroz, ele gasta mais ou menos 25kg a 30kg de feijão, ele gasta mandioca, milho, ele gasta um porco, só um pouco pra fazer linguiça, a carne do porco toda é pra linguiça e tem um prato aqui chamado linguiça com com quiabo e essa história da linguiça com quiabo ela não foi inventada não, ela foi uma ação, depois vou te contar sobre ela e aí a gente começa a pedir, quando termina a folia dia 06 de janeiro a pessoa fala ó ano que vem eu quero vir, venha amigo, venha e nos traga uma doação, preocupa não qualquer coisa que você puder doar é a doação, então a primeira coisa pra dar o pouso é a carne, é as vacas, depois que você ganha 5 vaca você já sai com meio caminho andado, e hoje a prefeitura garante aquela do requerimento da minha mãe, aquela que a prefeitura já doa, então uma vaca já vem por parte da prefeitura, cê tem que ganhar 4 vacas pra não sair do seu bolso, porque você já trabalha demais então a gente passa o ano ganhando as doação, mas quando chega julho tem que tirar a lenha, a lenha é uma história viu gente, a lenha boa ela não pode dar fumaça nos olhos dos cozinheiros, ela tem não pode ser uma madeira qualquer, gasta mais ou menos 4 m de lenha, 4 metros cúbicos essa lenha tem que ser angico, angico e essa lenha pra ela não dar fumaça ela não pode pegar chuva nenhuma, nenhuma do ano. Então antes da chuva

costuma dar uma chuva ali em setembro a gente arruma essa lenha agosto, no mês de agosto a gente tira a lenha, guarda essa lenha seca ela e não deixa ela tomar chuva, porque a lenha que toma chuva, ela chora quando a gente fala chora, a hora que ela começa a queimar ela dá uma espuminha e aquilo ali arde o olho do cozinheiro, como o cozinheiro tem que ficar ali cinco, seis horas cozinhando queima os olhos mas se a lenha não tiver levado chuva do ano é da época ela é uma lenha que não dá fumaça é o angico, então é a segunda organização, ela tem que guardar a lenha, a terceira organização fazer a corda, a barraca dos cozinheiros, hoje é moderna, mas eu sou da época da minha mãe, que tinha organização você ir lá no fazendeiro pedir o bambu e pedir a palha, a folha do Bacuri que a gente fazia uma torga na rua a gente chamava torga era uma barraca, minha família tem uma técnica pra fazer isso num era brincadeira, tenho saudade a gente faz a barraca, fazia barraca e cobria com folha de Bacuri trançado, então não molhava, tinha que fazer a barraca pro povo dançar, tinha que fazer a barraca dos cozinheiros, era duas barracas, essas barraca tinha que tá pronto no mínimo até novembro, novembro elas tinha que tá pronta, hoje facilitou muito hoje é as tendas alugadas pra dançar, pro povo alimentar, pra curtir a festa, pra ver os catireiros, os cantadores que vêm de tudo quanto é lugar pra ver a cantoria e a reza, o terço da folia tem as tendas hoje muito confortável mas a barraca do cozinheiro ela tem que ser construída porque a tenda não fica bom, porque a tenda ela esquentava o fogo das fornália esquentava muito a tenda, a nossa barraca já tá construída a dos cozinheiros ela ficou pronta em outubro ela tá ali construída prontinho se quiser filmar amanhã vem e eu mostro pra vocês essa, feito isso o mês de novembro, dezembro que antecipa é convidar, convidar o fazedor do arroz, convidar uma das pessoas muito importantes pra hora da folia até o lavador do tacho pessoa que pega o Bombril e lava o tacho porque quando começa a fazer a comida aqui hoje a fila dá em mais ou menos 300 a 400 m de fila na hora da comida, a comida é feita na hora num tem guardar pra servir depois é saindo dos tacho e servindo o povo, uma das coisas mais gostosas é você vê 5 mil pessoas comer sem ninguém pagar um prato de comida e aí é convidar o povo pra isso, convidar o povo pra conzinha aqui já tá tudo convidado a gente sabe qual que é aquele que é bom pra fazer o feijão, a gente sabe qual que é, eu posso dar nomes? Fazedor de feijão é... o Hiron, né tem os fazedor de arroz aqui sempre era o....meu irmão já foi muitos anos a Dona Rosa Cardoso, então fazedor de arroz mas depois vem o fazedor do do frango né é o Alberto, o Roberto faz um arroz com frango maravilhoso, então você tem que convidar cada um que tem especificidade naquele prato faz aquilo, então a

gente faz toda essa organização no dia 5 que eu pus aqui começa a fazer a comida, os feijão são cozinhados dia 04 para o dia 05, mas no dia 05 começa a cozinhar preparar a verdura que serve verdura, meio-dia vai limpando, arrumando quando dá 4 horas da tarde começa a cozinhar, e é só felicidade, só brincadeira, muita devoção, na organização é familiar...

Entrevistador: Mas conta a história do prato linguíça com quiabo...

Daniel: A minha mãe naquela época ganhou um porco muito grande fez muita linguíça, muita linguíça... e mas ela pensou assim... não, mas as tripa não dá pra fazer, não mas eu vou.. pedir umas tripa daquela que a gente compra pronta... é artificial num sei, e comprou e fez todo o porco de linguíça

2ª parte -

Daniel: Pobre nascido de um carpinteiro, de uma moça é o povo não acreditava os reis não acreditavam quando veio a crença de acreditar isso foi passado pra nós de vô pra pai, de pai pra filho essa devoção, essa crença então Magno tudo que eu faço, tudo que você faz hoje você tem o intuito né, e de ganhar de se dar bem né seu trabalho hoje é porque eu tenho que ganhar, se eu for prum show trabalhar prum evento é porque eu tenho que ganhar, te contar uma história esse sentimento é tão grande que o povo costuma ir pra praia curtir verão, é dezembro janeiro né aqui não tem isso dezembro, janeiro é pra folia de reis, nós não viaja nessa época, porque é um momento que a gente cultua a fé, é um momento que a gente junta com os amigos e partilha das mesmas coisas os amigos e familiares, a fé na nossa família é muito grande... igual eu te falo tem poucas famílias que tem fé e fé a gente tem fé porque nossos pais ensinou isso, teve um ano Magno que eu errei, o pouso aqui era no dia 5 mas eu tinha que vir ajudar à organizar ele e eu fui fazer um evento do dia primeiro para o dia 2 virada de ano aqui no Avelinópolis, e de Avelinópolis à Araçu são 12 km não tinha asfalto, era chão e eu dormi até tarde no dia 2 e eu tinha que tá aqui pra ajudar eu tinha um compromisso eu não lembro qual que era o compromisso eu tinha que tá aqui, ah me lembrei eu tinha que trazer o trio elétrico pra fazer o segundo pouso eu tinha prometido que o segundo pouso eu ia dar o som e eu tava no trio elétrico que eu trabalhava, eu fiz a virada lá com o trio elétrico, eu queria chegar aqui no máximo meio-dia pra colocar o trio elétrico na casa do pouseiro e à noite ia ser aquele festão, aquele sonzão bom né, mas aí como eu dormi até tarde eu tomei umas na virada do ano naquela época eu bibia eu acordei tarde no dia 2, no dia primeiro e aí eu tinha que sair Avelinópolis, Anicuns, é naquela época

Rui Barbo Trindade, Goiânia, Goianira, Inhumas, Itauçu pra chegar em Itaguaru, sendo que se eu saísse Avelinópolis, Araçu eu já saia em Inhumas e eu viria embora rápido num dava outra, mas aí capota uma matolero muito grande lá em cima, se ocê pegar esse caminhão e jogar bem na ilha cê passaria mas se cê deixa esse caminhão escorregar cê cai na toledo e era final de ano o povo tudo viajando, eu fui lá de moto olhei falei num dá pra passar, fui lá olhei e quando eu vim com esse caminhão trio elétrico muito alto, muito comprido eu joguei ele ele deslizou, caiu na tolero, ele encostou o chassi no barro, acabou o pouso aqui, eu voltei peguei uma carona voltei a Avilinópolis, eu tava ali à uns 7 km de Avilinópolis, cheguei lá o patroleiro que poderia puxar ele de Patrol tinha viajado final de ano lá num tinha pá carregadeira, eu consegui ir num fazendeiro, ele pôs um trator lá o trator ciscava... mas não tirava o caminhão da tolero

Entrevistador: Meu deus, era muito pesado..

Daniel: Inda até que num era muito pesado mas ele encostou demais era na época ele tinha era um caminhão de 18 toneladas andava com 24 toneladas mas barro demais, truque como o trator não fez nada eu desci Magno, larguei aquilo lá, larguei o caminhão funcionando e desci uma grota assim ó, e parei e conversei com Deus falei mas eu vou conversar é com os três reis do Oriente, três reis do oriente, foi eles que protegeu o menino Jesus, foi eles que acreditou no nascimento do menino Jesus é pra eles que eu vou trabalhar, vou falar é com eles... Gaspar, Baltazar e Belchior, me tirar dessa toleiro uai, me tira dessa toleiro, porque eu tenho que servir hoje em seu nome, no nome de vocês tá todo mundo esperando esse caminhão lá pra festa, ele é um trio elétrico, ainda falei ainda tirei um sarro, eu vou chegar lá vou dar partida naquele caminhão, vou pôr uma marcha e ele vai sair da toledo e voltei Magno voltei com essa fé, quando eu funcionei o caminhão, eu pus uma primeira marcha que eu acelerei Magno como tem Deus no céu... eu senti o caminhão levantar do barro, o trator que tava amarrado deu trabalho pra sair da frente porque o caminhão foi muito rápido e o trator num precisou de me puxar, mas ainda tava amarrado e o caminhão saiu... rapaz isso é milagre, mas é milagre... eu sou a única pessoa da família que eu presenciei um milagre dos três reis do oriente, por isso que quando fala de fé você tem que contar uma história, e pra quem não conhece a fé da organização dessa festa aqui tem que vir do dia primeiro ao dia 6 pra ver que que é fé, uma festa que se faz com 30 mil pessoas e graças a Deus ela é de tanta fé você não tem crime, não tem roubalheira cê é prova disso, não tem roubalheira é uma tradição maravilhosa só tenho a agradecer, o sentimento o sentimento que eu tive e peguei muito com os três reis do Oriente, foi nos anos da pandemia não poder fazer a

festa mas deixar de andar com a bandeira e agradecer a Deus nós não deixamos nós giramos com autorização de 20 foliões só, por causa da nossa fé ainda nós visitamos 20 foliões, poderia visitar 12 casas, nós passou a visitar a noite que tinha menos pessoas, mas o sentimento é é um dos melhores é o sentimento que você talvez tá com a dor no joelho quando chegar a época da folia a dor some, dos melhores sentimentos que eu tenho a saudade Magno tem a folia nossa ela tem diversos tons, ritmos tem uns ritmos de folia quando ele toca ele faz a gente lembrar dos nossos entes queridos né, mãe, pai, avô, e agora pior de tudo, um dos maiores tocadores dessa folia da minha família meu querido irmão que Deus o levou essa maldita pandemia, dia 20 de Agosto do ano de 2020, ele era o carregador desse pouso, um dos mais empolgados mais devoto, é nós não consegue Magno receber a bandeira aqui sem choro, é um momento de alegria mas com choro nos olhos, os olhos lagrimando porque a folia pra nós ela traz esse saudade, essa alegria

Entrevistador: Justamente, Daniel eu fiquei muito satisfeito porque você contou muita coisa importante, falou de valores humanos né, falou de valores culturais né a gente falou de virtudes né nós não falamos só de uma história, de uma tradição que é vamos dizer que era campesina e hoje tornou-se urbana né mas a gente falou aqui de muitas coisas importantes pra pra humanidade né que a cultura, a tradição principalmente essa que é muito permeada pela religiosidade popular, ela ensina né, ela ensina a partilha você mesmo disse que né o seu pouso ele é feito com doações né, ela é um momento de alegria de fraternidade né porque vem pessoas, vem amigos, vem parentes e todo mundo sempre junto partilha, trabalha junto e depois se diverte junto é um que vem cantar, trazer o seu dom né que que faz aqui uma exposição da sua, da sua da sua arte né você citou muitos artistas, catira, poetas, sanfoneiros, músicos né em geral e temos fé, a gente tem pessoas que respeitam isso, então muito bom a gente falar disso e poder levar essas esses valores que são culturais mas são valores humanos pra academia pra que a gente transforme isso em conhecimento né pra contribuir pra que outras pessoas também conheçam essa nossa identidade que tem muita a ver com o que nós somos do que nós temos dentro de nós né os nossos sentimentos eu te agradeço Daniel imensamente, por tá contribuindo, por tá abrindo a sua casa, pra eu vir aqui a gente conversar, dedicar um momento do seu dia pra gente falar disso, muito agradecido né, a gente vai fazer todo aí o trabalho depois, né vou deixar registrado aqui que é o trabalho da gente evitar de mostrar isso aqui porque futuramente a gente quer que todos esses material fique disponível pra população em geral pra que a população tenha acesso livre né nesses

canais, nas redes sociais né através da faculdade de outros de outros instâncias que a gente vai procurar e aí a gente vai trazer isso material pra você ver né pra você analisar e a gente tem aí algumas coisas que são né burocráticas que eu te expliquei anteriormente e assim a gente encerra com gratidão por esse momento, muito obrigado, meu amigo e valeu

Daniel: Alegria minha poder ajudar com o que eu vivi, né isso eu não aprendi na faculdade eu não aprendi no banco de escola, aprendi na vivência poderia contar história pra você de folia aqui até mais tarde da noite, mas se esse material já fica bom eu já fico feliz de poder contribuir

Entrevistador: Obrigado, valeu

Transcrição entrevista – Gentil

Entrevistador: Boa noite seu Gentil como é que o senhor tá?

Gentil: Graças a Deus tudo bem e você?

Entrevistador: Eu tô bem, eu agradeço muito o senhor de dispor desse tempo do senhor pra conversar um pouco comigo aqui sobre folia de reis é uma coisa que nós dois gostamos né porque eu também gosto e sou muito curioso pra saber mais sobre Folia de Reis né, e aí nos trabalhos de campo que eu tô fazendo né eu pesquisando com um e com outro, o pessoal da folia me indicou o senhor pra eu fazer uma entrevista pro senhor contar um pouco dessa experiência do senhor né e nisso tudo o senhor vai estar contribuindo com a nossa pesquisa né que é realizada com orientação lá dum professor de Goiânia, essa pesquisa minha ela pretende terminar no relatório técnico né, e também vou produzir um vídeodocumentário que é uma devolutiva para comunidade né, então tudo isso visa também dar uma contribuição pra nossa folia de Itaguari pra que mais pessoas conheçam a nossa Folia e possa às vezes até contribuir de outra forma eu gostaria de saber o nome do senhor

Gentil: Meu nome é Gentil Miguel Manso

Entrevistador: Ok, quantos anos o senhor tem se o senhor puder revelar?

Gentil: Eu tenho 60, eu fiz 60 anos no dia 22 de setembro

Entrevistador: E atualmente que que o senhor faz?

Gentil: Olha, ultimamente eu tô, eu aluguei um quarto aqui aí eu tava tirando leite certo, aí o cara aqui ia pagar um cara pra zelar aqui, aí ele me... eu peguei falei pra ele em vista docê deu pagar um quarto procê deixa eu zelar aqui por em troca do quarto aí nós combinou

Entrevistador: Certinho, bem eu queria saber assim desde quando o senhor participa da folia de reis?

Gentil: Eu desde idade 19 anos, 18, 19 anos

Entrevistador: Que o senhor participa da folia né, e qual que é a folia que o senhor participa?

Gentil: Da Folia de Itaguari, a Folia Goiana

Entrevistador: Ah a folia Goiana né, e hoje o que que o senhor faz na folia? O senhor...

Gentil: Olha, antigamente eu eu vestia de paiaço de fulia, eu comecei com idade de 18 ou 19 anos num tem, não lembro mais mas aí com espaço de tempo faltou fulião e eu

peguei e fui, eles me fizeram dançar na folia também, ai mas... eu fiquei servindo quase que um, tipo um pneu de estrepe

Entrevistador: Precisou de uma..

Gentil: Duma voz eu tô lá, precisou de outra eu tô lá

Entrevistador: Então o senhor faz mais de uma voz?

Gentil: Aí eu canto da segunda até a quarta voz

Entrevistador: Existe é alguma maneira da gente aprender, quem que ensinou o senhor a fazer as voz e também o senhor me disse que já trabalhou na farda né, quem que ensina como que o senhor aprendeu?

Gentil: Òia eu, praticamente quando eu fui pra aprender... fulia, eu vesti com o Chico quadrado

Entrevistador: Chico Quadrado

Gentil: Chico Quadrado... finado da... esse foi os cara que eu vesti com eles, então inclusive eles não me deixava eu ficar muito à vontade não porque era marinheiro de primeiro viagem e eles ficava assim ai ficava deixa que nós fala, deixa que nós fala

Entrevistador: Aí chegava lá no local do pouso

Gentil: No local do pouso eles falava, e foi falando pra mim eu falei assim, não desse jeito que cês tão falando ai, eu dou conta, ai eles falou assim então cê vai tomar conta de um pouso, eu até fui lá no biquíni, teve oito arcos e eu comecei do primeiro e tava tampado de chuva eu comecei do primeiro até o último cantando louvando os arco todim, tudo foi eu

Entrevistador: Sei, e nesse caso o palhaço ele tem que fazer alguma coisa ele fala verso, no caso?

Gentil: Não, ele tem que... coisas né, porque vamos supor se eu chegar num arco e eu num souber saudar o arco, o que que acontece o proprietário pode prender a bandeira

Entrevistador: Ah certo

Gentil: Se eu chegar em tua casa também você pegar a bandeira e passar ela na minha frente eu tô preso, aí eu tenho que saber do comé que se diz, do nascimento de Jesus eu tenho que saber da vida todinha

Entrevistador: Ah, então o palhaço também ele tem que ter um conhecimento a respeito desse fundamento bíblico como se fosse, igual do embaixador por exemplo?

Gentil: Tem que ter, é só porque os embaixador fala de desde quando a Maria existe, foi concebida né e o paião fala de quando o menino Jesus nasceu

Entrevistador: Ah tá, mas e como que é esse negócio do palhaço surgiu nas folias assim o senhor sabe falar como é que foi?

Gentil: No meu conhecimento assim, pelo meu conhecimento foi assim quando menino Jesus nasceu os três reis foi, recebeu um anuncio pelo galo, o galo cantou nunciando que Jesus tinha nascido aí os três reis saiu, pela estrada ai foi guiado por uma luz que é a estrela guia aí eles encontraram numa encruzilhada cada um sozinho de um canto, encontraram na encruzilhada saindo do oriente né pra ir pra Belém, ai eles encontraram no caminho e seguiram a viagem deles, ai os Fariseu acompanhando... tava seguindo eles, eles encontraram uns mascarado brincando e o povo entritido, ai foi aonde que eles chamou os mascarado pra acompanhar, o paiaço na folia não é o guia do santo reis, ele é vamos supor assim aqueles que vai no pouso da folia que vai pra assistir a cantoria não presta atenção no paiaço e aqueles que vai pra lá só pra fazer bagunça aonde que o paiaço tá fazendo farra, eles tá tudo em redor óiando, cê entendeu ele é pra entreter aqueles que tão com mal intenção cê entendeu, num é pra guiar santos reis, igual muita gente fala, num é, o paiaço de fulia não guia santos reis, ele é pra envolver as pessoas que não tá por conta daquilo

Entrevistador: Ah entendi

Gentil: Assim no meu ponto de vista como eu fui ensinado, entendeu?

Entrevistador: Ah tá certo, entendi e quando se fala das vozes como é que é, que funciona as vozes porque é alguém canta e vocês canta junto, como é que é essa questão da música e das vozes na Fulia?

Gentil: É assim sabe, o embaixador canta falando sobre o que ele quer falar assim vamos supor assim na casa né, vamos supor assim se tiver girando, agora se tiver no pouso ele fala sobre o nascimento de Jesus e tal, e o que ele fala nós pega uma parte daquilo que eles fala, vamos supor vou fazer segunda voz, eu faço a segunda, o outro faz terceira, e o outro faz primeiro, aí vem pra trás aí vem a quarta, quinta e a sexta, aí depois que nós termina as nossas vozes que até as três voz aí que a quatro voz entra

Entrevistador: Hum, entendi, eu sei comé que é. É e quem que ensinou o senhor a fazer essas vozes?

Gentil: Quando, quem me ensinou eu a fazer essas voz foi o finado de crioulo, ele precisava de um pra ajudar a cantar porque faltou né pessoas, aí ele me pediu pra cantar, eu falei padrin eu não dou conta, eu chamava ele de padrin por conta do meu pai, que meu pai também era fulião, seu Antônio Miguel, só porque aí ele pegou falou não vai vai, eu fui, ai eu vesti de paiaço cantando, aí depois que o Bruno sanfoneiro virou pra

mim e falou Gentil para de vestir de paiaço rapaz já que cê tá cantando, ele tem uma utilidade na Folia se você ficar vestindo de paiaço e cantando todo lugar cê tem que arrancar sua máscara e eu não gostava

Entrevistador: Sei, não gostava de tirar a máscara?

Gentil: Tirava a máscara nossa, só tirava ela depois quando entrava no quarto e fechava, as pessoa não conhecia, hoje não, hoje em dia os paiaço tira as máscara, anda pela rua afora né, mas nós não, nós não fazia isso

Entrevistador: Uhum, é não era, não era comum que o palhaço andasse sem a máscara não?

Gentil: Não, ele se ocê andasse sem a máscara o capitão da folia te mandava ocê tirar a roupa toda lá na hora

Entrevistador: Ah tá, não podia revelar quem era

Gentil: Não podia revelar quem era, o tanto que nós vestia, quando nós entrava no quarto entrava 5, 6 fulião junto com nós, pra na hora de sair, nós sair tudo embolado pra ninguém saber quem é igual eu, o Chico Quadrado...Finado da Misério... Candinho, foi os dois que mais me ensinou eu agradeço eles, por eles ter me ensinado

Entrevistador: Entendo, é eu queria perguntar então sobre essa folia, essa Folia de Reis Goiana o senhor sabe como é que ela começou quem que ajudou a fundar ela como é que foi que ela iniciou aqui nessa região de Itaguari?

Gentil: Uai quando ela iniciou foi o finado... aberto e o finado Crioulo que a fundou ela, aí tem muitas pessoas que fala ajudou a fundar ela sabe, mas essa Folia Goiana ela tem uns 80 anos e têm nego de 40, 50 anos falando que ajudou a fundar a folia, então cê vê que não tem como, ela parou uma época porque faltou pouso sabe, o povo ficou numa situação muito precária aí ela parou parece que 2 anos, ai depois recomeçou de novo...

Entrevistador: E ela sempre girava aqui dentro da cidade?

Gentil: Não, dentro da cidade mesmo ela girava pouco, passava só sabe, ela girava mais era pro lado de Taquaral, Piancó, Brejo Grande, passava por aqui, ela girava mais só pelas roças agora que eles acampou na cidade, sabe?

Entrevistador: Sei, e sempre girava de dia?

Gentil: Sempre de dia, mas eles falava que girava durante o dia mas quando chegava a entregar no pouso era na base 9 horas ou 10 horas

Entrevistador: Sei, entendi então, dessas coisas tudo hoje o que que o senhor pode falar que é Folia de Reis, que que significa Folia de Reis pro Senhor?

Gentil: Pra mim ela é no meu ponto de vista pra mim ela é uma devoção, e outra ela significa pra muitas pessoas que não entende, como se fosse a palavra de Deus, que Deus tá no nosso caminho ou eu chego em sua casa com a folia eu vou te cantar pra você falando sobre Deus sobre a folia sobre os Reis sabe, então faz muitos seres humanos cai em si que não existe salvação pra nossa terra depende de você ter fé em Deus

Entrevistador: Hum, certo, então tá certo, o senhor citou agora há pouco alguns fuliões antigos algumas pessoas quem são essas pessoas o senhor podia falar quem que é que que eles fazia né

Gentil: É igual eu tava falando pra você né, finado Danizete vestia de paiaço junto comigo né que Deus levou, o finado Nemon vestia de paiaço também, o finado Criolo, finado Zezin Isabel é dois embaixador de primeira... num tem cuma a gente esquecer deles né, o finado riking.... o finado crioulo todos fuliões bão, o aquele menino gente eu esqueço o nome dele o Sogro do Vêi é bão também... era um fulião de primeira também, iguali o... num media esforço, coitado, ele armando com uma perna mas ele não media esforço pra poder girar na fulia, cê via que ele girava por fé

Entrevistador: Certo, é então quer dizer o fulião ele tem que ter fé

Gentil: Tem que ter fé, num adianta eu sair numa fulia sendo que eu num tô nem aí pela aquilo, eu tô ali pra fazer farra então aqueles que são fuliões mesmo cê pode prestar atenção que quando fala com eles eles tá tudo pronto cê entendeu agora tem muitos que não, muitos vai mesmo só pra acompanhar a bandeira num tem fé, igual vamo supor assim fulião não é aquele que canta não é aquele que veste de paiaço só não, aquele que carrega uma bandeira é fulião, aquele que companha a bandeira girando junto é fulião também, ele tem uma significação dele tá ali não é só aqueles que canta que faz isso faz aquilo, caxeiro, panderista, tudo, aquele que carrega um copo d'água pros fulião que tá cantando gente pra que mais do que isso gente, uma pessoa igual aquele... que anda na fulia aí com uma cabaça d'água na mão, ele anda com uma cabaça d'água na mão sem vergonha de nada, carregando água, chega, o fulião tá cantando ele chega com o copo d'água pras pessoas, num pode falar que um cara desse é fulião, é fulião também gente

Entrevistador: Certo, muito bom, o senhor também já participou de alguma outra fulia, algum momento?

Gentil: Já, eu participei eu fui no Peri né, até inclusive quando nós foi no Peri, nós saiu daqui pra ir lá cantar essa fulia e foi assim, eles num tinha fulião lá e queria tirar essa fulia... ficou sabendo de nós aqui em Itaquari e nós fomos lá aí tirou essa fulia pra eles

Entrevistador: Certo, aqui na região o senhor já participou de alguma das outras duas fulias que tem aqui?

Gentil: Da fulia mineira? Eu fui na fulia minera um dia mas eu num dei conta de cantar com eles não eles canta diferente de nós né, eles canta mais baixo né

Entrevistador: Ah certo, e no do Brejo Grande o senhor já participou?

Gentil: No Brejo Grande... eu mais o finado Criolo moço, que Deus o tenha ele, que num tá aqui prá mode de falar pra você que aconteceu desse jeito, eu mais ele nós saia daqui, girava aqui na fulia daqui, quando dava 10h30 os fulião do Brejo Grande os festerio lá buscava mandar eu mais ele, nós ficava a noite inteira lá girando cum eles, chegava em casa 6 horas da manhã dormia até 10:30 e levantava pra poder ir pra essas fulia daqui girar também, quando terminava também... já caia de tão fraca que sem durmir direito né

Entrevistador: É ia cansando né, porque na verdade é uma jornada muito grande né

Gentil: É muito cansativo, essa fulia daqui ela é muito cansativa também sabe, porque vamo supor nós vamo girando aí aqueles que acompanha chega e senta e os que tá cantando que fica só em pé num tem lugar de sentar ai tem que ficar em pé, mas como que cê vai falar pra uma pessoa levantar pro cê sentar, ele tá acompanhando também deve tá cansado deixar sentar

Entrevistador: É, é verdade

Gentil: Os fulião mesmo não participa de festa de forró essas coisa sabe, porque a hora que eles chega lá que eles janta ele tá doido pra ir embora pra dormir, quer dizer agora sim né que eu tô assim né porque com 70 ano também né num dá pra ficar em pé né

Entrevistador: Mas era diferente anteriormente

Gentil: Anterior ra diferente né..

Entrevistador: O senhor chegava e ainda participava do...

Gentil: Nossa aquilo pra mim era a coisa mais boa do mundo, é eu tá no meio do povão sabe

Entrevistador: Pois é seu Gentil, muito boa as coisas que o senhor me contou né tenho certeza que tem muitas coisas aí que que pode contribuir, eu agradeço o senhor né esse momento que o senhor dedicou aqui para mim, como eu disse pro senhor aqui na mesa eu deixei com o senhor aqui um termo de consentimento livre e esclarecido, que depois o senhor vai ler, depois eu vou pegar essa filmagem e trazer pro senhor ver também, e aí o senhor vai poder assinar ele consentindo ou não que eu utilize a voz do senhor, a imagem do senhor pra esse trabalho que eu fiz lá, conforme eu já expliquei

anteriormente pro senhor né então depois eu vou trazer de novo aqui pro senhor ver, olha tá aqui o que nós conversamos aquele dia né, a voz é essa, a imagem é essa, aí o senhor vai analisar e depois o senhor vai me falar não, pode utilizar ou não pode utilizar, tá certo?

Gentil: Tudo bem, pra mim... você eu sei que você num é um cara sacana, é um cara honesto, o que você achar que serve pra vocês colocar por mim tudo bem

Entrevistador: Então tá certo, mas mesmo assim a gente vai fazer desse jeito porque é uma legislação sobre isso né, e também a questão deu mostrar pro senhor porque é uma, é gravado mas também é possível de ah não eu num gostei dessa parte o senhor pode pedir para mim retirar que é possível retirar, ah não essa parte eu quero, essa parte eu num quero tudo isso é possível porque hoje tem tecnologia pra isso e no mais eu fico muito agradecido pro senhor contribuir comigo né na pesquisa nesse trabalho que eu tô fazendo isso é muito importante tanto pra nós de Itaguari porque vai levar mais informações sobre a nossa cultura né e também a nossa fé pra outros lugares também e também contribui com a pesquisa acadêmica nossa, certo?

Gentil: Certo, eu que agradeço você por perder seu tempo de vir aqui pra falar com a gente né, fico muito grato de você ter vindo

Entrevistador: Certinho, eu que agradeço, obrigado senhor Gentil

Gentil: Obrigado você por ter perdido tempo de vim cá falar comigo

Entrevistador: Que isso, eu fiz foi ganhar muito

Transcrição entrevista – Geraldo

Magno: Boa tarde.

Geraldo: Boa tarde.

Magno: como é qui vai o senhor?

Geraldo: bem.

Magno: eu gostaria que o senhor falasse seu nome, idade se o senhor puder?

Geraldo: eu me chamo Geraldo Jose Lopes, é com a idade de 69 anos.

Magno: o senhor mora na onde atualmente?

Geraldo: eu atualmente moro na Vila Rica em Mato Grosso.

Magno: bom, é sabido por muita gente que a participação do senhor é muito importante aqui nas nossas folias, mas eu gostaria que o senhor me falasse desde quando você participa dessas folias de Itaguari?

Geraldo: aqui de dentro da cidade que é essa e de Goiânia já deve está com contando com esse ano já era para ser 37 anos, mas por causa da covid, pandemia esses dois anos fica sendo 35 anos.

Magno: 35 anos.

Geraldo: 35 anos que participo das folias.

Magno: e o senhor participa só da folia goiana, ou participa de outra também?

Geraldo: não, participo de outras, semana passada mesmo estava participando da folia mineira tinha até que dá uma prenda para poder ajudar.

Magno: e de que forma o senhor faz essa participação na folia, o senhor só vai, faz alguma coisa lá?

Geraldo: o, a gente participa nas atuações e aquilo que nós da conta de fazer a gente faz, ajudar com o povo nas festas, eles até falam que eu sou um folião, um folião que só tem a participação, porque eu mesmo não sei fazer nada.

Magno: e essas doações o senhor poderia relatar quais são essas doações? Ou seria o caso do senhor fazer e não querer falar, ou contar o que é?

Geraldo: não, para mim não é problema, alguém que pensa que é vantagem pelo o contrário é pela a devoção a fé, e inclusive esse ano fiz uma promessa que ia ajudar, isso é uma coisa que a agente faz por gostar, pela paixão, pela folia e pela devoção.

Magno: certo, e sempre que o senhor vem, o senhor fica aqui na casa do Sebastião da dona Rosa?

Geraldo: é, desde desses 35 anos já tem 10 anos que eu fico aqui. Antes eu ficava em hotel em cidadizinhas, agora todo ano eles me acolhem, e já deixam reservados para o outro ano.

Magno: certo. E o senhor doa alguma coisinha específica para folia?

Geraldo: geralmente é gado, vaca para fazer carne para o povo comer, eu acho muito importante, porque é muito prazeroso você vê ali a todo mundo comendo com aquela satisfação e com essa fé e tudo mais. A gente que tem essa paixão e essa devoção no sangue, você se sente feliz em ver essas pessoas participando ali com a gente e seja aquele que nunca teve condições de doar nada para ajudar, a gente fica ali enxergando a fé que ele tem, é muito importante para nós.

Magno: certo. Então nesse ano em específico essas doações, foi devido a sua promessa que fez?

Geraldo: exatamente, uma promessa, quando minha esposa adoeceu eu fiz a promessa, eu iria fazer o poso, ou ajudar os outros e doar uma vaca para cada poso e uma para cada festa incluindo a folia mineira, mas como é tudo amigo e daqui da região foi mais fácil.

Magno: o senhor conhecia essa região aqui há muito tempo?

Geraldo: praticamente já morei aqui, morei aqui no brejo grande depois mudei para Goiânia, de Goiânia comprei fazenda em Itaguaru. Ai eu vendi a terra em Itaguaru e comprei em Vila Rica No Mato Grosso.

Magno: bem, vi que a devoção está dentro do seu coração, o senhor poderia me falar o que representa a folia de Reis para o senhor, qual é o sentimento que você sente?

Geraldo: a folia de Reis me representa o seguinte, é aquela homenagem como em Jesus, para quem está comemorando o nascimento de cristo. Isso para mim é muito importante, porque as vezes os evangelhicos fala que adoramos os santos, eu não considero santo rei como santo, eu considero ele acima do santo ele foi o primeiro visitante mandado por Jesus.

Magno: bem, senhor Geraldo, eu agradeço a participação do senhor por ter disponibilizado esse tempo, a gente fica muito lisonjeado de saber que o senhor vem de tão longe participar de nossas festas, faz doações, o senhor demonstrar ter muita fé na folia de Reis, e essa pesquisa nossa antes de começar ela obedece a algumas formalidades que eu expliquei anteriormente para o senhor, na questão do consentimento esclarecido passei a versão preliminar e depois o senhor da uma lida e

depois de posta esse material que eu estou trabalhando agora nesse momento, você verificar e me autorizar e utilizar esse material, certo?

Geraldo; certinho.

Magno: eu agradeço, muito obrigado.

Geraldo: precisando estamos aí.

Magno; boa tarde.

Geraldo: boa tarde.

ENTREVISTA COM JAIR FLORENTINO DUTRA

Legenda

E: = Entrevistador (Magno)

J: = Jair (Entrevistado)

E: Boa noite, Jair.

J: Boa noite.

E: Tudo bem?

J: Tudo bem, graças a Deus.

E: Primeiramente, eu quero agradecer o senhor de me conceder essa entrevista, né. Que é dentro desse programa de mestrado que eu ‘tô’ fazendo, né. Que tem esse trabalho para apresentar por volta de março, né. Fevereiro, março, né. E eu propus fazer um inventário cultural das folias de Itaguari, e a folia mineira é uma delas, né. Tá dentro do meu objeto. Eu já tinha feito um trabalho sobre a folia mineira, e agora volto a pesquisar ela e mais as outras duas. Eu gostaria que o senhor me dissesse seu nome e a sua idade, profissão.

J: Jair Florentino Dutra. É, 62. É, três do oito de mil novecentos e sessenta (03/08/1960), né. E, lavrador, né.

E: Lavrador. Ô, tio, é bom que eu deixe bem claro. Ele é meu tio paterno, né, irmão do meu pai, né. Então eu quero deixar registrado aqui na entrevista para a gente, até para o pessoal que for assistir depois, saber qual que é a relação que a gente tem. Mas eu quero que o senhor conta, assim, como que o senhor conheceu a folia?

J: A folia mineira, eu conheci ela em seis de janeiro de setenta e um (06/01/1971). Porque nós chegamos pra essa cidade de Itaguari em 1970, e quando foi em setenta e um, nós fomos nessa festa de folia, na casa do Zé do Bento, ‘naqui’ no município de Itaguari. Então foi aí aonde que eu conheci a folia mineira.

E: Então o senhor participa dela desde esse ano.

J: Desde essa época de 71, sempre eu participo dessa folia. Assim, ir na festa, né.

E: Então você tinha por volta de uns 10, 11 anos?

J: Não, é. Eu tinha 10 anos. Que eu vim fazer 10 anos, aí foi no ano seguinte da frente. Aí que eu conheci a folia mineira.

E: E aí desde então o senhor começou a participar dela, da festa?

J: É, eu comecei a ir na festa. Sempre, todo ano eu ia na festa da folia mineira. Sempre fui na festa dela, nessa época.

E: Certo. Mas o senhor ia com alguém? Quem levava o senhor?

J: Não, sempre era meu pai que levava, né. Porque nós ainda ‘era’ molecote ainda. Aí meu pai que levava. Aí depois que nós ‘foi’, aí já foi crescendo mais um pouquinho, já foi pegando idade, aí nós já pegou ir sozinho.

E: Certo. Então foi através da família que o senhor foi.

J: Justamente.

E: Mais alguém da família participava da folia?

J: Uai, lá em casa... Na verdade, a família nossa que ‘tava’ aqui era, no momento, era só nós mesmo, né, que veio de lá. Não tinha mais ninguém da família. Só ia nós mesmo: o pai mais a mãe, e os filhos. Só nós que ia na folia. Aí as famílias nossa tinha ficado lá tudo lá pra banda de Araçu, né. Não vinha para cá. E sempre, quando eu vinha, não vinha em época de folia.

E: Certo. E, assim, da família do senhor aqui, só o senhor que ia? Alguém participava? Alguém fazia alguma coisa na folia, por exemplo?

J: Não. Só meu pai que era folião, né.

E: O seu pai, então, era folião? Ele fazia o que na folia?

J: Ele era, fazia quarta a voz na folia.

E: Quarta voz?

J: É.

E: Tá certo. Então, hoje em dia, como que o senhor participa da folia?

J: Eu comecei a participar dessa folia, assim, eu mesmo, comecei a participar, foi no ano de 92, 1992. O Altair era o festeiro, e ele me chamou, até ele me chamou para ajudar, no dia 6 de janeiro, para ajudar na festa. Então ele me deu uma função lá, porque naquela época era tudo mais atrasado, né. Então ele me deu a função lá de eu tirar água da cisterna no balde, na carretilha.

E: Sei.

J: (...) E eu fui trabalhando durante a festa. Eu tirando água na carretilha lá pra poder servir para o povo.

E: Nossa!

J: Aí que eu comecei a participar na folia eu mesmo...

E: Ativamente.

J: (...) a trabalhar na folia.

E: Trabalhar na folia.

J: É. E aí, desse ano para cá, aí no outro. No outro ano da frente, foi o São José. São José do posto, que foi o festejo. Aí ele já me chamou para ajudar a cozinhar. E eu já fui. Quando foi no outro ano, foi o Jair, o Jair da Ana Maria, o famoso Jair Jack.

E: Sei.

J: Aí ele me fez o convite, também, pra poder ajudar na folia. Ajudar a cozinhar. Já quando foi no outro ano da frente, em 86, aí já foi o compadre Paulinho que foi festeiro, também me convidou pra ajudar a cozinhar. Quando foi em 97, aí o Fernando do finado João Borges era para ser o festeiro. Então, nele perder o pai, aí ele não, ele não quis fazer a festa. Aí eles me ofereceram a festa para mim fazer.

E: Certo.

J: Aí foi que eu fiz ela em 97. Foi o festejo de 97, foi a primeira vez que eu fui festeiro. E daí para cá, de 97 pra cá, aí eu comecei a fazer pouso.

E: Dar pouso de folia.

J: É, dar pouso de folia. Que não falhava. Quase todo ano tinha um pouso de folia. E já era. E eu já era, assim, eles me colocaram eu como o organizador de fazer barraca. O pessoal ia fazer festa, o festejo já saiu. Eles não faziam a barraca sem eu ‘tá’ presente. Sempre eu que tinha que ir marcar para poder fazer barraca.

E: E como é que era a barraca?

J: Antigamente as barracas era tudo fincado de bambu e coberto depois de bacuri e plástico preto. Então, todo ano, todo ano era desse jeito. “Aí gente, tal dia, assim, assim”. Sempre era marcado para o dia 23 de dezembro. Era o dia de fazer as barracas. Aí juntava aquele tanto de gente, de 20, 30 pessoas pra poder fazer barraca. Aí era o pessoal cortando bambu, uns cortando, outros carregando. E às vezes já tinha outra turma já fincando. Aí primeiro fazia a barraca de fazer as fomalhas. E aí terminava de cobrir ela, e já ia alguém, já ia fazer a fomalha, e os outros já ia fazer a barraca grande, onde punha a comida pra servir para o pessoal.

E: As fomalhas ‘é’ que jeito? Como é que faz a fomalha? E essa fomalha serve para quê?

J: Essa fomalha, ela é feita para poder fritar, fazer a, fritar carne e fazer o comer. Ela é feita de tijolo. Você coloca o tacho. Você mede o tamanho da fomalha, o tamanho da boca do tacho. Aí você faz, fecha ela de tijolo, faz ela por dentro, e de acordo que o tacho der, ela encaixa certinho na fomalha.

E: Outra coisa, o senhor falou que foi festeiro. Pra fazer a festa, O que que a pessoa tem que fazer? Como que é, como que é organizar uma festa de Reis?

J: Olha, é uma coisa mais complicada, mais difícil. Porque aí, os festeiros têm que correr atrás de pedir as coisas para poder fazer a festa.

E: Certo.

J: Naquela época, nessa época lá, tinha uma irmandade.

E: Tinha uma irmandade?

J: É. Essa irmandade, aí, quando ia correr a sorte. Porque a folia nessa época era correr, corria. Punha, excluía as pessoas que queriam concorrer à coroa, e colocava no papelzinho e ia sorteando, até sair o festeiro. Então tinha a irmandade, que aí colocava o nome num caderno e ali ela doava, eles doavam arroz, eles doavam feijão, eles doavam porco, eles doavam frango, eles doavam óleo, eles doavam um quarto de vaca. Então, era dessa maneira que conseguia fazer a festa. E aí, a não ser aquelas coisas que o festeiro ganhava ali naquele dia, que era no dia 6 de janeiro, que fazia o sorteio, aí ele tinha que sair nos outros, nas outras pessoas, pedindo, para poder fazer.

E: Certo.

J: Aí, as coisas que eles ganhavam, sempre, toda vida foi para fazer a festa, em prol da festa. Às vezes, o que ele ganhava, assim, trem de comer, talvez não dava, aí ele comprava. Depois, o leilão que dava. Porque sempre dava muito leilão. Dava muito bezerro, dava muito arroz, dava muito feijão. Aí ele vendia para cobrir as despesas.

E: Ah, tá certo. Entendi. E aí, ele sozinho não vai conseguir fazer esse tanto de arroz, esse tanto de feijão.

J: Não. Tem uma equipe. Até hoje, né. Antigamente também tinha a equipe da cozinha. Aí tinha o pessoal que cozinava, mexia nos tachos, e tinha o grupo que cortava as coisas, verdura, tomate, as coisas que tinha que cortar. Gueroba, verdura que ia fazer. Tinha a equipe que cortava, descascava mandioca, a batata. Então tem uma equipe que fazia isso e a outra que era para trabalhar no tacho.

E: Certo. Entendi. Qual que era a dimensão, mais ou menos, do tamanho dessas barracas que o senhor marcava?

J: Sempre, quando nós ‘fazia’ a barraca de cozinhar, que era mais menor, no começo, nós fazia ela, assim, na faixa de, mais ou menos na faixa de uns 48, 50m², é para fazer as fomalhas. Fazia cinco, seis fomalhas ali, para o pessoal poder cozinhar. E fazia uma barraca grande pro pessoal, aí pra servir a janta pro pessoal comer. Aí isso aí dependia do espaço que a pessoa tinha. Se fosse um espaço grande, fazia uma barracona grande.

Sempre nós ‘fazia’ uma barraca de uns 25 metros de comprimento, uns 7 metros de largura. Sempre nós ‘fazia’ desse tamanho.

E: Mas hoje mudou um pouco, né? Hoje não faz essas barracas.

J: Não. Hoje, justamente. Aí, a folia mineira, depois que eu passei a ser coordenador da folia. Que foi tanto incentivo do seu Emílio, e o Leandro, mais o Élio dando **INAUDÍVEL** pra poder pegar. Fazer a coordenação, que não é fácil coordenar as coisas de folia, principalmente folia, principalmente o ser humano, que é difícil. Aí nós ‘vem’ nessa luta de conseguir alguma coisa para folia. E a primeira coisa que nós conseguimos foi vasilha. Hoje, a folia mineira, hoje, se for pro festejo fazer uma festa, eles já tem as vasilhas quase tudo. As vasilhas que gasta. É tacho, é panela, é fogão, é freezer. Hoje a folia tem tenda. Conseguiu comprar a tenda. Então hoje facilitou bastante. Não tem aquela trabalhadeira mais de você juntar o pessoal para poder fazer barraca. Às vezes algum lugar a pessoa faz uma barraquinha para cozinhar, porque não é todo mundo que tem o lugar adequado para cozinhar, então sempre tem que estar fazendo. Mas hoje, já ajuda demais, é, as coisas que já tem. E aí já ficou mais fácil para fazer, e andou mudando bastante.

E: Certo. O senhor me falou que hoje o senhor faz é coordenar. Explica um pouco como é que é esse negócio de coordenar. O que que o coordenador faz na folia?

J: O coordenador da folia hoje é assim: aí sai o festeiro. Aí, ah, fulano. Então vamos supor, assim, que a festa faz na casa do Altair. Ele vai ser festeiro. Então, aí eu tenho que andar na região e marcar o pouso. Sair na vizinhança, onde a tradição, onde a folia costumava passar, para poder marcar o pouso. O serviço de marcar pouso é serviço do coordenador. Aí ele tem que sair, escolher as casas, procurar as pessoas, se acha, se é de acordo, se a pessoa está disposta a dar o pouso. Aí esse é serviço do coordenador. Então ele sai na região onde a folia passa, para poder conseguir marcar. Isso aí é um dos serviços do Coordenador: marcação de pouso e o giro da folia, onde a folia vai passar. E a outra coisa é no giro, quando ‘tá’ girando, já tá com o pouso marcado, é você estar junto e sempre ajudando, falando para as pessoas “não, gente, nós não ‘pode’ demorar, sempre nós tem que andar que nós vamos chegar muito tarde”. Porque, se deixar por conta de folião, eles ‘é’ meio folgado. Aí eles ‘gosta’...

E: Fica muito tempo.

J: (...) fica muito tempo num lugar só. Então ‘cê’ tem que ‘tá’ pelejando pra eles ‘andar’ rápido.

E: O que que incentiva os foliões a ficar numa casa por mais tempo?

J: É por causa do dono da casa. Aí, aí chega na casa, canta, aí o dono da casa: “ô, fulano, canta uma música aí pra nós”. E aí, eles cantam uma música, aí canta uma, canta duas, o pessoal vai achando bom e pede para cantar outra. Então é onde vai ficando.

E: Certo. Entendo. E nesse caso do coordenador que marca o pouso, né, ele faz o lugar onde a folia vai passar, né? E, além disso, ele ainda faz alguma outra coisa com a folia? Ele tem mais alguma função? Ele canta? Não canta?

J: Não. É, eu, de vez em quando, lá, por acaso, às vezes chega numa casa que tá, às vezes tem um folião para trás, aí eu ajudo. Eu posso cantar. Fazer uma quarta voz, eu ainda faço. Mas, é, assim, a única coisa que eu faço na folia, é só algum lugar que às vezes precisa de algum, que um folião tá atrasado e tá precisando de cantar, eu posso fazer a quarta voz. Mas é só isso.

E: Entendo. Hoje, assim, se eu perguntar para o senhor o que que o senhor acha que é a folia. Se fosse pro senhor explicar o que que é a folia pra alguém que nunca tivesse visto folia, o que que o senhor poderia falar?

J: Uai, Magno. Eu, pra mim, folia é a... Quando eu comecei a entender de folia, é, a folia é a explicação dos três reis caçando o menino Jesus aonde ele ‘tava’, né. Então, sempre, nós ‘gira’, às vezes, às vezes chega no lugar, a pessoa às vezes vai montar um altar, e aí ele sempre coloca o menino Jesus. Aí sempre a gente pede para ele não colocar. Porque aí a folia sai girando à procura do Menino Jesus. Então, no giro, se ele chegar num lugar que tiver um presépio e um Menino Jesus, ele já pode fazer a entrega da folia ali, que ele já achou o menino. Então, é isso aí. Pra mim, a folia é a procura do Menino Jesus. Então, quando ele, quando acha, aí a pessoa pode fazer entrega. É onde entrega os presentes, né.

E: Sei. Entendi. E o que que o senhor sente, assim, quando o senhor ‘tá’ na folia? Nós estamos aqui a um dia de sair com a folia, né. A folia vai sair no dia 25. Que que é o sentimento do Senhor?

J: Não. Eu, pra mim, é uma coisa muito importante. Aí eu sinto fé. É, uma das coisas que eu sinto muito a hora que vai chegando, assim, dentro da folia, é uma emoção, uma fé de sair procurando o Menino.

E: Certo. É, agora eu queria perguntar a respeito do vovô. Ele sempre participou da Folia de Reis, ou ele começou aqui?

J: Não. Ele, no tempo que ele era novo, sempre ele contava para nós que ele, ele sempre participava de folia. É, e ele até ainda contava uma história para nós, que ele, teve um dia que ele ‘tava’ limpando um arroz dele e os folião da região lá chamou ele para ir

tirar uma folia numa outra região diferente da onde era. Aí ele falou assim, que não podia, porque tava limpando arroz. Aí ele chegou em casa e a vovó procurou porque que é que o povo foi lá fazer. Ele falou, “não, porque chamou eu pra ir ajudar a tirar uma folia, mas eu não posso, porque eu ‘tô’ limpando o arroz”. Ela pegou e falou para ele que “Não. Podia deixar. Que podia ajudar a tirar a folia, que a hora que ele voltasse, aí ele terminava de limpar o arroz”. Aí ele deixou e foi. Na volta, que ele voltou é que ele foi terminar de limpar a roça dele.

E: E isso quando ele morava lá para...

J: É, ele era solteiro.

E: Ah, tá.

J: Na época, ele era solteiro. Acho que nessa época era na região do Rio do Peixe, né. Quando eles ‘veio’ de Minas, acho que eles ‘morou’ foi primeiro, foi nessa região do Rio do Peixe aí. Nessa região do Rio do Peixe, aí. Foi nessa época. Aí ele saía, aí ele foi pra folia. Mas sempre assim. Ele sempre, ele ia, girava na folia. Aí depois que ele veio pra cá, aí ele ficou um tempo afastado. Porque nessa época tinha mais pouco conhecimento, né.

E: Uhum.

J: E aí ele pegou e, acho que não foi o... Não sei se foi o Compadre Didinho, ou o Antônio Camilo. Acho que foi o Compadre Dinho que falou pro Antônio Camilo que ele era folião. Aí ele fez um convite para ele. Eles foram numa folia pra base de Itaberaí. Aí, dessa época pra cá, ele não largou mais a folia. Só quando Deus levou que ele...

E: Parou.

J: É, quando ele veio a falecer é que ele parou de ir na folia.

E: Isso mesmo. O senhor sabe contar um pouco da história dessa folia mineira? Quando que ela surgiu, como é que foi. O senhor poderia...

J: Ô, Magno, essa folia, eu já vi o assunto dela em partes de vez. Porque uma das pessoas que sempre eu, de vez em quando eu conversava com ele, era com o João Canoto. E o João Canoto, ele falou pra mim que ele fez ela em 61, que ele fez essa folia. E sempre nós ‘conversava’ e ele contava que aquela folia ela foi tirada para cumprir um voto, e depois ele foi, ela foi feita em 61. Aí ele falou “eu fiz ela”, eu lembro dele me contar que “eu fiz ela em 61, em 1961”.

E: Nossa. É muito antiga.

J: É. Muito tempo, né.

E: Pois é. Seu Jair, muito bom a sua entrevista, né. O senhor relatou muito bem essa, essas, essa parte, né, de organização, de que que o festeiro faz, essa dimensão da barraca, né. Até aproveitei um pouquinho aqui e conversei sobre o vovô, né.

J: Uhum.

E: Pra gente deixar isso registrado. Depois a gente combina como é que isso aparece ou não, né. E eu já tinha explicado pro senhor anteriormente sobre o termo de consentimento livre e esclarecido, que depois eu vou disponibilizar essa filmagem pro senhor ver, e o senhor vai me autorizar ou não a utilizar ela no todo ou na parte, né. É uma autoridade que só o senhor tem, que só convém ao senhor decidir, né. Depois eu te mostro, né. E, no mais, eu agradeço, porque isso vai contribuir muito com as nossas folias, né. Porque, nós, todo mundo gosta de folia aqui, né. E isso pretende não ficar só dentro da faculdade, mas também sair pra outras instituições, né. E buscar mais apoio, mais fomento pras nossas folias aqui. Eu fico muito agradecido por o senhor dedicar esse tempo aqui, me receber na casa do senhor, e contar um pouquinho dessa história para nós.

J: Não. Eu que agradeço. Eu que agradeço pela oportunidade. Porque às vezes a gente conversa, aí, mas tem muita coisa. Ainda fica muita coisa pra trás ainda, que era coisa importante da folia, que a gente, no momento, assim, não lembra, né. Mas, às vezes. E eu vou contar para você a historinha que começou essas vasilhas.

E: Hm, pode contar. Tranquilo.

J: É. Essa agora não tá gravando, não, né?

E: Não.

Transcrição entrevista – Jurandir

Magno: Bom dia!

Jurandir: Bom dia

Magno: Tudo bem? Eu gostaria de saber seu nome.

Jurandir: Jurandir Oliveira dos Santos

Magno: Idade se você ficar á vontade de falar para a gente

Jurandir: Quarenta e sete anos

Magno: É porque a gente mensura a duração da folia lá através das idades das pessoas, que nem eu entrevistei seu pai, então a gente já vai conseguindo visualizar, olha tanto tempo ela já existia de fato né. Além disso... Qual é a sua profissão? Se você puder falar

Jurandir: Lavrador

Magno: Você participa dessa folia a quanto tempo?

Jurandir: Bom eu comecei a girar as noites desde meus oito anos de idade

Magno: Desde os oito anos, certinho. Gira de noite né?

Jurandir: Sim, gira de noite

Magno: Toda vida foi á noite?

Jurandir: Toda vida foi de noite

Magno: Nunca girou de dia?

Jurandir: Não, folia não, nunca girou de dia só á noite

Magno: Só á noite, tá certo. E quem te incentivou a participar da folia?

Jurandir: Ah meu pai né, foi meu principal incentivador

Magno: Seu pai

Jurandir: Toda a nossa família, mas o principal foi meu pai, ele sempre girava né

Magno: E você faz alguma função na folia?

Jurandir: Administrador também né, igual alfearia

Magno: O Aferes faz o quê?

Jurandir: Ajuda a organizar né, a questão do giro, não pra organizar a festa e sim giro, foleão na hora de sair, organizar, partir o povo para girar, ou seja distribui funções, você toca tal instrumento, você canta aquilo, fulano canta ali né. Organizando né se por acaso de algum probleminha ele tem a função de procurar resolver se faltar alguma coisa, buscar, se ocorrer algum acidente ele tá no andamento de resolver né

Magno: Certo. E sempre foi com, nessa função que você coletou na folia?

Jurandir: As vezes ajudo na resposta ou alguma coisa assim, mas a função efetiva sempre foi essa

Magno: E desde os oito anos faz essa função ou não?

Jurandir: Não, isso aí foi a partir de 96, quando meu pai fez uma festa, a segunda festa que ele fez, aí ele me colocou nessa função, que era dele na época, ele já fazia e foi diminuindo e foi me colocando para substituir ele, até que ele parou e eu continuei. Agora eu já estou parando e passando a contribuição para outros também já né, renovando

Magno: Com trinta e nove anos que acompanhou a folia

Jurandir: Isso

Magno: Essa folia de vocês tem mais ou menos a noção de quando ela iniciou, quem fundou essa folia? É uma dúvida que nós pesquisadores temos é assim, quem que fundou essa folia? Porque ela é a mais velha que existe aqui em Itaguari

Jurandir: Uai a estimativa e informações que temos é que foi fundada pelo Edimundo Pongosa em mais ou menos 1881, a estimativa dela é que ela fez 139 anos em 2020, mais ou menos isso, já não tem nada documentado não, é uma estimativa né

Magno: E o Pedro Inholá era seu parente de grau, você poderia descrever a sua ligação com o parente

Jurandir: Ele era meu tataravô

Magno: Seu tataravô. E o João Rosa, ele também é seu parente?

Jurandir: Não, ele não tem parentesco com nós não

Magno: Era alguém que morava na região?

Jurandir: Na região e gostava de folia também

Magno: Ata, a sua família tá lá naquela região mais ou menos desde 1880 ou anterior a isso?

Jurandir: Antes a isso né, sempre a gente tinha o Pedro Inholá lá

Magno: Entendi. É um dado muito importante porque imagina né uma folia com mais de cem anos hoje é uma coisa importante de se valorizar.

Magno: O seu sentimento em relação a folia qual é?

Jurandir: Um sentimento de fé, uma tradição que vem dos meus antepassados, sou muito feliz de participar, gosto muito da folia, é tradição, é uma questão família né. Foi fundado pela nossa família, mantido por muitos anos na nossa família, boa parte da nossa família participa dela, me sinto meio que um pouco responsável por dar andamento. Sentimento de responsabilidade e de fé.

Magno: Outro detalhe que eu gostaria de saber se você conseguiria descrever a folia? Fala não acontece desse jeito, ela começa em tal período e termina em tal período, você consegue descrever a folia do Brejo Grande dessa forma?

Jurandir: Pois é, a nossa folia se inicia no dia 30 de Dezembro e finaliza no dia 06 de Janeiro, gira sempre a noite, tem os pousos durante o dia, muitas das vezes tem o forrozão durante o dia para a negrada, de vez em quando não tem o pouso com forró, mas tem outros cantos e pelo menos uma janta.

Magno: Além da fartura de comida ainda tem o baile?

Jurandir: Ainda tem o baile, graças a Deus muito farturento e sempre foi essas folias, folias é isso aí.

Magno: E sempre foi muita participação das pessoas?

Jurandir: Uma oportunidade boa para reunir o pessoal né, principalmente da região né que mudou muito da região, mas nessa época grande maioria tá de volta lá

Magno: Tá de volta para participar?

Jurandir: Os conhecidos, amigos, família. É uma oportunidade boa pra reunir.

Magno: a folia do Brejo Grande ela tem palhaço ou a dos Bastiões?

Jurandir: Não

Magno: E você sabe dizer o por que não tem?

Jurandir: Segundo o que ouço a respeito disso diz que folia que gira a noite não tem necessidade de ter palhaço, as que giram durante o dia tem a necessidade de ter palhaço

Magno: Lá tem dois galhos?

Jurandir: É, direita e esquerda

Magno: Como é que organiza esse giro de dois galhos durante a noite?

Jurandir: Isso aí é assim a gente é reunido antes uns três ou quatro companheiros lá e descreve, uns vão visitando as casas, outros para pouso, visitar cada casa e distribui igualmente um tanto de casa pra cada um, dependendo da distancia se um tiver que andar mais dá menos casas para ele, é nesse formato aí

Magno: É muito bom. E é uma curiosidade que a gente tinha de saber como era feito essa organização e aí agora a gente compreende melhor.

Jurandir: A gente faz um mapa antes, as vezes ali na hora tem que dar alguns retoques, normalmente antes da folia sair dá uma mapeada antes de ir

Magno: Como é que é feita a escolha do festeiro?

Jurandir: O festeiro da nossa é escolhido, a gente fala correr a sorte, é por sorte mesmo. Cria uns papeizinhos aí e vamos correr cinco nomes de pessoas candidatas a

fazer a festa né e a gente escreve quadro, hoje é cem reais para participar lá, contribuição né. Se é cinco nomes de festeiros, quatro paga cem reais e um festeiro, põe duas crianças para tirar um tira de um lado e outro tira de outro, coloca em uma vasilha os papeizinhos, geralmente é sorte mesmo. As vezes tem gente que duvida fala que tem rolo no nosso sorteio lá não, mas graças a Deus é uma das funções que eu desempenho desde essa época de 96, é fazer sorteio, organizar os sorteios. As vezes o sorteio lá na hora não sou eu que faço, coloca outra pessoa pra fazer, mas quem organiza os papeizinhos e organiza quem sorteia sou eu.

Magno: Nossa! Jurandir muito obrigada pela entrevista, foi de grande importância para o nosso trabalho, como eu disse antecipado, antes de iniciarmos depois vocês terão oportunidade de ver a entrevista, você pode assistir e quando o trabalho tiver finalizado vai ter um produto que é um vídeo documentário e aí por isso depois eu vou conversar com você sobre o termo de consentimento esclarecido que vocês vão autorizar ou não a usar essas imagens, a usar as informações que vocês estão me dando, no meu trabalho também, no meu relatório teste.

Jurandir: Se eu pude contribuir com alguma coisa no seu trabalho eu fico muito feliz

Magno: Você contribuiu muito. É porque o nosso trabalho tem o objetivo de não deixar essas histórias, não deixar essa cultura que são nossas se perderem, pelo contrário é registrar elas, deixar bem registrado, gravado né, inclusive para outras gerações que vierem posteriormente nós entenderem como era feito, eles saberem como a gente tinha essa tradição aqui.

Jurandir: Um negócio que a gente até vem conversando, minhas esposa deu a ideia da gente fazer alguma coisa para registrar a nossa folia, não sei como a gente faz, mas dar um jeito de começar a registrar a história da folia, a história delas começar a registrar, fazer uma ata das reuniões, fazer um arquivo né, da nossa folia.

Magno: É importante

Jurandir: Já estamos conversando isso e acredito que vamos começar a fazer, do modo nunca é tarde para começar a fazer alguma coisa.

Magno: Nunca é tarde, e assim a gente tá em tempo que o seu pai nós relatou anteriormente, ele lembra de muita coisa antiga.

Jurandir: Já pega as histórias dos mais velhos.

Magno: E registra agora

Jurandir: Entrega para os mais novos que dão andamento pra frente.

Magno: Então valeu, muito obrigado

Transcrição entrevista – Leandro

Magno: Boa noite Leandro, tudo bem?

Leandro: Boa noite

Magno: Leandro primeiramente eu quero te agradecer né por você se dispor a conversar um pouco comigo né, contribuir um pouco também aqui na minha no meu trabalho na minha pesquisa né, eu tô realizando uma pesquisa na área da cultura, do folclore né a folia, folia de reis de Itaguari, a folia mineira que você participa é uma dessas, então te agradeço por contribuir, por se dispor a vir aqui, tomar um pouco do seu tempo né e falar um pouco da folia né, uma coisa que nós todos gostamos, uma coisa que é do nosso cotidiano, nós vivemos isso né, então eu gostaria que cê se apresentasse, qual que é o seu nome, sua idade se não for inconveniência nossa, que que você faz pra gente contextualizar você no meio social também, antes da gente falar de fulia

Leandro: Então meu nome é Leandro Cirqueira Araújo, tenho 24 anos, resido aqui na cidade de Itaguari

Magno: Que que você faz atualmente?

Leandro: Na área de trabalho, eu sou agricultor

Magno: Tá certo, então Leandro, o motivo da gente conversar aqui é sobre fulia né, apesar de que a gente já se conhece há muito tempo né, eu gostaria que você me falasse desde quando você participa da fulia, desde quando? Comé que começou, quem te levou, tudo, comé que foi esse início do seu contato com a fulia

Leandro: É até engraçado, porque minha mãe grávida, foi pra fulia, então eu fui pra fulia.. desde quando..

Magno: Desde quando tava gerando

Leandro: então o nosso vínculo com a fulia mineira é um vinculo muito grande porque toda a minha família morava na zona rural, mora alguns ainda e sempre a fulia minera passava por lá e a minha famia muito devota e a gente ficava né, gostava, arrumava, esperava o ano inteiro, pra esperar a fulia porque fazia aquele tanto de bolo, a gente era fraco de situação as vezes demorava a comer um bolo né, mas quando a fulia passava era muito bolo então a gente ficava ansioso pra esperar o dia da fulia e a gente ficava eu lembro direitinho minha mãe dava banho ni nois, ficava arrumadinho pra esperar a fulia, escutava longe cantando, já ficava agoniadin já esperando a fulia chegar, ia lá fora toda hora olhar vê se ele tava chegando, então e sempre minha mãe e meu pai levava nós pro pouso, na hora do terço, girava desde pequenin então eu tive esse aprendizado, essa influência, minha vó mas meu vô também muito devoto, por isso eu peguei o gosto da tradição mesmo

Magno: E hoje, você só assiste a fulia ou você participa diretamente dela, cê pode explicar hoje assim, que que cê participa que jeito que cê faz né

Leandro: Hoje eu participo de uma forma até que, a gente fala assim nossa mas eu cheguei lá, porque a gente novo e hoje em dia jovem quase num interessa mais nessa

área, então hoje eu tô na forma de embaixador da fulia mineira, principal cargo na folia de uma grande responsabilidade imensa, e é um dos cargo que tem de fulião que de uma certa forma pra gente pra gente observar é o cargo mais bem visto, bem visto na forma de responsabilidade de ter que aquela aquela fé, aquela doutrina de seguir os regimento pra não sair fora daquela tradição, então de uma certa forma o embaixador hoje ele é muito respeitado na fulia eu com a minha pouca idade, tem gente muito mais velho que eu que respeita não só porque ah mas, por isso não é por causa que o cargo de embaixador ele é ele é um cargo esplêndido no meu ver

Magno: Certo, eu fiquei curioso sabe assim, pra saber mais assim como é que cê aprendeu a ser embaixador existe um jeito de ensinar alguém que ensina como é que cê aprendeu a... porque de fato é muito interessante você colocou muito bem isso aí, você tão jovem e já embaixador, porque a gente as vezes é acostumado a ver pessoas mais idosas sendo embaixador, mas como que aprende a ser embaixador você poderia explicar isso aí pra nós?

Leandro: Eu acho que o embaixador ele já nasce, ele mora dentro da gente, então o primeiro de tudo é a fé primeiramente tudo é a fé, segundo é o querer quando a gente quer a gente consegue e eu comecei muito de novo e girava na fulia, aprendi uma coisa ali naquele tempo com os fuliões mais antigos, mais velhos, era muito rígido, então a gente ficava com medo, de querer fazer alguma coisa, mas e a gente foi vendo o declínio que a fulia foi tomando com o falecimento dos fuliões mais antigos e foi ficando escasso esse cargo de embaixador, foi ficando muito escasso e eu sempre gostei demais e um certo dia, meu tio Baltazar tava cantando lá, na requinta da fulia, ele falou vem cá, e pôs eu lá e precisa cê cantar não, cê só abre a boca, e começou assim e nesse dia e na hora que chegou no pouso já tava fazendo a sexta voz, afinado memo e muito bem feita e nesse dia foi o último dia de giro, hora que terminou eu chorei, que eu falei não amanhã não tem, foi o dia que eu aprendi alguma coisa então aquela emoção de ter aprendido alguma coisa e começou aí, e todo ano que passava todo ano eu vou conseguir, eu vou conseguir, e um certo dia eu falei, falei hoje eu vou cantar, vou cantar e hoje eu canto mesmo ai eu cantei lá e deu certo, e observando os outros embaixador, que sempre tinha o seu tião Raimundo, o tiãozin Camilo que sempre tava junto, até uma passagem que eu nunca esqueço do seu tião num pouso que o Gerardo Arão, finado Gerardo Arão fez, na saída do outro dia eu tava brincando, eu tinha uns 10 anos eu tava brincando no terreiro, ele foi lá no quintal me chamou na hora do terço falou procê ficar aqui, pro cê aprender que num vou tá aqui, o resto da vida não então passado pouco tempo ele faleceu e aí através daí eu já tive aquela aquela emoção maior ainda que uma pessoa tão respeitada como era o seu tião Raimundo fazer isso com uma criança? Será que ele tava prevendo no futuro será que foi os dogmas de Deus que veio pra ele naquele momento, o Espírito Santo iluminou e tanto é que hoje graças a deus eu olho e falo graças a Deus, graças a Deus a fulia se depender de mim não acaba, e eu tenho grande apreço pela pessoa que foi o seu tião Raimundo que eu tive um grande privilégio de conhecer tanto ele, quanto o tiãozin Camilo e eu acho que o que me motivou mais ainda foi isso pessoas boas do coração bão, humilde, inteligente, muito inteligente e hoje eu tá exercendo o cargo que eles exerciam

Magno: De fato, muito interessante também tive a oportunidade de conhecer os dois né, eram pessoas realmente muito boas né, faz uma falta danada a gente que conhece

sempre sente saudade né quando cê fala a gente vê assim esse brilho no olhar né, mas ainda quero que você explique agora uma outra coisa, o embaixador que jeito que é que funciona essa função de embaixador na folia, a folia canta, o embaixador faz o que, como é que funciona cê poderia descrever um pouco assim como se fosse o passo a passo da fulia, pra gente entender esse negócio de embaixador

Leandro: O embaixador, é ele que direciona toda a canturia, é ele que mostra o caminho pra toda a companhia tudo primeiramente é o embaixador ele escolhe a toada que ele vai cantar, ele já vê com o sanfoneiro, com o panderista, com a percussão e ali no momento que ele chega cada lugar é um fato, cada lugar que você chega pra cantar, cada família que cê canta, toda casa que cê entra nunca é igual e a gente fala, a gente pensa assim, sabe que é isso também é um dom de Deus, você chegar num lugar e cantar aquilo ali que tá acontecendo, então o embaixador ele chega numa casa ele vai observar as imagem que tem numa casa, ele vai observar uma vela acesa, ele vai observar que tem uma pessoa cumprindo uma promessa e naquilo ali ele vai direcionar, ele vai cantar, ele vai fazer versos, 98% dos versos são feito na hora, nada é inventado, se cê me perguntar ah cê tem verso inventado? Não, então graças a deus cê chega ali cê sabe descrever aquele momento, e dentro daquele momento você faz ele através da canturia

Magno: Nossa é interessante, essa esse conhecimento né e o embaixador ele usa alguma coisa, pra distinguir ele dos outros, ele ele fica em alguma posição de destaque, comé que é, ele tem alguma, algum momento em que ele, que a gente, se a gente chegar numa folia, a gente vai conseguir identificar o embaixador já só de olhar? Comé que é isso?

Leandro: Sim, quando a fulia tá cantando o embaixador fica na frente, primeiramente os dono da casa com a bandeira, e logo em seguida é o embaixador e no decorrer do dia às vezes assim quando conhece às vezes não uma pessoa desconhecida né que a gente num usa nada que distingue na nossa fulia mineira a gente não usa nada que distingue o embaixador de dos outros fulião então tudo é duma forma só mas na hora da canturia sim, que ele é o primeiro que tá na frente

Magno: Ah tá, então quando você falou sobre essa questão que você foi observando né, os outros embaixador fazer né, então assim a gente escuta e vai aprendendo mas na hora você disse né que que tem que ser improvisado, e assim existe alguma coisa que pode ser repetida algumas vezes numa canturia, assim alguma parte?

Leandro: Sim, a parte do nascimento a história, porque a história de Jesus ela é uma só não existe dois duas histórias de nascimento diferente, então ali quando a gente vai cantar um presépio, aquele direção que a gente toma aquele segmento é um só, então naquela hora você pode repetir uns versos que você já cantou, não tem problema porque o que representa o nascimento é duma forma só, então não tem como cê inventar uma coisa que não aconteceu

Magno: Entendo, e quanto à questão do giro né, lá dentro do giro, quem define o giro, como é que funciona isso

Leandro: É um coordenador da fulia, é ele que define o giro é ele que elabora o giro, da forma melhor, fazendo como mantendo a nossa tradição que de não cruzar a bandeira, fazendo o possível e muita das vezes até o impossível pra poder dar certo o giro pra não

cruzar e pegar todas as casas, passar em todas as casas, nós não pula uma casa, pode ser o lugar que for, pode ser a distância que for, nós não pula casa, nós vai em todas

Magno: Quando você falou sobre o terço, é qual a relação desse do terço com a fulia, existe o que nisso aí, existe uma relação tem que rezar o terço não tem? Reza por opção como é que é isso, o terço na fulia

Leandro: Nós segue um seguimento de tradição, toda casa que chega e tem um presépio montado, a gente reza o terço e o terço em si é uma forma de louvor a Maria, Maria a mãe de Jesus, então tem um presépio, tem um altar montado e muita das vezes a gente sabe né que o terço é o nascimento de Jesus pra quem observar os mistérios da alegria, que são... vai saber que o primeiro mistério é a anunciação do anjo, o segundo é a visita de Maria e Isabel, o terceiro o nascimento, o quarto é a apresentação do menino Jesus no templo, e o quinto é a perda e o encontro com os doutores da Lei, esse é os mistérios que a gente reza durante a fulia, que são os mistérios da alegria, a alegria do mundo em receber Jesus, a alegria de Maria em receber o anjo que ela vai ser a mãe do filho de Deus, a alegria de Isabel em receber Maria em sua casa, então a relação do terço com a folia é essa

Magno: Certo, e quando se fala a questão da estrela-guia, dos três reis magos, né como é que é relatado isso lá na fulia, né é tem uma relação com a Bíblia?

Leandro: Tem, toda a história, toda história do nascimento, toda história da folia tudo que a fulia representa tá na bíblia, os reis era astrólogo, os reis magos era astrólogo, e a gente vê muito falar ciência e religião não combina, mas os reis eram astrólogo e guardavam aquela fé que eles tinham com eles tanto é que nenhum conhecia o outro mas os três, eles eram astrólogo, eles estudavam os astros tanto é que só eles sabia qual que era a estrela que ia guiar e eles guardou aquela fé que é a profecia de Isaías, eles guardaram aquela fé com eles até o dia, até o momento exato, então quer dizer é o poder de Deus como que três pessoas distinta que nunca se conheceram ia sair, no mesmo dia ou no mesmo e encontrar num local, com aquele mesmo sentido, visitar o menino Jesus, então é o poder de Deus mesmo e nisso a gente sabe, como os reis eram astrólogos, eles viram a estrela que é a profecia de Isaías vai nascer o salvador do mundo e guiado por uma estrela irão os três reis visitar e nisso eles saíram e seguiram a estrela e tem uma passagem que a gente, eu vi muito seu tião cantar, que quando os reis chegam no castelo de hérodes a estrela apaga, então como a estrela apaga e já era um sinal que ali já não era um bom lugar já é era um bom sinal, e Hérodes pergunta de onde eles vem pra onde vai, os reis responde que eles vem do oriente e vão pra Belém adorar o salvador do mundo, o rei dos reis, aí Hérodes pergunta e como que nasce um rei no meu território, ainda mais da gente simples, ainda mais desse povo aí então não tinha capacidade naquela época um rei nascer dos pobres e então ele fala vai e segue a estrela e no caminho de volta cês passa aqui e me fala onde tá que eu também vou adorar ele, mas ele num queria adorar ele, queria matar, é aí que vem a parte dos palhaços... aí que vem a parte dos palhaço que no meu entendimento que eu ouvi as gerações passadas contar que a parte dos palhaços é que defende o menino Jesus é o que protege o menino, tanto o menino como os próprios rei porque a estrela só brilha à noite, a gente sabe que estrela só brilha a noite, e os reis durante a noite, Hérodes não confiou que os reis ia voltar lá então ele manda soldados seguir os reis até encontrar pra ter certeza que eles ia

encontrar o menino e nisso os reis veste uma fantasia pra despistar o soldado de Hérodes, então naquilo ali eles tava protegendo a eles mesmo e também o menino aí que vem a parte dos palhaços da fulia que depende, muita gente já ouvir falar que, já vi histórias falando que os palhaço tem a ver com a fulia mas não é aquela forma sagrada eu vejo os palhaço da fulia como sagrado também porque foi um fato muito importante na proteção de Jesus

Magno: Certo, na fulia minerá tem palhaço?

Leandro: Tem

Magno: E eles fazem alguma coisa né eles o que que eles tem que fazer hoje na fulia, qual que é o lugar deles hoje assim

Leandro: Hoje o palhaço, tenente, como a gente fala também tem um papel muito importante eu falo que quase que dum embaixador também, porque ele tem que tá atento a tudo que acontece hoje nós tem uma doutrina muito rígida na fulia minerá uma tradição muito forte e na nossa tradição ninguém pode passar na frente da bandeira nós tamo girando, que a gente gira, é somente os dois paiaço a bandeira, depois que é o pessoal, então não passa, ele tem que ficar atento, chego num casa tem um presépio os paiaço não entra, eles ficam de fora, aí tem a adoração que os paiaço faz, eles retiram a máscara e faz a adoração de joelho até o presépio, quando chega numa casa a gente vai cantar o paiaço pergunta ao dono da casa se tem algum voto se tem algum fato que tá acontecendo alguma se tiver alguma vela acesa se é um voto se é só devoção, se é pra cantar todo mundo reunido, se dois.. então essa é a função dele ele tem que ficar atento à tudo que tá acontecendo que é o que a gente fala de volta de novo lá na parte da história que os reis usou aquele vestimento para proteger o menino Jesus, então ali os tenente, os palhaço da folia tá também de uma forma como protegendo a companhia e ficando atenta tudo que tá acontecendo

Magno: Hum, de fato assim, muito interessante essa informação sobre os palhaços né da fulia mineira, mas e a fulia mineira ela gira de noite ou gira de dia?

Leandro: Ela gira nos dois períodos, a gente gira durante o dia e acaba sempre que entra pra noite, é na zona rural então é difícil acesso e o giro dela é durante o dia os pouso é a noite

Magno: Certo, agora eu gostaria que você me falasse um pouco sobre a composição da fulia né, porque você explicou o que que é o embaixador e ficou muito claro isso agora eu queria saber um pouco mais dos outros elementos que compõem a fulia, porque você falou dos palhaços também e aí eu imaginei que existem outros componentes que também fazem parte e se puder falar qual que é a função deles né como é que funciona lá dentro do momento, do ritual

Leandro: Então hoje a fulia é composta por alferes que é o que carrega a bandeira e recebe a oferta, o tenente são os palhaços a gente hoje tem dois, o embaxador, três respostas primeira, segunda e contrato, três requinta quatro, cinco e seis voz, panderista que já vem a parte da percussão que é pandeiro, caxa, sanfona, tem uns tamem aí bandulim e todos aqueles instrumentos que compõe a parte instrumental da fulia

Magno: Certo, e sobre a questão de votos? Poderia explicar pra gente como é que é um voto, qual que é o momento que surge e o momento em que se paga o voto dentro da fulia

Leandro: Geralmente na fulia mineira a maioria das pessoas gira carregando a bandeira durante o dia ou já aconteceu muitas vezes de pessoas gira o dia inteiro sem conversa e na maioria das vezes naquele dia que a pessoa acompanhou a fulia rezou o terço, fez tudo que a gente faz na fulia durante o dia a noite na entrega no poso ela entrega aquela promessa aí a gente canta e a pessoa fez uma promessa as vezes foi um momento que de aflição que ela teve mais pegou com santo reis e recebeu a benção recebeu a graça e entrega aquele voto da pessoa cantando as vez a pessoa dá uma oferta ou ela ajoeia a bandeira a gente pede pra levanta e a partir daquele momento que ela levanta começa a

Magno: Em que momento começa a preparação da festa? Você pode fala alguma coisa assim, como é que funciona a festa a gente já falou um pouco do giro ne que é um pouco de dia e um pouco de noite e a festa? Como que é a preparação pra festa, a chegada da festa lá?

Leandro: Então a gente, a festa da fulia ela é composto por todo dia ne desde o dia 25 ate o dia 06 então a festa da fulia não existe o dia especifico da festa, tem o dia 6 de janeiro que é a reculhida, mas a festa em si é todos os dias junta tudo e faz a festa, então no dia 6 que é o dia de reis que é um dia mais importante da fulia que a gente fala que é uma preparação pro dia mais importante é muito bunito de se vê, porque a gente chega e aquela emoção já tá muito grande de se o ultimo dia ne te que espera mais 1 ano pra pode chega de novo o dia e agente chega e uma coisa muito importante que quando a gente canta durante o giro a gente canta pras pessoas o doo da casa, no dia da reculhida a gente não canta senhor dono da casa a gente fala festeiro e festeira, tudo o que a gente for relacionar ao festeiro é festeiro e festeira e a gente canta faz a entrega do presépio, canta o nascimento, faz adoração ao menino Jesus, reza o terço e aí já é escolhido o próximo festeiro e aí a gente canta pra passa a coroa do antigo festeiro para o novo festeiro

Magno: Certo, então eu fico assim muito satisfeito deve ouvir tudo isso, mas uma pergunta ainda é se você pudesse falar o que que significa fulia pra você, é qual que é seu entendimento de fulia no geral, o que você falaria?

Leandro: Então hoje eu vejo a folia para mim uma coisa muito importante eu acho que hoje sem folia eu não seria a mesma pessoa não pra mim é minha vida minha fé que eu fui criado e pretendo morrer com ela, com essa religião católica, sou católico e eu vejo a fulia uma forma de levar paz de levar amor para as pessoas, companheirismo, porque de uma certa forma ela é uma representação daquilo que aconteceu a 2022 anos atrás e ate hoje conservase sagrado, ela é um teatro sagrado porque a gente tá fazendo aquilo que aconteceu mas a gente só não tá lá no palco representando e fazendo um simples teatro, a gente tá entregando verdadeiramente de corpo e alma na quilo que tá fazendo, então eu vejo a fulia uma coisa muito séria é não é qualquer pessoa, eu falo assim não é qualquer pessoa que é fulião eu vejo que muitas pessoas já passou pela fulia minera e não manteve aquela fé não manteve aquele sentimento aquela responsabilidade de tá todo ano, então eu vejo que o principal de tudo é a fé e eu vejo a folia hoje como um instrumento de paz, ela transmite muita paz nos lar que passa e leva muita graça, santos

reis pra quem tem fé é muito poderoso, então aquela pessoa que tem fé ela consegue alcançar a graça dela e isso é através da fulia

Magno: Bacana, Leandro eu te agradeço por você dispor a vim aqui em casa, tirar um pouquinho do seu tempo e vim fala disso né e ficou muito satisfeito e te agradeço demais por contribuir, porque quando a gente fala de fulia quem gosta a gente já percebe pela emoção que se manifesta tão facilmente né, as suas palavras vão contribuir muito pra minha pesquisa né e eu espero que eu possa devolver né futuramente isso em forma de as vezes de apoio, de mais conhecimento, de mais divulgação né, porque a gente tem que buscar que esses jovens valorizem essas tradições, são identidades do nosso povo né, então essas coisas que nos herdamos das gerações antepassadas e que são tão bonitas, que falam de religião, falam de fé juntamente que falam de valores humanos né, que falam de partilha, de companheirismo, de seriedade, de honestidade. Então eu fico muito grato pela sua participação e como eu te disse anteriormente quanto eu conversei com você, depois eu vou disponibilizar todo esse material pra você revisa e tendo o seu consentimento eu vou utiliza-lo na minha pesquisa, no futuro trabalho né que a gente vai entregar em março ou abril do ano que vem, que é um produto também um vídeo documentário, tá combinado? Muito obrigado, muito agradecido, valeu pela participação e por dispor desse tempo pra mim.

ENTREVISTA COM LUZIA RIBEIRO DOS SANTOS

Legenda

E: = Entrevistador (Magno)

L: = Luzia (Entrevistada)

E: Pronto, ‘vamo’. Vou iniciar, então, Luzia.

L: ‘Uhum’.

E: Boa noite, Luzia.

L: Boa noite.

E: Tudo bem? Como é que a senhora tá?

L: ‘Tô’ bem, graças a Deus.

E: A senhora poderia me falar o nome completo da senhora?

L: Luzia Ribeiro dos Santos.

E: Ah tá. Dona Luzia, eu gostaria de perguntar à senhora sobre a questão da Folia do Brejo Grande, né. Que nem eu já expliquei, eu tô fazendo um trabalho de Mestrado, né. Eu tenho pesquisado várias pessoas, e a folia do Brejo Grande é sempre uma folia que instiga a gente, né, porque é uma folia muito antiga, né, tem um jeito diferente das outras. E eu gostaria de saber se a senhora pode contar um pouco dessa história para mim. Desde quando a senhora participa dessa folia?

L: Ai, desde criança.

E: Desde que era criança.

L: Eu tô com 58 anos, e desde d’eu criança, nós participa sempre lá.

E: É parece que a família de Ribeiro, que notei que é a família da senhora, parece que ela sempre teve envolvida na festa, lá nessa festa da folia, né?

L: Sempre. Sempre foi envolvida. E sempre ‘tava’ todo mundo junto ali, né.

E: E a senhora participa na folia de que forma?

L: Uai, tempo de criança, a gente ia, participava da festa, essas coisas. Aí depois, eu mais adulta, eu ajudava a cantar, eu ajudava a cantar na terceira voz. Girava as noites todas. Que são oito noites, né?

E: Oito noites.

L: Então, aí era as ‘participação’ que a gente fazia. Eu ajudava a cantar com a terceira voz.

E: Certo. E, assim, a senhora lembra dos foliões, quem que eram os foliões mais antigos também?

L: Lembro de muito folião lá. Era o Zezinho Isabel, ia muito participar lá. O João Nequinho, que é o pai da Divina e do Geraldo Potraz. E vários outros que ia, Criolo, os Andrade também iam, participava lá nessa folia.

E: E da família dos Ribeiros, tinha alguém que era folião também, né?

L: Tinha. Compadre Divino Ribeiro. Tinha o Vicente, que era também um dos capitão da folia lá. O Joaquim também ajudava a cantar, como embaixador. E vários. O Geraldo, Maria Divina, as meninas do Compadre Divino, são todas que ajudavam a cantar.

E: Sei. Então lá, as mulheres participavam da cantoria?

L: Participava.

E: Sempre participou?

L: Sempre participava

E: Olha, interessante, porque a gente quase não vê mulher participando das outras duas folias. Assim, mais recentemente que a gente tem visto as mulheres. Mas lá no Brejo Grande, então, elas giravam de noite e participava.

L: Girava. E vinha várias ‘mulher’ para participar. Como a Rute, que, essa ainda tá viva ainda. Participava muito. Ela vinha de Goiânia para ajudar a cantar na Folia do Brejo Grande.

E: A família Ribeiro hoje ainda participa da folia?

L: Participa. Não são todos, porque um pouco hoje são evangélicos. Mas lá tem ainda, que participa junto.

E: E sempre eles estavam envolvidos lá, né? Ajudando, fazendo a festa, dando pouso.

L: Sempre, sempre tá envolvido. Sempre ‘tava’ ajudando. Inclusive que a mãe do compadre Divino, ela era uma das que rezava o terço. Quase todos os pousos ela ia para ajudar a rezar o terço, meio-dia.

E: É ao meio-dia. É um horário marcado?

L: Era. Ela chamava Benedita.

E: Então, além de fazer o trabalho da cozinha, porque é claro que as mulheres fazem o trabalho da cozinha, prepara lá, que deve ser um trabalho muito mais, é, difícil ainda, porque deve preparar tudo um pouco até de madrugada, né? Se o pouso chega de manhãzinha.

L: Inclusive que, igual, feijão, esses trem, ‘cê’ tem que por à tarde, né, pra cozinhar pro outro dia. Porque senão não cozinha, porque é muito. E aí a gente tem de preparar, igual as carnes, essas coisas, ‘cê’ tem que preparar até antes do dia. Doce que a gente faz, ‘cê’ prepara tudo antes.

E: Prepara num dia, pra no outro dia chegar a folia e estar ali.

L: Chegar. Igual, pra fazer as comidas de sal, é, tem que preparar um dia antes. Agora o doce, não. O doce ‘cê’ pode preparar até dia antes, bem um dia antes.

E: Sei. Entendo. É, como que a senhora começou a cantar na folia?

L: Você sabe, Magno, igual as meninas do Compadre Divino tudo cantava, e o Compadre Divino, ele incentivava, sabe? Ele incentivava todo mundo a entrar, para ajudar, ajudar eles a cantar. Quando a Maria Divina ‘tava’ cansada, às vezes aí eu entrava, aí às vezes ela ou eu cansava, entrava Rute, entrava a Maria do Reis, entrava até Iriciene do Nativo. Eu escutei, eu esqueci de ditar ela. ‘Era’ várias.

E: E alguém ensinou, vó, canta desse jeito? Como é que foi assim?

L: É, eles ‘falava’: tem de educar a voz, pra poder cantar.

E: Certo. É interessante, né? Essa participação feminina que a senhora tá me relatando aqui, a gente quase não vê nas outras folias. Porque era majoritariamente masculina, né? O povo tinha um preconceito, né, uma coisa que prevaleceu durante muito tempo. Mas mesmo o giro sendo de noite, não havia impedimento lá.

L: Não. Nunca ninguém impediu das mulheres irem participar.

E: Olha aqui que fato interessante. É mais uma questão diferente das outras folias a do Brejo Grande, né? E sempre girou durante a noite, né?

L: Sempre à noite.

E: Passava na casa das... A senhora morava na região do Brejo Grande também?

L: É. Bem na região mesmo.

E: Tá certo. E alguém já contou como é que foi que começou essa Folia lá? Quem que foi que fundou?

L: Ai, Papai falava, Magno. Mas no momento... Ele falava, “não... é do tempo do meu vô”.

E: Nossa!

L: (...) que começou essa folia. Mas, aí, não deixou uma coisa, assim, escrita, né?

E: Sei. E qual que era o nome do seu pai?

L: José Ribeiro dos Santos.

E: E no caso o avô dele, a senhora sabe o nome do avô dele?

L: Pedro Inhola.

E: Pedro Inhola. Que é mais ou menos dessa época que fundou essa folia. É, mas esse já deve ter muito tempo que faleceu, né?

L: Ih! Tem anos. Meu pai já morreu com 91. Ninguém, nós não ‘conheceu’ ele.

E: Então é uma folia que realmente é a mais antiga daqui da região, né?

L: É a mais antiga.

E: Uma das que preserva essa tradição de girar de noite mais antiga, né?

L: É.

E: Pois é, e em relação, assim, à devoção sobre os Santos Reis, né? A gente ouve falar até mesmo de muitos devotos que fazem um voto por causa que recebeu um milagre, pede uma graça, né? Sobre esse negócio, sempre isso foi muito...

L: Sempre teve.

E: Sempre aconteceu, né?

L: Sempre aconteceu. Só o que, igual, quem fazia promessa, igual para tirar folia, aí lá já tinha outra tradição. Porque lá é na sorte.

E: Lá é na sorte.

L: Lá é na sorte. Aí às vezes a pessoa já fazia o voto de dar um pouso. Às vezes de ajudar num pouso. Às vezes outro dia girar.

E: Entendo.

L: Sabe?

E: Mas, para ser festeiro tinha que correr a sorte.

L: A sorte. Era, lá é na sorte.

E: Entendi. Faz um sorteio e aí quem foi sorteado faz a festa do próximo ano. É interessante. Tem muitas folias que também ainda usam esse sistema. Outros, às vezes, a indicação escolhe, né?

L: É.

E: Tá certo. Qual que é a região que ela gira? Ela gira só lá na região do Brejo Grande?

L: Não. De uns tempos pra cá... Naquele tempo, ela girava mais na região lá. Aí depois foi pra Itaguaru, veio aqui para Itaguari. E aí ela girava só lá na região, né? Que aí ela partiu para cidade também.

E: Tá certo. Entendo. Poisé, Luzia. A senhora já realizou outra função na folia, além de cantar?

L: Já. Eu já ajudei muito nas festas.

E: E o seu pai também era folião?

L: Não, papai não era folião. Mas ele gostava muito de ajudar. Fazer pouso. Ele já deu muito pouso.

E: Sei. Entendo. E também, às vezes ele girava? Levava vocês...

L: Girava. Ele gostava de girar.

E: Então era um devoto também, né?

L: Ele era.

E: Devoto. Tá certo. Qual que é o sentimento da senhora em relação à folia do Brejo Grande, né? Que que a senhora sente com respeito à folia.

L: Ai, eu sou muito devota. Muito, muito.

E: Dos Santos Reis.

L: Uhum.

E: Tá certo. Luzia, eu agradeço muito a senhora de conversar um pouquinho comigo, me passar essas informações, né? Porque isso contribui demais com o trabalho da gente. Como eu falei, tem um termo de consentimento, que é como se fosse um direito autoral de imagem e também de voz, que eu vou pedir para a senhora assinar depois que a senhora também assistir isso aqui. Ah não, autorizo, ou não autorizar, né. Também é livre, né. Ah não, não quero que utilize. É, não tem problema. A pessoa pode falar: “não, essa parte eu não quero que fale. Não, essa parte pode”. Então, ‘tá’ tudo aqui nesse termo de consentimento livre e esclarecido, que depois eu vou apresentar para vocês, tá certo?

L: Uhum.

E: Então, mais uma vez, muito obrigado, né.

L: Por nada.

E: A gente vai preparar esse trabalho, e vai levar isso, né, para Universidade. A gente vai publicar ele lá, e também vai fazer esse vídeo-documentário, onde a gente vai utilizar essas filmagens aqui.

L: A gente fica muito contente.

E: Eu que agradeço. Obrigado a vocês.

L: Por nada.

Transcrição entrevista – Nativo

Magno: Bom dia, tudo bem?

Magno: O senhor poderia nos dizer o seu nome?

Nativo: Bom dia, Nativo

Magno: E o nome completo do senhor?

Nativo: Nativo Ribeiro dos Santos

Magno: E quantos anos o senhor tem?

Nativo: Uns 80

Magno: Então senhor Nativo eu gostaria de perguntar pro senhor sobre a festa da folia do Brejo Grande que é lá da região de vocês. O que que é folia? Como é a folia?

Nativo: Folia é união, é companheirismo, o povo junta vamos supor, fala lá é pouso né, vamos fazer um pouso mas não é pouso. Lá eles descansam durante o dia e anda durante a noite.

Magno: A é, a folia anda durante a noite? Gira à noite?

Nativo: Sim e para durante o dia

Nativo: O pouso, é união, eu peço para você, por exemplo eu sou o dono da folia, vou falar fulano faz um pouso pra mim lá, as vezes tá apertado, mas arruma uns companheiros. Um doa uma leitoa, uma doa um frango, um quarto de vaca e aí nos fazemos um descanso, que fala um pouso né. E daí por diante, e no dia da festa o povo se junta, cada um da uma coisa, faz uma festona. Todo mundo comia e bebia, sem confusão.

Magno: Ótimo, muito bom. Desde qual idade o senhor participa dessa folia de vocês?

Nativo: Eu estou com 80 e comecei nela com 12 anos.

Magno: 68 anos participando da folia. E o senhor faz o que lá na folia? O senhor canta ou toca algum instrumento?

Nativo: Não, ajudo a responder as vezes as músicas, o que eu faço mais, agora já parei é administrar o povo. Tomei conta 46 anos, metade da folia, que fazem dois galhos lá, um sai pra lá e outro pra cá e eu sempre tomava conta do esquerdo. Tomei conta dele 46 anos sem confusão, não tenho um inimigo e nem um caboco que não fala comigo por cauda disso.

Magno: E essa organização que o senhor fala que jeito que é? Como que acontece essa organização?

Nativo: É separar o povo na hora de sair o pouso, vamos sair daqui aí tem que repartir, porque é dois galhos, se tem 10 foliões é 5 pra mim e 5 pra você, cada toma conta de

um terno, e aquele terninho você tem que zelar dele. Quer fazer alguma coisa tem que correr atrás, tem que andar muito a cavalo e se machucar tem que correr atrás, é daí por diante.

Magno: Ah entendi

Nativo: E não deixar, porque se começar a conversar meio mundo você chega pra lá, chama dois companheiros e acaba com aquilo. E não adianta você entrar sozinho não, o trem começou a zangar, você pode caçar outro companheiro.

Magno: Entendi, e como é que o senhor começou a participar? Quem incentivou o senhor a participar da folia?

Nativo: O meu avô, bisavô e avô.

Nativo: O Pedro Inhola começou a folia lá pegou e passou pro meu avô que era Manuel Ribeiro dos Santos. O pai do meu pai, e aí foi passando pro meu pai e para os meus filhos.

Magno: E qual era o nome do seu pai?

Nativo: Joaquim Ribeiro dos Santos

Magno: E ele também era folião?

Nativo: É, ele gostava demais de uma folia

Magno: Cantava?

Nativo: Ele não era cantor, mas tomava conta, ajudava. Precisava de qualquer coisinha era só falar com ele.

Magno: A folia do Brejo Grande começou então com o senhor Pedro Inhola?

Nativo: Pedro Inhola.

Magno: Eu até tenho uma fotografia do Pedro Inhola.

Nativo: Pedro Inhola e João Rosa

Magno: Eles foram os fundadores da folia?

Nativo: Sim, João Rosa era um dos foliões, o principal.

Magno: E você sabe em qual ano começou essa folia?

Nativo: Mais ou menos em 1881

Magno: É porque a gente sabe que ela é uma das mais antigas, então só dele ter começado a 68 anos atrás e ela já existir.

Magno: E o senhor poderia contar um detalhe, assim a gente fica imaginando sempre a folia foi ligada a família de vocês, nas pesquisas que já fizemos toda a vida foi a família Ribeiro.

Nativo: Toda vida foi, lá começou e lá está até hoje

Magno: E a família de vocês, Ribeiro, vieram de onde? O senhor sabe me dizer?

Nativo: Do Brejo Grande mesmo

Magno: Sempre teve lá?

Nativo: Sim, toda vida foi lá, nenhum veio de fora

Magno: Entendi. Para encerrar eu gostaria que o senhor falasse qual o sentimento que o senhor tem em respeito a folia, o que o senhor sente sobre a folia do Brejo Grande.

Nativo: É muito ruim que a gente não aguenta mais acompanhar, fazer como fazia antes, a noite inteira, eram sete noites e eu girava seis, só faltava uma. Hoje não dou conta mais, nunca.

Magno: Mas aproveitou bastante, já teve muitos momentos de alegria.

Nativo: É, os meus amigos estão do mesmo jeito, os filhos dos amigos vão crescendo comigo. Tratam eu bem e eu trato eles bem também, não gosto de tratar ninguém mal.

Nativo: Os filhos dos meus amigos que estão hoje na folia.

Magno: São todos parentes também?

Nativo: Tudo, tem uns pequeninhos que não é nada meu, mas pega na mão e dá benção.

Magno: É um respeito muito grande.

Nativo: “Meu pai mandou eu vir aqui, é o senhor seu Nativo?”, “sou eu mesmo”, “eu sou filho de fulano de tal”.

Magno: O senhor já fez essa festa? Já foi festeiro dessa folia?

Nativo: Fiz 3 anos e 14 pousos.

Nativo: Era para ter feito 15, mas não fui eu quem fiz só dei a casa. Meu genro que fez.

Nativo: Na minha casinha lá tem 54 anos que fiz ela, fiz 14 pousos lá já, fiz 14 e meu genro 1.

Magno: Certo, e a devoção é muito grande?

Nativo: Nunca me deu nenhum prejuízo. Toda vez eu ganhava para sobrar e eu não tinha vergonha de pedir não e nem buscar. Buscava lá pra baixo de Itaberaí, que tem uns conhecidos meus pra lá, eu pedia e eles me davam era vaca e eu ia lá buscar.

Magno: É muita solidariedade

Nativo: É, e sobrava toda vez, eu fazia a festa e depois passa um final de semana e no outro fazia festa de novo, porque o pessoal dava muita coisa e eu nunca iria ficar com aquilo. Chamava de novo lá pra casa.

Nativo: Vamos lá pra casa assar uma carne e comer, beber os restinhos de pinga que está lá e aquela cervejinha. E o povo juntava por aí, graças a Deus eu tenho um prazer

muito grande pelo povo da minha região lá, eles me tratam muito bem. Hoje eu nem posso sair para ir lá, mas eles sempre vão lá em casa conversar comigo, e contar casos, bom demais né.

Magno: Bom demais da conta. Senhor Nativo eu agradeço demais o senhor ter concedido essa entrevista, foi muito boa e vai contribuir muito com meu trabalho. E depois a gente vai mostrar pra você o fruto desse trabalho, que é um relatório técnico e também um vídeo documentário que a gente vai colocar no YouTube e na plataforma de pós graduação que eu estou fazendo, então depois eu vou indicar para vocês, para os filhos do senhor, para os netos onde está lá para eles também verem depois de pronto e mostrar para o senhor, porque antes também é possível agente ver aqui a entrevista que o senhor acabou de me conceder, tá bom?

Nativo: Tá bom

Magno: Então muito obrigado ao senhor.

Nativo: Muito obrigada você também.

Transcrição entrevista - Ronam

Áudio 1 – 00:01:27

Magno: Boa tarde, tudo bem?

Ronam: Boa tarde, Magno, tudo bem e você meu querido?

Magno: Gostaria que você me dissesse qual é o seu nome e idade se puder, sua profissão

Ronam: É meu nome é Ronam de Freitas Machado né, tenho 57 anos e eu sou um simples e humilde advogado... sou bacharel em direito

Magno: E atualmente mora aonde?

Ronam: Eu moro em Jataí – Goiás, moro lá há 40 anos praticamente

Magno: Certo, deixa eu perguntar, desde quando você participa dessa folia goiana aqui?

Ronam: Magno, pra dizer a verdade a gente nasceu na folia... então hoje a folia de santos reis pra nós é algo assim, tá na alma sabe, a gente nasceu dentro dela praticamente tanto que lá em casa, minha família mexe com música e.... meu pai de tanto devoto também que ele era de santos reis, no início meu irmão ficou adoentado e ele levou a santos reis pra curá-lo né pela fé.. e da grandeza que ele sabe de santos reis... naquele momento ele falou assim eu vou dar o sebastião pra santos reis...

Áudio 2 – 00:09:37

Magno: De qual forma você participa dessa folia atualmente?

Ronam: Magno assim, acho que eu sou o menos que vai, eu brinco sempre com os meus amigos.. eu vou lá na folia só pra comer e beber né mas assim indiretamente.. eu acho o seguinte que aqui na folia de santos reis é o seguinte, não é só com bens materiais... cê pode ajudar aqui ó com trabalho, se você descascar batatinha cê tá auxiliando na folia de santos reis, se você doa, outra vez estávamos girando na roça e chegamos na casa duma senhora bem humilde... a pia numa fornalha de pedras, um caldeirão com água e dois pedacinhos de carne.... E uma senhora com uma criança nos braços pregou a bandeira de santos reis, tá vendo meu pai toda nossa família... e ela pegou rapaz trouxe um ovo e deu pra santos reis, toda vez que eu falo dessa coisa eu me emociono, eu me emociono mesmo, eu falei meu deus que grandeza dessa pessoa ela só tinha um ovo foi lá deu esse ovo pra santos reis, e aquilo... foi muito grandioso, e isso se torna com que você se torne cada vez mais... poxa é muito bonito sabe... é algo assim muito, é grande... num é uma cultura, e sim uma fé, uma religião, santos reis é especial

pra mim, ele é muito grande, ele é além... que me perdoe todos os anjos de deus, os espíritos de luz, mas santos reis pra mim... pra mim santos reis é o topo da minha crença, da minha fé, num é desfazendo... Deus e Jesus Cristo é o topo né, mas abaixo de deus e Jesus Cristo, santos reis pra mim é inigualável, sabe? Sei lá.. eu amo amo de paixão, confio... ele tem feito tantas bênçãos na minha vida, num tem como eu mensurar com você

Magno: Certo, mas tem alguma bênção em especial que motiva mais essa fé que faz alimentar mais isso ainda?

Ronam: Rapaz, só pra quem conhece... da onde a gente veio, Itaguari de onde a gente veio, festa de santos reis, meu pai ajudou a roçar, roçar aqui pra fazer a cidade né, eu nem havia nascido ainda... e nós foi assim, e a gente... da humildade eu sempre comento com as pessoas, que aqui em Itaguari, assim a minha família éramos 12 irmãos né, família humilde, grande, só meu pai que trabalhava mais os meus irmãos né, os mais velhos pra cuidar da gente e nós não tínhamos sabe o que que é assim, materialmente dizendo não tínhamos nada, a não ser a presença de Deus tudo na vida de qualquer ser humano né, de Deus, Jesus Cristo, e de Santos Reis, e o que Santos Reis fez pra mim, pra minha família, essa questão assim eu falo que nós somos, a minha família em si... eu falo com todo mundo... com toda certeza que a minha família é o exemplo... de Deus, Jesus Cristo e de Santos Reis porquê da onde é saímos do que éramos, gente como eu ia pensar que eu poderia me tornar um advogado, num tínhamos a mínima condição, que a gente num tinha roupa, num tinha nada, nem roupa tínhamos, as vezes alguém dava uma camisa, a gente usava só aquelas camisa sabe, negócio de cueca, não... nem conhecia, então era só aquela camisola mesmo entendeu, aquele tanto de menino, escadinha né e assim.. e depois com aquela crença e meu pai já falava, meus irmão também.... olha Deus vai nos abençoar, Santos Reis... e hoje a gente é uma pessoa abastada, financeiramente.. assim mais do que éramos entendeu, pra quem não tinha nada entendeu, comer arroz, sem sal, sem manteiga... passar frio, passar fome nós já passamos tudo isso, e hoje graças a Deus rapaz, Deus tornou assim pelas bênçãos de santos reis, toda minha família graças a Deus eu num vou falar mundialmente, mas pelas redes sociais hoje né você alcança tudo que tem direito... conhecidos praticamente no mundo inteiro assim, reconhecidos também sabe se tornando pessoas pela simplicidade, humildade, pessoas importantes no meio artístico né, eu graças a Deus também com toda luta, vindo de colégio público às vezes num podia entrar na escola porque num tinha um sapato e hoje fala bullying ne tal e naquela época não, você não vai poder entrar porque

você tá descalço ou você num tem roupa né, num permite você chegar aqui você está escandaloso, porque muitas vezes o shortzinho que tinha tava todo rasgado não deixava entrar e me formei rapaz, Deus me honrou me tornei um bacharel em Direito... e assim com isso, fomos... gradativamente toda a família graças a deus se tornou hoje... vive bem entendeu, tem... num tinha nada, hoje somos trilionários entendeu assim financeiramente falando... agora trilionários sempre fomos mesmo, pela crença, pela fé e pelas bênçãos de Deus essa aí nunca faltou na nossa vida, papai com toda aquela humildade, simplicidade né, a gente ele sempre falou meu filho ó fica tranquilo que tudo na hora de Deus e tenha fé em Deus, tenha fé em Jesus Cristo, tenha fé em Santos Reis né, e isso nós crescemos.. ih graças a Deus nós somos hoje realizados não preciso de mais nada, não preciso de mais nada não, tô tranquilo, graças a Deus em todos os sentidos da vida... realizado graças a Deus

Magno: Amém, é eu vejo que a fé é o que motiva vocês a participar todos os anos né que já tem muito tempo que cês vêm né aqui e no mais eu quero é te agradecer por dedicar esse momento né pra nós aqui contribuir com a pesquisa e também eu acho que a gente contribui também muito com essa tradição com essa fulia, essa religiosidade popular que nós herdamos de longa data né e que...

Ronam: E dos nossos ancestrais né, dos nossos antepassados

Magno: Isso e nós num vamo deixar acabar, então muito obrigado

Ronam: Não me sinto qualificado muitas vezes pra responder pra você à altura e à altura que é Deus, Jesus cristo nas nossas vidas, em especial também nossos queridos e amados Santos Reis né São Gaspar, São Melchior, São Baltazar... uns falam de santos, pela fé e a crença e o amor que tenho deles né então eu que agradeço muito, e espero ter colaborado com você um pouquinho... contando um pouquinho da nossa história né da minha família... e é por isso que a gente vem todos os anos, num é pra aparecer, mas sim pra agradecer, colaborar da melhor forma possível que a gente pode e espero que Deus nos conceda essa benção por muitos e muitos anos sabe, que Deus abençoe você no seu trabalho com a sua pesquisa com a sua... é o seu doutorado que você tá fazendo agora?

Magno: Mestrado

Ronam: Mestrado, com a sua tese que você tá defendendo, que Deus te abençoe muito, e já deu certo pode ter certeza, inclusive eu ia te falar, tenha fé em Santos Reis que você terá tudo na sua vida, pra você e pra todos.. pra ele ouvir, vão vir né, pode ter certeza, pode ter fé e acreditar que Deus existe, Jesus Cristo, existe e Santos Reis também

Magno: Isso, Ronam como eu te disse, eu fico muito agradecido e já te adiantei sobre o termo de consentimento livre e esclarecido, sobre a sua autorização de eu usar a sua imagem...

Ronam: Tá autorizado, que que isso, um prazer, uma alegria pra mim, uma honra, eu me sinto presenteado de você me convidar pra falar sobre os anjos de guarda, dos guardiões

Magno: Brigado, Ronam, valeu

Ronam: Eu que agradeço, Deus te abençoe

Magno: Amém

Transcrição Entrevista – Sidcley

Áudio 1 – 00:07:08

Entrevistador: Boa tarde Sidcley, tudo bem?

Sidcley: boa tarde, tudo bem

Entrevistador: Qual que é o seu nome completo, por favor, e se puder falar a idade também, profissão...

Sidcley: É o meu nome é Sidcley Pereira da Silva, é tenho 49 anos, é trabalho na educação do estado de Goiás, sou funcionário publico

Entrevistador: Certinho, então Sidcley eu gostaria que cê falasse de qual Folia você participa aqui em Itaguari

Sidcley: Bom eu fui nascido né em uma região aonde tem uma Folia né muito antiga, uma folia que tem mais de 100 anos e minha família todos é adepto né, é devoto e também como um costume cultural eu participo da Folia do Brejo Grande é a folia que eu mais participo

Entrevistador: Então participa dela desde que era criança né?

Sidcley: Isso, praticamente a gente era novo vamo dizer neném o pessoal já cantava pra gente quando chegava nas casas e a gente foi né crescendo participando... Ai a gente cresceu ali ouvindo né o pessoal ali cantando, todos os anos girando passando nas casas e assim a gente aprendeu a gostar da folia da região do Brejo Grande

Entrevistador: Certo, é que é o seguinte hoje Sidcley você poderia falar é como que é essa Folia? fugindo um pouco do nosso roteiro, é que jeito que essa Folia, quais são as características da folia do Brejo Grande assim, qual que é a diferença dela em relação às dos outros das outras duas daqui de Itaguari?

Sidcley: Bom a folia do Brejo Grande ela tem um diferencial né, mais de um diferencial, o primeiro é que ela gira a noite né e o pouso dela é durante o dia e também ela não tem os palhaços não giram nela devido ela girar a noite e a complicação que dava né, são relatos que eu ouvi né

Entrevistador: Certo e você realiza alguma coisa na Folia? tipo assim num é só aquela pessoa que vai lá e que canta ou que toca alguma coisa mas tem outras funções também na folia, você já realizou alguma dessas funções e qual foi?

Sidcley: Bom essa Folia eu ajudo muito na questão de eventos né e o que que acontece a gente já através dum grupo a gente fundou uma associação pra dar estrutura se

precisar né, se precisar do local pra fazer um eventos e precisar duma equipe de gente pra tá trabalhando a gente fundou essa associação e através delas dela a gente já fez vários eventos né, já fez pouso de folias é um encontro de né de fuliões e é isso e também na questão de girar a gente já amanheceu muitas noites né girando na Folia ajudando às vezes até ajudando ali na resposta, carregando os fuliões carregando também os instrumentos

Entrevistador: Certo muito bom e assim o que que é a folia pra você, que que representa a fulia?

Sidcley: Bom essa Fulia representa pra mim, é né pra mim, pra minha família como uma uma questão cultural principalmente né, o pessoal são devotos muito devoto então eu considero isso aí a fulia é um né ela funciona como...é a fulia funciona como assim a gente sempre é encontra as pessoas no fim de ano né, as pessoas compartilha isso é muito importante, compartilha ali o que tem o que pode doar em alimentos, em doação de instrumento, cantar, então pra mim a fulia representa tudo isso, devoção e cultura

Entrevistador: Ótimo, beleza, é você já relatou que você participou dela já desde criança já contou um pouco das suas funções né e saberia assim mais ou menos é o o que que é, o porquê que ela tem esse nome de Brejo Grande a fulia?

Sidcley: Bom ela tem esse nome da folia do Brejo Grande, é porque é a região né que tem o nome de Brejo Grande né é a Fazenda Brejo Grande da Conceição e com isso ela ganhou esse nome né a Folia do Brejo Grande inclusive essa Folia ela é outro diferencial que a gente esqueceu de citar que ela é cantada é no ritmo Goiano, né é uma folia goiana né ela tem o nome de Brejo Grande mas ela é uma folia goiana, cantada é somente desse jeito

Entrevistador: Ótimo, muito bom é interessante saber que ela tem esse diferencial né e parece que é uma das únicas aqui nessa região que canta esse esse ritmo Goiano né porque as outras duas, nas outras pesquisas que eu tenho feito elas cantam mais no ritmo mineiro, no sistema mineiro de cantar né e as outras tem essas diferenças né tem palhaço é gira de dia o pouso é a noite né então é realmente é isso aí né que a gente gostaria de saber e eu te adiantei né a respeito do termo de consentimento e livre esclarecido eu vou te passar essa cópia desse áudio né pra você escutar e me autorizar ou não a utilizar ele na minha pesquisa né, se é em partes se é no todo então eu te agradeço por você me conceder esse tempo da gente conversar né, contribuir com a pesquisa e contribui também um pouquinho pra que as outras pessoas venha conhecer

essa Folia nossa também né que é uma das três folias e é um dos destaque do dos eventos do nosso município, muito obrigado Sidcley

Sidcley: Eu que agradeço muito pelo por você tá, né veio aqui fazer me pedir né pra tá colaborando e a gente humildemente né ajudou um pouco

Entrevistador: Ok, muito obrigado Sidcley

Áudio 2 – 00:02:04

Sidcley: E o porquê que que a folia é acontece, entendeu porque ela é forte assim todo ano acontece e tal aí é a gente quer fazer o quê é falar sobre que é a questão da ajuda de todos, quando a pessoa todo mundo ajuda doa ele sente dono da folia pra mim esse é o grande segredo dela nunca acabar entendeu? É porque essa entrevista tem outra pessoa que fez uma entrevista comigo o pessoal lá de Nerópolis, aí eu tava lá no Ranchão a gente cozinhando lá e tal aí ele chegou, falou quero fazer uma pergunta aqui você vai me responder certim, porque essa folia tem essa força, essa energia que eu tô vendo aqui, eu num vejo isso em eventos nenhum assim, aí eu na hora minha cabeça foi lá e buscou, isso aqui sabe porquê? Olha pra você ver o pessoal na tacha ai cê tá vendo aquele monte de carne ali, ó lá aquelas linguiça lá, foi tudo doado, então quando eles doam eles sente dono da festa então a festa acontece, agora o que que acontece se surge dinheiro público, é um dinheiro conseguido aí né de governos as pessoas não sente dono aí eles não dedicam eles vão vir só chegar e máximo comer, reclamar e ir embora né, ele não vai querer ajudar e se for ajudar ele vai cobrar entendeu? aí o cara pegou na minha mão rapaz mas cê, você me convenceu e cê conheceu ele, ele era um cantor ele veio uma vez

Entrevistador: Luciano Sales

Sidcley: É, ai, foi interessante esse..

Entrevistador: Bom, muito bom Sidcley, é um ponto muito interessante e que contribui pra análise lá, porque a gente vai analisar também essa questão do fomento das folias, como que tem sido feito o fomento das folias né, se é interessante haver ou não haver ou como fazer isso né, então essa informação foi muito boa, muito obrigado mais uma vez

Transcrição entrevista – Zé (Boteco)

Magno: Boa tarde! Tudo bem com o senhor?

Zé (Boteco): Tudo bem.

Magno: Você poderia me falar qual que é o seu nome?

Zé: José de Sousa Barreira.

Magno: Ok. A idade do senhor?

Zé: Sou de 25 de julho de 50, tenho 73 anos.

Magno: E o que que o senhor faz atualmente?

Zé: Hoje eu tô fazendo pouca coisa, que aposentei, né?

Magno: Ah, tá certo. Então eu gostaria de perguntar para o senhor, desde quando o senhor participa de Folia de Reis?

Zé: já tem uns 45 anos, comecei como palhaço.

Magno: certo

Zé: eu já acabei de revelar você fui palhaço da Folia do Antônio Camilo. E com Antônio Camilo tive a satisfação de aprender um pouquinho porque não vai existir outro embaixador igual a Antônio Camilo, não vai ter o substituto igual ele.

Magno: Certo

Zé Buteco: Antônio Camilo foi dos melhor e vai ser para o resto da vida o embaixador que só cantava dentro da Bíblia. Porque tem muitos que canta, floreia, às vezes faz algum verso bonito mas não é dentro da nossa região, e Antônio Camilo não, Antônio Camilo é um caboclo que era correto. Falava só na religião, nas coisas divina, isso eu aprendi com ele.

Magno: Então hoje o Senhor atua como Palhaço ou já tem outra função

Zé: Não, hoje eu sou embaixador da folia em Goiana.

Magno: Ah tá. Deixa eu fazer uma pergunta. Porque a gente fica curioso. Primeiro o senhor poderia explicar o que que faz o palhaço? O que que é o palhaço na folia? Explicar para nós o que que é, qual que é o sentido de ter palhaço na Folia?

Zé: Palhaço da escritura sagrada, ele não é não é relatado na escritura sagrada, a folia também não fala Folia na escritura sagrada na Bíblia, não fala, mas fala na viagem dos magos do oriente e quando se trata de um rei ou de um de uma pessoa importante, que da época o rei era o mais importante do que o povo de agora, um político, tudo tem sua

segurança e o palhaço é a segurança do rei, é a pessoa que é o guardião, quando os magos do oriente, que fala na Bíblia não fala Santo Rei, fala os magos do oriente, então não vou falar Santo Reis, veio de Jerusalém para Belém. A segurança de cada rei veio junto e os palhaço é isso. Só porque no passado os palhaços era mais rígido, igual eu conheci Antônio Camilo, na nossa época o palhaço só tinha aquela liberdade de andar na frente da Bandeira até na porta da, do morador. Hoje já vê que mudou um pouco. Que o palhaço só tinha que chegar na porta do morador pedir licença para Bandeira, a bandeira entrar para dentro e o palhaço ficar na porta, hoje não, às vezes o palhaço vai pra cozinha, vai para outro lado, mudou um pouco, mudou pra mais ruim mas mudou. (Risos)

Magno: E então, assim, o palhaço parece que ele faz alguns versos, não faz? Eue ocasião que ele faz esses versos? Eu já notei que ele tem uma participação durante a folia. O senhor pode me explicar qual que é essa participação além de ir lá e conversar com morador e fazer esse intermédio? Essa história do verso como é que é?

Zé: O palhaço tem um significado muito grande, quando você chega numa casa que tem um presépio, tem um altar muito bem preparado, que quando a pessoa gosta da cantoria, ele faz muita coisa. O embaixador ou aumentar a cantoria, Cê entendeu?

Magno: Entendo.

Zé: Aí o palhaço tem essa participação, quando o embaixador confia no palhaço para fazer os versos dentro do Evangelho, dentro da Bíblia, que fala o significado que tá no santuário, lá do, que o morador arrumou num presépio, diminui a cantoria do embaixador.

Magno: Ah tá, entendo.

Zé: Entendeu?

Magno: Entendi. Então teoricamente o palhaço também tem que conhecer muito das escrituras sagradas.

Zé: O palhaço, ele tem que conhecer quais ou igual ao embaixador.

Magno: Muito importante então essa função do palhaço, né? Quem ensinou o senhor a ser palhaço na Folia?

Zé: Eu tive uma felicidade muito grande de conhecer um senhor que mora aqui, para cima do sapezinho aqui, um tal de Bastião Mariano e eu toda a vida fui um caboclo assim, católico, gostava das coisas, assim, de acompanhar as coisas que era, falava da Bíblia, e ele falava muito bem, Bastião Mariano, e aí juntando com o Bastião Moriano, tinha o Zezé Vicente, aí quando eles chegava naquela casa, que eu via que eles ia falar,

eu ficava ali (palavra não compreendida), e eu era menino. E com isso eu aprendi.

Magno: Ah tá. Agora o senhor falou que é embaixador atualmente, poderia falar o que que o embaixador faz? Como é que é essa função do embaixador na folia?

Zé: E embaixador é uma pessoa, o seguinte, na hora que ele entra na na morada, ele tem que pedir a oferta, mas se ele encontrar um presépio, igual eu falei, algumas imagens, ele tem que saber falar o significado da imagem que tá ali, no nascimento do presépio ele tem que falar o nascimento, os 25 versos do nascimento, ele tem que conhecer como é que começou o nascimento, da onde veio a origem, o povo de Deus daquela época, conhecer da onde vem Maria, quem é o pai de Maria, quem é a mãe de Maria, quem é o pai de José, hoje se a pessoa me perguntar “Quem é você?”, eu sei explicar corretamente, é filho de fulano de tal e tudo. Assim o embaixador também tem que falar isso, porque senão eu tô mentindo para a sociedade uma coisa que é Sagrada e Santa, que é o evangelho de Jesus. A gente tem que estar preparado para falar aquele.

Magno: Certo. Quem ensinou o senhor a ser embaixador?

Zé: Por interesse próprio e por eu ver as pessoas que eu admirava demais, eu fui ler o Evangelho para saber da onde veio a viagem dos magos do oriente, e aí você conhecendo a escritura você sabe fazer os versos. Porque se você não conhecer a história como você vai fazer um verso? Você entendeu como é que é?

Magno: Entendo. E eu gostaria de fazer, por que que de vez em quando, né? O embaixador ele, ele faz uns versos cumprindo a promessa de uma pessoa, como que acontece isso? E por que que acontece?

Zé: Quando a pessoa faz uma promessa que ele tem fé, nos três reis do oriente ou na bandeira de Santo Reis, isso aí vai depender da pessoa que tem essa devoção, porque hoje tanto eu sei que você sabe, a folia ela não é uma religião que te leva a salvação, ele é um folclórico, mas se a pessoa tem fé, eu não posso bater de frente com ele, se ele fez a promessa que vai entregar a promessa pra Santo Reis, da maneira que ele fez a promessa aí eu tenho que cantar. Você entendeu?

Magno: Entendi. Então o embaixador é um folião muito importante dentro da folia.

Zé: Eu quero falar para você que o folião hoje é um sábio, eu ainda sou um aprendizado, mas tem muitas pessoas que sabem mais do que eu, mas se Deus quiser eu quero chegar lá.

Magno: Certo, entendi. Então o senhor poderia me relatar assim: a folia faz isso, ela acontece desse jeito. Como é que funciona Folia? O senhor poderia descrever a folia? Desde o dia que ela começa a cantar até o último dia. Como é que é Folia? Só para nós

saber.

Zé: A folia é o seguinte, ela é baseada na escritura sagrada, o rei começou a viajar quando soube que Jesus era nascido. Isso foi do velho testamento, falava de uma boa nova do Messias prometido, que vinha reger uma nação e governar o mundo. Aí quando aconteceu os reis do oriente estudavam os astros da natureza, sabia que no nascimento vinha um estranha luz, a Estrela do Oriente vinha iluminar o caminho. Eles viram essa estrela, arrumaram os presentes deles e seguiu a viagem. Só que hoje, nós folião, nós sai no dia primeiro e vai chegar no dia 6. E aí em vez, o contrário do Santo Reis, Santo Reis não pediu a oferta, Santo Reis não pediu oferta, e já levaram os presentes da onde eles morava e arrumaram a bagagem deles, arrumaram os presentes deles e foi viajar. Mas como o povo faz promessa e quer relembrar o nascimento de Jesus e a viagem dos magos do oriente, hoje nós faz a cantoria, chamamo de folia, que na Bíblia é viagem dos mago, e para nós fazer a festa nós tem que regaliar recurso, dinheiro para reunir o povo para nós festejar. Então é por isso que precisa de sair assim. (risos)

Magno: Certo. Muito boa essa essa explicação e eu gostaria de saber assim, qual que é o sentimento que o senhor tem em relação a folia de reis? O que que é a folia para o senhor?

Zé: Ah, pra mim folia é tudo. Folia é um folclore muito bonito, é tradição do meu povo, dos antepassados, é uma cultura que você, é como se a gente começasse uma educação de berço, o que os os nossos pais faz de bom, você tem que seguir. Minha família tudo foi folião. E hoje graças à folia eu sou conhecido por muitos lugar e a nossa Folia, a nossa cidade também é representada em muito lugares, em vários no Estado de Goiás, para mim folia é muito importante, para todo mundo. Até que eu achava que o povo devia de criar uma escola pra incentivar os meninos de classe média, família mais pequena, que tem pouco recurso, para incentivar os filhos para tocar, para fazer alguma coisa e que ele tivesse nota na escola baseado nisso, porque se isso não acontecer o folclore da nossa cidade, às vezes algum dia pode acabar.

Magno: Certo. Pois é. Seu Zé, muito boa nossa conversa, gostei demais. Eu fico agradecido do senhor dispor desse tempo de vir aqui falar comigo, né? Me conceder essa entrevista que vai contribuir lá para minha pesquisa. Mas também que a gente quer que essa pesquisa ela não fique só lá dentro dos bancos da faculdade, mas que ela possa levantar uma causa em busca do reconhecimento de patrimônio imaterial para nossas folias, como acontece no estado de Minas Gerais, muitas folias declaradas patrimônio imaterial pelo IPHAM, né? Que é o órgão do Governo Federal que reconhece essas

culturas. Então agradeço o senhor. Como eu já expliquei anteriormente, está na mão do senhor aquele termo de consentimento e livre esclarecido, né? Para o senhor ler, depois eu vou apresentar essa gravação para o senhor e é onde o senhor vai decidir sobre autorização para mim usar ou não essa entrevista, tá certo?

Zé: Tudo bem.

Magno: Então muito obrigado mais uma vez. Foi enriquecedor a nossa conversa.

Magno: Seu Zé ainda queria aproveitar essa presença do Senhor aqui e aproveitar mais um pouquinho ainda do seu conhecimento. Eu queria perguntar um pouco sobre a história da folia goiana quando ela começou, né? Quem que cantava nela? O senhor sabe me dizer? Parece que ela é muito antiga, né?

Zé Buteco: É, vou. Quem levantou ela foi o Zé do Silvério (?), irmão do Zé do Isabé(?) e os folião mais velho que tinha na folia era Zezinho Isabé, o irmão do Silvério tirou a folia, e o Criolo Bastião Cesário e Chico Miquelino.

Magno: Certo.

Zé: Os mais velhos embaixador da folia.

Magno: E por que que esse esse Silvério levantou essa bandeira?

Zé: Ele levantou que era um voto dele, ele levantou para cumprir o voto, a promessa, e aí o povo gostaram, eles fizeram aí mandaram para continuar com a a com a viagem dos magos do oriente, festejando todo ano.

Magno: E ela sempre girou aqui ou nessa época ela girava em outro lugar?

Zé: Toda vida ela gerou na roça, hoje ela tá girando mais na cidade, ela girava lá no Bananal, lá no Caba Vida, na Avenland, Palestina. Aquilo que era o roteiro dela. Ali que ela passava. Lá na Brandina, depois de Januário, é lá que ela passava. Aí com espaço de tempo as coisas foi ficando mais difícil, que antigamente até a maneira de vocês girarem era mais fácil, que as casa era na beirada do córrego e a roça era na chapada, né? O cara andar a cavalo, hoje não, hoje o povo faz a roça na beirada dos córrego, não tem esse andar a cavalo. E aí foi modificando. Aí acabou vindo para cidade.

Magno: Certo. E nessa época ela sempre girou de dia ou ela já girou de noite? Porque tem Folia que gira de noite, né?

Zé: Toda vida ela só gíria de dia. A que girava de noite era a do Brilho Verde (?).

Magno: Ah tá. E tem muito tempo que ela fixou mais dessa cidade? Como é que ela veio para cidade? Quem que trouxe ela para dentro da cidade?

Zé: Foi eu. Eu queria até acrescentar um pouquinho que tem algumas coisas que tem

algumas pessoas boa que faz alguma coisa que é importante para a cidade e o povo não reconhece. Quando eu trouxe ela para a cidade, eu chamei o Zé Divino, que é o Zelão, passei ele pra ser o gerente da folia, aí ele foi festeiro. Por ele, a mulher dele ser crente, ele não pôde fazer a festa na casa dele. Mas ele fez a festa na feira e foi uma coisa muito importante para o nosso povo hoje que a festa da feira, ela facilitou muito. O povo precisa de um banheiro e tem banheiro em qualquer lugar, fica mais, mais próximo dos recursos, por exemplo, se for na roça na época da folia tem muita lama. Aí depois que ele fez aqui o Santana levou ela para roça e foi um desastre. Aí pôs o Dito Canuto, mas com, já com esse propósito de trazer ela para dentro de novo na feira. Aí fez na feira, tá até hoje.

Magno: Tem uma festa grande muito famosa, veio muitos artistas, né? Participar dela, né?

Zé: Hoje eu quero falar para você que veio muita gente importante aqui e graças a Deus é esse povo, que ela é reconhecida em muitos lugar.

Magno: Desses artistas tem alguns que são os mais principais, né? Para essa festa, desses que sempre ajudou a folia, sempre...

Zé: Um dos mais gente, que é mais rente assim para compartilhar, pra ajudar financeiramente é André Andrade. As irmãs Freitas. Mas também é da nossa família, né? Da.. Da folia. Mas eles têm, eles têm a participação deles. A gente tem que considerar o trabalho deles, que além de eles vir para cantar, porque tem muita gente que gosta, é todo ano eles dá é duas, três vacas. Eu quando fui festeiro, eles me deram os trem de fazer os doces tudo. Ajuda demais.

Magno: E eles sempre participaram dessa folia?

Zé: Toda vida eles participou. Só que teve um certo tempo que eles participaram lá no São Francisco, em outra Folia, porque a irmã deles morava lá, Geralda, minha prima. Aí eles ia ajudar a irmã. Aí depois que eu fui festeiro que eles continuou todo ano vindo aqui.

Magno: Certo. E eles participa da folia só fazendo show ou eles doa?

Zé: Financeiramente também.

Magno: E dentro da folia, algum deles faz alguma coisa?

Zé: Faz. O Andrade embaixa, o Zé ajuda a responder, é bom para tocar, que uma participação muito boa.

Magno: E será que desde sempre ele participava dessa folia?

Zé: Toda vida. Quando eles era pequeno, eles era um dos folião.

Magno: Que o pessoal tem... Muitas pessoas que falam que “ah, folia dos Andrade”

Zé: Não... Não, não, não. Nunca existiu isso. Só aconteceu que ele foi festeiro aqui, ele já foi festeiro aqui. E já deram pouso aqui. Mas essa folia não é deles, essa folia é do Silvério de Souza, irmão do Zezim Zabel.

Magno: Ah tá certo. Pois é. E se for pra gente estimar mais ou menos a idade dessa folia, com o tempo conhece ela, daria mais ou menos quantos anos de existência dessa folia.

Zé: Óia, para falar número exato para você no momento, mas tem uns 94 anos.

Magno: Nossa é muito tempo de tradição.

Zé: É que tem muito tempo que eu peguei a folia e ela já tinha 60 anos. Eu peguei ela em 84.

Magno: É, de 84 para cá tá fazendo 38 anos já.

Zé: É baseado nisso, tá perto de chegar nos 90 anos. (risos)

Magno: Seu Zé, muito obrigado por compartilhar essa informação conosco, né? Eu... Como eu disse para o senhor pelo pela idade dessa folia, né? A gente quase não encontra pessoas, né? Que tem condição de falar, a gente encontra muito jovem que às vezes até arrisca falar “é tanto é tanto”, mas uma pessoa para falar que nem o senhor, que fala que teve a experiência que participou dela desde menino, então a gente confia mais, né?

Zé: E eu tenho certeza para você que eu tô falando que é a de verdade.

Magno: Tá certo. Muito obrigado. Valeu.

Transcrição entrevista - Zelão

Magno: Boa tarde, Zelão. Tudo bem?

Zelão: Boa tarde. Tá bom, Magno?

Magno: Tudo bem. Eu fico muito agradecido de você se dispor, né? Esse tempo seu, de conversar comigo sobre Folia de Reis, que é uma coisa que como se diz, todo mundo sabe que já vivenciou muito, durante muito tempo da sua vida, né? Você tirar um tempinho e contribuir com a nossa pesquisa, né? Que é de nível do mestrado que eu tô fazendo lá na UEG, né? Eu tenho que fazer essa pesquisa para apresentar no final do curso um relatório técnico e mais um produto que é um vídeo, né? Para mim colocar nas redes sociais da faculdade e também do YouTube, né? Que é um dos grandes canais de divulgação que nós temos hoje. Então eu fico muito agradecido, né? De você me receber aqui na sua casa, tirar esse tempinho, dessa tarde gostosa, aqui nesse lugar tão bonito aqui, para gente falar um pouquinho sobre Folia de Reis. Primeiro eu gostaria de saber seu nome, sua idade, o que que é a sua ocupação atualmente, se quiser falar com nós...

Zelão: Olha, meu nome é José Divino de Oliveira

Magno: Certo

Zelão: Mas o nome popular é Zelão, né? Desde pequeno é Zelão, então é Zelão.

Magno: Qual que é a sua idade?

Zelão: É.. 09/06/55

Magno: 55?

Zelão: 67, né?

Magno: Isso. Certinho. Atualmente o senhor faz o quê?

Zelão: Olha, eu sou funcionário aposentado, e hoje sou sitiante, que mora aqui no sítio, né? Então tô por aqui. Então hoje o meu trabalho é aqui mesmo.

Magno: Aqui no sítio, né? Mas a história sua é longa, né? Porque eu já fiquei sabendo assim, eu não me lembro, né? Mas já foi Delegado de Polícia, já foi vereador, né? Já atuou muito também na política não é verdade?

Zelão: Foi, eu fui vereador da Câmara, fui delegado, polícia cinco anos, fui agente um ano, depois pela política eu peguei e passei, né? E então gostei muito da política, me dediquei, quase cheguei a ser prefeito de Itaguari. Não cheguei por motivo, assim, a

primeira vez eu entrei com com 22 dias de campanha e perdi tudo. Mais 155 votos eu tinha sido eleito, e na próxima eu não fui porque perdi a convenção. Foi ciúmes de companheiro, mas ganhei em todas as pesquisas. Nunca um candidato chegou a ter quase 70% da pesquisa e eu tive. Então o diretor não deixou eu ser candidato.

Magno: É... Como se diz, a gente sabe, né? Que o senhor contribuiu muito, além de na política, contribuiu também muito na cultura, né? Aqui é um dos únicos lugares do Brasil que tem uma festa do Zé, que foi idealizada pelo senhor. Poderia contar um pouquinho sobre a festa do Zé para nós? Como é que surgiu?

Zelão: A festa do Zé, foi eu que fiz a festa do Zé, foi ideia minha. Eu fiz 7 anos, aí depois o Beto fez 2 anos, depois não parou. Mas então em Itaguari, aí eu fui ver que a cidade tinha mais velho, né? É muito velho. Aí eu peguei e fiz a festa do Vêi. Nós foi um sucesso muito grande, nós passou até no Jornal Nacional, foi na TV Anhanguera, até no programa do Gugu, né?

Magno: É, eu lembro.

Zelão: Então nós tivemos privilégio.

Magno: Certo. E outra coisa que o senhor contribuiu muito aqui durante muito tempo, foi sobre a folia, né? Porque o senhor participa da folia, né? E qual que é a folia do seu participa? E desde quando?

Zelão: É. A Folia Goiana de Itaguari, é a folia, que quando... eu tinha 5 anos de idade, o meu pai tinha irmandade naquele centro, né? E eu por ser o filho mais velho, homem, meu pai pôs meu nome na irmandade, corria a sorte, né? Então desde cinco anos meu nome foi pro livro da folia, dessas folias goianas, de Itaguari, que antigamente era a folia do Bom Sucesso.

Magno: Certo

Zelão: E além disso eu peguei e fui coordenador 26 anos, né? 26 anos, né? Da folia goiana, e a foi goiana, é... Das três ela era menor, é menor que a folia mineira e menor que a folia do Praia Grande. Eu peguei a coordenação, aí André Andrade era da folia antigamente, o pai deles. Aí eles saíram, foram para Jesópolis, aí trouxe eles pra cá. Eu e mais o Zé Buteco fomos lá e convidamos eles, eles vieram de novo. Aí eu comecei a fazendo um trabalho.

Magno: Certo

Zelão: Que a Folia de Reis de antigamente, era Folia que participava só o pessoal de idade, a juventude não ia em Folia, muito difícil. Aí eu peguei e comecei a mudar o sistema, já trouxe a folia, a festa para Itaguari e eu fiz a primeira festa lá da feira, fui eu

mais o Divino e Nelson Fernandes. Aí o pessoal falava: ah, mas você é doido. Eu tinha aquela visão que o pessoal da roça ia diminuir, o dia da manhã, a festa ia crescer, né? E centralizou na cidade. Então tudo foi ideia minha. Aí antigamente a folia era assim, ela girava, essa folia antigamente, ela girava a cavalo.

Magno: A cavalo?

Zelão: A cavalo, à noite. Era à noite.

Magno: Durante a madrugada?

Zelão: É. Girava 100, 120 cavaleiros, né? À noite. Itaguari era pequeninha e só passava na igreja, só cantava na igreja. Mas tudo era era na vó (?), né? E a folia é o seguinte, antigamente é... A festa você fazia com uma vaca encapado e uns frangos, sabe? A festa antigamente. E os pouso de folia também é, é... Aqueles fazendeiros que tinha mais movimento, era, era assim, meu pai mesmo, aqui na fazenda aqui, meu pai, meu avô, nós, aqui ia ter 28 pouso de folia, né? Dessa folia.

Magno: Nossa!

Zelão: Vinte e oito. Inclusive o último que teve aqui, que nós fizemos aqui, né? Eu não sei se você veio, foi o maior pouso da história, né? Que foi aqui, sabe? Que deu foi 8 mil pessoas, né?

Magno: Eu lembro desse dia.

Zelão: Então, é o seguinte, eu sou muito dedicado isso aí. E por André e Andrade vir, né? Já tinha fama, tal. Nós era catireiro, irmãos Oliveira, nós fizemos, na época nós era considerado os catireiro da região, fomos considerados também até os melhores estádio da época, sabe? Nós fomos muito dedicado, mas já são uns 30 anos, né? Já deve ter feito mais de 1000 apresentador de catira.

Magno: Nossa!

Zelão: Então nós somos bons. Chegou a época que nós tinha folia aqui, os fazendeiros da folia aqui da região de Jaraguá, aqui, de Ceres, acabou que dava, o fazendeiro dava uma vaca para nós ir lá dançar umas catira lá para poder dar uma vaca pra folia, né? Então isso aconteceu umas três vezes, sabe?

Magno: Nossa, que interessante.

Zelão: Então nosso nome, graças a Deus, era muito bom.

Magno: Certo. Pois é, muito bom saber dessas informações. Essa função de gerente é o quê? O que que o gerente faz lá na folia? O senhor poderia explicar para mim o que ele faz? O que que é a função dele?

Zelão: Antigamente era assim, os embaixadores de folia tomava conta.

Magno: Certo.

Zelão: Tomava conta. Mas o pessoal, assim, erradicado (não compreendi), muito problema. Aí, aí, eu fui e criei esse negócio. Aí o Zé Buteco, ficou em festeiro. (?), falei Zé: eu acho que tina que ter um coordenador assim. E não, tá certinho, e você que vai ser. E ele era festeiro. Desde a festa de Itaguari. O Zé Buteco. Era embaixador. Aí eu passei a coordenar. Aí, aí os embaixador tinha que obedecer ordem, o coordenador. Eu coordenava os giros, os foliões, a maneira de cantar, quem que ia fazer a chegada, quem... Sabe? As festas, os pouso, tudo eu participava e orientava, era, foi assim. Então isso aí que passou a coordenada. Eu fui o primeiro coordenador de folia, né? Fui o primeiro. Não existia coordenador. Quem mandava sempre era o próprio embaixador.

Magno: Então essa função de gerente, de coordenador, é como aquela pessoa que vai e organiza os pouso, organiza a festa, organiza a forma que vai girar, onde vai passar o giro, é isso?

Zelão: Isso. Organiza tudo, a festa, pousos, da ideia, entendeu? Corre atrás de prenda, de coisa, é indicação de folião, de cozinheiro, sabe? Tudo é coordenador foi para isso. E eu fiz renovação, faz o seguinte, aí antigamente as festas de reis, sabe como é que era? Era coisa mais sem graça que tinha. No dia da festa de reis, só chegava a folia e tinha leilão, rezava.

Zelão: Foi quatro vacas e meia

Magno: Quatro vacas?

Zelão: Aí depois foi subindo, subindo... Hoje, hoje tem 7, de 20 a 25 vacas, sabe? No dia 06, só no dia 06. Isso fora os outros tipos de (inaudível). Agora a esposa tá gastando aí a média de, um pelo outro, quatro vacas, né? Quatro vacas... Um pelo outro.

Magno: Nossa, é muita comida. Tem doce ainda, né?

Zelão: É, doce. Ixi. E antigamente, ia falar para você, é assim ó, enquanto nos forros e todas folias, enquanto a folia não chegava no cantar não punha, não punha o de comer pro povo, sabe? Aí eu via que aquilo tava errado. Aí peguei e ia falar com dono do pouso e parece que ele não concordava, a mulher não concordava. O Ronivaldo é um pouso. Eu tenho vontade de fazer uma coisa toda vida e eu tenho certeza que dá certo. Tudo que eu fiz até hoje deu certo e você podia, vocês concordam de fazer o quê? Antes da folia chegar, você já começa a tratar do povo, não tem problema não, a hora que a folia se tiver cantando, vocês dá uma paradinha e depois arruma uma mesa pros folião, porque eu sei que vai dar certo. Não, então vamos fazer. E fez. Aí o seguinte, aí fez aí o povo, quando as coisas dá certo, o próprio povo já começa gerar notícia, né?

Magno: Isso.

Zelão: Aí acabou. Até hoje você pode chegar. Não é só folia nossa não. Todas as folias que você chegar, a folia ainda tá pra chegar, chegar no pouso, e o povo já tá alimentando. E é mais fácil também, né?

Magno: Mais fácil.

Zelão: Mais fácil, e tinha muita gente ia embora em até cinco meses, para chegar todo mundo na hora de uma vez, numa mesa só.

Magno: E é muita gente que participa, né?

Zelão: E isso tudo foi ideia minha. Isso tudo foi ideia minha.

Magno: Certo. É... Eu queria que o senhor contasse um pouco, assim, da história dessa Folia Goiana. Porque lá no início o senhor mencionou que ela era de uma região, né? Aqui, em Bom Sucesso. Eu gostaria que o senhor contasse um pouco, assim, dessa origem dessa folia. O que o senhor sabe dessa origem?

Zelão: Ela foi criada o seguinte, tinha o filho do fazendeiro, eles fizeram um voto para tirar a folia, né?

É o Delfonso. Aí o Delfonso pegou, ele pegou e tirou a folia. Aí o pessoal gostou, já arrumaram a turma lá no dia da recolhida, né? Aí pegou e correu a sorte lá. Aí começou a vir (inaudível), aqui, vinha pra Bom Sucesso, ficava nessa região aqui do sapezinho, sabe?

Magno: Sei

Zelão: Ali no São João. Aí começou a folia desse jeito, dessa maneira. Aí de primeira corria a sorte, né? Corria a sorte, caiu o nome lá assim, aquele era (inaudível). Então foi assim que iniciou essa folia.

Magno: E ela tem quantos anos de existência hoje, né?

Zelão: Essa próxima, 100 anos.

Magno: A próxima 100 anos.

Zelão: Aí tem uns 70 anos atrás, sei lá, teve tragédia na na, aqui no Bom Sucesso. O festeiro, eles mataram o festeiro e o pessoal juntaram e mataram o cara que matou o festeiro.

Magno: Nossa!

Zelão: Morreu dois no dia da festa.

Magno: No dia da festa.

Zelão: Aí parou dois anos.

Magno: Ah tá.

Zelão: Aí dois anos, aí (inaudível) lá da família mesmo que o pai (inaudível) pegou a folia e tirou, aí seguiu. Aí chegou lá no João Inhambu, há muitos anos depois começou a parar, passaram para um ano. Aí o João conseguiu ela, aí depois, aonde eu peguei lá para coordenação. Aí seguiu até hoje.

Magno: E o pessoal da família dos Andrade sempre participava dela aí?

Zelão: Antigamente o pai dele, o José Andrade era cativado e ele era o cara contador de piada, né? Aonde ele tava, ele era muito alegre. Aí era ele meu avô. O pessoal tava por perto, era bom cativado e bom contador de piada. E os meninos andava junto, na garupa dele, sabe? Menino junto. (Inaudível). E o Manoel. Manoel que faleceu agora há poucos dias.

Magno: E cantava?

Zelão: Cantava também, primeiro cantava o Andrade e depois o Manoel. Cantava moda de viola. Aí depois André passou a cantar. Daí já era molecão, novo. Começou a cantar meninão, e já cantava moda de viola. Muito bom.

Magno: Pois é. O que significa Folia para o senhor? O que o senhor sente em relação à folia? Qual que é o sentimento do Senhor?

Zelão: Uai, é o seguinte, a folia não sei porque toda vida existiu. Então aí nós já pegamos assim, desde o meu pai, é uma semana que a gente tira para aqui. Nem trabalhar a gente trabalha, sabe? Já organiza as coisa pra poder participar da Folia. Receber a folia, girar com a Folia, cê entendeu? Então já é para nós é uma vocação muito grande, assim, é uma alegria! A semana mais alegre do ano para nós sempre foi a Folia de Reis.

Magno: Sempre foi a Folia de Reis. Os Santos, né? Essa devoção...

Zelão: É, devoção. É toda vida.

Magno: Pois é, muito bom. Como o senhor já disse, né? Essa Folia, ela é muito grande hoje, né? E quando o senhor olha para ela assim e vê toda essa dimensão, assim, o que que mais vem em mente do senhor na hora que senhor vê a folia lá, na hora chega lá, por exemplo, ela chega lá no presépio pra cantar, que que o senhor sente nesse momento?

Zelão: A gente sente uma emoção muito grande, assim, primeiro é a alegria de estar realizando o evento tão bonito, é... O dono da casa fica muito feliz e também, e... e os participantes também, aquele tanto de gente participando com alegria e outra coisa; mas também já... já vem um pensamento de tristeza dos foliões que faleceu que já não vê ele ali, próximo ali, sabe? Aqueles que faleceram, a gente não esquece... Não só os foliões,

as pessoas participativa, que fazia parte, né? Então já traz o motivo de alegria e ao mesmo tempo também o de tristeza.

Magno: Sei. E quem são esses foliões? O senhor podia citar alguns desses foliões que já faleceram?

Zelão: Rapaz, é difícil de lembrar. Antigamente tinha o Nezinho Nogueira, que até o filho dele, o Agenor, né? Faleceu agora. Embaixador de folia também. Tinha João Netin, tinha Zezin Isabel, é... o Criolo, e vem o Benedito Leandro e Daniel, e vários embaixadores de Folia. E depois vem o Rei Mar, que já faleceu também, já era da Folia aqui. Rei Mar Peixoto, né? Então dos véi aqui que tá participando da Folia agora? E o Zé Boteco. E dos foliões, assim, mais antigos que tem hoje, é o Estrogildo e Vitor, e o Zé de Aquino. O Zé de Aquino também foi folião, sabe?

Magno: O Zé de Aquino foi folião?

Zelão: Foi, foi, ele era catireiro e girava na folia, é... Cantar ele nunca cantou não. Mas é os três mais velho que tem, que tá vivo.

Magno: Nossa, a gente não sabia, né? A gente vai conversando assim, a gente vai, é... Às vezes até, a gente nem imagina uma pessoa que participava, né? E que hoje eu tô participando, né? Pois é. Zelão nossa conversa foi muito boa, né? Contribuiu demais com a nossa pesquisa, né? Te agradeço novamente por me receber aqui, por contribuir, né? E como eu te disse, depois eu vou disponibilizar todo esse material para vocês avaliarem e como já tinha avisado anteriormente, temos aí o termo de consentimento, livre e esclarecido. Que é onde a pessoa entrega para mim, né? A sua autorização de usar ou não essas entrevistas, essas coisas, tanto no relatório técnico quanto no produto, que é o vídeo documentário, tá certo?

Zelão: Não, tá bom. Uma que eu gosto do assunto, gosto da folia e você é uma pessoa que a gente... é daqui e a gente conhece e que a gente tem a maior confiança.

Magno: Obrigado. Mais uma vez muito obrigado.

Zelão: E eu que agradeço.

Magno: Então, muito obrigado.

Transcrição Entrevista - Zezinho

Magno: Boa noite, Zezinho.

Zezinho: Boa noite, Magno.

Magno: Tudo bem?

Zezinho: Graças a Deus, estou bem também.

Magno: Primeiramente eu quero agradecer, né? Por me conceder essa entrevista, que é muito importante para o trabalho que eu tô fazendo a nível de mestrado, né? Então eu tô aqui hoje para te fazer uma entrevista a respeito da folia do Brejo Grande, mas antes disso eu gostaria de saber seu nome, onde nasceu idade, se quiser falar, e qual a sua ocupação atualmente.

Zezinho: Uai, eu nasci em Córrego Rico, município de Inhumas.

Magno: E o seu nome completo?

Zezinho: José Sobrinho de Oliveira, a minha idade, eu sou de 61, dia seis de novembro.

Magno: Tá certo. Então muito obrigado, já de antemão. Zezinho, eu tô te perguntando aqui a respeito da folia do Brejo Grande, você conhece essa folia desde quando?

Zezinho: Ah, desde 1980, mais ou menos, nessa data por aí.

Magno: Certo. E desde esse momento você já vem participando delas, você começou a participar dela de que jeito?

Zezinho: Uai, comecei a participar pela minha devoção, e gostava muito de folia, né? Então de vez em quando eu girava nela, né? Foi até que fui tomando gosto e passei a ser folião dela.

Magno: E como folião? Você faz o quê? Porque cada folião tem uma coisa pra ele fazer, né? Eu sei que cada um, um canta, outro toca. Qual que é... O quê que você faz lá?

Zezinho: Eu comecei tocando sanfona.

Magno: Certo

Zezinho: Aí depois eu comecei cantar, ajudando eles cantar e aí vem, aí eu toco, eu canto e eu faço de tudo na folia. Eu faço um pouquinho de cada um.

Magno: Certo. E antes, eu queria ter perguntado, antes de conhecer essa folia do Brejo Grande, você já conhecia outra folia?

Zezinho: Não, nunca tinha girado, nunca tinha conhecido outro tipo de folia não.

Comecei nessa. Foi a primeira que eu conheci.

Magno: E essa Folia? Como que ela é? Como que ela funciona, assim, para a gente entender o funcionamento dela.

Zezinho: Sobre o giro, que você fala?

Magno: Isso.

Zezinho: Ela gira à noite. Ela sai dia 30 de dezembro, termina dia 6, né? De Janeiro. E aí ela gira à noite.

Magno: Certo. E sempre girou à noite essa folia?

Zezinho: Não. Teve um ano que girou com ela durante o dia, só que parece que ela não foi bem aceita, né? Pela tradição ser à noite e voltou a ser à noite de novo.

Magno: Ah tá. E ela... Qual que é o jeito dela cantar? Ela é igual as outras duas que tem no município ou ela tem um jeito próprio de cantar?

Zezinho: Não. Ela é diferente, né? Ela é o ritmo goiano, né? Origem mesmo, goiana.

Magno: Que jeito que é o ritmo Goiano assim? Porque a gente às vezes nem sabe diferenciar isso, né? As pessoas às vezes até confunde, né? “Ah tá em Goiás mas canta em ritmo mineiro.” O pessoal faz uma confusão desse negócio de jeito, como é que é isso?

Zezinho: É porque a mineira, ela tem mais voz, né? Porque aí tem o embaixador, depois tem a primeira, a segunda e a terceira, depois tem a quarta, a quinta e a sétima, às vezes, né? Muitas vezes eles não cantam com a sétima, né? Mas muitas vezes cantam. E e a, e a goiana não. A goiana, ela é... Dependendo três folião canta ela. Tem Embaixador e dois na resposta, né?

Magno: Você só faz a resposta?

Zezinho: Só faz resposta, dois. Mas a maioria põe até as três.

Magno: Ah sim

Zezinho: A primeira e a segunda e as 3, né? Que a terceira que nós fala.

Magno: Certo. Lá então são quantos folião? São quatro folião é o suficiente para cantar ela e tem mais os instrumentistas

Zezinho: Isso. É de cantorias o básico é quatro, né? Mas aí já tem já o pandeirista, caixeiro, né? Violeiro, e todos os outros instrumentos que tem também, né? Que tudo faz parte do grupo.

Magno: E a festa dela sempre realiza também durante o dia, né?

Zezinho: Durante o dia.

Magno: Mas é chegada também é durante o dia? É de noite? É de tarde? É que nem as

outras aqui. Tem uma que chega por volta de 2 horas, mais ou menos, no caso da folia mineira. A folia daqui, de Itaguari, a goiana, ela entrega por volta de 4 horas. Lá é mais ou menos que horas?

Zezinho: Não. Assim nós faz a chegada na base de 5 horas da manhã.

Magno: Ah, certo. A chegada, o encerramento, aquele?

Zezinho: É o término de cantoria. É... Nós começa na barra de 4 horas da manhã. De 4 até às 6 horas, é as hora que nós encerra a cantoria. Aí de meio-dia já tem um terço, né?

Magno: O terço é... Parece que é uma tradição do terço é sempre meio-dia.

Zezinho: Sempre meio-dia. Isso.

Magno: E todo mundo reza?

Zezinho: Todo mundo reza. Não é todo mundo, que tem muitos que vai mesmo pra festar, num vai sobre, assim, a devoção de fé, né? Mas aqueles que tem muita fé, aqueles de fé, vai. Todos eles reza.

Magno: Mas voltando a parte a sua participação na Folia começou tocando sanfona, alguém ensinou na Folia trocar sanfona? Ou já sabia tocar sanfona fora? Como é que foi esse aprendizado?

Zezinho: Não. Aprendi na folia.

Magno: A tocar sanfona na folia?

Zezinho: Na folia. Que aí meu pai comprou uma sanfona e com 20 dias já tinha aprendido a tocar a música da folia.

Magno: Nossa. E tocava na folia todo ano agora?

Zezinho: Todo ano. Desses... Eu comecei a girar na base dos anos 80 e quando foi na, eu creio que, na base de 82 eu já aprendi a tocar sanfona e já comecei a tocar.

Magno: Quem que era os foliões da época, assim, você lembra de falar para mim?

Zezinho: Nessa época quando eu comecei a girar, o finado Maurílio da Polônia, que é o pai do João Leite

Magno: Certo. Conheci.

Zezinho: Zé (?) Gerome (Jerônimo?), o Geromão, né? Que eu Gerome... Como é que chama? Agora esqueci o nome. Gerome (Jerônimo) Correia. Aí tinha o Verício, que era irmão do Gerome (Jerônimo) que fazia parte também, né? Dessa época. Essa época deles eu não cantava não, eu fazia mais era girada, né? Acompanhar, ser um acompanhante, aí depois eu comecei já veio os Ribeiro, né? Já da época do Divino Ribeiro, do Nativo, Dito Ribeiro. Esse eu já fazia parte, né? De cantoria com eles. Aí tinha o Mané (Manoel?) Vieira também, que era muito (inaudível) filho, que fazia

parte, finado Criolão.

Magno: Ah, o Criolo também cantava lá?

Zezinho: Cantava.

Magno: Esse pessoal do Ribeiro eles, eles sempre fizeram a parte dessa folia lá?

Zezinho: Eles quase que era o boloade (?) mesmo da folia do Brejo Grande é os Ribeiro, né?

Magno: certo

Zezinho: Eles que era os tradicional mesmo, que era os fixo do lugar e quero ponto de Ribeiro.

Magno: Então você sabe mais ou menos dizer quanto que surgiu essa Folia? O pessoal parece que tem dito que ela já tem mais de 100 anos. Como é que é essa história? Alguém lembra disso? Alguém contou sobre essas essa fundação da folia do Brejo Grande?

Zezinho: Uai, eu vejo, assim, falar que ela tem bem mais de cem anos, né? Por enquanto nos adesivos ela tá com 144 anos, né? E antes dessa pandemia, né? Então hoje se fosse ela tava com 146 anos, no caso, né? Porque parou dois anos, né?

Magno: E sempre foi naquela região?

Zezinho: Sempre foi naquela região.

Magno: E ninguém conta quem que foi o primeiro festeiro?

Zezinho: Uai, eles conta mas já não é da minha época então não tem nem como de sonar quem foi o primeiro que tirou ela, né?

Magno: Certo. Entendo. É uma curiosidade que muita gente fica falando, né? É a folia mais velha, né? Ela gira de noite, ainda poucas folias hoje giram de noite, a maioria de dia, né?

Zezinho: De dia, é verdade.

Magno: É então tem pessoal conta. Dessas festas antigas sempre foi com esse tanto de participante? Era menor? Agora ficou maior? Como é que foi as festas dela durante esse período?

Zezinho: Não, sempre assim, do que eu alembro, de primeira ela era uma das maiores folias que existia aqui nesse meio, né? Que tinha essa de Itaguari e depois ela deu uma paralisada, depois... E aí do Brejo Grande ficou sendo maior, né? Eu alembro deles fazer 117 lata de doce, de Joaquim, sogro de Disonzinho barbeiro.

Magno: Sei.

Zezinho: E eles fez essa festa e olha, onde ele faz 117 lata de doce, que eles fez...

Magno: Nossa, muito.

Zezinho: Mas nessa época não existia a de Itaguari ainda, né? Assim, ela cresceu depois disso, né? Aí a do Brejo Grande já ficou com menas gente, né?

Magno: Sei. Pois é... Então é uma Folia que já foi muito grande, né? E ainda é grande. o pessoal da participa muito dela. A gente pode verificar assim nos registros fotográficos que a gente teve acesso, que tem muita participação das pessoas na festa durante o dia, nos pouso, né? Como é que organiza um pouso durante o dia?

Zezinho: Uai, porque aí tem que ter o almoço, né? E a janta.

Magno: O almoço e a janta?

Zezinho: O almoço e a janta, né? Da base de 10:30 para aí já, já o almoço já tá na mesa e na base das 4 horas até às 5:00 já é a janta.

Magno: E aí depois o pessoal sai girando? O grupo de folião..

Zezinho: É sempre na base de 8:30 às 9 horas, é o horário de sair com ela.

Magno: E como é que é o giro de noite? Ela é um pouco diferente do Giro durante o dia, né?

Zezinho: Sim, (inaudível) era muita cavalo, né? Hoje não existe mais cavaleiro, né? Que as casa ficou longe uma da outra, né? Então gira mais de carro.

Magno: De carro. Chega na casa e canta.

Zezinho: Canta lá na porta para abrir a porta, aí os morador abre as porta e canta lá dentro. Muito dá os agrado, que tem os pouso, né? Já espera quem tá esperando, né?

Magno: Mas ao menos a pessoa então sabe que a folia vai passar só não sabe o horário?

Zezinho: Vai, não sabe é horário. Mais ou menos tem uma noção do tipo do giro, porque eu mesmo já tenho, eu tomo conta se para coordenar ela, ou se tiver girando estava, hoje tava com 27 anos, né? De coordenador dela. Eu que faço os mapas, então aí, pra diferenciar, sabe? Que são dois, nós fala galho, né? Que são duas bandeiras. Pra não misturar giro, para não cruzar, porque nós acompanha tradição antiga, né? Que não pode cruzar giro, né?

Magno: Certo.

Zezinho: Então aí eu faço os mapas, assim, as casas do lado direito e do esquerdo, então caso sicrano é do galho direito, caso fulano é do galho esquerdo. Então cada vez já passa o mapa para eles, do dia do giro da noite, pra eles não cruzar giro.

Magno: Ah, entendi. Então tudo é planejado anteriormente, né? Para não cruzar, para não ter... Para um não ir visitar a mesma casa que outro já passou.

Zeinho: Isso, é. Então aí as pessoas já procuram “Zeinho, que dia que vai passar lá em casa?”,”tal dia quantas casas?” Tantas casas. Nós é qual é as casas? Aí se for 10 casas, vamos supor, não vocês é a quinta casa, então mais ou menos já vai tendo uma noção de hora que vai passar lá, né?

Magno: Interessante. Outra coisa, são dois galhos, então são dois grupos de foliões?

Zeinho: São dois grupos de foliões.

Magno: Canta a mesma coisa.

Zeinho: Canta a mesma coisa. Bom, uma vez tem alguma que canta uma toada diferente, mas que se torna goiana, a mesma coisa, porque tem várias toadas, né? Tem a, nós conhece, tem a toadona, né? Tem outras toadas, nós conhece por, não por divulgar, né? Mas são tudo goiana, a mesma coisa.

Magno: Mas aí o pouso é feito em casa diferente ou na mesma casa?

Zeinho: Não, em casa diferente.

Magno: O pouso da folia ou é só o giro? O pouso da folia é na mesma casa ou cada galho faz pouso?

Zeinho: Não, se torna (?) em uma casa só. Que gira aqui, abre, cada um vai para o direta, outro pra esquerda, chega lá, arremata lá.

Magno: Junta lá na hora lá?

Zeinho: Junta lá na hora lá. Aí a noite só sai de novo, aí sai cada um pegando seu giro e arremata lá na mesma casa. Que um que chega, o outro chega também.

Magno: Ah, tá certo, sempre chega e espera o outro chegar também.

Zeinho: Isso, é.

Magno: É. Porque as outras as outras folias aqui, a folia mineira só tem um galho, a goiana é que tem dois galhos e gira, mas parece que na hora da chegada, que é de noite, eles chega tudo junto, né? Faz a chegada tudo junto, né? Espera um ao outro para chegar.

Zeinho: Não, lá talvez, lá talvez um chega primeiro, outro chega primeiro. Chega mas assim o galho esquerdo chegou? Ele já faz a cantoria abrindo o espaço para o galho direito. O galho direito se tiver alguma promessa, ele canta encerrando aquela promessa daquela assentada daquele devoto, só não precisa dele pedir a pousada, que o outro que chegou primeiro, já pediu a pousada para ele. A não ser que o dono da casa exige.

Magno: Eu faço essas perguntas por quê? Porque tem muita gente que não conhece, né? E não tem essas essas informações e acaba indo pro folia e passa despercebido todas essas coisas, né? Depois, chega vê cantando as vezes nem sabe que tem diferença, né?

Que nem o eu disse no início, do canto, tem a diferença de ser um galho, tem diferença da tradição. Às vezes nem sabe que não pode cruzar, acha que aquilo é normal, né?

Zezinho: Aqui tudo é normal. Nós ainda mantém essa tradição ainda, né?

Magno: E escolheram girar de noite por causa de quê? Sabe por que que é ou não?

Zezinho: Olha, eu fiz essa pergunta para o padre Agnaldo.

Magno: Certo

Zezinho: Por que qual é que é o certo da folia girar, se era à noite ou se era de dia, né? Porque ele me respondeu mesmo que eu pensava, porque os marcondes foi, saiu a caminho de Belém do Caminho de Jesus, eles foram guiados por uma estrela, então a estrela, pra gente ver ela durante de dia é muito difícil, né?

Magno: É.

Zezinho: O que eu pensava foi o que padre Agnaldo me respondeu. Então achou assim, que não é que a folia girava de dia é errada não, mas achava assim... Virar a noite porque... Não sei se é pelos versos que canta, se o que é certo ou se não é, né? Eu acho que o motivo dela virar a noite é esse.

Magno: E quando fala do devoto que tem uma promessa, né? Essas promessas são por alguma graça que essa pessoa recebe, não é?

Zezinho: Ah sim, com certeza, né? Aqueles que são devotos, sei lá, com uma doença, qualquer problema que tiver. Eles pegou com (incompreensível) fez aquela promessa e foi valido, né? Uns faz de girar uma noite, outros pra girar duas, carregar bandeiras, né? Outros faz voto, uma promessa de dar um pouso, isso tudo vai, dependendo da intenção do que ele fez, aquela promessa foi valida, né? Então ele fez pra cumprir.

Magno: Tá certo. E para a gente encerrar agora, né? Essa entrevista. Eu gostaria que você falasse assim, qual que é o sentimento em relação a essa folia que participa, em relação a essa devoção, tudo. O que que você sente em relação às folias?

Zezinho: Ai eu sinto, eu sou um devoto de Santos Reis.

Magno: Certo.

Zezinho: Um devoto, e outra, é uma coisa que eu gosto muito.

Magno: Certo

Zezinho: Para mim é uma das melhor devoção e diversão, assim, de eu estar junto com os companheiros tocando, cantando, subindo nas folia, né? Então para mim, eu acho, para mim eu acho uma das melhores festas.

Magno: Tá certo. Muito bom. Eu agradeço, né? Você dedicar esse tempo para conversar com a gente, que isso vai contribuir com a nossa pesquisa. A gente pretende,

né? Registrar isso, né? Deixar isso escrito para futuras gerações, né? Para que o pessoal conheça um pouco mais e entenda um pouco mais, porque às vezes só ir e participar é uma coisa, a pessoa vai mas quando ela pega ela, lê e fala, “Olha isso é por causa tem esse sentido, tem essa devoção, já é diferente, né? Então é a intenção realmente é de promover esse registro, de promover essa, esse diálogo com eles, né? De produzir esse produto, que vai ficar também aí à disposição e como eu te disse, né? Eu vou te pedir depois a autorização ou não para utilizar essa essas essa parte lá no meu trabalho, né? Via esse documento que é para eu fazer essas entrevistas eu tive que submeter o meu projeto lá pro comitê de ética da pesquisa, né? E eles avaliaram e falarem “agora você pode ir mas você tem que ter o consentimento das pessoas para utilizar ou não e nisso aí depois então a gente vai ler ele vai explicar”

Zezinho: E outra coisa, eu passei a gostar de folia também, que meu pai também era folião, muito bom.

Magno: Era folião?

Zezinho: Era.

Magno: Em qual folia?

Zezinho: Meu pai girou muito nessa folia dos Cotos, pelo o que eles fala, quando ela girava lá em Inhumas.

Magno: Ah tá. Que é que é essa Folia que eles fala que é Folia Mineira, né?

Zezinho: Folia Mineira, que aí ela veio de lá para cá, né? E meu pai já girou nela lá. Com Tonhe Camilo.

Magno: E ele ainda era folião e ele fazia o quê?

Zezinho: Ele? Sim, como assim cê fala?

Magno: Ele era cantador, ele tocava?

Zezinho: Ah, ele era cantador, ele tocava, bom demais, viola, ele era o cara da viola, né?

Magno: Ah, tá certo. Qual que era o nome dele?

Zezinho: Sebastião Justino de Oliveira, né? Então assim, eu já vim já de descendência também, né?

Magno: Ah tá certo. É, acaba que se a gente é criado, né? Se a gente pelo menos escuta as histórias, a gente vai começando a interessar por aquilo, por aquele assunto e vai.

Zezinho: E o meus avô, já para o lado da minha mãe, que já faz parte dos Couto, era folião e meu tio, que era irmão da minha mãe, ele trabalhava na farda, né? Muito forte na farda.

Magno: Aí eu queria até perguntar. Na Folia do Brejo Grande não tem palhaço?

Zezinho: Não, não tem palhaço na folia. Diz que durante a noite não é bem viável, não sei se... Agora isso aí já é uma coisa que eu já quase nem sei explicar qual é o motivo, hoje eu já procurei porque eles falam “não porque de noite, além de ser à noite, andar de máscara é muito difícil”. Então...

Magno: Pode ser pela questão prática mesmo, né?

Zezinho: É, aí já é uma coisa que eu não sei nem te explicar. Por qual é o motivo a goiana não tem o palhaço.

Magno: Tá certo. De qualquer forma, Zezinho, eu agradeço a sua disposição, né? E como se diz, depois a gente vai fazer uma devolutiva com vocês, vai trazer essa essas partes, vai apresentar, vai mostrar para vocês onde vai ser depositado esse, esse material, né? Porque um, esse relatório meu fica na faculdade mas nada impede que a gente também traga e mostra para vocês o documentário, o vídeo documentário também vai ficar à disposição no YouTube. Hoje quase todo mundo tem acesso essas redes sociais, né?

Zezinho: E o pior que é verdade.

Magno: É até uma maneira de a gente divulgar. Então eu fico muito agradecido, muito obrigado por ceder esse tempo, por conta dedicar esses minutinhos pra gente fazer essa entrevista.

Zezinho: Eu que agradeço do cê deslocar da sua casa e vim cá para nós por um pouquinho de conversa em plano, né? Em prática quer dizer, no caso, né?

Magno: Certinho, eu agradeço. Muito obrigado.

1

FOLIAS E FOLIÕES DE ITAGUARI.

By

Magno Florentino Dutra.

Folia e foliões, memória e identidade: Inventário Cultural das
folias de Reis em Itaguari-GO (Relatório Técnico - Mestrado
Profissional PROMEP/UEG)

all right reserved.

magnoitaguari@gmail.com
+5562993923802

FOLIAS E FESTAS

PREPARAÇÃO FESTA FGI; CATIRA FGI; FORRO FBG;

Show no encerramento da Folia Goiana.

Catira na Folia Goiana com os Irmão Oliveira.

Preparação da festa da Folia Goiana de Itaguari; destacando as quantidades de comidas.

Pessoas dançando Forró na Folia do Brejo Grande

SENTIDOS E SIGNIFICADOS

[INT. NOTURNO] ENTREVISTA COM LEANDRO.

Entrevista com Leandro sobre os significados da folia.

[EXT. DIURNO] ENTREVISTA COM ANDRÉ E ANDRADE.

Trechos da entrevista com a dupla André e Andrade falando sobre os sentidos da folia e promessa do pai (João de Freitas).

[INT. DIURNO] ENTREVISTA COM NATIVO RIBEIRO DOS SANTOS.

Trechos da entrevista com Nativo sobre significado de folia.

RITUAIS

[EXT. DIURNO] FOLIA MINEIRA.

Folia Mineira levantando bandeira; rezando o terço; Foliões beijando a bandeira; saída para o giro.

[EXT. NOTURNO] FOLIA DO BREJO GRANDE.

Visita a uma casa pela Folia do Brejo Grande.

[INT. DIURNO] FOLIA MINEIRA

Recepção da bandeira.

[EXT. NOTURNO] BENDITO FOLIA DO BREJO GRANDE.

Cantoria do bendito de mesa da Folia do Brejo Grande.

[EXT. NOTURNO] FOLIA GOIANA 5º POUSO.

Chegada no 5º pouso, cantoria com Andrade cantando na resposta.

SENTIDOS DE FOLIA

[INT. DIURNO] ENTREVISTA COM TIÃOZINHO.

Entrevista com Sebastião dos Reis Camilo sobre o embaixador.

[EXT. DIURNO] ENTREVISTA TIÃO RAIMUNDO.

2

Depoimento de Sebastião de Oliveira Castro sobre a Folia Mineira.

RITUAIS E REGRAS

[INT. NOTURNO] PROMESSAS.

Devotos saldando votos na Folia Goiana

[EXT. DIURNO] REGRAS

Folia Mineira obedecendo regras (transpor os instrumentos somente por cima dos arames das cercas)

[EXT. DIURNO] MISSA DAS FOLIAS.

Missa das folias com entrada das bandeiras e homilia do Pe. Marcos.

[EXT. DIURNO] DEPOIMENTO DE D. EUGÊNIO.

Entrevista com D. Eugenio falando sobre as folias de Itaguari.

HISTÓRIA DAS FOLIAS

[EXT. DIURNO/NOTURNO] GIRO DA FOLIA MINEIRA AO ANOITECER

Folia Mineira girando e a narração da história do surgimento dessa folia.

[EXT. DIURNO] ENTREVISTA ANDRÉ E ANDRADE

Trechos da entrevista que abordam a historia da Folia Goiana.

[INT. DIURNO] ENTREVISTAS NATIVO.

Trechos da entrevista do Nativo que abordam a história da Folia do Brejo Grande.

[INT. DIURNO] ENTREVISTA COM ANA NOGUEIRA.

Trechos da entrevista de Ana em que relata o surgimento da Folia do Brejo Grande.

[EXT. DIURNO] REGIÃO DO BREJO GRANDE.

Vista panorâmica do Brejo Grande.

[EXT. NOTURNO] GIRO DA FOLIA DO BREJO GRANDE NO ALVORECER ATÉ CHEGAR NO POUSO.

Trechos do giro da folia até o pouso(encontro das bandeiras).